

FETIÇÃO DO CORAÇÃO



Thorent

MARI SALES

Thorent

MARI SALES

FEITIÇO DO CORAÇÃO



1ª. Edição

2020

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Grupo Editorial Portal e Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agora Leia](#)

[Bônus](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

Para a minha leitora Nayara “Nay”, que nunca economizou carinho e atenção para mim e minhas obras. Gratidão.

Sinopse

Insensível e manipulador, Thorent era um bruxo de raio aliado às forças das trevas. Estando em desvantagem na Dimensão Mágica após o fim da guerra, ele se viu obrigado a viver entre os humanos. O CEO da TMoore Technology era temido, mas não o suficiente para ser confrontado com a nova rainha bruxa. Ele não iria se submeter às suas leis e, como castigo, teve seus poderes retirados até que aprendesse a amar.

Como poderia um bruxo sem sentimentos se apaixonar? Thorent havia trancado o seu coração e queimado a chave há muito tempo, junto com seus amigos Bastiaan e Áthila.

Sem a magia que mantinha a empresa protegida, ataques cibernéticos começaram a acontecer. Irritado e tão humano quanto a maioria dos seus colaboradores, Thorent estava em busca de se vingar de quem se aproveitou da sua vulnerabilidade.

Nayara morava na mesma casa em que acontecia o mais agressivo dos ataques virtuais. Vítima da raiva do bruxo sem poder, ela teve a sua vida bagunçada ao se deparar com um universo desconhecido. Não estava nos seus planos se apaixonar por tamanha arrogância, mas era inevitável entregar seu coração para alguém que parecia não ter um. Restava saber se esse sacrifício seria o suficiente para sobreviver a Thorent Moore.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Prólogo

Anos atrás...

Ajeitei o cabelo dentro do capuz e tirei a fuligem que passou pelo meu rosto assim que atravessei o portal para Esderion. A decadência de um império estava representada por cinzas e construções destruídas. A região mais perigosa e temida da Dimensão Mágica deixou de existir depois da derrota na guerra contra os bruxos da luz.

A falha do meu rei, Ryan Korbel, foi paga com sua própria vida. Se ele tivesse matado a escolhida da deusa da lua — Lunare —, Annabelle Hendrix jamais teria ascendido como a rainha bruxa da luz e nos destruído.

Compaixão, empatia, amor... sentimentos pertencentes apenas aos mais fracos da nossa espécie. Lutava contra eles e alimentava a vaidade para que ela se sobrepusesse acima de qualquer ação executada por mim.

Eu tinha os meus motivos para dar voz a esse atributo.

Virei o rosto e sorri com simpatia para os outros dois bruxos, o mais próximo que eu tinha de uma amizade. Bastiaan e Áthila compartilhavam os mesmos princípios sobre o destino de nosso rei bruxo. O amor destruía o que a ambição pessoal almejava. O egoísmo nos mantinha vivos, se fosse para compartilhar, que fossem poderes e mulheres.

— Meus amigos. — Bast esboçou um sorriso sombrio.

Era o fim do legado dos bruxos das trevas. Os *Cherens* foram eliminados, restando apenas o império criado pela rainha da luz, nós, os *Svetlini*. Independentemente do resultado daquela guerra, não iríamos mudar nossa essência, muito menos trocaria meu estilo de vida para seguir a nova ordem.

— Aqui estamos, Bast. Qual o plano? — Baixei o capuz e o encarei sentindo a energia vibrar pelo meu corpo. Como era integrante do clã dos raios e das tempestades, meu nome era um trocadilho com o rei

nórdico dos trovões, uma das muitas representações do deus do universo relacionado ao elemento.

— Ah! Outro, além do risco estúpido de voltarmos a Esderion após o fim da guerra e à nossa humilhante e miserável derrota? — Áthila soltou com tensão, seus olhos cristalinos e brilhantes destacavam a sua origem, o clã das pedras.

Bastiaan e Áthila estavam comigo desde o tempo em que não passávamos de meros aprendizes, séculos atrás do enfraquecimento da monarquia à qual havíamos jurado fidelidade.

— Vocês sabem o que aconteceu com o nosso rei. — Bast descruzou os braços ficando um pouco mais sério.

— Quem não sabe? — Áthila gargalhou em tom de deboche.

— Aquele maldito estúpido é uma vergonha para todos nós — soltei com desprezo. — Mas nos trouxe aqui para discutir a falta de competência do nosso antigo rei? Poderia nos ter convidado para beber na sua boate enquanto uma das suas garçonetes me fazia um boquete.

— Pedi para nos encontrarmos nessa ruína, pois ela é o símbolo da decadência e do que nos pode acontecer se cometermos o mesmo erro do Ryan Korbel.

— Eu não seria tão estúpido. — Áthila bufou, demonstrando pouca ou nenhuma paciência.

— Nenhum de nós... — Parei no meio da fala para encarar o organizador da reunião, não queria me expor demais. — Eu espero.

— Não estou comprometido — garantiu Bastiaan. — Assim como eu, imagino que não desejam cometer o mesmo erro do nosso rei e tenho uma proposta para que jamais aconteça.

— Alguma de suas poções? — debochou Áthila.

— Algo mais complicado. — Bast tirou três chaves do bolso, cada uma com sua característica particular. Ficou com uma e fez as outras duas flutuarem até nós. A que ficou em minha mão tinha um adorno

arredondado, lembrando um coração. — Proponho um pacto. — Segurei a chave na frente do meu rosto.

— Pacto? — Franzí o cenho junto do terceiro bruxo.

— Sim. Eu estava pesquisando em documentos antigos e encontrei um ritual que selaria os nossos corações para que uma estupidez como a do nosso rei não acontecesse conosco.

— Estou na Terra há mais de um século, nunca fui idiota a tal ponto. Não serei. — Áthila estufou o peito convencido.

— Prefere correr o risco ou ter a certeza?

— O que implica essa chave? — Girei-a entre os dedos, sentindo o poder que eu tinha sobre aquele pequeno objeto.

— Resumidamente, trancará nossos corações.

— Parece idiota. — Áthila se afastou alguns passos.

— Se não quiserem, eu faço sozinho — decretou Bast observando o sol se pondo atrás deles e nos recordou de que no fim, todos éramos muito solitários.

— Eu topo. — Fiz mais um movimento com a chave aceitando meu destino. — Tenho que assinar com sangue em algum lugar? — debochei ao me referir ao seu clã de sangue, que lhe dava a cor dos olhos vermelhos.

Nós dois nos viramos para o Áthila que acabou assentindo com um movimento de cabeça, mas a sua expressão ainda era de desconfiança.

— O que temos que fazer? — O último a concordar se aproximou mais receptivo.

— Deixemos que a lua cheia tome o céu. Enquanto isso, vamos nos reunir nas pontas de um *triskelion*^[1].

Ele estendeu a mão e o símbolo foi materializado sobre a grama a poucos metros de nós. Bastiaan foi o primeiro a caminhar naquela direção, depois eu e Áthila o acompanhamos. Assim que assumimos os nossos postos, uma pira apareceu no centro do símbolo.

Coloquei o capuz sobre os olhos quando a luz surgiu no céu. Soltei a chave no ar com entalhes em formato de coração e deixei que flutuasse diante de mim. Os outros dois fizeram o mesmo, concentrados no próximo passo.

Segui os comandos silenciosos de Bastiaan. Materializei uma pequena faca na minha mão esquerda e cortei um filete na palma direita. Algumas gotas de sangue flutuaram até a chave que começou a pulsar como batidas de um coração.

Estendi o braço para pegar a chave que flutuava no ar e a segurei em minhas mãos. A energia fluiu para o objeto que pulsava entre minhas palmas, sentia com clareza que estava em posse de uma extensão do meu coração.

Amava a magia e o quanto ela mudava era poderosa.

— Dou-lhe o poder de selar todos os sentimentos românticos que eu possa ter ou vir a ter em relação a qualquer imortal ou mortal, dessa ou de outra dimensão, ontem, hoje e amanhã, em qualquer partícula de tempo ou espaço — o bruxo que orquestrava o feitiço recitou as palavras que iniciavam o ritual.

Soprei a chave que brilhou azul e branca, combinando com a cor dos meus olhos. Um pedaço de mim estava sendo retirado e depositado naquele objeto, eu deixaria de sentir amor e todos os sentimentos que o envolvia.

Observei meus amigos com seriedade enquanto ainda estava sentindo os resquícios de poder fazendo efeito. Com eles, deveria estar acontecendo a mesma coisa, era chegado o selamento.

— Órgão humano que nos alimenta, símbolo do amor, aquele que guarda sentimentos que até mesmo nós os desconhecemos. A partir desse momento, com o poder que eu dei a essa chave, não será mais capaz de nutrir sentimentos de amor românticos, fraternos ou de qualquer outra espécie.

Senti um desconforto no peito e olhei para baixo, vendo a fechadura que havia se aberto no meu peito, no exato formato para que eu

encaixasse a chave. Eu a enfiei no meu peito e ouvi cliques como se estivesse trancando uma porta. Senti um aperto por alguns segundos, mas ele, juntamente com qualquer desconforto, desapareceu com o último clique.

— Assim é! — Bast tirou a chave do peito.

— Está feito — falei e soltei o ar.

— Está feito — repetiu Áthila.

Fechei os olhos numa tentativa de firmar os pés no chão, tinha sido um ritual intenso e muito da minha energia foi gasta. Inspirei o ar de forma profunda e voltei minha atenção para os dois, estávamos com nossa fraqueza trancada.

— O que vamos fazer com essa chave agora? — questionou Áthila.

— Guardar em um cofre como se fosse um tesouro — brinquei.

— Pensei em queimarmos. — Bastiaan foi mais radical e apontou para a pira diante de nós.

— Se queimarmos o ritual não poderá ser desfeito? — Áthila mordeu o lábio reflexivo.

— Está pensando em escolher quando se apaixonar e abrir seu coração? — Encarei o mais selvagem de nós três, aquele que nunca pensei que cogitaria tal ação.

Áthila não respondeu, apenas pegou a chave e a atirou na pira sem pensar duas vezes. O fogo tremulou e partículas de luz se espalharam pela atmosfera até desaparecerem por completo.

— Pronto. — Deu de ombros e abriu um portal, indo embora sem dizer mais nada.

Troquei um olhar com Bast antes de jogar minha chave na chama de fogo mágico ao mesmo tempo que ele. Não houve hesitação. Nem eu, muito menos ele, tínhamos o objetivo de nos apaixonar em qualquer que

fosse a situação e acabarmos sendo fracos por consequência disso, perdendo o controle de nossas vidas e objetivos.

Conheci a rejeição, humilhação e desprezo. Mesmo tendo mais de duzentos anos, nunca experimentei o tal sentimento chamado amor e, depois daquele dia, não haveria chance de acontecer. Sem brecha para sentir falta do desconhecido, dei de ombros e abri um portal para retornar ao meu império na Terra.

Sem fraqueza e com uma existência mágica para ser exaltada – a minha –, acreditei que nada poderia me tocar que não fosse da minha vontade. Os planos seguiram o cronograma por tempo necessário para me fazer cair de um pedestal muito alto.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 1

Deixei que a caneta deslizesse pelos meus dedos enquanto o CEO da empresa que me fornecia as *storages* para os meus servidores lesse o contrato. Por mais que eu conseguisse fazer tudo sozinho, eu me sujeitava a transações mundanas para fidelizar clientes e fornecedores.

Sentado em uma cadeira confortável, disfarcei a minha atitude sobrenatural. Com minha magia, acessei seu computador e confisquei todos os seus dados, ele tinha uma grande dívida, como eu suspeitava e aceitaria qualquer proposta que eu ofertasse.

— Senhor Moore, não tem cláusula de rescisão de contrato. E se eu não puder fornecer todo o equipamento necessário?

— Leia o próximo parágrafo, Jackson. Em caso de não cumprimento do contrato, 50% das ações se tornam minhas. — Estendi a mão para impedi-lo de recusar. — Ou seja, eu poderei te ajudar a executar não só o meu serviço, como os outros, sendo seu sócio. Você só tem a ganhar.

— Eu preciso pensar, fazer algumas análises com meu jurídico.

— Claro. — Levantei-me soltando um raio invisível até sua CPU, que fez um barulho e o preocupou. — Só não posso garantir que meu interesse continuará o mesmo, se a empresa estiver mais decaída do que agora. Sou muito generoso, mas é no meu tempo.

— Merda, meu computador pifou. — Bateu no teclado e dei passos até a saída da sala sem me despedir.

— Como dizem? Casa de ferreiro, espeto de pau? — Fechei a porta atrás de mim, caminhei até a recepção e vi a secretária bonitinha de Jackson.

Sorri com arrogância e ela suspirou, poderíamos gastar alguns minutos, se eu não estivesse no meio de uma manipulação.

— O senhor já vai? Posso ajudar em mais alguma coisa? — perguntou solícita.

— Em alguns segundos — murmurei caminhando até o elevador. O telefone da mesa soou, ela atendeu e a encarei em expectativa. Levantou-se apressada e fez sinal para que parasse, como premeditei.

— Senhor Moore, pode esperar um momento? — Colocou o telefone no gancho. — O contrato foi assinado, vou trazer a sua via.

— Claro. — Virei-me para ficar mais próximo da sua mesa, satisfeito como quanto eu tinha sucesso em tudo.

Olhei ao redor e arregalei meus olhos ao perceber um portal se abrindo e três bruxos saírem dele. Pela roupa e por não querer nenhum tipo de envolvimento com o mundo mágico, desde o declínio dos bruxos nas trevas, abri o meu próprio portal para fugir, mas tive minhas pernas e braços imobilizados por uma raiz de árvore, que surgiu da planta ao lado do sofá da recepção. Um deles podia manipular a natureza.

— Porra, o que vocês querem? — resmunguei buscando um resquício de controle para voltar ao meu modo educado e calmo. Não recordava o nome deles, odiava lembrar essa parte do passado.

— Você tem uma audiência pendente com nossa rainha Annabelle Hendrix, Thorent Moore. Não tente resistir.

Um feixe de luz me cegou, me impedindo de bloquear seus ataques. No desespero, deixei que os raios emanassem do meu corpo para que eletrocutasse as raízes ao meu redor. Assim que começaram a pegar fogo, senti o calor no meu corpo e reverti o feitiço para conter as chamas. Caramba, não tinha jeito, estava a mercê dos soldados da rainha e falaria com a tal bruxa vencedora da guerra.

Minha visão voltou ao normal, caí de joelhos no chão e o que me mantinha preso desapareceu ao redor do meu corpo. Elegante e poderosa, com um olho de cada cor indicando que ela era a mistura de dois clãs de bruxos, Annabelle me encarou como se tivesse mais tempo naquele universo do que eu.

Que lidássemos com a criança mimada à sua altura.

— Não recebeu o chamado, Thorent Moore? — perguntou com superioridade. — Todos foram convocados com o fim da guerra, mas você não apareceu.

— Acho que não recebi. Foi por e-mail ou carta? — Levantei-me e ajeitei minha roupa como se não estivesse intimidado com tantos soldados de bruxos da luz ao meu redor.

— Não é momento para gracinhas, bruxo. Você tem vivido sem cumprir as minhas leis.

— São um pouco antiquadas, se me permite externar minha humilde opinião. — Dei um passo para a frente e o bruxo ao lado de Annabelle se colocou em alerta. — É só uma conversa.

— Não, é muito mais do que isso. Jure lealdade e siga as minhas regras, ou lidará com as consequências. Seus antigos costumes não têm espaço na Dimensão Mágica, nem na Terra.

— Sou um empresário...

— Que manipula, invade a privacidade das pessoas e contribui para a corrupção. Eu não preciso listar o que você faz que está em desacordo com as minhas leis.

— Acho que não entraremos em um acordo, então, se me der licença. — Dei-lhe as costas e senti meus pés saírem do chão. Tentei reagir com minha magia, mas fui paralisado e virado para encarar a rainha que não tinha nada de minha.

— Sua última chance, bruxo. O que vai ser?

— Minha lealdade é apenas a mim — falei estrangulado tentando me livrar do seu poder, mas foi em vão. Ela se levantou da sua cadeira ornamentada, entoou um feitiço e caí no chão, me sentindo como um peso morto.

Fiquei de joelhos e olhei para as minhas mãos, eu parecia vazio.

— O que fez comigo?

— Feitiço de mudança de aparência? Acho que meu castigo vai te fazer bem, afinal.

— O que aconteceu? — gritei, sem que o trovão que acompanhava a minha irritação se manifestasse. — Eu...

— Tirei seus poderes.

— Por quê? Você deveria ser uma bruxa do bem! — soei indignado e me levantei atordoado, a filha de uma ninfa do pântano me sorria com desdém.

— Continuo sendo. — Voltou a se sentar e fez sinal para o homem ao seu lado. — É uma lição, que será revertida quando você praticar boas ações. O bem. Amar.

— Eu...

— Quer conversar mais alguma coisa? Pronto para o juramento?

— Vou te matar! — rosnei pronto para atacar, mas meu corpo congelou no lugar. Não consegui revidar, impotente, fraco. Annabelle Hendrix tinha me transformado na minha pior versão.

— Essa é a minha sentença final. Você quem escolheu, Thorent. Adeus.

Meu corpo foi puxado para trás, a escuridão me tomou e perdi a consciência. Quando abri os olhos, eu estava deitado em um banco de praça, em um bairro afastado do centro de Dublin, desorientado e sem meus poderes para poder ir para casa.

Fodeu.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 2

Vagando pelas calçadas da Baggot Street Lower, em Dublin, tentei não sair agredindo cada humano ou criatura que sorria ao cruzar comigo. Minhas pernas doíam, não me lembrava da última vez que fiz esse caminho ao invés de usar um portal.

Sem poderes até aprender a amar. O que ela esperava, que eu me apaixonasse? Quem aquela rainha bruxa pensava que era para agir com tanta arbitrariedade? Tinha minhas conexões ilícitas, mas todas eram devidamente camufladas para os humanos. As maldades que compartilhava com o mundo nada mais eram do que parte do equilíbrio natural da vida.

Olhei para as minhas mãos e não senti nada. A energia que emanava das minhas células foi silenciada e estava a um passo de surtar por me sentir tão impotente.

Quando fechei meu coração junto com Áthila e Bastiaan, era para que esse tipo de situação não acontecesse. A ganância pelo poder, no final, foi a minha maior perdição.

Olhei para o prédio que ficava a TMoore Technology – TMT – e soltei o ar dos meus pulmões com força, tinha chegado ao meu destino. Com a remoção dos meus poderes, minha preocupação era com a empresa que construí com meus conhecimentos e magia. Para dominar a informação trafegada pela rede, eu tinha um império que fornecia equipamentos e sistemas para transações bancárias. Máquinas de cartões de crédito, aplicativos de solicitações de pagamentos, além de um banco virtual, tudo era feito na minha empresa.

O firewall mais potente só existia na TMT, por conta da minha magia. Zaz e Trix, os gênios duendes que iniciaram o projeto comigo, desenvolveram o software e o hardware, concluí com um encantamento online, que sugava parte da minha energia diária, mas que impedia que fraudes acontecessem. O sistema mais seguro, a empresa impenetrável estava vulnerável e precisava remediar.

Passei as mãos no cabelo e olhei para o meu império. Já estava de noite, apenas a equipe de suporte trabalhava naquele horário, em escala de plantão. Não havia expediente ativo para os profissionais que poderiam me ajudar a blindar as bases de dados da TMT, mas eu poderia fazer sozinho até que encontrasse um aparelho celular para falar com Zaz e Trix.

Mesmo com as solas dos pés doendo, apressei meu passo e passei pela praça que ladeava os prédios secundários. O principal, o qual possuía minha sala e os servidores, era o que ficava mais ao fundo, depois de uma grande fonte de água próxima à porta da recepção.

Eu era excêntrico, tudo foi feito para agradar aos meus olhos, porque eu prezava pela beleza exterior. Lembrei-me do feitiço que usava para disfarçar a minha aparência quando o segurança franziu a testa em confusão ao me ver aproximar.

— Olá, senhor. Em que posso ajudar? — Estendeu a mão para que eu parasse. Claro que não me reconheceria, eu estava com minha aparência real, o feitiço foi embora junto do meu poder.

— Preciso falar com... — Tentei dar um passo para a frente, mas o segurança, eficiente demais, me impediu de progredir. — James, eu tenho que entrar.

— Olha, senhor. Não sei como sabe meu nome, mas vou pedir que recue. Volte amanhã, converse com a recepcionista e, quem sabe, ganha alguns brindes da TMT.

— Tenho que entrar nesse prédio agora.

— Não há expediente, ninguém para te ajudar.

— Eu sei, apenas o suporte está trabalhando no plantão. Mas é importante, porra! Tenho que estar lá. — Apontei para o último andar.

— O senhor está alterado?

— Sim! — respondi por impulso ao não me sentir como um bruxo e neguei com a cabeça. — Isso não vem ao caso, James. É da segurança da TMT que estou preocupado. — Tentei desviar dele, mas me acompanhou com a mão para a frente.

— Recue.

— Tem uma entrada lateral. Eu vou tentar por lá.

— O segurança daquela porta é menos tolerante do que eu. Se não quiser se machucar, por favor, se afaste.

— Não dá para esperar Zaz e Lux chegarem. Eu preciso...

— Deve estar confundindo de empresa, não há ninguém com esse nome por aqui. Por favor, volte no horário do expediente.

Lembrei que meus fiéis escudeiros Zaz e Lux eram conhecidos por Zaqueu e Leonard. Apenas eu os chamava pelo nome mágico, e não na frente dos outros.

Meus argumentos estavam acabando.

— Eu não sei como te dizer isso, mas sou eu, Thorent Moore. Sou o dono da empresa e preciso entrar nesse prédio. — Tentei sorrir para o segurança que mais acompanhava minha rotina de entrada e saída da empresa. O homem negou com a cabeça e colocou a mão no seu coldre de perna.

— Vá embora, senhor. Aqui não é lugar para esse tipo de brincadeira — ameaçou com seu tom e percebi que não conseguiria nada além de mais confusão.

Dei passos para trás, James não saiu da sua postura defensiva. Por mais que deveria dar um prêmio para o homem que protegia minha empresa, naquele momento, eu queria cortar a sua garganta, com uma faca de serra, bem lentamente.

Virei em direção à calçada, arrombar meu próprio patrimônio não era uma opção, porque a reputação impecável da minha empresa não poderia ser manchada por mim. Apalpei meus bolsos sabendo que não conseguiria nada, nunca precisei andar com carteira ou o celular. Tudo era muito fácil com magia, a tecnologia era pífia perto do que eu poderia fazer por minha conta.

Não previ que, em algum momento da minha existência, aquela bruxa, apenas uma criança, teria a audácia de me dar um castigo. Estava

pagando pelo erro do meu rei, por mais que tenha tentado escapar de não me apaixonar.

A proteção que coloquei no meu coração estava se tornando meu pior pesadelo. O amor era um veneno, a fraqueza de toda criatura viva nessa dimensão e nas outras. Esse sentimento não poderia me salvar, estava dando como perdida a batalha para recuperar os meus poderes.

Mas... eu ainda tinha uma aparência para me preocupar, além da empresa que havia se tornado grande parte da minha razão de existir. Ter o domínio das informações e ter o sistema mais seguro me trouxe respeito entre os humanos e os seres mágicos da região. Se perdesse mais isso, eu estaria em um grande dilema sobre continuar a respirar.

Voltei a andar pelas calçadas em busca de um sinal, ou mesmo um eletrônico que eu pudesse acessar e me conectar com Zaz e Lux. Eles teriam acesso a empresa e me fariam entrar, sem tantos questionamentos já que conheciam meu verdadeiro rosto.

Atravessei a rua quando vi um grupo de pessoas conversando animado. Sem a minha magia para beleza e simpatia, eu me sentia enferrujado em lidar com os humanos. Mesmo assim, não poderia perder mais tempo sem acessar meus servidores e encontrar outra forma de proteger a TMT.

— Olá, boa noite. — Apareci na frente deles, que pararam de andar assustados. Sabia o quão carrancudo e intimidador eu poderia ser na minha aparência real, por isso forcei o sorriso para aliviar a primeira impressão. — Tudo bem com vocês?

— Oi — uma das mulheres cumprimentou e todos riram de mim. — Não vendemos drogas, então, até mais.

Eles passaram por mim, minha mão foi para segurar o braço de uma das mulheres, o rapaz que a acompanhava se interpôs e fechou a cara para mim. Elevei-me sobre ele, por mais que não tivesse poder, não ficaria por baixo. Não funcionou, o homem continuava na sua postura ofensiva.

— Eu só queria um celular emprestado. — Ergui as mãos em rendição, apelando pelo olhar de cachorro que caiu da mudança. Se não

fosse pela força, seria pela empatia que os humanos adoravam ter pelos mais indefesos.

— Não se aproxime, babaca. — Empurrou-me com as mãos no meu peito. Dei um passo para trás e deixei que meu ódio me enchesse de energia para rebater. Enquanto nada acontecia, o grupo de humanos se afastou e o rapaz que me intimidou olhava por cima do ombro para garantir que ficasse para trás.

Nunca fui tão medíocre. Porra de rainha das bruxas, eu iria me vingar, nem que fosse a última coisa que fizesse na minha vida.

Virei na direção contrária e voltei à minha caminhada. Recordava, vagamente, que os duendes moravam nos arredores da empresa. Eles tinham suas motos e gostavam de se exhibir, mesmo tendo pouco mais de um metro e meio e orelhas pontudas ocultas pelo cabelo revoltado. Orgulhosos da inteligência, não se importavam com a aparência e dispensaram meu feitiço para serem mais bonitos.

Encontraria o apartamento deles e resolveria de uma vez o que realmente importava, a segurança da informação da TMoore Technology.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 3

— Abra a porta! — Bati com força na madeira para que um dos duendes pudesse escutar. Deveria ter cuidado para não chamar atenção dos vizinhos daquele andar, mas estava puto o suficiente para não me importar.

Ninguém me reconhecer como o dono da maior empresa de tecnologia da Irlanda tinha que ter um lado positivo.

Bati outras três vezes, pronto para gritar por Zaz ou Lux, mas a porta se abriu e uma mulher tão baixa quanto meus fiéis escudeiros me encarou furiosa. Porra, era só o que me faltava, tinha errado o apartamento. Depois de tanto vagar sozinho, consegui extrair do fundo da minha mente o nome do edifício e o número da residência deles, mas parecia ter sido em vão.

— Qual é seu problema, cara? Não se pode nem mais dormir em paz? — Percebi as orelhas pontudas, o cabelo bagunçado e a reconheci como sendo um duende mulher. — E então, humano? Vai continuar me olhando com essa cara de perdido ou vai dizer o que quer?

— Caramba, Valy. É o chefe. — Lux apareceu atrás, vestindo apenas um short de dormir. Tirou a mulher da minha frente e consegui entrar no apartamento, pisando firme até encontrar o sofá da sala. — Thor?

— Esse não é Thorent. Nem cheiro mágico ele tem — a mulher reclamou e deixei que essa informação penetrasse minha alma ao mesmo tempo que me jogava no sofá.

Gemi em apreço esticando minhas pernas e colocando meus pés apoiados na mesa de centro. Fechei os olhos e pousei minha cabeça no encosto, eu só queria respirar alguns segundos antes de revelar a grande merda que tinha acontecido na minha existência.

— Pare de me empurrar, Lux! Você me prometeu uma noite romântica e vai dar assistência para esse humano? — Essa era a verdadeira descrição da porra do amor que atrapalha a vida de todos.

— Vá para o quarto e descanse um pouco, minha doce *Porridge* — falou suave e bufei com diversão. Ele a estava chamando de comida? As mulheres gostavam de serem chamadas de mingau do caralho?

— Se não voltar em trinta minutos, eu vou embora e você nunca mais me verá, Lux. É sua última chance, duende teimoso.

— Só a mande embora, ela vai destruir sua vida, Lux — soei irritado e abri os olhos, o duende ficou na minha frente com os braços cruzados.

— O que aconteceu, Thor? Por que está na sua verdadeira forma? — Inspirou profundamente, como se procurasse algum cheiro diferente em mim. — Por que está tão... humano?

— Aquela rainha bruxa da lua tirou os meus poderes. Mas não vim aqui para te usar de terapeuta, nós precisamos acessar o firewall da TMT para garantir que nenhuma brecha seja explorada por falta de magia. — Seu olhar arregalado só refletia o meu desespero contido, sentir não iria ajudar a corrigir a falha. Fiz um gesto com a mão para que acelerasse. — Traga um notebook e acorde Zaz. Estamos vulneráveis.

— Como assim ela conseguiu tirar os seus poderes? Não é algo ilegal ou... sei lá. Ela é do bem, tinha que fazer coisas fofas e bonitas, não castigar. — O duende deu um pulinho e apareceu um notebook na sua mão. Se inveja matasse, eu era um defunto estirado em sua sala.

— Ela foi muito caridosa em me dar uma forma de recuperar meus poderes. O único problema é que envolve o sentimento que aboli da minha existência, o amor. — Abri o notebook e neguei com a cabeça, não queria pensar em quebrar a maldição, mas me vingar, depois que protegesse minha empresa. — Vamos, traga Zaz aqui.

— Chefe, vai demorar mais que meia hora para levantarmos um sistema de segurança tão eficiente quanto a sua magia e, mesmo assim, não terá o mesmo resultado.

— Ainda está pensando na duende? — perguntei indignado.

— Você transa quando quiser, não se importa com sentimentos. Eu amo minha *Porridge*.

Estiquei a mão, prestes a castigá-lo com um raio de choque e ele se encolheu. Nada aconteceu, para minha irritação desde o regresso da Dimensão Mágica. O duende se surpreendeu, olhou ao redor e virou-se em busca do que poderia ter acontecido que ele nem sentiu.

— Dê um jeito na sua mulher, Lux. Traga Zaz, eu preciso de vocês comigo antecipando ações e na empresa, assim que o expediente começar. A TMT não pode ficar vulnerável, nosso sistema não pode ser fraudado.

— Vou querer um aumento, chefe. Valy vai comer minhas bolas e vou sofrer com a distância que ela colocará entre nós novamente — resmungou indo até os quartos e não me importei com o quanto custaria para ele.

Os duendes deviam a existência deles a mim. Sacrificariam o amor ou a próxima felicidade pela minha, porque esse foi o pacto que fizeram quando os resgatei da escravidão no mais sombrio dos calabouços do demônio Antares. Se não fosse por mim, talvez, nem sofrer por amor eles conseguiriam.

Eles me deviam, eu precisava de mão de obra especializada em tecnologia, assunto encerrado.

Acessei o sistema e digitei furiosamente no teclado em busca de acessar as vulnerabilidades. Escutei resmungos atrás de mim, reconheci as vozes dos três e deixei que entrassem em um acordo enquanto eu estava conferindo todos os acessos e transações que dependiam da minha empresa.

— Você prefere a T Moore, nunca me amará como eu mereço. — A duende de um metro e meio pisava o pé no chão irritada, chegou perto do sofá e apontou o dedo na minha direção. Parei o que fazia para encará-la, sua espécie tinha magia suficiente para atrapalhar a vida de um humano. Ou seja, eu poderia ser atingido. — Vou fazer da sua vida um inferno.

— Ela já está sendo. — Encontrei os meus escudeiros com seus notebooks na mão, Lux parecia que iria chorar. — Vamos logo, porra. Eu confiro as transações mais recentes, vocês colocam no ar o novo sistema de segurança.

Senti uma físgada na costela e rosnei com irritação para a duende, ela tinha jogado algum poder de dor em mim. Tive sorte por ela não ter dominância da magia, senão poderia ter causado mais estrago.

— Valy, eu devo a vida a ele. Tente entender! — Lux se indignou e um Zaz sonolento deu a volta no sofá para se sentar ao meu lado. Deixei que ele lidasse com a distração enquanto eu me alinhava àquele que estava ao meu lado.

— Pare de me enganar, ele não é Thorent e você é um duende frouxo. Acabou!

Escutei a porta bater com força, um fungado sofrido e continuei meu foco no notebook. Poderia ofertar alguma palavra de consolo, ou mesmo dizer que o amor não o ajudaria a progredir, mas eu tinha outras preocupações.

— Tem uma transação cancelada aqui. A operadora do cartão de crédito acionou nosso suporte de fraude, ou seja, o desastre já começou. — Olhei de um para o outro, os duendes estavam atentos ao que eu reportava. Lux ainda demonstrava sofrimento, mas não me deixaria na mão.

— Calma, chefe. Já estou configurando o firewall secundário, que nos dará tempo para criar algo tão bom quanto sua magia. — Zaz bocejou e não parou de digitar. — O que aconteceu, afinal? Você parece tão humano.

— Deixe essa conversa para depois, lamentar não vai impedir que minha reputação escorra pelo ralo. — Chacoalhei o notebook ao encontrar uma segunda ocorrência de fraude no sistema. — Levante esse firewall logo, porra!

— Vou acionar uma etapa extra de verificação e interceptar as falhas. Por mais que a TMT seja uma empresa visada, eles não poderiam estar tão antenados. Quando que seus poderes foram removidos? — Lux parecia ter controlado seu sofrimento amoroso, melhor para a missão daquele momento.

— Algumas horas atrás. Não importa, precisamos impedir que mais dessas aconteçam.

— Sério mesmo que você não pode revidar? — Zaz me fez sentir cócegas e o encarei controlando o riso. — Jura?

— Duende de uma figa, para com isso. — Tentei me irritar, mas ele me fazia rir cada vez mais. — Coloca o sistema no ar!

— Será divertido ser aquele que tortura. — Consegui dar um pescotapa nele, que o fez quase cair no chão. Nossa diferença de tamanho e peso era gritante. — Ai, chefe. Só estou brincando.

— Se divirta quando eu pegar aquela bruxa e a colocar dentro de uma garrafa, como vocês deveriam estar. Mas antes, eu preciso proteger o meu império. Vocês me devem isso.

— Acho que eu preferia continuar sendo torturado por Antares a perder o amor de Valy — Lux resmungou, Zaz me fez cócegas mágicas e eu ri.

— Seu bastardo, você me paga — rosnei rindo para o duende engraçadinho enquanto o outro parecia se fechar cada vez mais.

Eu não tinha noção, mas era apenas o começo da minha batalha em prol de proteger a TMOORE Technology.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 4

Usei a moto de Zaz para irmos até a sede da TMT. Ele seguiu na garupa de Lux, um homem do meu tamanho não comportava um duende de um metro e meio nas costas sem ser alvo de mais chacota.

Enquanto trabalhávamos pela madrugada, até o sol nascer, o duende engraçadinho me fez rir mais vezes do que eu estava disposto. Por precisar deles e anotando todas as suas travessuras para quando eu tivesse meus poderes de volta, tive que trabalhar enquanto ele me usava como atração de circo.

Fiquei atrás deles quando pararam na guarita e pediram autorização para que eu passasse com eles. Como nunca precisei de credencial e perdi os poderes que me ajudavam a mudar minha aparência, teria que depender do acesso deles.

Estacionei a moto na vaga ao lado da minha e Lux fez o mesmo. Senti uma fisgada nas costelas e soltei um rosnado alto, que ecoou pela garagem subterrânea. Ao invés de se intimidar, ele soltou um riso baixo que não contagiou o outro da sua espécie.

— Parem com essas caras de velório, está sendo engraçado.

— Eu perdi minha *Porridge* — Lux resmungou indo em direção ao elevador. Senti cócegas novamente e soltei o ar com raiva.

— Foi a última. Parei — Zaz soltou um riso baixo.

Minha paciência já estava se esgotando, estava prestes a iniciar a agressão física.

— Vou para a minha sala e quero tudo funcionando o quanto antes.

— Chefe, senhorita Kiara não deixará que você invada a sala presidencial. Vai ter que ficar conosco, na câmara fria. — Zaz esfregou as mãos em diversão.

— Ninguém vai invadir o nosso espaço, deixe que se complique sozinho — Lux resmungou e entrou para o elevador, apertando o botão que indicava o seu andar.

— Te fiz um favor, duende. Ninguém merece ter esse poder sobre nós. Esqueça a mulher com apelido de comida, para o seu próprio bem.

— Diz isso, porque nunca se apaixonou de verdade.

— Não preciso vivenciar o caos para impedir que ele aconteça na minha vida. Por causa do amor, o mínimo de empatia por uma mulher, que o meu rei caiu. Não cometerei o mesmo erro.

— Você precisa superar, chefe. Há amores que vem para o bem. — Zaz ia apontar o dedo para a minha costela para me fazer cócegas, eu fechei a cara e ele parou o que pretendia. — Força do hábito. Vamos lá.

As portas do elevador se abriram e segui para a sala deles, era a melhor opção. Teria que ficar por perto deles para que executassem a missão de proteger nossos sistemas antes que algo pior acontecesse.

Entrei na antessala dos duendes e uma grande quantidade de programadores em ilhas se espalhavam pelo local. Todos humanos. Murmurando cumprimentos, andei atrás dos dois vendo meus funcionários como se fosse a primeira vez. A empresa não era feita apenas de dois gênios duendes, mas várias equipes autogerenciáveis.

— Bom dia, senhor Zaqueu. Chegou um documento urgente da equipe de segurança da informação. — Um rapaz jovem, de óculos e postura curvada para a frente nos abordou no meio do caminho. Ele nem me olhou direito, sem o meu poder, eu não era ninguém e massacrava ainda mais o meu ego.

— Obrigado, já vou responder o pessoal. — Zaz me encarou com preocupação.

Para apressar os dois duendes, passei por eles indo em direção à sua sala, que era carinhosamente chamada de *câmara fria*, por conta do ar-condicionado no máximo do congelamento. Abri a porta, sentei-me na cadeira de Lux e nem me importei com seu olhar mais irritado do que já

estava. Usei minha conta de usuário para acessar o computador e voltei ao trabalho de conferência das transações sob o nosso domínio.

— Ele me tira a mulher, agora vai tomar posse do meu computador. O que mais você quer de mim, Thor? — Lux se sentou à minha frente choramingando e revirei os olhos.

— Vamos tirar o excesso do caminho? Levante-se e faça sua espécie se orgulhar de quem você é, porra!

Não deveria ter incentivado o meu escudeiro a se rebelar, porque bateu as mãos fechadas na mesa, uma descarga elétrica chegou até mim que me fez saltar da cadeira. Rápido, o duende se ocupou do lugar que eu estava e me empurrou para o lado. Acabou-se o respeito e o temor.

— Me deixe trabalhar, estou finalizando os últimos parâmetros do servidor web para levantar o novo firewall. Se não tivesse sido tão orgulhoso e confiado na gente, não dependeria da magia para manter a TMT segura.

— Se não fosse aquela bruxa, nada disso estaria acontecendo. — Andei entre a mesa dos dois duendes, sentindo o frio no ar na minha roupa me irritar ainda mais. — Me dê algo, Zaz e Lux. Preciso, pelo menos, encontrar alguém que me ajude no feitiço de aparência. Tenho que retomar a presidência e lidar com as consequências.

— Olha, chefe, é um bom começo. — Zaz estendeu a mão com o papel. — Um dos clientes já acionou nosso jurídico por conta das fraudes e nem se passaram vinte e quatro horas da brecha de segurança. Algo grande vai acontecer.

— Um notebook. — Estendi a mão e o duende abriu a gaveta da sua mesa e me entregou o dispositivo portátil. Sentei-me à frente do duende sorridente e deixei o mal-humorado isolado em seu canto. — Vamos fechar nossas portas virtuais, depois eu lido com as reclamações dos clientes. Com ou sem poder, vou atrás de cada um desses invasores para aprenderem a não mexer nos sistemas da TMoore.

— Eu tenho um endereço. — O sorriso espirituoso de Zaz contrastava com a gravidade da situação. Nem tinha colocado meu usuário

e senha no sistema operacional antes dele começar a erguer as sobrancelhas em diversão. — Assim, se você quiser ir atrás de um dos locais que mais se repetiram o acesso fraudulento. Só uma provocação.

— E você iria me dizer isso quando?

— Assim que terminasse a primeira missão. Sei o quanto você odeia que eu faça duas coisas ao mesmo tempo. — Empinou o nariz com superioridade e digitou no teclado no seu computador como se fosse o dono da empresa. — Faz o teste, Lux. Minha parte do firewall está pronta.

— Exibido — o outro duende resmungou.

Inclinei-me para a frente, estendi a mão e segurei na gola da camisa polo que ele usava. Zaz perdeu o sorriso e lembrou o quanto eu poderia ser cruel. Encarei-o com raiva, ele precisava me dar muito mais do que um bom trabalho se não quisesse sofrer nas minhas mãos.

— Não foi porque perdi meus poderes, que esquecerei o que estão fazendo. Pare de me enrolar, faça o firewall funcionar e me entregue o endereço de quem está me boicotando.

— Sim, chefe. — Ele acenou com o olhar arregalado de medo. Soltei-o com brusquidão e o duende pegou um bloco de notas para rabiscar.

— Que porra está fazendo aí? Esse garrancho que você chama de caligrafia não vai me ajudar.

— A impressora está longe e não é tão feio assim. — Zaz fez bico e me entregou o pedaço de papel, lendo o que escreveu. — Recomendo ir atrás de um lobo ou um orc para te ajudar nesse acerto de contas. Setenta por cento das tentativas de fraude vieram desse endereço, a pessoa não está sozinha, deve ter uma equipe. Sozinho, estará em desvantagem.

— Estarei por conta. Se mais alguém souber que estou sem meus poderes, não será apenas um ataque virtual que nos desestabilizará. — Conferi no mapa a localização do endereço que Zaz me passou e vi que seria perto da minha casa, longe da TMT.

— Valy te viu. — Virei para encarar Lux com irritação, ele fez uma careta para mostrar submissão. — Mas ela não acreditou que você era o

grande Thorent. Então, seu segredo está protegido por enquanto.

— Zaz, acesse minha caixa de e-mail, envie um comunicado de que precisei me ausentar por questões familiares.

— Thorent Moore se preocupa com alguém além dele mesmo? — questionou assombrado. Antes que eu pudesse reagir a sua pergunta retórica, ele me acertou com seu poder na minha costela, para rir. — Brincadeirinha, chefe. Precisa relaxar um pouco mais, está tenso.

— Sem magia, terá que apelar para os artifícios mundanos. — Lux abriu a gaveta do seu lado e me jogou um molho de chaves. — Na sala dos seguranças tem armas. Se não sabe usar, terá que aprender, porque só isso conseguirá te proteger.

— No ar, bebê! — Zaz estendeu os braços para o ar com as mãos fechadas, vitorioso e me levantei para encarar as duas mentes brilhantes. Mesmo eu os tratando sem empatia, eles continuavam pensando no melhor para mim. — Pode ir tranquilo, chefe. Eu e Lux cuidaremos do resto.

— Consigam uma credencial para que eu circule na empresa com a minha aparência, em qualquer horário. Eu já volto.

— Tome um banho! — O duende engraçadinho soltou antes que eu fechasse a porta atrás de mim.

Não queria me acostumar com tanta liberdade deles comigo, mas não havia outra forma de ser. Outras preocupações tomavam a minha atenção.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 5

Amassei o papel sem dó depois da quarta tentativa de fazer a continuação do desenho em quadrinho encomendado por uma grande empresa. Quando eu não conseguia me concentrar ou a pressão acionava minha ansiedade, eu largava os dispositivos digitais para desenhar a mão livre.

Na mesa de desenho, apoiei minha testa na superfície e senti a minha correntinha sair do seu esconderijo dentro da minha blusa. Guardei-a rapidamente, era o meu bem precioso, por mais que eu nunca soube seu verdadeiro significado. Sentia que era importante e deveria ser guardado com zelo e carinho.

Escutei barulho vindo da parte de baixo da casa e fui atrás dos meus fones de ouvido. Quando meu irmão decidia trazer uma turma para bagunçar em casa, não havia ninguém que conseguisse encerrar a festa. Com o pai autorizando suas extravagâncias, eu só poderia continuar escondida no sótão em busca de concluir mais um trabalho.

Oferecia meus trabalhos pela internet como freelancer. Sem precisar ter contato presencial com nenhuma pessoa, o meu mundo era perfeito, desde que Marcílio se mantivesse longe de mim.

Antes que eu pudesse iniciar uma nova playlist, o barulho da casa sumiu e o silêncio, que tanto almejava para o meu trabalho, retornou. Deveria ter vindo buscar algo, ele tinha mania de esquecer sua carteira ou celular para ir trabalhar. Não sabia e nem queria tomar conhecimento do seu ofício, nós não nos dávamos muito bem desde o dia em que ele invadiu meu quarto, aparentando estar bêbado.

Senti um calafrio tomar conta do meu corpo ao lembrar-me da cena. No mesmo dia, procurei um lugar para me sentir protegida e me surpreendi ao ser atraída pela parte mais alta da casa. Mudei-me para o sótão e só saía dali para comer ou tomar banho, quando eu estivesse sozinha em casa.

Tentei iniciar o desenho do quadrinho mais uma vez, o suor da minha mão borrou o grafite que usava e amassei mais um papel.

— Hoje não é meu dia — resmunguei olhando para o teto. O jeito era fazer outra coisa enquanto existia uma pedra invisível no meu caminho.

Mande um beijo para o ar e sorri, saindo do meu banco e indo até a porta no chão. Sentia minha mãe sempre presente comigo, nos melhores e piores momentos. Como uma força poderosa, ela me protegia mesmo não estando mais por perto, fisicamente.

Abri a porta e estendi a escada para descer, a luz natural atingiu meus olhos e precisei de um tempo para me acostumar. No escuro e usando apenas iluminação artificial, se não saísse pela manhã do meu canto, às vezes, nem me lembrava do quanto precisava da vitamina D que o sol proporcionava.

Fui até a cozinha, aproveitei o resto do café pronto pelo meu irmão ou padraço para forrar meu estômago. A partir do momento em que saí do caminho deles, eu quase não era considerada uma moradora daquela casa. Por ser tão solitária e ter optado por um curso a distância, deixei de fazer parte da sociedade para me fechar no meu universo solitário.

Meus amigos eram meus lápis, desenhos e as histórias que eu construía na minha mente. Peguei uma maçã na geladeira, lavei e dei uma mordida enquanto acariciava o local que o pingente da minha correntinha estava. Em metais retorcidos, o seu formato abstrato me remetia à confusão em que minha mente costumava se enfiar.

Aquele objeto era uma grande companheira, me proporcionava conforto e precisava ser protegida tanto quanto eu mesma.

Escutei batidas na porta e dei um pulo assustada. Quando tinha alguma encomenda para ser recebida, eu acompanhava o rastreio e me mantinha alerta. O que era dos outros moradores, eu ignorava, porque eles poderiam dar conta das suas coisas. Não havia nada... ou eu que tinha me esquecido de conferir antes de descer do meu esconderijo.

Novas batidas fortes soaram na porta e apressei-me em conferir quem estava do outro lado, usando a pequena janela lateral. O olhar do

homem alto e loiro me fez congelar, o calafrio de medo que senti fez-me lembrar do perigo silencioso ao meu redor. Neguei com a cabeça, estava confusa demais e fantasiando muito além do que o racional. Era apenas um homem, com uma aparência intimidadora, nada do que já não estava acostumada.

Forcei um sorriso, abri a porta e dei um gritinho assustado quando o homem invadiu colocando a mão na minha boca. A porta foi fechada com o pé e seu nariz colou no meu quando minhas costas bateram na parede.

— Se acha que vai conseguir se livrar da punição por querer tirar vantagem de mim, está muito enganada. Onde estão os computadores?

Minha respiração acelerou e meus braços e pernas começaram a tremer. Muito mais do que medo, era não saber como responder a esse louco. Neguei com a cabeça, ele apertou ainda mais a minha boca com sua palma.

— Estou armado e posso fazer pior, se não contar a verdade. Rastreei as transações eletrônicas, tenho o IP e o MAC Address da máquina. Tudo tem origem nessa casa. Diga!

Tentei falar que não sabia de nada, mas saiu abafado pela sua mão. Meus olhos começaram a lacrimejar e o pingente que eu guardava sob a minha blusa parecia esquentar.

Se fosse um ladrão e quisesse levar meu único bem precioso, eu morreria protegendo-o.

— Vou te deixar falar, mas quero respostas objetivas. Não terei piedade, não importa quem seja.

Sua mão foi para a minha garganta, os dedos rodearam meu pescoço, mas não o apertou, só me submeteu a sua intimidação. Em busca de ar, tentei não hesitar ao abrir a boca, mas as palavras não saíram facilmente:

— Eu... tenho um... computador lá... — Apontei para o teto.

— Conte outra, você não fez tudo isso sozinha. O que você é, hein? — Olhou-me da cabeça aos pés, depois para os lados e bufou. —

Vamos, me mostre o caminho.

Dei um passo para o lado, pensando em correr até a porta dos fundos de casa, mas sua mão foi para o meu braço e apertou. Caminhou ao meu lado e tentei processar aquelas acusações. Será que tinha a ver com Marcílio?

Apontei para a escada que ficava mais ao fundo da sala de televisão, ele me empurrou para ir na frente e ergueu a barra da camisa social. Havia uma arma presa ao cós da sua calça, eu não faria nada que o estimulasse a usar.

— Olha, senhor, eu...

— Ande logo! — rosnou sem gentileza.

Fui para a escada, subi apressada e me joguei sentada quando cheguei ao sótão. O homem me encarou com raiva, depois ao redor e soltou um riso baixo cheio de ironia.

— Está querendo morrer, humana? Essa porra de computador não tem processamento para metade do que você fez com minha empresa. Mostre logo os outros.

— Você deve estar me confundindo, porque eu não sei do que está falando.

Ele terminou de subir os degraus, segurou no meu braço e me arrastou até a minha área de trabalho. De um lado ficava a mesa de desenho, do outro, o computador que usava para trabalhar na minha arte.

Jogou-me no chão ao seu lado, ele se sentou na cadeira e acessou meu computador sem precisar me pedir senha. Digitou alguns comandos e entrou no meu sistema operacional, ele tinha domínio do que fazia.

Antes que eu pudesse dizer algo mais em minha defesa, ele empurrou meu monitor em direção à mesa de desenho e tudo foi para o chão, transformando-se em vários pedaços. Equipamentos que demorei tanto para conseguir foram dizimados em apenas um movimento.

— Não! — gritei pulando em cima do homem que invadiu minha casa como um louco.

Minhas mãos foram para sua garganta e o derrubei no chão. Mesmo sendo menor do que ele, tive um momento de dominância até que ele nos mudasse de posição, suas pernas prenderam as minhas, montou minha cintura e colocou meus braços para cima.

Seu rosto se aproximou do meu e, mesmo parecendo surreal, os olhos dele pareciam brilhar em uma cor sobrenatural. Não era momento para admirar, mas lutar pela minha sobrevivência.

Tentei me soltar, mas apenas lágrimas escorreram dos meus olhos em desespero por estar sendo subjugada.

— Seu louco, psicopata, você destruiu tudo! — Fechei meus olhos e virei meu rosto de um lado para o outro.

— Você estava de olho nas falhas da minha empresa, vai me dizer como e o porquê! — Seu tom era perigoso, mas eu estava abalada demais para me intimidar, continuei a me mexer. — Responda, humana!

— Eu não sei do que está falando! — Abri os olhos em um rompante, ergui o pescoço e nossos lábios se encontraram. Foi tão repentino e absurdo, que gritei histérica ao perceber que esse ataque poderia se tornar algo pior.

Ele saiu de cima de mim como se nossos lábios tivessem pegado fogo e recuei sentada até que minhas costas encontrassem a parede. Olhei para o monitor e a mesa quebrada, chorei um pouco mais por, além de estar sofrendo com a execução de um trabalho, estaria impedida de continuar.

— Se não é você a responsável pelos ataques à minha empresa, então quem? — Vi o homem se levantar e colocar as mãos na cintura, ele parecia recobrar um pouco da compostura. — Merda, você não é quem eu procuro.

— Destruiu tudo — murmurei ainda encarando o estrago.

— Você faria o mesmo se estivesse no meu lugar. — Bufou e foi até a porta do sótão. — Esses computadores têm que estar em algum lugar, nessa casa.

— Por que fez isso? O que eu te fiz?

— Mais alguém mora aqui? — Coçou a cabeça e demonstrou constrangimento. Estiquei as pernas e olhei para cima, minha mãe precisava me ajudar a lidar com essa catástrofe.

— Meu irmão por parte de mãe e o pai dele. — Não havia filtro no meu sofrimento. — Não quero me envolver nas coisas deles, só faça o que tem que fazer e me deixe aqui.

— Vamos.

— Vá embora — resmunguei me levantando usando a parede para me escorar. O homem avançou para próximo, pegou no meu braço e me arrastou. — Me solta!

— Depois que eu achar quem está querendo me foder. — Fez com que eu descesse primeiro. Apalpei meus bolsos e não senti o celular, apenas agora pensei em chamar a polícia. — Nem tente [\[SC1\]](#)pedir ajuda, algo muito ruim poderá acontecer para você e sua família.

— Não há nada aqui.

Ele pegou no meu braço com força e foi para os quartos na parte térrea. Tanto meu antigo quarto quanto o do meu irmão e padrasto não tinham nada suspeitos. Ele bagunçou gavetas e virou o colchão, o que ele buscava não estava lá.

— Deve ter outro lugar. Onde estão os computadores? — Ele veio para cima com sua arrogância e com movimento espontâneo, chutei entre suas pernas. — Porra! — falou estrangulado.

Aproveitei que se ajoelhou de dor, subi até meu quarto e puxei a escada. Ele poderia invadir, mas teria dificuldade. Fui até o meu celular e titubeei entre avisar a polícia e meu irmão.

Não sabia explicar qual era o meu problema quanto a delatar o invasor, minha hesitação não combinava com o medo de ser agredida fisicamente, ou pior.

Olhei para a destruição da minha área de trabalho e lamentei com um gemido. Meus pesadelos estavam apenas começando.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 6

Saí daquela casa com as mãos na virilha, sentindo uma dor que nunca experimentei antes. Reconheci que estava perdendo o controle e agindo como um boçal ao perceber que Zaz poderia ter me dado um endereço errado.

Fui até a moto parada na esquina do lugar, conferi o papel escrito pelo duende e suspirei, era o certo, mas não havia nada que comprometesse aquela garota.

Peguei o celular e liguei para o engraçadinho infeliz. Respirei fundo e ajeitei minha virilha, caralho, o chute nas bolas seria lembrado por algum tempo.

— *Encontrou, chefe?* — inquiriu animado.

— Você me enviou para um lugar errado. Não há nada além de uma garota chorona.

— *Oh, merda, você nem conversou, foi logo enquadrando a humana? Perdeu os modos, Thor?* — Não me passou despercebido a ironia no seu tom.

— Quero acabar com a raça de quem está se aproveitando de uma vulnerabilidade da empresa. Que tipo de abordagem você esperava? Sou um bruxo, porra! Não um samaritano da Igreja mais próxima. — Esfreguei a testa sentindo uma dor de cabeça vir.

— *Bem, chefe, sinto lhe dizer, mas continua sendo o endereço que te passei. Acabamos de ter uma tentativa frustrada do mesmo endereço. Se não há pessoas, o servidor está ali. Nada passa despercebido pelos melhores duendes da tecnologia.*

— Não é aqui! — rosnei impaciente.

— *Está mal-acostumado em fazer um movimento de mão e revelar o que está escondido. Pense como um humano, Thor. Nunca assistiu filme*

policial? Vigie a casa, siga os moradores, converse com os vizinhos. Ah, e não se esqueça do mais importante.

— O quê?

— *Tome um banho e durma um pouco. Você não é mais o poderoso Thorent Moore, mas uma versão sem poderes dele.* — Riu alto e se ele não fosse um duende de confiança, eu quebraria o seu pescoço na próxima vez que o encontrasse. — *Só estou repetindo os pensamentos de Lux. Ele está escutando as piores músicas de dor de cotovelo por conta do pé na bunda de Valy. Não aguento mais essa melancolia.*

— Me envie os relatórios das fraudes e as ações que os acionistas estão tomando na minha ausência.

— *Sim, chefe.*

— Conseguiu minha credencial?

— *Claro, seu acesso está liberado e coloquei outro nome no sistema. Raphael está bom para você?*

— Um nome de anjo?

— *Gostou da ironia? Eu sou divertido, faço seu dia mais feliz, sempre.*

— Não me faça querer te torturar, será a primeira coisa quando descobrir uma forma de reverter essa maldição.

— *Se apaixone e vá curtir a lua de mel em um cruzeiro no Atlântico. É mais...*

Encerrei a ligação, Zaz estava insuportável. Costumava controlar suas piadas com meu poder de intimidação. Como estava sem recursos para freá-lo, ele parecia descontrolado.

Os duendes eram os opostos entre si, apesar da genialidade semelhante. Enquanto Lux era o sério e submisso, Zaz gostava de ser engraçado e perturbar a vida alheia, o clássico baderneiro da sua espécie.

Olhei da moto para a casa que invadi e cedi os ombros pelo cansaço. O melhor que eu fazia era recobrar minhas energias depois de um

banho com especiarias e um sono induzido pelos sais e incensos de relaxamento. Eu estava sem poder, mas tinha outros elementos que poderiam me auxiliar em casa.

Decido a refrescar a mente, comer um pouco e dormir, subi na moto e segui em direção à minha mansão. Suspirei de contentamento por conseguir entrar na minha propriedade mesmo estando sem a aparência induzida pela magia. O único ser mágico que eu mantinha na residência era Danika, a governanta e bruxa sem poder. Resgatei-a de uma servidão cruel pouco tempo depois que abdicou dos seus poderes, nunca perguntei o motivo. Prestativa, encontrou em mim a proteção que nenhum outro ser mágico ofereceu.

Apesar de mau, eu era um bom senhor.

Sabia que era um colecionador de excluídos da Dimensão Mágica. Meus súditos prometiam-me lealdade, eu ofertava uma boa vida e segurança. Naquele momento, algumas coisas estavam abaladas e blindar a reputação da TMT me ajudaria a manter, pelo menos, meu lado humano poderoso.

A humilhação de ter que pedir a um dos humanos, que fazia a guarda da minha casa, para abrir o portão, azedou ainda mais o meu humor. Eles conheciam minhas duas versões de rosto e achavam que éramos irmãos. Larguei a moto de qualquer jeito na garagem e entrei pisando firme na minha mansão.

— Danika! — chamei com um rugido indo em direção à escada.

— O que foi, senhor? — Ela apareceu correndo atrás de mim, alcançou meus passos quando chegamos no segundo andar e parou na minha frente. — Tem algo errado?

— Sim, está tudo uma merda. — Desviei dela e fui para o meu quarto ao mais fundo. — Traga os sais de banho especiais para relaxamento e os incensos do sono, eu preciso relaxar um pouco a minha tensão.

— Vou abrindo a água da banheira enquanto o senhor se despe. Quer que eu veja se uma das mulheres da agência está disponível?

— Não! — Abri a porta do quarto com rispidez e fui até a sacada buscar um pouco do vento na minha pele. Ainda estava incomodado com o último conflito na casa da humana.

Coloquei as mãos na grade, fechei os olhos e esperei a energia ser reposta no meu corpo. Por conta dos feitiços que usavam minha energia diariamente, eu precisava repor com comida e sol. O problema era que, naquele momento, nada estava acontecendo.

Eu tinha me tornado um reles mortal. Insignificante e inútil humano, sem poderes para lidar com o básico do dia a dia.

Tirei a arma da minha cintura, olhei como ela ficava na minha mão e tentei não a usar contra o vento. Nunca me dei ao trabalho de aprender artes marciais, ou táticas militares, eu sempre fui muito nobre para ações de corpo a corpo. Rebaixado a peão, para manter o mínimo de dignidade, precisaria me tornar o melhor dos seres desprezíveis.

— Está pronto, senhor. Também providenciei um pouco de frutas e vinho, parece... fraco. — Virei-me para minha governanta e a analisei. Mesmo podendo ser uma poderosa bruxa, abdicou dos poderes para servir. — Posso ajudar em algo mais?

— Como vive sem a magia? — perguntei menos irritado. Coloquei a arma em cima da cama e comecei a me despir. Com ela, não havia pudores.

— Foi minha escolha.

— Você poderia estalar os dedos e ter tudo na sua mão, mas preferiu se dar ao trabalho de movimentar os músculos do seu corpo. — Passei a mão no meu tórax e senti a umidade. — Suar.

— O senhor também poderia ter um ser mágico mais eficiente do que eu para trabalhar com você, mas escolheu a mim. — Colocou as mãos para trás, deu de ombros e esbanjou um sorriso triste. — Há escolhas na vida que não seguem a razão, mas o coração.

— Essas são as piores escolhas, Danika. — Tirei minha calça, meu calçado e fui de cueca até a mesa com comida. Senti o cheiro relaxante

vindo do banheiro e sorri. — Nosso rei caiu por conta do amor, não acontecerá comigo. Eu não vou falhar.

— Claro, senhor. Mais alguma coisa? — Ela apareceu no meu campo de visão, coloquei uma framboesa na boca e a mastiguei encarando minha governanta. Seu ar misterioso me passou percebido pela primeira vez, ela parecia guardar muito mais segredos do que os dias que passou sofrendo na mão do seu último mestre.

— Vá — resmunguei baixo, ela se curvou para frente e saiu do meu quarto.

Coloquei mais outras três frutas na boca e me senti cheio. Era comum eu me alimentar de toda a bandeja três vezes ao dia, mas a minha vida estava estranha.

Fiz um movimento com a mão e inspirei profundamente para absorver o cheiro de calmaria e não me irritar. Queria um pouco de música, não conseguiria com um gesto simples como antigamente.

Maldita bruxa!

Voltei até minha roupa descartada, encontrei o celular e busquei uma lista de música para embalar meu banho. Tirei a cueca quando entrei no banheiro e coloquei o aparelho em cima da bancada próxima à grande banheira.

“Não preciso de comemoração, o mundo irá ver

Heróis nunca morrem

Vou chegar à linha de chegada”

Finish Line – Skillet

Era irônico me identificar com a letra da música, mas não havia alternativa que não fosse recuperar meus poderes, custe o que custar.

Mergulhei o corpo no bálsamo feito por iguarias e me lembrei de Bastiaan. O rei das poções encantadas poderia me fornecer um pouco de magia líquida, além de alertá-lo sobre a visita indesejada da rainha.

Relaxeí um pouco mais e suspirei... bem, iria fazer isso depois de um pouco de sono revigorante.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 7

Ainda tinha muitas frutas para serem comidas e eu estava cheio. Aquela rainha bruxa pagaria pelas mudanças que eu estava enfrentando e alimentaria o ódio por ela a cada magia que eu não conseguiria fazer.

Dormi no banho e acordei revigorado, pronto para continuar a minha caça aos delinquentes que queriam sabotar a reputação da TMoore Technology. Vesti minha roupa mais confortável, coloquei os suspensórios que me deixavam com um charme intelectual e fiz uma careta, lembrando que essa aparência era enquanto estava sob o efeito da mágica.

Foda-se, eu conseguiria suporte nessa área com as poções de Bastiaan.

Tive que gastar um tempo extra para conseguir o telefone da *Hot Sansations* em Amsterdã. Nunca usamos a porra do celular, era humilhante ter que me dar ao trabalho de procurar um amigo bruxo, sendo que estávamos ao alcance de um movimento sutil de mãos.

— *Alô.*

— Boa tarde, senhorita. Gostaria de falar com Bastiaan, o dono da *Hot Sansations* — falei com cordialidade, eu era conhecido por ser educado ao extremo.

— *Esse é o telefone do administrativo. Ele deve estar no escritório, mas não consigo transferir para lá. Quer deixar recado?*

— Poderia me passar o número, por favor? O assunto é diretamente com ele. — Fiz a anotação mental quando recitou o número e sorri mesmo que ela não me estivesse vendo. — Obrigado, senhorita. Tenha um bom trabalho.

Cocei a testa e fiz a próxima ligação, torcendo para que encontrasse o bruxo que poderia salvar minha reputação. Depois de tentar pela segunda vez e minha paz interna se abalar novamente por conta da morosidade de alcançar meu objetivo, escutei a voz conhecida:

— *Hum?*

— Bastiaan?

— *Thorent?* — Seu tom estava carregado de tensão.

— Como vai, meu amigo? Espero que melhor do que eu.

— *Depende do ponto de vista.*

— Então, se proteja, Bastiaan, porque a fedelha surgiu para atrapalhar a vida dos bruxos que não compareceram à convocação oficial.
— Soltei um longo suspiro antes de continuar: — Ela tirou os meus poderes.

— *Não é o único, Thor. Aquela louca também me fez uma visita.* — Soltou alguns xingamentos baixos e minha mão se fechou com raiva. Se ele também estava como eu, não seria de grande ajuda.

— Para quebrar a maldição, precisarei me apaixonar. O que ela fez com você?

— *A mesma coisa.*

— A rainha bruxa só pode estar de sacanagem. Nosso coração está fechado.

— *Foi só por isso que ligou? Minha vida se tornou um inferno, e esse negócio no meu ouvido que chamam de telefone está me irritando.*

— Preciso de uma poção para mudar minhas características físicas. Todos me conhecem com outra aparência, minha empresa está sem o presidente.

O filho de uma ninfa do pântano riu alto. A minha preocupação com a boa aparência não era bem compreendida por outros seres mágicos e não dava satisfação para ninguém.

— *Sinto muito, Thorent, o pouco que tenho faz parte da minha reserva particular. Na situação que estou, as poções são minha única arma. Eu vou matar aquela bruxa.*

— Estou tão fodido quanto você. Sabe que toda a parte de tecnologia da *Hot Sansations* foi feita pela minha empresa. Você me deve, bruxo!

— *Não esqueça o tanto de poções que você levou consigo depois do trabalho. Estamos fodidos, não ficarei mais prejudicado do que o necessário. Mais alguma coisa?*

— Egoísta do caralho — resmunguei e ele riu baixo com sarcasmo.

— *Não menos do que você, esnobe.*

— Estava ligando para te alertar da ameaça, sendo um bom amigo.

— *Quando Annabelle cair, me cobre a gentileza. Até mais.*

Ele encerrou a ligação sem se despedir e minha frustração subiu alguns níveis. Uma catástrofe atrás da outra estava acontecendo e não sabia a qual outro ser poderia recorrer. Áthila me veio à mente, fiz a ligação para o número de celular que eu tinha anotado na minha agenda e, diferente do outro bruxo, ele atendeu rapidamente:

— *O quê?*

— Áthila, é Thorent.

— *Sim, está anotado na minha agenda o seu número. Não seja redundante.*

— Pelo humor tão semelhante ao de Bast, você também recebeu a visita de Annabelle Hendrix. — Esfreguei minha testa frustrado.

— *Aquela puta vai pagar caro pelo que fez. Porra, como vamos resolver isso?*

— Boa pergunta. Eu tenho que lidar com a falta de magia na minha empresa antes de ir atrás de vingança. Então, sobre isso...

— *Me faça o favor e consiga as informações de uma mestiça. É urgente.*

— Claro, me envie uma mensagem de texto, vou providenciar. Depois cobrarei o favor.

— *Que seja.*

Encerrou a ligação e alimentou a minha frustração com o beco sem saída em que nos encontrávamos.

Áthila>> Destiny Juniper.

Encaminhei o pedido para Zaz providenciar as informações, não estava com cabeça para minerar dados além do necessário para proteger a minha empresa.

Tentei comer mais uma fruta e ela desceu rasgando minha garganta, meu estômago estava cheio. Esbanjava tanta comida, precisava dela para meus feitiços diários, estava desacostumado a deixar tanta sobra.

Mudar não era algo com o que estava acostumado. Diferente dos humanos, que se contentavam com as alterações climáticas ou sociais, os seres mágicos moldavam o ambiente para se adaptar à nossa realidade e não o contrário.

Percebi que o celular estava acabando a bateria e suspirei com a limitação da tecnologia. Saí do meu quarto e fui até o escritório em busca de algum carregador para atender a essa necessidade.

Sentei-me na cadeira elegante e pluguei o aparelho na tomada, teria que esperar o tempo dele ao invés de tê-lo ao meu serviço.

— Senhor? — Danika apareceu na porta e deu duas batidas nela. — Enquanto o senhor dormia, Lux apareceu para pegar a moto e pediu para entregar esse envelope.

— Sim. — Estendi a mão e ela veio em minha direção.

— Precisa de algo? — perguntou preocupada quando peguei o envelope e conferi minha nova credencial para transitar na TMT sem ser barrado. — Não comeu direito e está com um cheiro diferente. — Franzi a testa e reparei na bruxa que tinha aparência jovial, cabelos presos e ar

misterioso. — Eu... percebo que algo aconteceu. Estou aqui para ajudar, senhor.

Tantos anos comigo, ela era alguém que eu poderia confiar. Submissa, atenciosa e, por muitas vezes, preocupada demais, que me irritava. Normalmente, iria dispensá-la, mas eu me sentia fragilizado. Sem o apoio de Bastiaan ou Áthila e tendo meus fiéis escudeiros duendes longe, resolvi desabafar:

— Annabelle tirou os meus poderes, a TMT está sofrendo ataques virtuais e não consigo voltar à aparência que uso como empresário, ou seja, o CEO desapareceu em meio a uma crise do caralho. Não quero que ninguém saiba, preciso conter o dano causado perante o mundo humano para, depois, ir atrás daquela louca abusada.

— Oh. — Colocou as mãos na boca em choque. — Mas ela é uma bruxa boa.

— Uma boa pu... — Fechei os olhos e a mão, não gastaria minha saliva falando daquela que me amaldiçoou. — Que seja, Danika. Diminua minhas refeições e reponha sempre os sais de banho para me ajudar a dormir. Não vou conseguir relaxar sozinho enquanto não reverter a situação.

— Posso pesquisar em alguns manuscritos antigos na biblioteca, senhor. Toda maldição tem uma forma de ser quebrada. Não tenho meus poderes, mas conheço o caminho, tenho contatos.

— Ah, claro, ela foi atenciosa nesse ponto. — Voltei a encará-la, o sorriso que exibia não tinha nada a ver com felicidade. — Me apaixonar. Se eu quero meus poderes de volta, tenho que fazer, exatamente, o que lutei para não acontecer. Meu coração está fechado, eu não posso amar.

Observei a bruxa abrir e fechar a boca sem saber o que responder. Tentei mudar a forma como a via, talvez, se forjasse uma paixão, enganaria a magia.

A imagem da garota assustada, que invade a casa, me veio à mente. Mais do que estar no local suspeito, ela era uma ameaça com aquela potência de chute.

Coloquei a mão na virilha e senti um leve latejar nas bolas, ela fez sua marca no meu corpo e não estava gostando da direção dos meus pensamentos. Percebi que Danika me observava diferente na posição que estava, ela deu um passo para a frente e me remexi na cadeira, deixando meu pau de lado.

— É só isso. Pode ir — dispensei-a apressado, ela parecia sair do transe que estava. Forçou o sorriso, curvou-se para frente e me deixou sozinho no escritório.

Qual deveria ser o nome dela? O que fazia para ter tanto apego a um computador ultrapassado? Ela não tinha capacidade suficiente para lidar com os ataques ao sistema da TMT, mas me ajudaria a achar o responsável, afinal, estava na sua casa.

Coloquei outra playlist para tocar enquanto esperava o bendito celular carregar. Divaguei em meio às batidas agitadas da música e a letra, que nunca tinha sido tão importante.

“Não uma vítima, mas brincando de ser
Ainda cego para ver o sol
E você não consegue lembrar
Tudo se foi agora, tudo se foi
Eu não tenho mais nenhum lugar para entrar”

Insidious – Any Given Sin

Tantas outras tocaram até que percebi a carga cheia no aparelho. Dispensei a arma que deixei no meu quarto, coloquei a credencial da TMT no bolso e fui até a garagem, escolhendo meu carro esportivo e caro para seguir de volta até a casa suspeita.

Era tempo de caça aos humanos.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 8

Depois de tanto chorar e conseguir sair do meu refúgio para tomar um banho rápido, roubei comida da geladeira e voltei para o sótão. Sem alguém para conversar ou desabafar, usava meu caderno de rascunho para externar o que eu estava sentindo.

Depois do quarto desenho do rosto daquele homem que invadiu minha casa, deixei tudo de lado, para me deitar no colchão e observar o teto. Com as mãos na nuca e pernas cruzadas, respirei profundamente em busca de respostas.

Mesmo que devesse ter ligado para a polícia, estava esperando um dos moradores do andar de baixo reclamar para explicar o que aconteceu. Como era ignorada, talvez eles nem se importassem com o furacão que passou no quarto deles.

Uma tormenta que me subjugou e humilhou, aquele brutamonte de cabelo loiro e fala grossa ficaria marcado na minha memória. Senti meu coração acelerar e minha correntinha esquentar no peito. O bem precioso deixado pela minha mãe parecia conversar comigo, mas estava difícil de decifrar.

Estiquei o braço e olhei para o lado, encontrando meu caderno. Não era a minha especialidade rostos de pessoas, mas eu tinha feito com tantos detalhes e perfeição, que parecia que meus dedos tinham sido possuídos. Tracei a curva do nariz e reparei na assimetria do rosto dele, era imperfeito e despertava minha raiva por ter me causado tanto mal, mas, também, me fazia ver algo que eu também tinha. Medo.

Odiava sentir que havia algo semelhante ao meu agressor. O chute entre suas pernas foi muito pouco perante o dano causado aos meus equipamentos de trabalho.

Escutei barulho vindo da pequena janela do sótão, tampada por uma cortina. Sentei-me no colchão e percebi que uma mão surgiu por entre o tecido. Oh, céus, era um ladrão, eu estava em um dia muito azarado.

Busquei uma forma de espantar o intruso, encontrei um dos meus livros de ficção científica com mais de quinhentas páginas, capa dura e o usei como arma. Não adiantaria gritar para meu irmão e padrasto, corria o risco deles lembrarem que eu existia e me expulsarem de casa. Ou, pior, concluir o que Marcílio tentou antes que eu me mudasse para a parte mais alta da casa.

— Vai embora! — rosnei me aproximando com o livro no alto, pronta para atacar. Uma cabeça estava surgindo, mirei e acertei-o com força.

— Porra! — A voz masculina me fez repetir o movimento, escutei um barulho seco no lado de fora e a silhueta do invasor sumir. — Oh, eu vou cair!

Era ele! O mesmo louco de mais cedo retornou para completar a missão. Fui acusada de tantas coisas, eu não era aquela que ele procurava.

Em um ato de desespero, comecei a bater contra a mão dele que se apoiava no parapeito. Cada acerto era um resmungo dolorido, eu não pararia até que fosse embora. O bom dos meus livros favoritos era que além de serem um calhamaço, serviam como uma boa arma contra invasores.

— Pare, eu vou cair! — reclamou o homem e não o obedeci, estava traumatizada. Aproveitei para descarregar a frustração de tê-lo desenhado mais do que seria o sensato.

— Vai embora. Você já destruiu tudo, eu não tenho mais nada.

— Ai, garota, a escada caiu e não tenho magia para me recuperar se eu me machucar. — Tentou desviar da minha agressão subindo a janela e fui atacar a sua cabeça.

Para completar a onda de má sorte, ele segurou meu livro e me puxou para ficar cara a cara com ele. O olhar intenso, a testa franzida e a proximidade fizeram-me lembrar daquele toque inusitado dos lábios.

— Pare, porra! Só quero conversar.

Soltou o livro e dei passos para trás caindo sentada no chão. Abracei minha “arma” e me arrastei para trás enquanto via a figura

imponente do agressor entrar no único recanto em que me sentia protegida.

De pé no sótão, ele bateu as mãos nas calças e olhou ao redor, inspirando como se tivesse algo no ar. Franziu a testa e encarou o teto, o olhar de reconhecimento não foi o mesmo da outra vez. Tão alto como era, esticou o braço e alcançou a madeira do forro. Deslizou a mão pela superfície e sorriu, mas durou pouco.

Olhou ao redor e voltou a me encarar, sem resquício do que o deixou, minimamente, feliz.

— Sinto muito? — Se era para soar como um pedido de desculpas, não funcionou, porque a careta e a postura intimidadora me fizeram recuar ainda mais. — Acho que começamos com o pé errado.

— Eu não tenho mais nada. Por favor, vá embora — falei baixo e tentei me levantar para ir o mais longe dele que conseguia. O livro continuava na minha mão e se ele avançasse, eu o tacaria na sua cabeça antes de lhe acertar as bolas novamente.

— O que você é, *Prinkípissa*^[2]?

— Vá resolver o seu problema com os moradores da parte de baixo da casa. Marcílio e Marcus chegaram, converse com eles e me deixe em paz. — Estava prestes a chorar quando ele deu um passo na minha direção.

— Não há ninguém na parte de baixo, por isso subi.

— Claro que tem, o carro está na garagem, eu ouvi o barulho de porta e conversa.

— Só há você nessa casa, mas eu acho que sei a explicação por não os conseguir ver. Tinha que ter algo mais envolvido.

— Do que está falando? Olha, moço, só vá embora, eu não te fiz nada, não sei onde eles estão. Não sei seu nome, você não sabe o meu, poderíamos esquecer o que aconteceu e seguir a vida.

— Não há volta, nossos caminhos se cruzariam mais cedo ou mais tarde. — Apontou para o teto e tive receio de desviar o olhar dele. — Essa madeira está encantada e a assinatura da magia é conhecida, foi alguém do

meu clã que fez. Você também está envolvida, mas é diferente. Quem é você?

— De onde tirou isso? — Olhei para o teto, o qual me fazia lembrar da minha mãe e não vi nada do que ele dizia. Ele deveria ter usado alguma droga e eu estava refém dele. — Por favor...

— Muito prazer, sou Thorent. Quero dizer, Raphael. — Estendeu a mão e pareceu tão contrariado que neguei com a cabeça. — Estou tentando ser educado aqui. Poderia te amarrar e arrancar as informações que eu queria, mas optei por ser um cavalheiro, uma tentativa de passar uma boa segunda impressão. Não são muitos seres que têm esse privilégio.

Ele deu um passo em minha direção e corri para o outro lado do sótão. Peguei um pedaço da madeira da mesa de desenho quebrada e larguei o livro, estava pronta para lutar por mim.

— Mais uma para a conta daquela bruxa falsa e arrogante, sem poder de persuasão — ele murmurou para si mesmo. Olhou para baixo, foi até o meu colchão e se deitou nele, como se fosse dono do local. — Assim está melhor para entender que não vou te machucar? A não ser que você esteja fodendo com minha empresa.

Abaixei a madeira que estava na minha mão e reconheci o nome diferente. Thorent... Moore, dono da empresa de tecnologia mais famosa da Irlanda. Eu conhecia o rosto do CEO, mas não tinha muita coisa a ver com o homem que estava no meu quarto. Além do mais, o moço parecia um vândalo e não um empresário.

— Seu nome é Thorent ou Raphael? — Ergui a madeira novamente e continuei distante. — Eu não tenho nada a ver com a T Moore Technology, sou desenhista freelancer.

— Ah! — Olhou para os lados, viu meu caderno e não fui rápida o suficiente para impedir que visse meus últimos rascunhos. — Esse sou eu?

— Largue isso! — Ameacei bater no homem, ele retesou e não teve coragem de concluir o ato, eu não era uma pessoa agressiva, só queria me defender. Soltei a madeira e fui para cima dele, que estendeu o braço para me impedir de alcançar o caderno. Subi em cima do colchão, pisei na sua

barriga com força e ele me deixou resgatar o meu pertence soltando um gemido sofrido. — Não é nada do que está pensando.

— Lê mentes, por acaso? — falou estrangulado e respirou fundo enquanto eu voltava para longe dele. A madeira voltou para a minha mão, era meu escudo. — Pelo menos não foram as bolas, ainda está doendo de hoje mais cedo.

— O que quer? Por que a TMT está atrás de alguém como eu?

— Eu sou mais bonito do que isso. Não tenho tantas marcas no rosto. — Apontou para o caderno e o larguei ao lado do livro pesado para segurar a madeira com ambas as mãos.

— Já que não vai embora, diga quem é e o que quer.

— Eu perguntei primeiro. — Alisou a barriga e se acomodou melhor no colchão, olhando para o teto com um sorriso saudosos. — Qual sua raça, *Prinkípissa*?

— *Prinkí-o-quê*? Eu sou humana, oras. E você?

— Duvido, mas vou considerar que você não sabe sua origem. — Voltou a atenção para mim. — Sou Thorent Moore e vim, pessoalmente, destruir aqueles que estão atacando a minha empresa. Novamente, eu venho aqui e só tem você na casa. Coincidência?

— Não sei do que está falando e se passar pelo CEO da TMT só vai atestar sua insanidade. Já destruiu tudo o que tenho, invadiu meu espaço, o que mais você quer de mim?

Seu silêncio não me consolou, aumentou minha ansiedade e me hipnotizou para decorar todos os seus traços. Esse era o lado ruim de ser uma artista, tudo o que capturava a minha atenção se sobressaía à razão. Naquele momento, o homem deitado relaxado no meu colchão era tudo o que eu queria rascunhar até meus dedos calejarem.

Estava me perdendo para a insanidade.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 9

A essência da linhagem do clã de raio estava impregnada na madeira daquele forro. Poderia garantir, sem tocar ou analisar as ranhuras de outras partes da casa, que teria mais magia naquele lugar. Não era comum que eu sentisse atração por algo, por conta da minha natureza má, mas era difícil controlar quando transbordava.

A garota ainda me intrigava, em mais de um sentido. Apesar de não ter gostado de como ela me desenhou, afinal, essa era a forma da qual eu não apreciava ser lembrado, ela tinha dom.

Ainda em silêncio, curtindo a dureza daquele colchão e o meu reinado naquele sótão, lutava com a vontade de brincar com o bichinho de estimação novo e o dever de vasculhar aquela casa atrás dos outros moradores.

Sentei-me tomando consciência de que aquele ambiente poderia ter sido encantado para proteger a garota. Assustada e submissa, por mais que tinha força de vontade para se proteger, era naquele canto mais acima da casa que se escondia.

Ela parecia fazer parte do conto de fadas da Rapunzel, ao invés dela estar presa na torre, se protegia estando nela.

— E, então? — Cobrou uma resposta em posição de ataque e eu nem mais lembrava o que estávamos discutindo.

Fechei os olhos, liberei-me de toda a agressividade e me levantei. Relaxado e transbordando pelo olhar uma submissão que não combinava comigo, aproximei-me da humana assustada, sorri e tirei a madeira da sua mão com cuidado. Eu era manipulador, educação e suavidade eram usadas a meu favor.

— Sou o CEO da TMoore Technology. Por mais que não me pareça com nenhuma das fotos que você deveria ter visto pelas mídias, esse sou eu. Estou tendo alguns... problemas para ficar na outra forma. Sua vez. — Quase não me reconheci pelo tom melodioso e baixo que usei.

Respirei fundo e suavizei minhas feições, cheguei a admirá-la, mesmo tendo tantas imperfeições; os cabelos eram volumosos demais, os olhos muito pequenos e os lábios sem cor. Ela piscou várias vezes, tentando se desconectar do meu comportamento hipnótico. Com ou sem poderes mágicos, conhecer a linguagem corporal era um dom que ninguém conseguiria tirar de mim.

— Nayara — murmurou derrotada e soltou o ar com força. — Eu... me chamo Nayara Blaine. Você tem um sócia que faz o papel de CEO, por um acaso? — Ela tinha abaixado a guarda e me aproveitei para avançar no meu plano de conseguir mais informações daquela humana.

Toquei seu ombro e senti uma energia forte esquentar minha mão, percorreu meu braço e migrou até o meu peito. Dei um passo para trás e me afastei, ela fechou a mão em punho no coração como proteção.

— O que foi isso? — questionou assustada, o momento harmonioso havia sido estragado. — Olha, moço, acho melhor você ir embora.

— Não antes de saber mais sobre os outros moradores. Se os carros deles estão na garagem, por que não estão em casa?

— Já olhou no quarto? — Ela não tirou a mão do peito e isso me deixou intrigado. — Resolva esse assunto com eles, só me deixe fora disso. Já destruiu meu computador, o que mais vai querer?

— Quem são seus pais?

— Minha mãe me teve sem meu pai e se casou com Marcus quando eu tinha quatro anos. Logo ela teve Marcílio e desde que meu irmão completou dezenove anos, andou agindo estranho, foi quando eu me mudei para cima. — Nayara negou com a cabeça para me impedir de falar, deu a volta em mim e foi para o outro lado do quarto. Aproveitei para pegar o caderno de desenho dispensado no chão, meu rosto pela sua visão estava me deixando incomodado. — Não sei por que estou te contando tudo isso. Mais cedo, você me atacou, me machucou...

— Foi um ato desesperado — antecipei-me em falar, sem virar na sua direção. Virei a folha e percebi que não era o único desenho que ela fez.

A humana havia conseguido meus piores ângulos, com as mais terríveis imperfeições salientadas.

— Por que não chamou a polícia ou, sei lá, contratou uma empresa que encontrasse os culpados por atacarem seu sistema? É muito estranho o dono de uma poderosa empresa vir pessoalmente resolver o assunto.

Ela tinha razão, ainda mais quando eu me recordava de que estava sem meus poderes. Não trouxe a arma e teria que usar a força bruta, além da falta de habilidade, caso eu entrasse em um confronto corporal. Sendo bruxo e sabendo do alcance do meu poder, gostava de olhar no fundo dos olhos dos meus inimigos antes de destruí-los. A questão era que, para entrar naquele sótão, eu quase me espatifei no chão.

Joguei o caderno no chão irritado ao ver a cicatriz perto da minha sobrancelha, que eu tanto queria esconder, desenhada no terceiro desenho que Nayara fez. Ela não poderia ser tão perceptiva, ainda mais tendo nos enfrentado daquela forma horas mais cedo.

Fui até a porta no chão e a abri, sem pedir autorização para a dona do local. Puxei a escada e sua mão no meu braço me freou de descer. O olhar preocupado quase me enganou, não era o mesmo de Danika para mim, aquela humana tinha outros receios reservados apenas a ela.

— Quando você descer, vou me trancar aqui novamente. Adeus.

— Espere. — Coloquei minha mão em cima da dela e a descarga elétrica percorreu-me novamente. Intrigado com a sensação, larguei a escada e encarei sua mão em busca de alguma explicação. Ela não tinha as características de um bruxo, nem parecia enfeitiçada. — Por que você me dá choque?

— Não sou eu, é você. — Tentou afastar sua mão, mas não deixei. Trilhei com o indicador os riscos existentes na sua palma, encarei-a de forma analítica e me surpreendi com o tom róseo das suas bochechas. — Você pode... ir e me deixar? Está fazendo cócegas.

— Não. Você está gostando do meu toque, eu te afeto, *Prinkí*. — Abreviei o apelido que lhe dei. Dominado pelo poder de estar sob o controle da situação, segurei seu queixo e conferi seu rosto. — Se não fosse

tão novinha e cheirasse a fralda suja, quem sabe não poderíamos nos divertir um pouco?

— Oh, céus. Mas eu nunca... Não... — gaguejou, denunciando a sua inexperiência.

Parecia que o tempo tinha sido congelado por alguns segundos. Cogitar beijar aqueles lábios ou me deitar em cima daquele corpo me pareceu a melhor das ideias que já tive. Sem entender a motivação que me fazia esquecer a prioridade da missão, eu desejei aquela mulher e toda a magia que a cercava para consumir o ato sexual.

Virgens tinham um sabor especial, ainda mais quando escondiam alguma magia em si.

Um flash de memória me fez recordar de duas coisas importantes que passaram despercebidas. A primeira, foi o toque suave dos seus lábios nos meus, em meio à nossa disputa mais cedo. O segundo e mais importante, foi o cartaz em um dos quartos que vasculhei, do bar Barba de Duende, um local frequentado, apenas, por seres mágicos ou escravos humanos.

— Volto depois. Não precisa me atacar novamente com o livro.

Soltei-a focado em descobrir mais. Desci os degraus e, como prometido, Nayara puxou a escada e fechou a entrada para o sótão. Explorei a casa, encontrei a minha lembrança pregada na parede e não encontrei os outros moradores.

A bagunça que fiz tinha sido organizada, eles sabiam que alguém veio atrás deles, pareciam não se importar. Não havia nenhuma armadilha humana, nem magia para me impedir de explorar.

Toquei o cartaz e fui surpreendido ao ser transportado para o bar. Aquele tipo de portal não era uma magia simples de se manter, muito menos de executar. Estava lidando com algo – ou alguém – poderoso.

Saí de um corredor com luzes neon para o salão principal do Barba de Duende. Música alta, pessoas dançando e cheiro de magia aguçaram meus sentidos, fiquei intimidado por não poder rebater nenhum deles caso invocassem comigo.

Segui até o balcão, sentei-me em um dos bancos altos e forcei a naturalidade, poucos me conheciam pela forma real que estava. Não sentiriam cheiro de bruxo em mim, mas muitos conheciam o poder de camuflagem e esses eram os seres mais perigosos. Com minha educação e poder de influência, tentaria encontrar algumas respostas sobre um possível ataque a TMT.

— Olá, bonitão. O que vai beber hoje? — Uma mulher com pele de escamas em algumas partes do rosto e corpo surgiu á minha frente. Seu sorriso era encantador e se não fosse tão velho nesse mundo, a confundiria com uma cobra, mas se tratava de uma sereia.

— Uísque, por favor — respondi sem olhar em seus olhos ou focar no seu tom de voz. A espécie tinha o poder de hipnotizar se fixada a atenção tempo demais nesses dois sentidos – visão e audição.

Virei no banco quando ela se afastou para atender meu pedido e olhei ao redor. Percebi que não estava mexendo com humanos inconsequentes, mas alguém tão poderoso quanto eu, antes de perder os poderes.

A luta seria mais difícil do que eu poderia lidar sozinho.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 10

Preocupado que poderia estar em uma armadilha se me mantivesse naquele lugar por muito tempo, saí do bar e chamei um motorista de aplicativo para me levar de volta ao meu carro. No meio da madrugada, depois de tanta conversa jogada fora, não consegui saber nada além do que já era do meu conhecimento: Thorent Moore era um bruxo que se achava o rei da Irlanda.

Bem, eu era, até que a Annabelle Hendrix tirou meus poderes.

Estava difícil superar, porque eu nunca iria me contentar em ser humano. Mas, também, não cederia aos caprichos daquela bruxa infernal, que não tinha nada de boa. A paixão era um castigo que eu não estava disposto a cumprir.

Cheguei ao meu carro e, ao invés de ir até minha casa, fui para o apartamento dos duendes. Precisaria encontrar mais informações sobre Nayara Blaine e os outros habitantes daquela casa. Se os ataques à empresa estavam sendo através da magia dos circuitos digitais, eu tinha alguém da mesma linhagem que a minha para lidar.

Não me recordava de nenhum parente vivo morando na Terra ou querendo se vingar. Depois de tantas batalhas na Dimensão Mágica, deixei a disputa para viver entre os humanos. Foi a melhor coisa que fiz para não ter que dividir um império, eu sempre fui superior naquela dimensão. A Irlanda era minha, todos os dados trafegados nos meios digitais estavam conectados na minha empresa.

Nada poderia abalar o meu universo, por isso, teria que regredir vários passos, começando por conseguir armas mágicas. Uma nova ligação para o bruxo de pedras precisaria ser feita. Áthila poderia trazer um pouco de proteção com sua especialidade, já que o egoísta do Bastiaan estava tão fodido quanto eu e não compartilharia das suas poções.

Annabelle não poderia ter deixado um de nós livre da sua punição, era uma penitência para ser compartilhada. Preferia pensar de forma

otimista, que três cabeças pensariam melhor na solução do nosso problema, mas eu estava focado na minha reputação. O fato era que não iríamos nos submeter às regras de uma rainha tão inexperiente e louca quanto aquela.

Parei o carro em frente ao prédio dos duendes, consegui passagem fácil pelo porteiro como da última vez – fingi ser um morador – e fui até o andar que eles moravam.

Bati com força na porta e não precisei chamar, Lux me recepcionou com seu costumeiro olhar chateado.

— Sabia que iria aparecer no pior horário, como ontem. — Deixou-me passar, ele vestia um pijama de mangas compridas cinza. — O que descobriu?

— Que estamos lidando com alguém do nosso cacife, ou seja, tem magia envolvida.

— Nosso não, *nosso*. — Zaz apareceu na sala apontando para ele e Lux. Salientar a ausência dos meus poderes estava sendo seu passatempo do momento. Espreguiçou-se despreocupado e forçou o sorriso zombeteiro. — Tirando sua data de nascimento, tudo em você é humano.

— Estou anotando todas essas, duende — rosnei indo na sua direção e o impedindo de se sentar no sofá. Ocupei o lugar que ele pretendia se acomodar e me estiquei. — Há um portal para o Barba de Duende na casa que vocês me passaram o endereço.

— Nossa lista de suspeitos pulou de um para centenas. Sabe quantos são os frequentadores daquele lugar? — Lux ficou de pé e Zaz se sentou na poltrona fingindo indiferença por eu ter tomado o seu canto.

— Bem, temos o peixinho, falta descobrir quem é o tubarão. O servidor está naquela casa, chefe. Como tem sobrenatural envolvido, então, está protegido por magia. — Zaz chutou meu pé e revirei os olhos para sua perturbação infantil.

— Preciso de uma arma encantada e poções.

— Fale com aquele seu amigo metido lá, o Bastiaan.

— Ele também está sem os poderes, não irá compartilhar sua reserva do caralho. — Encarei Lux, que bufou cruzando os braços.

— Se não tivesse estragado minha noite ontem, conseguiria mais informações. Valy trabalha com o Barba Vermelha, o dono do bar. Ele sabe tudo o que acontece naquele lugar.

— Fale com ela! — Levantei-me do sofá com um pouco de esperança. — Resolva essa merda e descubra algo mais importante do que me apontarem como o rei da Irlanda.

— Um bruxo que nunca se apaixonou não entende a dificuldade que é para conseguir o perdão da amada. — Zaz pulou para se sentar no seu espaço do sofá e se divertiu com minha seriedade. — Aproveite e cumpra o castigo da rainha bruxa. Quem sabe, você alivia para o lado do Lux.

— Ele precisa de um milagre. De anjo, só o nome falso que você arranjou para ele entrar na TMT, Zaz. — O outro duende andou de um lado para o outro pensativo. — Sem o bruxo, nossos poderes e força não são páreo para conseguir informações naquele bar.

— Poção da verdade. — O duende brincalhão estava com os olhos brilhando. — Talvez, um pouco de sorte no chá desse ex-bruxo. — Senti um cutucão na costela e rosnei irritado, Zaz estava passando dos limites da minha tolerância. — Tem uma receita, muito antiga, que minha mãe me ensinou. Só funciona para seres não mágicos. Como você não é mais um...

— É provisório e você será minha primeira vítima. — Respirei fundo e mudei minha postura agressiva para relaxada. — O que isso faz?

— Te dá sorte, óbvio. — Pulou do sofá e me encarou com superioridade. — Você toma e mentaliza o seu objetivo, descobrir quem está por trás dos ataques nos sistemas da TMT. Você saberá, exatamente, para onde ir e o que fazer.

— É linda, Zaz.

— Claro que você pensa assim, porque não funciona para bruxos arrogantes. É um presente do nosso mundo para os humanos que foram bons durante o ano. Ou você acha que o Papai Noel fazia tudo sozinho em dezembro? Nós somos reais!

— Conte a parte boa — Lux forçou a ironia, brincadeira não combinava com ele e isso me preocupou.

— Precisamos do sangue de uma mulher virgem para ser misturado com quatro folhas de trevo de quatro folhas. Redundante, mas é isso mesmo.

— Tem que ser voluntário, a pessoa tem que querer te ajudar. — Olhei de um para o outro duende e só consegui pensar em Nayara. — Pelo olhar, parece que você já sabe, exatamente, quem convocar. Qual das estagiárias da TMT você pretende desvirtuar?

— O quê? Não! Quem vai encontrar todos os elementos da poção são vocês, eu só irei tomar. — Levantei-me recordando da energia compartilhada com a garota do sótão e o quanto eu poderia transformá-la em uma mulher tendo-a debaixo de mim, na horizontal.

— Tem que ser você, quem o tomar precisa convencer uma virgem humana a te ajudar. O destino é uma vadia, pior que a rainha bruxa. — Zaz não parecia ver a gravidade da situação, estava dando pulinhos alegres. — Então, ex-bruxo, trate de colocar seu charme no páreo, porque sem a aparência de galã, você terá um longo caminho a percorrer.

— Que se foda esse chá, preciso de um amuleto de proteção e uma arma. Vou precisar aprender a atirar e lutar, não acredito que irei me rebaixar a tanto só para proteger minha empresa. — Passei as mãos no rosto em frustração.

— Eu poderia ir no seu lugar, mas o firewall ficará prejudicado. Por que não contrata uns vampiros ou lobisomens?

— Seria mais fácil colocar em um outdoor que meus poderes foram removidos. Esse ataque cibernético não seria nada comparado ao ataque dos meus inimigos. Terei que ser eu.

— Boa sorte, chefe. Vou conferir o servidor e ir dormir. — Lux se virou, deu alguns passos e me encarou. — Acho que tenho algo que poderá te ajudar a encontrar o que está escondido na casa dos humanos. Eles estão vinculados ao Barba de Duende, então, tem magia da nossa espécie envolvida.

— Ah, a lanterna mágica. Seu coração é mole, hein? — Zaz zombou do amigo e o outro deu de ombros indo até seu quarto. — Nós merecemos um aumento.

— Do quê? Vocês nunca quiseram ficar com a mesma estatura que eu.

— Vai nos dever um favor, bruxo. No momento certo, iremos cobrar.

— Fazendo juramento pelo amigo? Eu não estou com poderes mágicos para selar o acordo. Salvei a vida de vocês, mais do que isso, a dívida de vocês nunca será paga.

Zaz deu um pulo descontraído, foi até a porta e a abriu, me expulsando do seu apartamento. Elevei uma sobrancelha, ele deu de ombros e sorriu, como se soubesse algo a mais que eu não.

— Sua palavra é o suficiente. Sim?

— Um favor, para os dois. — Dei passos largos para sair e Zaz demonstrou estar satisfeito.

— Encontre a virgem — falou fechando a porta atrás de mim.

Não bastava estar me sentindo impotente, naquele momento, estava nas mãos de dois duendes e uma virgem.

Previo que minha situação só tendia a piorar.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 11

Usando uma credencial que não condizia com a minha realidade, mostrei-a para o vigilante noturno da TMT que guardava o estacionamento e entrei com meu carro. Terminei de escutar a música que tocava no som do carro antes de sair, eu precisava de alguns segundos de reflexão.

“Diga que eu pedi por isso

Diga que eu nunca me esquecerei

Você poderia me dar qualquer coisa, menos amor

Qualquer coisa, menos amor.”

S.O.S (Anything But Love) - Apocalyptic

A lista do que eu precisava fazer para resolver a minha vida era grande. O melhor seria achar uma forma de recuperar os meus poderes, conseguiria estabilizar minha empresa e acabar com quem estivesse tentando me derrubar. A reputação que conquistei na dimensão dos humanos era a coisa mais importante da minha vida, por isso, ela tomou prioridade acima de tudo.

Caminhei pelo estacionamento até o elevador com os pensamentos em conflitos. Subi até o meu andar e entrei na minha sala, sentindo que tudo estava fora do lugar. A parede espelhada em um dos cantos me chamou atenção e percebi, ao me encarar, que estar na minha forma real tornava tudo mais difícil.

Eu era vaidoso, estava preocupado com a opinião alheia e tinha um grande ego para ser amaciado. Sendo tão frágil quanto aqueles que resgatei da Dimensão Mágica, me colocava em uma posição que eu odiava estar.

Aquele passado deveria continuar enterrado no fundo da minha mente.

Observei os monitores ao lado de uma grande tela, todos desligados. Estalei os dedos e bufei antes de dar o passo para chegar até o botão de ligar. A afinidade que eu tinha com a tecnologia não extraía o máximo que ela poderia oferecer. Tomadas inteligentes e comandos de voz me ajudariam a sentir menos humano e mais evoluído.

Liguei os outros equipamentos da minha sala e fiz um levantamento do que seria necessário para transformar o meu ambiente em uma sala inteligente. Conferi o que havia de estoque no almoxarifado da empresa e, mesmo que apenas eu e a equipe de plantão estivéssemos presentes no prédio, eu faria acontecer.

Abri minhas gavetas e, na última, encontrei alguns frascos com comprimidos. Abri um sorriso amplo ao constatar que eu tinha um pouco de suprimento mágico que me ajudaria nesses dias. Um para evitar dormir, mas me dar a energia que precisava do descanso. Outro potencializava meu foco, costumava usar enquanto disputava alguns jogos on-line – o que fazia um bom tempo que não acontecia.

Ergui um pote transparente no alto e o trouxe para os meus lábios. Dei um beijo estalado e quase fiz uma reverência ao meu amigo bruxo que rechaçou um pouco das suas poções pré-prontas. Esse tinha sido encomendado há alguns meses por pura diversão, servia para me dar força bruta. Uma cápsula me daria algumas horas de músculos de aço, eu não precisaria aprender uma arte marcial desde que tomasse um desses.

Tinha usado apenas uma vez. Desafiado a participar de uma luta clandestina, eu não recusaria, ainda mais por elevar a minha moral com o submundo dos humanos.

Thorent Moore era o rei da Irlanda, manteria o posto nem que eu precisasse sacrificar a minha aparência. Encomendar uma poção me deixaria vulnerável, mas eu não teria outra opção se os ataques a TMT continuassem sem represálias.

Fiz o pedido de retirada do material no sistema, peguei a chave-mestra que nunca tinha usado de dentro da gaveta da minha mesa e saí da sala um pouco mais animado.

Passei o resto da madrugada mexendo nos equipamentos e monitorando o novo sistema de firewall. Tirando os ataques recorrentes, que nunca deixaram de acontecer e não ultrapassavam a nossa barreira, tinha uma em específica que desestabilizava os servidores. Com a nova rotina sistêmica dos duendes, eles encontravam um beco sem fim depois da invasão do servidor e perdiam a conexão.

Quando me senti cansado, prestes a dormir sentado, tomei uma cápsula para evitar apagar. Abri o frigobar atrás de mim, tomei uma garrafa de água e me senti pronto para continuar com o trabalho.

— *Prinkí* — chamei a inteligência artificial, uma homenagem àquela que vez ou outra surgia na minha cabeça. — Que horas são?

— *São seis e quarenta e três, fuso GMT +1* — o alto-falante me respondeu e não me senti tão humano ao ter algo tão mágico quanto eu mesmo fazia.

Olhei para um dos monitores na parede da minha sala, percebi que o sistema começou a aumentar a latência e interceptei o ataque DDoS. Algo tão básico não deveria estar nos afetando, tudo parecia devidamente configurado, tinha que ter magia por trás.

Mesmo que já soubesse o que iria encontrar, fiz o rastreio da conexão. Era naquele bendito lugar! Os outros moradores além da Nayara tinham que estar envolvidos, precisaria ficar na cola deles.

— Oh, meu Deus, quem é você? — minha secretária abriu a porta e colocou a mão no peito assustada. Olhou ao redor, viu um pouco da bagunça que deixei por abrir caixas e mexer com fios. Ela era uma mulher elegante e atraente, estava próxima do meio século, mas se mantinha conservada. — Como entrou aqui?

— Ele é um primo do Thorent, Raphael. — Zaz apareceu ao seu lado, entrou na sala e veio em minha direção. — Temos um leve problema, chefe.

— Kiara, pode nos deixar a sós, por favor?

Ela ficou me encarando sem reação, meu escudeiro duende soltou um riso baixo e se virou para ela.

— Liga não, ele acha que está na casa dele. Pode me trazer um pouco de chá gelado? — Ele se sentou à minha frente.

— Tem notícias de senhor Moore?

— O chefe está bem depressivo, desilusão amorosa. — Abri a boca para protestar, esse duende engraçadinho estava acabando com a minha reputação. — Vai passar.

— Oh, coitadinho. Ele deveria ter sido mal compreendido. Poucos conseguem ver a beleza na inteligência dele. — Minha secretária ficou envergonhada pelas palavras, olhou para baixo e deu um passo para trás. — Bem, com licença.

— Acho que você poderia tentar se apaixonar por ela. Recuperar seus poderes e resolver essa ocorrência. Evitaríamos conflitos desnecessários no Barba de Duende, sabe como os seres mágicos são rancorosos, além de ter que ficar devendo [\[SC2\]](#) favores caso você queira matar um dos protegidos dele.

— O quê? Está louco? — Apontei para a porta. — Ela é a minha secretária, foi difícil achar alguém tão perfeita para o cargo. Se for para trepar com alguém, eu pego a secretária de um dos meus associados. — Cedi os ombros e recostei na cadeira, desanimado. — Porra, foi de lá que um dos *Svetlinis* me encontrou e toda essa merda aconteceu.

— Viu? Pare de trepar — zombou — e comece a... foder com amor. — Piscou um olho com diversão.

— Você não apareceu tão cedo na empresa para me dar conselhos. Se fosse Lux, até pensaria no caso de prestar atenção por conta de Valy. Mas você, Zaz, ainda deve ser virgem.

— Olha que maravilha, se fosse verdade, eu poderia ceder meu sangue de boa vontade para o chá da sorte. — Piscou os olhos com exagero, minha ofensa não o incomodou. — A lanterna mágica, não encontramos a nossa e nem conseguimos com os contatos próximos.

— Vai alardear os seres mágicos por conta da porra de uma lanterna? Eu não preciso mais dela, encontrei algumas cápsulas mágicas que poderão me ajudar.

— Vai ficar cinco dias sem dormir novamente, só para ganhar aquele adolescente mimado no jogo on-line de RPG? Você já teve dia melhores, chefe. — Saiu da cadeira e foi em direção à porta.

— Revise a rotina de ataque DDoS, Zaz. Eles estão nos cercando cada vez mais. — Levantei-me colocando os braços para cima e me alongando, estava como se tivesse acabado de acordar. — Tive que impedir um desses com as próprias mãos.

— Quebrou a unha? — Abriu a porta e fez um movimento para lhe jogar um raio, nada aconteceu. Se ainda tivesse meus poderes, ele receberia uma descarga elétrica nas costas. — Como é bom poder ser eu mesmo, sem medo de ser castigado.

— Sou rancoroso o suficiente para rebater cada uma das suas zombarias. — Dei a volta na mesa e ele, achando que eu iria para cima, saiu correndo. — Duende atrevido — resmunguei.

Olhei para a caixa em cima da mesa próxima dos monitores na parede, bati o dedo nela e titubeei entre levar comigo ou não. Era um notebook, meu destino seria a casa de Nayara e eu tinha quebrado seu equipamento. Mesmo sendo um hardware muito superior ao dela, ainda faltavam recursos para ser ideal para um profissional de designer, que ela deveria ser.

Mesmo não sentindo amor, muito menos empatia, eu era um bom manipulador. Todas as minhas ações tinham segundas intenções por trás e, por ter reconhecido a assinatura da magia dos bruxos de raio, eu precisava tê-la mais dócil para poder frequentar aquela casa mais vezes.

Como não previa confronto com a *Prinkí*, levaria o equipamento de reposição e levantaria a bandeira de trégua. Meus atos estavam friamente calculados, não havia nada além do que a preservação da minha reputação em interesse.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 12

Com uma das mãos segurando a toalha ao redor do meu corpo nu, inclinei-me para a frente na geladeira e encontrei alguma coisa para almoçar. Por medo do que tinha acontecido no outro dia, fiquei no sótão por mais tempo que o normal antes de descer, tomar um banho e roubar comida.

Vi, da minha janela, Marcílio e outros rapazes no quintal de madrugada. Eles escutavam música e falavam baixo, um deles soltava uma fumaça espessa que quase duvidei se era apenas cigarro. Nem sinal da escada que Thorent usou para invadir o meu espaço, o que era um misto de alívio e preocupação.

Será que eu estava ficando louca de tão sozinha que ficava? Sempre fui alegre e conversadeira, tinha pessoas para compartilhar minhas dores e alegrias, mas depois que minha mãe se foi, nada mais foi o mesmo.

Eu não me sentia a mesma.

Ninguém deveria se sentir confortável isolada em um sótão, mas eu era a aberração que não queria ficar longe daquele lugar.

Tirei a tampa da vasilha com sobra de comida para pôr no micro-ondas e dei um pulo assustada quando batidas na porta de entrada da casa soaram. Recuperei a compostura, ajeitei a toalha no corpo e fui espiar pela janela próxima da porta. Não iria atender à porta, só aplacaria a minha curiosidade antes de voltar correndo para o meu canto.

Abri a boca em choque ao ver que era o loiro alto batendo, novamente, na porta. Pelo visto, o homem que se passava pelo dono da TMOore Technology não tinha desistido de encontrar alguma coisa sobre meu padrasto e meio-irmão.

Minha comida foi esquentada, voltei para a cozinha e enchi os braços com a refeição do dia. Parei em frente à porta e ele parecia ter desistido, para meu alívio. Mesmo assim, dei passos suaves em direção à escada e subi equilibrando tantas coisas nas minhas mãos. Quando deu, coloquei a comida no piso do sótão, puxei a escada e fechei a porta.

— Me ignorando, *Prinki'*? — A voz de trovão me assustou e a toalha quase caiu do meu corpo. Ele estava deitado com imponência no meu colchão e odiava admitir que o seu cheiro tinha ficado impregnado no lençol.

— O que está fazendo aqui? — perguntei baixo do meu lugar, ignorando a forma como ele me chamava, mesmo sabendo meu nome.

— Você não atendeu à porta, então, ficou subtendido que você preferia que eu viesse direto para a sua toca. — Olhou para o teto, abriu um sorriso e depois para mim. — Como está?

— Bem. — Neguei com a cabeça, a simpatia dele estava querendo ofuscar a agressão dos outros dias. — Olha, moço. Se precisa de ajuda, eu posso encontrar um número de telefone para atendimento psiquiátrico.

— Que atenciosa, mas eu não estou louco. Não no sentido que você conhece da palavra. — Sentou-se no meu colchão e estendeu uma caixa retangular que estava ao seu lado. — Tome, é meu pedido de paz.

— O que quer dizer?

— Você pode me ajudar e eu estou sendo útil em resolver o acidente ali. — Indicou o canto com o monitor quebrado e a minha mesa de desenho.

— Mas foi você que quebrou tudo isso! — Soltei indignada, ele se levantou e eu tomei consciência de que estava vestindo apenas uma toalha.

O medo de ser atacada como aconteceu com a entrada de Marcílio no quarto me assombrou. Pernas e braços começaram a tremer e eu só queria ter podido aprender uma arte marcial para me proteger.

Thorent parou seu caminhar na minha direção, fez uma expressão de tédio e estendeu a caixa da minha direção. Conferi o desenho que tinha nela e a logomarca, era um notebook muito moderno.

Mesmo sendo ingênua, o ato de repor o que quebrou, mostrou-me o quanto ele queria comprar minha lealdade. Acostumada com a empatia e sentimentos aflorados, a troca por algo material escancarou suas más intenções.

— Aceite meu presente. Você comentou algo sobre estar sem conseguir trabalhar. Pois bem, com esse, conseguirá fazer muito mais do que com a carroça que usava antes. Se for analisar, te fiz um grande favor.

— É só pedir desculpas — murmurei ainda do meu lugar, impotente.

— O que disse? — Franziu a testa.

— Apesar de ainda não entender o que, realmente, você quer de mim, eu funciono com um simples pedido de perdão.

— Para que eu pedisse tal coisa, eu teria que estar arrependido, certo? — Piscou um olho e chacoalhou a caixa. — Pegue, Nayara.

— Você é, realmente, muito arrogante. — Estendi a mão para não ter que me aproximar. Trouxe a caixa para mim e conferi as especificações. — E rico. Esse notebook custa o tanto que eu consigo fazer em três meses.

— Não há limites financeiros para Thorent Moore. — Fez um gesto com as mãos se apresentando, deu passos para trás e voltou a se deitar no meu colchão. — Bem, agora que estamos em paz, eu preciso que você sonde os outros moradores da casa sobre os ataques a TMT. Claro, seja mais genérica possível, não se torne óbvia.

— Eu não concordei com nada. — Deixei a caixa em cima da mesa do escritório. — Você poderia sair do meu quarto para que eu possa me vestir?

— Pode ficar despreocupada, eu já vi mais corpos femininos do que você possa imaginar. Não há nada que você tenha que nunca vi. — Sua arrogância não parecia natural, ninguém era tão egocêntrico. Fui para a minha cômoda escolher a roupa e o encarei com desespero. — O que foi?

— Não me importo com o que viu ou fez, eu quero privacidade!

— Estamos em paz, Nayara.

— Mas me dar um notebook ao invés de pedir desculpas não te dá o direito de... — Parei de falar, porque o homem me encarava como se estivesse falando a coisa mais absurda do mundo. Como não poderia jogá-

lo da janela e não tinha chamado à polícia desde a primeira invasão que fez na minha casa, soltei o ar com força e desisti.

Tentei me esconder na lateral da cômoda, fiquei de costas para ele e vesti a calcinha mantendo a toalha ao meu redor. Estava indignada que todas as experiências com um homem no meu quarto tinham um resquício traumático. Parecia que o universo queria mostrar que sempre dava para piorar e eu tinha que aceitar o primeiro acontecimento.

Peguei a calça legging e me senti menos nua, faltava a parte de cima, a mais difícil. Meu rosto começou a esquentar quando olhei por cima do ombro para conferir o intruso, ele parecia entediado, mesmo que isso o tornasse alguém íntimo na minha vida.

Voltei a focar em mim, coloquei as alças do sutiã rosa-claro, ajeitei no seio antes de puxar a toalha para sair do meu corpo. O pingente de metal retorcido pendurado na correntinha se escondeu entre a lingerie, pelo menos ele estava protegido.

Ao puxar a blusa da cômoda, não a encontrei e Thorent estava próximo de mim com ela em mãos. Tampei meu busto e escorei as costas na parede.

— Por mais óbvio que seja, preciso perguntar: você é virgem?

— O quê? Por quê...

— Se não for, poderíamos brincar um pouco. Sua timidez me excitou, parece não ter noção do poder de sedução que tem. — Deslizou o dedo pelo meu braço, foi até meu pulso e voltou, causando um arrepio.

Quem estava precisando de ajuda mental era eu, porque seu toque causou um rebuliço nas minhas entranhas, de um jeito bom. Minha respiração começou a acelerar, o olhar magnético do homem me enfeitiçou e eu só poderia me segurar bem nesse balão da ilusão ao qual me enrosquei para não espatifar no chão.

— Você quer? — perguntou sedutor.

— Não deveria, mas sim — murmurei olhando dos seus olhos para os lábios. Será que iria me beijar?

— É virgem, Nayara?

— Sou.

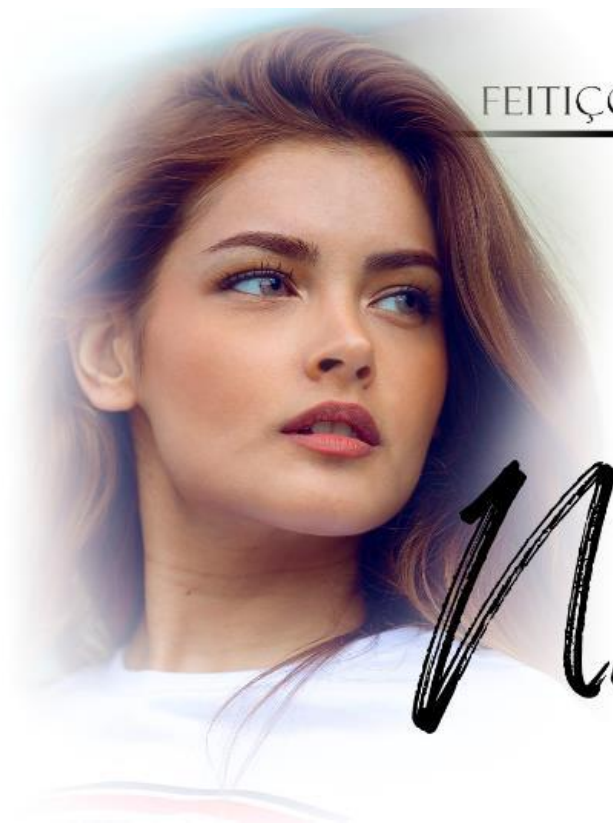
Ele abriu um sorriso satisfeito, deu passos para trás e bateu palmas animado. Pisquei os olhos várias vezes antes da minha blusa ser jogada em meus braços e o clima sedutor ter se dissipado.

— Ótimo! Você me ajudará em mais de uma coisa. Preciso de um pouco do seu sangue.

As lágrimas picaram meus olhos, senti-me ridícula ao me perceber, minimamente, atraída por ele e, depois, ser descartada. Eu era um meio para um fim de um louco que invadiu minha casa.

— O que você quer, afinal? Quem é você?

— Sou Thorent Moore, o bruxo da mesma linhagem que encantaram as madeiras dessa casa. — Esticou o braço e tocou o forro, como se não tivesse me dito uma insanidade. — Nossos destinos foram entrelaçados, você irá me ajudar e será bem recompensada. Vou te salvar de viver o resto da sua vida nesse solitário sótão pelos seus serviços prestados.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 13

— Vai embora, seu louco. — Coloquei a blusa com raiva e o enfrentei. — Eu não sou psiquiatra para lidar com suas sandices. Saia!

Avancei nele com as mãos fechadas e comecei a bater no seu corpo. Ele, facilmente, segurou meus punhos e me encarou com raiva quando ameacei chutar suas bolas novamente. Os dedos na minha pele, além de uma picada de dor, emanavam calor, a mesma energia quando nos tocamos pela primeira vez.

— Tudo o que não dominam, julgam. O que desconhecem, demonizam. — Soltou com raiva e me fez recuar até minhas costas estarem contra a parede. Meus braços estavam na altura da minha cabeça ao meu lado, estava rendida a esse estranho. — Não tenho empatia ou compaixão pelos humanos, que não prestam *pra* nada! Fracos, limitados, imperfeitos...

— Como a cicatriz perto da sua sobrancelha? — Interrompi-o com raiva, percebi que a aparência era muito importante para o seu ego e eu iria pisar tanto quanto ele estava fazendo comigo. Tentou esconder o incômodo, por isso continuei: — Ou a assimetria do seu rosto? Sua bochecha é maior de um lado, Thorent.

— Não sabe o que está falando.

— Se é bruxo, por que não conserta tudo isso?

— Cale a boca! — esbravejou e, ao invés de recuar, eu queria feri-lo. Para atingir meu objetivo, teria que entrar no seu universo. Se ele era o poderoso bruxo e eu, a simples humana, ele teria que provar.

— O quê? Não consegue fazer um simples feitiço de melhoramento de aparência? Eu, com maquiagem não genuína, consigo fazer melhor.

— Ah, Nayara, não sabe com quem está lidando. Nenhum feitiço de proteção será o suficiente para que eu acabe com essa confiança descabida. — Aproximou seu rosto do meu e a ponta dos nossos narizes se

tocaram. — Sou cordial e político, mas sei ser cruel e insensível, você não quer conhecer esse lado.

— Vai levantar sua varinha e me transformar em um sapo?

Prendi a respiração e arregalei os olhos ao sentir seus lábios contra os meus. Ainda com os pulsos presos pelas suas mãos, contra a parede, eu juntava forças para erguer a perna e chutar suas bolas, mas o pingente que eu carregava comigo esquentou meu coração.

Como se fosse o certo – e não o absurdo como seria sensato pensar –, soltei o ar pelo nariz, fechei os olhos e o deixei me beijar. Não como os selinhos que troquei na adolescência, não como o último beijo de língua que dei antes de concluir o ensino básico.

Thorent pressionou seu corpo contra o meu, inclinou a cabeça e fez com que sua língua invadisse minha boca. Explorou todos os cantos, dominou meus sentidos e me fez submissa aos seus desejos. Não havia palavras cruéis ditas que me forçariam a interromper um momento de pura magia que estava vivendo.

Minha vida nunca tinha sido certa, a atração pelo invasor só estava seguindo a mesma linha de acontecimentos desde a morte da minha mãe.

A mão possessiva e grande escorregou pelo meu braço, chegou até meu ombro e encontrou meu seio. Esse ato ultrapassava o limite do que estava disposta a fazer, além do homem ter razão, eu era virgem, apesar dos meus vinte anos.

— Thor — falei entre os beijos. Ele massageava meu seio com tanto apreço que quase me convenceu a dar um passo a mais. Abri os olhos e usei a mão livre para afastá-lo. — Calma, por favor — implorei conseguindo que interrompesse o ato.

Pareceu confuso por um momento, olhou-me dos pés à cabeça e a chacoalhou em negação, parecia querer se livrar de um pensamento ardiloso. Olhou ao redor, apontou para o notebook e deu passos para trás.

— Busque informações sobre os ataques a TMT. Não diga que eu estive aqui, muito menos que está trabalhando para mim, ou sua vida poderá correr perigo. Sem magia, precisará ser discreta.

— Eu não sou sua empregada. — Cedi os ombros, porque ele estava de volta ao seu universo, o qual todos pareciam atender suas vontades. — Você me beijou.

— Poderá ter mais desses quando fizer sua parte. — Deu passos até a janela do sótão. — Mas, primeiro, você precisa me dar seu sangue por vontade própria.

— Só vai embora e me deixa em paz. Não terá mais nada de mim. — Cruzei os braços, estava sem forças para iniciar uma briga com ele. Ele iria embora e eu me perguntava quando voltaria. — Hei!

— O que foi? — Colocou uma perna para fora e me encarou, como se não houvesse abalado o meu mundo. Quando sorriu com malícia, percebi que me estava portando com muita vulnerabilidade perante a um estranho.

— Se é bruxo, por que não voa ou, apenas, desaparece?

— Há coisas acontecendo que você não precisa saber no momento, *Prinki*. Fale com os outros moradores da casa e consiga a informação que eu preciso. Por que estão me atacando? Quem está acima deles?

Dei um passo para a frente quando o vi sumir da janela. Passei as mãos pelo cabelo, olhei ao redor e parei no teto, em busca do que ele disse conter. Magia? Eu só via ranhuras na madeira, era tão normal como em qualquer outra peça da casa.

Toquei os lábios e precisei de alguns minutos deitada no meu colchão para sentir o cheiro de Thorent. Por mais insana que fosse a atração crescente no meu peito, ter a minha correntinha reagindo à sua aproximação me dava a confirmação de que estava fazendo o que era o certo.

Estar no caminho a ser seguido não queria dizer que era o mais sensato. Minha alma já estava ferida de outros acontecimentos, mas isso não me impedia de me agarrar ao que eu acreditava ser a minha salvação.

Inspirei próxima ao travesseiro e gemi de frustração. Thorent estava certo, eu era apenas uma excluída da sociedade que vivia em um sótão, sem família ou amigos para se preocupar. Meus clientes eram os únicos com quem eu mantinha contato e não eram suficientes para me apegar.

Sem emoção, apenas contato profissional, era tudo o que eu conhecia até que o invasor me mostrou uma montanha-russa de sentimentos.

Forcei-me a levantar, ir até a mesa do meu antigo computador e desencaixotar o notebook. Pluguei o meu teclado e mouse para antes de ligar o aparelho e ter uma explosão de cores nos meus olhos. Ele não me compraria com um presente, mas, com certeza, iria aproveitar o que tinha recebido.

Conectei-me à internet, baixei meus programas de trabalho e, enquanto eram instalados, lembrei-me da comida próxima _à porta. Com ela gelada, forcei-me a mastigar enquanto configurava o aparelho para atender às minhas necessidades.

Inspirada além do normal, trabalhei sem ver a hora passar. Encaminhei o trabalho de quadrinhos que estava atrasado e me dei um momento para jogar on-line, algo que não fazia por conta do baixo processamento que eu tinha no outro computador.

Segurei a vontade de ir ao banheiro até o máximo que consegui, ainda mais por escutar barulho no andar de baixo. Sem alternativa, teria que cruzar com os homens de quem eu tanto fugia em plena rotina noturna da casa.

Abri a porta, baixei a escada e Marcílio apareceu na minha frente quando estava na metade dos degraus. Com as mãos cheias de louça para levar na cozinha, tentei não me sentir intimidada.

— Pensei que você tinha morrido aí em cima. — Aproximou-se e cheguei no último degrau para desviar dele. — Não escuto seus barulhos, nem dos ratos.

— É porque não tem nenhum. Eu sou silenciosa. — Fui para a cozinha e tentei não me incomodar com ele me seguindo.

— Ah, então é você que rouba a nossa comida. Vou avisar ao pai que as cervejas somem por sua causa.

— Eu não as roubo, pego apenas as sobras. — Coloquei tudo na pia e comecei a lavar, sua aproximação me fazia sentir péssima.

— Está cheirando estranho. — Marcílio se aproximou para inspirar perto do meu cabelo e dei um pulo para longe dele. Riu do meu ato, ele sabia o poder que tinha sobre mim. — Calma, Cinderela. Você precisa de um banho e eu posso te dar.

— Não! — A vontade de ir ao banheiro aumentou e, se não fosse me aliviar o quanto antes, faria por conta do medo.

— O que está fazendo aqui? — Escutei a voz de Marcus, meu padrasto. Encurralada em um canto da cozinha, cruzei as pernas numa tentativa falha de segurar o xixi. — Por que está agindo assim?

— Banheiro — murmurei e ele puxou o filho para sair da minha frente.

Corri até o banheiro, tranquei a porta e me aliviei. Mesmo com a idade que tinha, me sentia uma criança fugindo do castigo. Nunca era tarde para pensar em sair daquela casa, tinha que encontrar o meu lugar longe dali. O grande problema era que eu tinha um apreço especial pelo sótão, como se eu me colocasse em perigo se não me escondesse lá.

Depois de conseguir um minuto para me recompor e me armar de estratégias para revidar caso alguém me atacasse, abri a porta e meu padrasto estava me esperando do outro lado.

— Achei que você tivesse ido embora.

— Vou dar um jeito, sei que não sou bem-vinda. — Tentei passar por ele, continuou com a sua postura intimidadora na minha frente.

— Meu filho está com alguns... problemas. Você o provoca e desperta o pior dele.

— Eu não tenho culpa — respondi chateada, não me sentia responsável pelo meu meio-irmão agir estranho. — Eu poderia passar?

— Precisa sair, Nayara. Estou lidando com algo importante e você não pode ficar. Está me entendendo? — Pegou no meu braço e apertou, as palavras de Thorent vieram à minha mente.

Descobrir o que meu padrasto e meio-irmão estavam fazendo contra a TMT. Se não estivesse enlouquecendo junto com o invasor, poderia

conseguir informações preciosas sobre um grande acontecimento.

— Nem se eu quiser me juntar a vocês? — perguntei ousada, a voz trêmula não passou muita confiança.

— A não ser que queira virar refeição, sugiro que esqueça essa casa, que fez parte dessa família. É o máximo que posso fazer pelo que sua mãe se sacrificou por mim.

— Me tira daqui! — Batidas soaram na porta de um dos quartos, era Marcílio desesperado. — Eu a quero. Preciso dela, por favor!

— Vá! — rosnou empurrando-me para próximo da escada. — Terá até amanhã de manhã, depois, eu lavo as minhas mãos.

Subi os degraus tropeçando nos meus próprios pés. Recolhi a escada e fechei a porta em desespero, sem saber explicar o que estava por vir.

Tanta coisa estranha acontecendo, não me surpreendi com a escolha do lugar onde poderia me refugiar. Mesmo sem ter as informações que Thorent precisava, eu iria atrás dele em busca de um canto para recomeçar.

Olhei para o teto, senti meu coração apertar por ter que abandonar aquele espaço. Coloquei a mão no peito e senti o pingente da minha correntinha esquentar, era o certo, apesar de me incomodar.

Minha missão da vida ainda não tinha sido concluída, eu tinha que sobreviver.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 14

Tomei uma segunda cápsula encantada para evitar que eu dormisse ao som de *Killing Strangers*, por Marilyn Manson.

“Estamos matando estranhos

Para não matar aqueles que amamos”

Na minha sala da TMT, balançando a cabeça enquanto andava de um lado para o outro, eu esperava os duendes encontrarem a lanterna que me mostraria o que estava escondido com magia, na casa de Nayara.

Mordi o lábio, fechei os olhos e me entreguei ao ritmo da música, eu tentava bloquear os pensamentos incômodos sobre como se senti ao beijar aquela boca e tocar o seu corpo. Era tesão, parecia que eu tinha tomado mais de uma poção de luxúria feita por Bastiaan. Demorei para acalmar a minha ereção, eu só conseguia pensar que eu precisava do sangue dela enquanto virgem.

O fetiche de ser o primeiro homem de uma mulher tinha desaparecido há anos. Para ser mais exato, quando selei meu coração, nunca mais pensei em me aproximar da inexperiência da espécie.

Para o sexo, minhas escolhas eram sempre as mais exuberantes. Odiava a mesmice, tudo tinha que ser feito com cuidado e extraindo o máximo do prazer. Elas deveriam me servir e, só então, eu as faria alcançar o clímax.

Batidas soaram na porta e parei o que fazia para encarar quem abria a porta. Minha secretária sorriu sem graça ao me ver com a camisa para fora da calça e sem gravata. Mesmo que não precisasse dormir por dois dias, induzido pelo poder do comprimido mágico que tomei, a mente não conseguia acompanhar com a mesma eficiência que os músculos do corpo.

— Senhor, tem uma pessoa querendo falar com Thorent Moore. Diz ser urgente e não sairá da recepção, mesmo depois de informado que o CEO não estava presente. Pensei que poderia falar com ela, ou mesmo me sugerir o que devo fazer.

— Quem é? — Passei as mãos no cabelo e tentei me recompor. A música de rock no fundo não contribuiu para aliviar a impressão desajustada que eu estava passando.

— Nayara Blaine.

Coloquei a camisa para dentro da calça e encarei Kiara sem demonstrar a euforia que eu estava por ter aquela virgem em minhas mãos. Se veio ao meu encontro, queria dizer que conseguiu algo com seus familiares ou ansiava por um pouco mais do meu sabor.

Ah, eu beijaria aquela mulher um pouco mais, apenas para desestabilizá-la. Seria dono das suas vontades, mais uma fiel subordinada para me rodear. Por mais que preferia os seres mágicos, como minha secretária, ela teria sua utilidade sendo humana.

— Pode deixar entrar, eu resolvo esse problema do... meu primo.

Dispensei-a com um movimento de mão, fui até o espelho e conferi minha aparência. Amaldiçoei meu amigo bruxo Bastiaan por não ter me dado nem um mísero recipiente da poção de mudança de aparência. A cicatriz próxima da minha sobrancelha, que Nayara apontou, parecia mais saliente do que antes.

— *Prinkí*, pare a música — pedi suave e o alto-falante cessou a música. Poderia não ter os meus poderes, mas naquela sala, eu me sentia menos desesperado sem eles.

Sentei-me na cadeira aconchegante atrás da mesa, a porta se abriu e Zaz surgiu dela.

— Chefe, a lanterna está a caminho — falou animado e veio se sentar na cadeira à minha frente.

— Eu não quero falar com você. Saia.

— Lux pode ter o coração mole, mas eu — apontou para a minha costela e me contorci por conta das cócegas que provocou com sua magia — posso te punir por ser tão grosseiro.

— Não é momento, duende. Volte para a sua sala e me deixe resolver parte do problema. — Virei o monitor na sua direção e apontei para o gráfico com a linha vermelha. — Quinze ataques só na última hora. Cuide do firewall, faça seu trabalho.

— Estou curioso para saber por que me quer longe. — Cruzou os braços e empinou o nariz. Olhar de forma ameaçadora não adiantou, ele tinha perdido a noção do perigo em me provocar a todo momento.

— Farei churrasquinho das suas orelhas se não sair dessa sala imediatamente.

— Vai nada, você me ama, só não sabe demonstrar.

Olhamos para a porta quando ela se mexeu. Kiara apareceu primeiro e deu espaço para Nayara passar. Com um semblante carregado de preocupação e medo, a humana arrastou uma mala aos seus pés.

— Oh, isso está ficando interessante — Zaz murmurou.

— Aqui está ela, senhor. Quer que eu faça mais alguma coisa?

— Obrigado, Kiara. Eu assumo aqui. — Levantei-me quando percebi que o duende estava fazendo o mesmo. — Zaqueu — repreendi-o com o nome humano que ele adotou.

Com a porta fechada e a garota mais parecendo um animal acuado, ela olhava de mim para Zaz sem entender.

— Você é a virgem que vai entregar o sangue de boa vontade para a poção da sorte? — o atrevido falou estendendo a mão na direção dela.

— Sai fora! — rosnei para meu escudeiro e o empurrei para longe. Ele riu dando passos para trás e quase caindo. — Nayara, o que faz aqui com essa mala?

— Eu sabia que você não era Thorent Moore. É o primo, Raphael.

— Praticamente um anjo — Zaz zombou de longe.

— Como te disse, sou um bruxo e estou nessa forma para despistar os inimigos. Acredite, eu sou o dono ou não estaria nessa sala. — Abri os braços para me justificar.

— Tudo está tão confuso. — Cedeu os ombros e olhou para o chão.

— Aconteceu alguma coisa? Conseguiu as informações que eu precisava? — Forcei o sorriso para parecer simpático. Lutei contra a vontade de soar insensível, já que precisava dela para conseguir quem era o meu inimigo.

— Fui expulsa de casa, eu não tenho para onde ir. O último lugar que eu deveria estar era na empresa de um louco, de frente com a pessoa que parece que começou tudo de ruim na minha vida.

— Isso quer dizer que você falou com eles. Por que estão atacando a TMT? Qual a localização dos servidores? — Segurei seus braços, a vontade era de chacoalhá-la para falar o que eu precisava, não que choramingasse.

— Marcus teve que prender meu irmão no quarto. Ele me queria... servir de comida... eu não sei... está tão estranho. — Soltou um soluço e se jogou nos meus braços, apertando minha cintura e molhando a minha camisa. O choro era de desabafo, parecia ter segurado as lágrimas por muito tempo e, finalmente, as libertou.

Olhei para Zaz, sua comoção pelas palavras da outra me fizeram revirar os olhos. Com as mãos no ar, sem saber o que fazer, tentei não pensar no calor que aquele aperto me causava ou mesmo na descarga elétrica de prazer que saía dela e vinha para mim. O caminho sem desvios até a minha ereção seria bem aceito, se não fosse a plateia indesejada.

— É só pôr as mãos nas costas dela, Thorent. Um toque suave, breve. Tente, não vai doer — Zaz soou tão tranquilo, que o encarei confuso. Próximo de nós, ele parecia observar a cena como se fosse um laboratório.

Percebendo que estava contracenando uma cena íntima com a humana, afastei-a do meu corpo e fui até a minha cadeira, precisava nos

impor distância antes que uma maldição pior pudesse somar com a minha desgraça.

O duende segurou na mão dela e falou baixo, o que a fez rir e chorar ao mesmo tempo. Observei a interação dos dois, o cumprimento de mãos e o sorriso singelo dela com certa inveja. Se tivesse meus poderes, só os mandaria para um vulcão em erupção, para queimarem e me deixarem em paz. Merda, mesmo assim não daria para dispensá-los, a empresa continuaria sendo atacada e eu ficaria sem os meus poderes.

Talvez estivesse na hora de esquecer a reputação humana para não perder a sanidade sobrenatural.

Sendo quase da mesma altura dela, Zaz a trouxe até a cadeira à minha frente e ajeitou sua mala aos seus pés, enquanto se sentava do lado dela. Parecendo compartilhar alguma coisa, eles trocaram olhares antes de focarem em mim.

— Não me olhe desse jeito, eu só contive os danos. Nay precisa de um lugar para ficar, eu ofereci o meu quarto para ela.

— Vai abrigar uma humana no seu apartamento? Leonard precisa ser consultado. — A vontade era de decretar que ela ficaria comigo, mas essa possessividade não fazia sentido para mim. — Vai falar o que sabe ou não?

— Eu acho que o irmão dela virou um *Carniçal*. Esse desejo irrefreável pela irmã, como se a quisesse comer – literalmente! Eles estão envolvidos com demônios, chefe. Tenho certeza.

— E você descobriu tudo isso em dois minutos? — Olhei com tédio de um para o outro. — Vamos, Nayara. Não me interessa se sua família fez um pacto com...

Arregalei meus olhos ao me dar conta de que muita coisa faria sentido se algum demônio estivesse envolvido no ataque cibernético. Fiz muitos inimigos, tanto com aliados da luz quanto os companheiros das trevas. Com o fim da guerra na Dimensão Mágica, era cada um por si e eu com Bastiaan e Áthila.

— Fez os cálculos, né? — Zaz bateu na mesa com os dedos, estava se vangloriando por ter encontrado informações antes de mim. — Bem, ela pode ficar em casa, mesmo sem o consentimento do Lux, porque o apartamento é nosso. Ela já sabe que você é um bruxo, apesar de parecer cética com o mundo sobrenatural. Por que não me tratar como um duende?

— Sério? Mas você é tão... alto! — Nayara se virou para ele e mexeu no seu cabelo. Mesmo com um corte rente a cabeça, ele escondia suas orelhas, levemente, pontudas. Não gostei quando ela o tocou e encontrou sua imperfeição, ainda mais quando Zaz aplicou o seu poder do riso nela. — Oh! O que foi isso? Meu Deus, é de verdade.

— Quero ela para mim, chefe — o duende falou brincando, bati as mãos abertas na mesa, levantei com raiva e me inclinei para a frente. Os dois engoliram o riso e me encararam preocupados.

— Saia — ordenei para Zaz, que daquela vez, não contestou, apenas saiu dando um aceno gentil para Nayara.

Encarei a mulher e tentei não me descontrolar mais do que já estava, havia sentimentos que não sabia lidar, eu só queria explodir sem medir as consequências. De noite, na minha casa, tomaria meu banho relaxante e iniciaria um novo dia sem me preocupar com o que já foi.

Depois dos primeiros cem anos, um ser mágico só pensava em curtir a vida, não sofrer pelas ações que não poderiam ser mudadas. Por isso, voltei a me sentar e refleti sobre o que faria com a humana sem-teto. Ah, eu a faria me dever, muito mais do que sua própria alma.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 15

Minhas pernas começaram a chacoalhar, minhas mãos suaram e, ao invés de me intimidar, eu só conseguia olhar para os seus lábios e gravar na minha mente todas as ranhuras que existiam neles. Eu precisava desenhá-lo, mais uma vez, porque todos os outros que fiz pareciam insuficientes.

— Teve sorte de não estar morta. Se seu irmão, realmente, virou um *carniçal*, você deveria estar em pedaços... ou apenas os ossos. — Recobrou a compostura indiferente, sentou-se com as costas apoiadas na cadeira e me observou com superioridade. — Só tem isso para me dizer?

— O que sei, é que eles estão fazendo algo. Marcus me falou que estava me dando uma chance, pelo sacrifício que minha mãe tinha feito por eles. Se tudo isso que você falou e o Zaz confirmou é verdade, eu acho que minha mãe não morreu de infarto. Quantas coisas mais me esconderam?

— Eles não disseram o nome do demônio? Alguma palavra estranha ou sigla? — Ele ignorou minhas divagações pessoais, o tal bruxo só pensava no próprio umbigo.

— Não, apenas que meu padrasto precisou trancar meu meio-irmão no quarto para não me atacar. Mas, depois que me tranquei no sótão, ele não veio atrás de mim.

— Porque você estava protegida, as madeiras daquele forro estão encantadas com a magia de proteção de raio. Alguém do meu clã estava te protegendo, ou a sua mãe pagou para alguém, não consegui decifrar há quanto tempo ou desde quando o encantamento foi feito.

— Eu nunca vi ou percebi isso. — Olhei para as minhas mãos em busca de uma resposta. Longe do sótão, eu me sentia tão perdida. — E agora, Thorent?

— Sangue. — Sorriu com arrogância. — Preciso do seu sangue virgem, mas você tem que me dar de boa vontade.

Levantei-me quando ele saiu da sua cadeira e veio na minha direção como um predador. Sem irritação ou intimidação, o que estava me fazendo recuar dele era o charme no seu sorriso e o olhar sedutor.

— O que... está fazendo? — Encontrei um armário nas minhas costas depois de ter dado passos para trás, escondi minhas mãos na lombar e respirei acelerado.

— Vou te seduzir, *Prinkí*. Irei te fazer implorar por mais.

— *Não entendi o comando* — uma voz robótica soou e fez com que o avanço dele parasse.

Franzi a testa e mordi o lábio, ele analisou meu rosto e continuou com seu ar encantado para me seduzir.

— *Prinkí*, toque *Glow*, por RHODES.

— Afinal de contas, o que quer dizer isso?

— *Prinkípissa*, a palavra que mais te define tamanha é sua fragilidade e inocência. — Tocou meu rosto e a mistura do trecho da música com a sua ação me fez esquentar por dentro. — Significa princesa, em grego. Eu só adaptei para que fosse fácil de pronunciar.

“Há uma luz em você

E isso é tudo o que importa para

Tudo o que eu cuidar”

Sua mão encaixou firme na minha nuca, trouxe minha cabeça para próximo da dele e tocou meus lábios com suavidade. Suspirei em contentamento, afinal de contas, eu estava sozinha no mundo e tinha um ser encantado interessado em mim. Louco, egoísta e muito instável, mas era um bote salva-vidas que eu precisava para não me desmanchar.

Estiquei os braços para envolver seu pescoço e suas mãos foram para a minha cintura. Mais contido com a exploração do meu corpo, ele se

manteve apalpando as laterais do quadril e coxa enquanto eu virava o rosto para aprofundar o beijo.

O sabor da sua saliva era indescritível, a maciez dos seus lábios e a pressão que fazia me inspirava a desenhar. Não tinha outra forma de me expressar, eu necessitava recorrer ao meu caderno de rascunho, uma das poucas coisas que trouxe comigo na mala, além do notebook e roupas.

Uma de suas mãos desceu até a parte traseira do meu joelho, puxou minha perna e se esfregou na minha região mais pulsante de forma despudorada. O ritmo do beijo ainda estava lento, a sensualidade me fez recobrar a consciência que, além de ser uma garota assustada escondida no sótão, eu ainda era uma mulher que poderia sonhar.

O fogo que se alastrava do pingente até meu ventre me deu coragem para ir além. As ideias de Thorent foram outras, porque ele se afastou e limpou o canto da boca com o punho. O sorriso arrogante fazia a flor romântica que desabrochava no meu peito, murchar.

— Então, você poderá ter muito mais se me der um pouco do seu sangue. Será o melhor sexo que você já teve.

— O único — murmurei dando a volta nele e indo até a cadeira para me sentar, as pernas estavam bambas e não me aguentariam de pé por muito tempo. — E depois?

— Como assim? — Veio até meu lado, apoiou a mão em cima da mesa e se inclinou na minha direção. — Quer um lugar para ficar? Danika poderá arranjar um quarto para você na minha casa.

— Quem é ela? — Fiquei horrorizada ao pensar que ele poderia ser casado e estava se divertindo comigo.

— Minha governanta, também bruxa. — Pelo meu olhar assustado, ele riu e continuou: — Entrou nesse mundo, humana, não há mais volta. Tudo pode ser muito mais do que aparenta, inclusive você.

Tocou meu rosto com o dorso da mão. Até um carinho poderia ser muito mais do que um simples gesto, eu estava aprendendo, só não queria me iludir no processo.

Um alarme soou, Thorent se transformou em seriedade, foi para a sua cadeira e conferiu o computador. Digitou no teclado como se estivesse castigando-o por ser o responsável de algo e xingou baixo, inclusive em uma língua que eu desconhecia.

— *Prinki*, chame Lux — falou alto e a música de fundo parou de tocar.

— *Chefe, estou vendo* — uma voz masculina soou no alto-falante.

— Por que não para esse ataque do caralho? No log está aparecendo o download de dez mil registros das nossas bases antes que eu conseguisse derrubar a conexão deles.

— *Foi uma armadilha, só tem informações da base de teste de Zaz. Você não precisa monitorar o meu serviço.*

— Irei fazer enquanto a porra da lanterna mágica não chegar nas minhas mãos para dar prosseguimento na investigação. A propósito, eu já tenho o sangue da virgem para o chá da sorte.

— Eu ainda não concordei! — Atravessei a conversa com indignação.

— *Oh! Ela ainda está na sala com ele, Zaz* — o tal Lux falou assombrado. — *Chefe, por que não vai descansar? Deixe por nossa conta, eu levo o que precisa na sua casa.*

— É minha reputação que está em jogo, duende. Ficarei na sua cola enquanto eu achar necessário.

— *Ou, você pode ir almoçar com sua convidada e dormir, de verdade. As cápsulas mágicas para te deixar acordado não têm um bom efeito colateral. Perder massa muscular magra é uma delas.*

— Vai se foder — resmungou empurrando o teclado para o lado. — *Prinki*, desliga. — Ele se levantou e contornou a mesa. — Vamos.

— O quê? Onde?

— Para a minha casa. Estou com fome, preciso relaxar e você vai se acomodar em algum canto até decidir entregar o sangue para a poção.

— Mas, Thorent, e depois? — Tentei segui-lo enquanto carregava a minha mala em direção à porta da sala.

— Sei o que EU preciso fazer, não vou me preocupar com o que você quer ou para onde pretende ir. Quer se mostrar útil e entrar na minha equipe? Te dou esse privilégio, Nayara. Talvez seus desenhos se tornem úteis quando eu retomar os meus poderes.

Ele abriu a porta e saiu com a minha mala, sem perceber que tinha me dado uma valiosa informação. Thorent era egoísta o suficiente para me seduzir e jogar fora, só que ele estava em pé de igualdade comigo, porque não tinha poderes mágicos.

— Nay! — chamou-me com um grito, fui atrás dele com o coração acelerado e a mente fervilhando de ideias.

Sabia que não tinha o poder de transformar as pessoas, mas eu poderia mudar para me adaptar àquela realidade, como fiz depois do ataque do Marcílio, ou mesmo antes, quando minha mãe morreu.

Thorent teria trabalho para me tornar tão submissa quanto ele achava que eu era.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 16

No estacionamento, Zaz surgiu ao nosso lado e entrou no carro mesmo não tendo espaço para nós três. Depois de uma briga calorosa de palavras e uma ameaça velada de não fornecer uma lanterna mágica, o bruxo cedeu.

O duende se encaixou em algum canto entre os bancos e ficou com o rosto entre nós dois enquanto Thorent dirigia pelas ruas de Dublin. O sorriso de criança arteira de Zaz me contagiava, mesmo com minhas incertezas, eu sentia que estava próxima de alguém genuíno, sem medo de se expressar.

— Você disse que mora com Lux. É seu... companheiro? — perguntei ao duende, Thorent riu alto. Fiquei com medo de ter ofendido Zaz, mas ele estava sereno.

— É um amigo, estive na mesma cela de tortura que eu. — Ele deu de ombros, despreocupado quando demonstrei choque. — Faz muitos anos, mas aceito um colo, se você quiser me dar, para me consolar.

— Fica na sua — o bruxo rosnou sem nenhum humor.

— Troquei um algoz por outro, então, meu inferno ainda existe. — Ele fez bico e fingiu estar magoado, o que me fez rir. — Você é muito bonita, Nay.

— Obrigada, Zaz.

O carro foi freado bruscamente e o duende quase parou no painel da frente. Olhei chateada para o motorista, que estava fazendo um grande esforço para nos ignorar.

— O que você faz? É muito delicada para trabalhos braçais ou que demande energia de briga.

— Eu desenho, faço artes manuais e digitais. — Olhei para Thorent ao lembrar-me da sua doação de notebook. Percebi outro detalhe no seu rosto e o memorizei, para desenhar depois.

— Pare de me olhar — resmungou virando o volante.

— O chefe não gosta da sua aparência natural. Eu acho que foi algum trauma de infância que o fez viver tendo uma máscara. Mesmo sendo um bruxo renegado, tem um bom coração.

— Cale a boca, duende.

— Por que o trata com tanta rispidez? — reclamei tomando as dores do meu novo amigo.

Em resposta, ele ligou o som do carro, aumentou o volume e deixou a música tomar conta.

“Nós estamos indo para baixo, para baixo um round mais cedo

E querida, nós estamos indo para baixo balançando

Eu serei seu número um com uma bala

Um complexo de Deus carregado, engatilhe e atire”

Sugar, We're Going Down – Fall Out Boy

Olhei-o com irritação, depois para o duende, que parecia inabalável. Cruzei os braços e fiquei em silêncio o resto da viagem, o melhor era descobrir sobre o bruxo aos poucos.

Manipulador, sedutor e com pouca paciência, os atributos de Thorent Moore estavam aumentando cada vez mais na minha lista mental.

Paramos em frente a um grande portão ornamentado. Admirei a construção de dois andares que era revelado, o bruxo não economizava em nada ao seu redor. Com muita vegetação na frente e laterais contrastando com fios e câmeras, saí do carro encantada com o que via.

— O castelo na Dimensão Mágica era bem maior — Zaz falou ao meu lado e deu um pulinho. — Mas o meu apartamento também é confortável. Poderíamos jogar um pouco de RPG, nos conhecermos melhor...

— Pare de dar em cima dela. Temos que mantê-la virgem. — Thorent me puxou pela mão, Zaz ria como se tivesse feito a melhor piada.

Percebi que o duende estava falando daquela forma apenas para provocar o bruxo. Longe de mim pensar que era ciúme, eu era apenas um meio para um fim.

Entramos na casa e uma mulher elegante com um uniforme se interpôs entre nós. Seu olhar arregalado para mim me assustou e acabei recuando atrás de Thorent por medo. Se todos que eu achava que eram humanos poderiam ser criaturas mágicas, não poderia arriscar.

— Senhor? — Respirou fundo e encarou o bruxo.

— Ela sabe sobre nós, Danika e ficará um tempo na casa, providencie um quarto para acomodá-la. Sirva o almoço, veja se Nayara precisa de alguma coisa e prepare o meu banho.

— Nay, fica mais íntimo — Zaz soltou enquanto Thorent saía da sala em direção às escadas. Era uma mansão com ar antigo, cheia de detalhes cinza e brancos.

Os quadros gigantescos e as cortinas grossas me lembravam dos filmes de época, o homem da tecnologia se contradizia ao manter tanta coisa clássica.

— Senhorita? — Deduzi que ela era a governanta e me encolhi. — Trouxe alguma bagagem?

— Pode me chamar de Nayara ou Nay, Zaz é muito simpático. — Olhei para o duende, que ergueu as sobrancelhas divertido. — E sim, a mala está no carro.

— Hoje tem ensopado? Diz que sim! — Zaz pulou animado e a mulher sorriu acenando afirmativo, ela parecia muito tensa. — Eu levo a bagagem da Nay para o quarto de visitas.

— Não apronte nada, ouviu bem? Depois sou eu que escuto os discursos de ódio do senhor.

— Longe de mim fazer algo para irritar o chefe. Ele pode eletrocutar minha alma. — Riu alto e saiu da casa, deixando apenas a mim e

a mulher.

— Vou preparar o banho de Thorent, não saia daqui. Tudo bem? — Danika forçou o sorriso e acenei afirmativo preocupada de não ser bem-vinda.

— Pode deixar.

Minha afirmação não durou um minuto, porque Zaz apareceu com a bagagem e me puxou para o andar de cima. Como se fosse o dono da casa, ele abriu uma porta e me colocou dentro de um quarto espaçoso, tendo uma enorme cama com dossel no centro.

Segurei no poste dos pés e admirei os entalhes na madeira, era tudo muito lindo. Para uma artista como eu, aquela mansão estava se transformando em inspiração.

Como no sótão, estar naquele lugar me fez sentir segura. Deveria ter perdido algum parafuso, porque eu aceitaria o cantinho que me ofertaram.

— Você está segura aqui, Nay. Thorent tem o rei na barriga, mas não se preocupe, eu te dou a minha palavra que ficará bem.

— Obrigada, Zaz. — Observei-o tirar os sapatos e subir em cima da cama, para ficar mais alto do que eu. — Estava precisando de um pouco de suavidade, já que conheci Thor em uma situação... complicada.

— Chame-o mais vezes como o deus do trovão nórdico, ele vai se sentir no ápice. — Deu um pulo e mais outro, às vezes, eu o via como uma criança e não adulto. — Conte-me mais sobre você.

— Não há nada para saber.

— Claro que tem, todo mundo tem uma história para contar, seja boa ou ruim. Vamos lá, me dê um aperitivo do seu passado.

— Perdi minha mãe alguns anos atrás, acho que pode ter algo mágico na sua morte. — Rodeei a cama, deixando minha mão tocar o tecido do cobertor que estava nela. — Sempre fui faladeira e animada, mas muita coisa mudou. Era solitária, depois do ataque do meu irmão, veio o medo.

— Eles não têm controle. *Carniçal* perde a racionalidade e só pensa em comer e comer. Carne, de preferência, fresca. — Fingiu-se de monstro e veio para cima de mim, ri e me afastei. — Antes disso, eles eram pessoas legais?

— Sim, em grande parte. — Fui para o closet, observar as prateleiras vazias. — Pensando sobre isso, minha mãe me blindava de estar com eles sozinha. Mesmo para levar ou buscar na escola, ela sempre estava por perto.

— E seu pai biológico?

— Não sei e ela nunca me falou sobre, era um assunto que a fazia sofrer, eu preferia não insistir. — Voltei para próximo da cama, Zaz tinha deitado nela. — Será que sou filha de algum ser mágico?

— Ou de algum abusador. — Fez uma careta e prendi a respiração. — Desculpe, Nay, sou sincero demais. Prefiro você como humana. Será divertido — ele apontou para mim e me contorcei rindo — te fazer sorrir.

— O que é isso? — Corri de um lado para o outro, fugindo dessa cócega invisível. — Socorro! É um ataque! — gritei em meio ao riso.

A porta do quarto se abriu em um rompante, tampei o rosto quando percebi que era Thorent nu, molhado e furioso.

— Oh, meu Deus! — Virei-me de costas para ele envergonhada.

— Que porra está acontecendo?

— Viril como sempre, chefe. Só não se esqueça de mantê-la virgem — o duende ironizou, virei para rebater espirituosa, mas ele saiu do quarto.

Daquela vez, estando sozinha com o bruxo, não me permiti recuar de observar cada detalhe do corpo esculpido pelos deuses. Panturrilhas e pernas bem delineadas, o quadril tinha o famoso caminho para a felicidade e seu pênis... era o primeiro que tinha visto de verdade.

Apressei-me em contar os gominhos da sua barriga, memorizar o tamanho do seu peitoral e a distância de um ombro ao outro. Quando

cheguei no rosto, percebi que estava perdida ao reconhecer o sorriso malicioso.

— Te deixar intocada ainda me dá uma gama de possibilidades, Nay. Vem tomar banho comigo.

Ao invés de responder, caminhei em sua direção, coloquei as mãos no seu peito e minha atenção foi para baixo. Ele ostentava uma ereção e, talvez, se eu não fosse tão insegura, poderia dar voz a meu lado adormecido.

Empurrei-o com cuidado, ele foi perdendo o sorriso a cada passo dado para trás.

— Sinto muito, eu ainda não consigo. — Fechei a porta e tentei não surtar ao ter dispensado um bruxo excitado. Não só a rejeição poderia fazer com que ele quisesse me enxotar daquela casa, como poderia despertar sua ira. Eu já tinha a indiferença, não queria agregar mais sentimentos ruins.

Longe de mim brincar com fogo, eu só não sabia que raios poderiam ser tão perigosos também.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 17

Se não fossem as ervas e os incensos para me deixar tranquilo e com sono, eu estaria fazendo um grande estrago no meu quarto. Rejeição não era o melhor dos sentimentos e despertava o meu pior. Ter a porta fechada na cara me fazia lembrar de tantas outras e de um ser minúsculo que me humilhava ao invés de me ensinar, consolar.

Passado, que se foda minha época de aprendizado, eu era o temido e poderoso Thorent Moore.

Sonolento, voltei para o meu quarto e me joguei na cama, do jeito que estava. Molhado e com alguns dos sais na minha pele, acomodei-me melhor para minha cabeça ficar em cima do travesseiro e eu pudesse dormir confortável de bruços.

Vi apenas escuridão, nenhum sonho, nada para me embalar enquanto relaxava nos meus aposentos. Quando abri os olhos incomodado com um barulho, fui atrás da origem e descobri que era o meu celular na cômoda de cabeceira. Gemendo de frustração, estiquei o braço e o peguei.

Alarme ativo: Acorda, chefe, você dormiu mais de doze horas.

Vi a mensagem na tela, desativei o barulho e me sentei colocando os pés no chão. Zaz deveria ter passado por aqui, aquele duende brincalhão estava testando todos os meus limites. Com meus poderes, eu costuraria sua boca ou o prenderia na cadeira, por algumas horas, mas estava sem recursos para enfrentar o ser mágico que me ajudava com a TMT.

Voltei minha atenção para a cômoda, percebendo que tinha algo mais naquele lugar e suspirei ao constatar que era a lanterna mágica. Levantei-me pronto para pôr uma roupa, o celular bipou novamente, acusando o recebimento de uma mensagem.

Áthila>> Preciso de informações sobre um tal de Ivan Petrov. Deve ter uns 25 anos e é russo.

Tive um momento de euforia. O bruxo que mais parecia o homem das cavernas poderia ter encontrado uma forma de recuperar os poderes e estava me pedindo ajuda. Claro, diferente dele e de Bastiaan, eu conhecia a tecnologia, mas não a utilizava pela facilidade da magia. Dedicado a monitorar o firewall e transformar meu ambiente em uma sala inteligente, eu tinha retomado parte da minha autoconfiança.

Dando passos até o banheiro, para tirar um pouco os ingredientes que ficaram no meu corpo, do banho do dia anterior, respondi a mensagem:

Thorent>> O que foi? Ele sabe como solucionar nosso problema?

Áthila>> Não. É só um cara com quem tenho que acertar umas contas.

Sem uma explicação racional, deduzi que esse homem poderia se tratar de algum concorrente da sua empresa de pedras preciosas. Favores se pagavam com outros favores e, na situação que eu me encontrava, andava precisando de alguns.

Acessei, pelo celular, minha máquina na TMT e coloquei o programa de localizar pessoas para funcionar, usando o nome e a nacionalidade que ele me deu como parâmetro.

Joguei o celular na cama, tomei uma ducha e coloquei uma roupa elegante. Para encontrar as máquinas que estavam atacando minha empresa, eu precisava fazer em grande estilo. Sem minha aparência fabricada pela magia, tinha que compensar minhas imperfeições com roupas de luxo.

Escutei uma música vinda da varanda do meu quarto depois de um bom tempo me admirando no espelho. Peguei o celular que estava em cima

da cama e a lanterna mágica, coloquei-os no bolso interno da jaqueta do meu terno e fui até aquela direção, a porta de vidro estava aberta.

Empurrei a cortina para o lado e fui recepcionado por uma grande claridade. O sol estava em sua máxima explosão por conta de estarmos próximos do horário do almoço. Coloquei a mão no rosto para tampar a luminosidade em excesso e vi alguém sentado em uma cadeira.

“Não estou te descartando como vidro quebrado

Não há vencedores quando a sorte é lançada

Só há lágrimas quando é dada a última chance

Não desista, é só romance de jovens amantes”

Broken Glass - Sai

Era Nayara, com as pernas dobradas de costas para mim. Os quartos eram conectados pela mesma varanda lateral, dando fácil acesso para transitar pelo lugar. Dei um passo na direção dela e, se não fosse a música, ela poderia ter me escutado.

Questionei-me sobre o que ela ficou fazendo enquanto eu estava dormindo. Dei mais um passo cauteloso em sua direção e consegui visualizar o que ela tinha no colo. Enquanto murmurava o refrão da canção, desenhava no seu caderno, o mesmo que eu vi esboços do meu rosto.

Era eu de corpo inteiro, Nayara não economizou nos detalhes dos meus músculos. Sorri ao perceber que ela colocou uma sombra proposital no meu quadril, para esconder meu pau ereto por cogitar levar aquela mulher para a banheira comigo. O tesão era inevitável e, sem medo de me apaixonar, eu me entregava para alcançar o máximo do prazer.

Toquei meus lábios, lembrando o nosso momento no sótão e no meu escritório. Se ela fosse menos tímida, poderíamos ter gozado algumas vezes antes de encerrarmos o ato.

— Oh! — Nay virou o rosto, tentou se levantar e caiu no chão. Seu caderno escorregou até meus pés e, antes que eu pudesse alcançá-lo, a garota veio engatinhando para impedir que eu o fizesse. — Você... acordou — gaguejou. Pela respiração descompassada, seu ritmo cardíaco deveria ter acelerado.

— Estou roubando seus pensamentos, *Prinkí*. Não vai me dar um beijo de bom dia?

— Thor, eu... — Ela se levantou, dei passos largos para me aproximar e unir nossos lábios. Peguei-a de surpresa, meu objetivo era seduzi-la o suficiente para que entregasse seu sangue e, depois, curtir um pouco do seu corpo virgem.

Segurei no seu queixo e inclinei a cabeça para aprofundar o beijo, ela tinha um sabor especial, seria bom para mim também. Nayara correspondeu entre suspiros, sua língua se mostrava ávida para entrar em contato com a minha e era essa antecipação que eu trabalharia a meu favor.

— Pode ter muito mais — murmurei ardiloso, dando um passo para trás e sorrindo com malícia.

— Está tentando me seduzir — soltou com um misto de frustração e contentamento. Mordeu o lábio inferior e deu de ombros, lutava contra os sentimentos que queriam aflorar, mas os humanos eram fracos. Ela estava nas minhas mãos. — O que quer de mim?

— Algumas gotas de sangue, mas precisa ser da sua vontade me ajudar. — Passei por ela e entrei no quarto de visitas, suas roupas já estavam bem acomodadas no closet e o notebook descansava na escrivaninha próxima da cama. — Você já se sente em casa — ironizei.

— Danika me ajudou ontem, não sabia que...

— Está ótimo. — Virei na sua direção, ela entrou no quarto abraçada ao caderno. — Precisa de mais alguma coisa? Outro caderno, quem sabe? — Apontei para o notebook. — Pedirei a Zaz que coloque uma verdadeira máquina de processamento de imagem para você, não usamos gambiarras nessa casa.

— Está me dando mais do que posso retribuir. Eu não estou pronta para algo além de um beijo, Thor.

— Não estou forçando nada. — Levantei as mãos em rendição, fiquei de costas para a porta e recuei até ela. — Estou te protegendo, uma boa ação leva a outra.

— Quer meu sangue virgem para a tal poção que Zaz vai preparar para você. Estou me iludindo, mas de forma consciente, bruxo.

— Está fazendo um julgamento errado da minha pessoa. Contribuo para o equilíbrio natural do universo. O bem não vive sem o mal, a luz não pode ficar sem as trevas. — Toquei a maçaneta da porta e a abri. — Vamos almoçar?

— Quero agradecer o que tem feito por mim, mas não sei como equilibrar essa balança sem que pareça forçado. Tudo o que você faz, sinto que tem uma intenção oculta, uma forma de me subornar. Estou confusa, Thorent.

— O que será que eu quero barganhar? É possível comprar o amor? — Divaguei, para que ela ficasse ainda mais se questionando. Humanos tendiam a buscar muitas razões para agirem, quando o certo era deixar que os instintos aflorassem. Relembrei-me do momento em que fechei meu coração e joguei a chave fora, uma ação que me ajudou a cometer menos erros. — Sei, apenas, da possibilidade de aboli-lo da sua vida. Quer trancar o seu coração?

— Não! — Ela fechou a mão em seu peito e arregalou os olhos.

— Então, vamos comer? — Saí do quarto fazendo um convite com a mão e andei pelo corredor bufando com ironia.

Enquanto ela estivesse em desvantagem, por poder se apaixonar, Nayara iria sucumbir às minhas vontades, mais cedo ou mais tarde.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 18

Coloquei meu caderno de desenho debaixo do travesseiro e segui Thorent até a sala de jantar. Estava mais confortável naquela casa, todavia, menos confiante de que me controlaria na próxima interação com o bruxo.

A cada toque que trocávamos, sentia o pingente mantido pela correntinha do meu pescoço, esquentar e meu coração acelerar, indicando que era o certo a ser feito. Quando ele abria a boca e falava de forma tão fria, como se os sentimentos fossem de fácil manipulação, nada mais que uma configuração de um programa, toda a euforia que sentia desaparecia.

Deveria me lembrar daquele primeiro encontro, sua arrogância e brutalidade em lidar comigo por algo que não fiz. Ameaça e truculência, Thorent deveria ser evitado, se não fosse sua tentativa de aproximação e a dificuldade de pedir desculpas.

Mesmo que eu soubesse que não mudávamos as pessoas, eu achava que poderia fazer algo diferente para ele. Como não tinha para onde ir depois de ser expulsa de casa, além de descobrir que seres mágicos viviam entre nós, a receptividade de Zaz e Danika me fez baixar a guarda.

Com todos eles, eu me sentia em casa. Reconheci que, tanto tempo reclusa, me tornou vulnerável para o primeiro ato de caridade que me foi ofertado. Obrigava a razão tomar conta dos meus atos, mas nada seguia o planejado, ainda mais por sentir uma atração avassaladora por aquele homem imperfeito.

Não só na aparência ou nas ações, a falha do caráter de Thorent me atraía para que eu a corrigisse. Era como se uma peça faltasse na constituição do ser mágico que era CEO da TMoore Technology. Desde muito tempo, senti-me motivada a executar algo por mim, eu iria desfazer essa irregularidade, mesmo que não soubesse por onde começar.

A verdade era que, tudo na minha vida começava com um desenho.

— Bom dia, senhor — Danika apareceu quando nos sentamos nas cadeiras, Thorent na ponta. — Precisa de algo? — Ela me encarou e sorriu

com simpatia, retribuí o cumprimento silencioso, nós já tínhamos nos falado pela manhã e a primeira impressão esquisita tinha desaparecido.

A governanta era uma pessoa normal e simples, como eu.

— Que seja rápida ao servir a comida, eu tenho que concluir minha missão. — Thor me encarou. — E, você?

— Vai sair?

— Sim. Mas não foi isso que quis saber. Quer algo de Danika?

— Aonde vai?

— Ela não quer nada, então, se apresse — ordenou com tédio para a governanta, que não questionou. — Vou descobrir o que sua família esconde naquela casa. Se os servidores estiverem lá, tudo será destruído, exterminado.

— Vai matar meu irmão e padrasto? — Engoli em seco, era radical demais para mim.

— Por que não?

— Thorent, eles são pessoas.

— Que te expulsaram da sua casa. Por que ter empatia com quem não teve um pinga de consideração com você? — Colocou as mãos na mesa e me intimidou. — Lembre-se, poderia ter se transformado em comida de *carne* ao invés de estar aqui, comigo, conversando.

— Mas...

Danika entrou com um prato servido em cada mão e colocou à nossa frente. Um grande pedaço de bife, batatas fritas e legumes estavam bem alinhados e embrulharam o meu estômago.

— Senhor, seria importante reforçar o feitiço de proteção da casa — a governanta murmurou.

— Por quê? Ele... — O bruxo me encarou, fez uma careta e soltou o ar contrariado. — Para a minha sorte, algumas coisas eu não poderei fazer por conta própria. Vou tentar, mais uma vez, falar com Bastiaan ou Áthila.

— Zaz e Lux podem ajudar — a mulher falou suave.

— Aqueles duendes já estão ultrapassando limites. Obrigado, Danika, eu resolverei da minha maneira.

— Posso ir junto? — perguntei baixo, ainda focada no que Thorent poderia fazer estando na casa da minha família.

— Não. — Começou a cortar a carne e comer, como se nada o abalasse.

— Eu poderia pegar algumas coisas que não couberam na mala.

— Não insista.

— Talvez eu não tenha contado algo sobre aquela casa, ou sobre mim — blefei tentando chamar sua atenção, ele apenas sorriu e continuou a comer.

— Precisa aprender um pouco mais sobre manipulação, Nayara. Lembre-se de que sou muito mais velho e tenho experiência com vários tipos de seres. — Olhou-me com repúdio. — Os humanos não sabem esconder a mentira tão bem e nem preciso dos meus poderes para reconhecer as suas falsidades.

— Entendi certo, você perdeu os poderes — falei com raiva e ele parou o garfo de comida no meio do caminho antes que chegasse à sua boca. — Está pagando de poderoso, mas não tem uma gama de magia para reforçar o feitiço de proteção da casa.

— Eu ainda sou mais forte do que você, humana. — Bateu a mão fechada na mesa e dei um pulo de susto. Voltei a sustentar minha carranca e duelamos com o olhar. — Não me desafie.

— Ou o quê? Invade minha casa, me beija, me manipula e quer meu sangue. Estou retribuindo tudo o que está me ofertando.

— Eu te dei um teto sobre a sua cabeça e conta com a minha proteção. Você me deve sua vida, como todos os outros que resgatei e me servem.

— Talvez, no seu mundo de conto de fadas, as coisas funcionem assim. Mas, com sua inconstância de humor e falta de educação, eu não serei obrigada a te respeitar tanto quanto você faz. — Vi seu corpo estremecer, a fúria parecia sair pelos seus poros e me vi refém do seu olhar vulnerável mascarado pela indignação. Respirei fundo e mudei meu tom para um mais suave: — Thorent, eu só quero ir com você até a casa da minha família.

— Não estávamos discutindo esse assunto.

— Era sobre isso, mas virou uma bola de neve, porque... você é muito frio e calculista! — Joguei os braços para cima e soltei, estava me frustrando.

— Não vou me arriscar se eles estiverem ameaçando a minha empresa. Todos que se levantaram contra mim, foram destruídos, com eles não será diferente. — Seu olhar inquisidor me fez entender que eu estaria incluída nessa lista. Por mais confortável que eu estivesse ao seu lado, ele era uma bomba relógio prestes a explodir e me levaria junto com ele.

Ele voltou a comer e eu remexi na comida do prato, em busca de alguma palavra assertiva para dizer-lhe que me levasse junto a essa missão. Também não me arriscaria para salvar meu padrasto e meio-irmão, eu só queria saber um pouco mais do que me esconderam.

— Se não comer nada, vai me atrapalhar. — Franzi a testa, Thorent não me encarou. — Quer ir comigo ou não?

— Obrigada — murmurei abaixando a cabeça para esconder o meu sorriso vitorioso. De alguma forma, tinha conseguido apertar o botão certo para que ele cedesse à minha vontade.

Mesmo sem ter fome, coloquei a comida na boca e mastiguei apressada. Quando o bruxo terminou e se levantou, larguei meus talheres e o segui pela casa. Subiu a escada e entrou em seu quarto, deveria ter ido escovar os dentes. Com medo de ser uma armadilha para me deixar, só usei o enxague bucal antes de voltar para o corredor e esperá-lo.

Ele apareceu cheiroso, com o cabelo ainda mais alinhado e sua roupa elegante em um estilo retrô. Percebi que usava suspensório e o ar de

cavaleiro do século passado me fez suspirar. Os romances de época que foram trocados pelos de ficção científica estavam fazendo falta, já que não tinha mais tempo para o hobby.

Thorent estendeu a mão e me deixou ir na frente, ele estava sério demais. Desci os degraus olhando por cima do meu ombro, eu queria recompensá-lo por ter cedido e estava pensando em como fazê-lo.

Passamos pela sala e Danika estava na porta para abrir em despedida. O sorriso acolhedor que ela me deu me fez sentir querida, ela era alguém com quem eu poderia contar, mesmo que o bruxo não parecesse tão contente com minha presença naquele momento.

Fomos até seu carro, ele entrou e deu partida sem esperar que me acomodasse direito no assento. Coloquei o cinto e abri a boca para dizer algo, ele ligou o som e deixou a música dominar o espaço.

“Há uma ferida em meu coração que sangra

Mas me dá a força que eu precisava

Para continuar, eu estou indo embora,

Eu não vou desistir tão facilmente”

Not Without a Fight - Pillar

Alguém estava mal-humorado.

Dirigi pelas ruas de Dublin focado, não ultrapassou limites de velocidade, nem infringiu leis de trânsito. Como um homem que não pararia enquanto não encontrasse seu objetivo, ele me ignorou e só viu o que tinha à=

sua frente.

Mil e um questionamentos passaram pela minha mente. Ele tinha complexos e egos para lidar, restava saber se Thorent tinha alguém para compartilhar suas angústias.

Entrou no bairro da casa da minha família e parou a uma quadra de distância. Segurei no seu pulso antes de tirar o cinto, inclinei na sua direção e beijei sua bochecha.

— Obrigada, de coração — falei antes de sair do carro apressada. Meu peito parecia que iria explodir de emoção e a correntinha, junto do pingente, esquentou entre meus seios.

Era o certo.

— Fique atrás de mim — ordenou esticando o braço para me impedir de ficar ao seu lado. Estava bom para mim, ele não parecia com tanto ódio como antes.

Segurei na jaqueta do seu terno e o acompanhei pronta para ter ação. Só não esperava que fosse surpreendida com revelações.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 19

A porra de um beijo no rosto não deveria me desconcertar. Para que não mexesse com sentimentos que estivessem trancafiados no meu peito – que andavam juntos com o amor que eu não poderia sentir –, optei por usar a fragilidade dela a meu favor. Deixei que viesse para que me visse como bondoso e, por gratidão, cedesse seu sangue.

Teria que inventar outra forma de convencê-la se aquele ato não a sensibilizasse o suficiente.

Mesmo com luz do dia, peguei a lanterna mágica e direcionei para a entrada da casa. Senti um puxão na jaqueta do meu terno e percebi que Nayara estava se segurando em mim.

— Atrás, não colada em mim — resmunguei olhando por cima do meu ombro. Ela forçou um sorriso sem graça e me soltou espiando para a frente.

— Isso não faz parte da... olha. — Apontou para a caixa de correios que ficava próxima ao portão baixo da frente. Ele se aproximou para tocar e iluminar um pouco mais o símbolo de raio gravado na lateral.

— Não pode ser alguém do meu clã, isso é traição. — Passei o dedo sentindo falta dos meus poderes, da intuição, a descarga elétrica que invadiria meu corpo e eu poderia direcionar na casa e explodi-la.

Pulei o portão pequeno e fui para a parte dos fundos da casa, local que suspeitei que poderia ser um bom lugar para se esconder. Encontrei uma porta no chão, a grama encantada disfarçava a entrada que eu tanto buscava. Percebi um cano com fios ao lado, segui-os com a lanterna na mão até que chegasse à calçada, eles estavam conectados, era por aqui que tudo acontecia.

Pisei com força em cima da grama, mas nada aconteceu. Para que essa porta se abrisse, eu precisaria de magia. Olhei para o alto e forcei a mente a pensar em qualquer aliado que estivesse por perto. Por ter os

duendes, além da minha arrogância, eu não mantinha contato com ninguém que não fosse Bastiaan e Áthila.

Um vento soprou, percebi que algo estava diferente, então, olhei ao redor em busca da humana.

— Nay? — chamei-a com irritação, não por ela não estar à minha vista, mas pelo sentimento de impotência que tirava a minha paz. Guardei a lanterna no bolso de dentro da jaqueta do terno e fui para a frente da casa. — Nayara?

— O que é isso? Solta! — Ouvi o resmungo dela e apressei meu passo.

Encontrei-a puxando o próprio braço na direção contrária de alguma coisa invisível. Como ela estava sem nenhum machucado aparente, peguei a lanterna e mirei na frente, havia três pequenos seres com asas. Reconheceria as fadas discípulas de Leanan Sídhé de qualquer lugar.

Era só o que me faltava, esse era um ser mágico que eu não estava disposto a confrontar, principalmente, por não ter meus poderes. Mas, já estava no meio dessa bagunça e se fosse a fada das trevas que queria me derrubar, enfrentaria um grande exército formado pela minha ira.

— O que vocês querem com a humana? — Segurei no ombro de Nay e a puxei para ficar atrás de mim. Ela se segurou na minha jaqueta do terno para não cair no chão.

Os três pequenos seres me encararam, falaram algo baixo e sopraram um pó na minha direção. Se não fosse Nayara me segurando, teria desviado daquele feitiço, mas a humana tinha que bagunçar a minha vida mais do que já estava fazendo.

— Porra! — Senti a coceira vir antes de tropeçar e levar Nay comigo para o chão.

Cacei as meliantes, elas não estavam mais por perto, com certeza queriam nos atrasar. Guardei a lanterna dentro do bolso interno do terno e tentei me levantar sem me coçar tanto. Deixaria para avaliar a situação em outro momento, porque eu só conseguia pensar em escarpelar a minha pele para essa sensação passar.

— Pó dos infernos.

— Meu Deus, que coceira é essa? — Nay esfregava suas laterais, a barriga e o pescoço com desespero. — O que eram?

— Mal presságio — resmunguei esfregando as unhas na perna coberta pela calça e me levantando. Não dava para esperar que o efeito passasse. Se me lembrava bem, esse pó faria com que nos coçássemos o suficiente para ferir a pele.

— Está pegando fogo — Nay disse desesperada, começou a se esfregar na cadeira de varanda e me olhou com súplica. — Como faz parar?

— Comece por um banho gelado.

Observei-a correr para a porta de entrada da casa, agachou se coçando enquanto tentava pegar algo dentro de um vaso de planta. Ergueu a chave e tomei-a de sua mão, por mais que beirasse o insuportável, eu ainda tinha um pouco de força mental para me manter no controle da situação.

Remexendo-se como uma cobra em sofrimento, esfreguei os braços enquanto fechava a porta e observava a humana tirar a blusa sem pudor. Para quem se retraía por conta de um beijo mais acalorado, eu estava em vantagem para vê-la além da timidez que vestia como armadura.

Tirou a calça junto com o tênis, ficou apenas de lingerie antes de entrar no banheiro e se jogar dentro do box. Escutei a água caindo e um gemido de alívio, poderia ser muito mais intenso se fosse eu dando prazer a ela.

Deixando o tesão de lado, já que era impossível ter uma ereção com tanta coceira, peguei o celular e liguei para Bastiaan. Não me surpreendi ao ter que insistir nas chamadas enquanto ia para a cozinha procurar algum ingrediente que ajudasse a aliviar a coceira.

— *Oi, celular do Bastiaan* — uma voz feminina soou do outro lado da ligação.

— Alô? — Bufei com ironia. — Quem é você?

— *Quem sou eu?* — Conferi o número que estava no meu aparelho, era o do bruxo. — *Só uma garota que está passando um tempo*

com o Bastiaan. Ele está aqui ao meu lado, vou passar para ele.

— Como é que é? — Cocei a cabeça com irritação. — Não importa, senhorita. Onde está Bast?

— *Quem é?* — escutei a voz do meu amigo.

— É o Thor — rosnei virando as costas no balcão para esfregar minhas costas.

— *O que você quer?*

— Parece terrível. — Por mais que eu necessitasse de um antídoto, ele estava soando pior do que eu que queria explorar minhas possibilidades por conta do seu humor.

— Eu estou.

— Já era irritadiço antes.

— Agora estou dez vezes pior.

— Que bom que estamos em sintonia, porque estou com uma coceira do caralho e preciso de uma solução. Uma fada maldita me jogou um pó de mico ou algo do gênero que está me fazendo arrancar a pele do corpo. Preciso me livrar disso, não tenho os meus poderes e não sei o que fazer.

— *E o que eu tenho a ver com isso?*

— *Bastiaan!* — a voz feminina soou do outro lado da ligação e complementou com outras palavras que não identifiquei.

— Uma mulher mandando em você? — debochei, já que não parecia querer colaborar.

— *Ninguém manda em mim.* — Rosnou.

— Que seja! Preciso da sua ajuda.

— *Caso tenha se esquecido, também estou sem poderes.*

— Que ingrediente vai me ajudar a conter os efeitos desse pó ou das coceiras? É só dizer!

— *Já esqueceu o que seu mentor te ensinou?*

— Não me lembre daquele imbecil.

— *Se não te passei a poção para trocar sua aparência, por que acha que vou fornecer outra?*

— Caralho, Bast! Me fala o que precisa que eu vou me virar por aqui. Minha pele está pegando fogo.

— *Use hortelã.*

— Aquela folha verde que você coloca nos coquetéis? — Parei por um segundo, agradecendo por ser algo fácil de se encontrar.

— *Sim. O mentol é anti-inflamatório e antisséptico, vai ser quase como mágica. Pode amassar algumas folhas lavadas e utilizar o sumo na região afetada. Aplique com frequência para que faça efeito mais rápido.*

— Obrigado. — Encerrei a ligação ao ver uma grande caixa de madeira com vários sacos e temperos catalogados.

Teria que fazer um chá, por conta de estar no corpo inteiro e apenas uma folha não iria resolver. Encontrei a hortelã indicada por Bastiaan, enchi uma chaleira de água e coloquei as folhas dentro. Ligar o maldito fogão foi um desafio, tanta tecnologia que me cercava, mexer na cozinha era o último lugar que eu perambulava.

Depois de xingar e ter o fogo aceso, a água começou a ferver. Fui até o banheiro e me surpreendi com fungadas de choro.

— Nayara?

— Dói demais, Thorent. Como coça! A água não está ajudando. — Abri a porta do box e ela deu um gritinho tentando tampar seu corpo.

— Vire de costas — ordenei e ela obedeceu, exibindo a vermelhidão da sua pele, bem como a bunda nua.

Dei um passo para dentro e a mantive debaixo da água. Por mais que estivesse com vontade de me coçar, acabei optando por aliviar a sua dor ao invés da minha. Com as mãos abertas, deslizei-as para cima e para baixo

nas suas costas, braços e laterais. Vi seu corpo se arrepiar e me aproveitei da situação para que me beneficiasse.

— Já estou preparando algo para ajudar. Respire e tente não usar a unha, será pior.

— Eu sei, mais coça. Você não está sentindo também? — Ela me encarou por cima do ombro.

— Já vivi situações piores. — Desci pelas laterais e apertei suas nádegas antes de subir pelas costas. Ela não reclamou e parecia relaxar sobre o meu toque. — Que horas eles voltarão para a casa? Precisamos ir embora.

— Daqui a duas ou três horas. — Tirei as mãos dela para ir até a cozinha, ela resmungou. — Por favor, não pare.

— Eu já volto.

Encontrei uma gaveta com panos de prato, peguei alguns e desliguei o fogão. A chaleira fazia barulho, a água estava quase pronta para ser aplicada como eu queria.

Esfregando-me nos móveis, fui até o freezer, peguei alguns cubos de gelo e coloquei na pia, junto com os panos. Joguei a água com hortelã, levei para o banheiro e tirei Nay debaixo do chuveiro. Tampando sua frente, entreguei-lhe alguns panos enquanto coloquei outros nas suas costas.

— Vai melhorar. Agora, é minha vez de relaxar.

Tirei a roupa e engoli o meu pudor. Seu escrutínio me incomodava, ainda mais quando ela parecia disposta a salientar todos os meus defeitos nos desenhos. A insegurança ficaria para ser mastigada em outro momento.

Com um sorriso debochado, entrei no box e me aliviei com a água gelada no meu corpo. Retomei a reflexão sobre Leanan Sídhe estar envolvida com a sabotagem da TMT e tracei um novo plano de ação na minha mente, antes de destruir aquela casa que Nayara, um dia, chamou de lar.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 20

De olhos fechados e encolhida, fui sentindo o alívio daquelas compressas em cima da minha pele. A coceira foi aliviando e o desespero que me retraía, evaporou.

Olhei ao redor ao me colocar de pé, ereta. Encarei-me no espelho e minha mão foi direta para o lugar que deveria estar o pingente da minha correntinha. Subi a mão até o pescoço e detectei que estava para trás, protegido.

Saí do banheiro e fui até o armário do corredor pegar duas toalhas. Recolhi a roupa esparramada por conta da coceira e lembrei-me daquela força que me puxava para um lado. Parei tampando meu corpo com o que tinha em uma das mãos e com a outra, abanei o ar à minha frente.

Escutei um resmungo baixo, deveria ser Thor sofrendo tanto quanto eu. Enxuguei-me e vesti a roupa antes de chegar ao banheiro e hesitar em pôr minha cabeça para dentro do boxe.

— Está tudo bem aí? — Ajeitei a correntinha e acomodei o pingente entre meus seios. — O que tinha nesses panos que resolveu a coceira?

— Chá de Hortelã — soltou estrangulado.

Com cautela, espiei o bruxo debaixo da água gelada, o corpo estava ficando vermelho, mesmo que suas mãos estivessem firmes ao seu lado, fechadas para não cair na tentação de se coçar.

Um corpo escultural e digno de muitos desenhos meus, Thorent conseguia fixar minha atenção sem muito esforço.

— O que está fazendo? — esbravejou baixo. Ele não gostava que eu o observasse, algo que não tinha ficado nítido nas outras vezes que aconteceu.

— Será que tem mais do chá? Eu trago para você.

— Vá — ordenou, sua paciência tinha sido dizimada.

Peguei os panos que foram usados em mim, fui até a cozinha e vi a caixa de tempero aberta em cima do balcão. Sacos e potes pequenos de itens que não costumava usar me confundiram. Por onde deveria começar? Precisava retribuir.

Encontrei as folhas de hortelã, enchi a chaleira de água e coloquei para ferver. Repassei os panos debaixo da torneira e os estendi dentro da pia. Vi o gelo espalhado, era uma forma de quebrar a alta temperatura.

Abri o congelador, tirei todas as formas de dentro e estendi os panos de pratos. Com os pés nervosos para que tudo acontecesse mais rápido, conferi o movimento da rua pela janela e fui atrás de um relógio, os outros dois moradores poderiam chegar a qualquer momento.

No primeiro apito da chaleira, tirei-a do fogão desligando a boca e joguei-a na pia, para ensopar os panos. Rolei no gelo e ensopei com o chão, quando alcançou uma temperatura adequada, voltei até Thorent.

— Consegui — falei ao entrar no banheiro.

Ao invés de me deixar entrar no box, o bruxo desligou a água e se sentou no vaso com a tampa abaixada. Com os antebraços apoiados na coxa, curvou o corpo e me deixou fazer o trabalho enquanto ele gemia. Aquele pó, realmente, era infernal.

— É horrível, eu sei — murmurei me aproximando e colocando os panos nas suas costas. — Vai passar, esse chá é milagroso.

— É apenas uma erva que alivia a irritação na pele. — Esticou o pescoço e me deixou colocar na sua frente, depois os braços.

— Acho que faltará para as pernas. Droga.

— Vem aqui. — Pegou no meu pulso quando não tinha mais nada nas mãos e me fez sentar de frente para ele, com as pernas abertas. — Não me olhe desse jeito, não farei nada além de... coçar.

Fazendo com que eu fosse para a frente e para trás, ele me encarou com alívio. Complacente com seu estado, ajudei-o nos movimentos,

coloquei minhas mãos nos seus ombros e fui além, quase tocando meu tórax com o dele.

Percebi que ele tinha se animado de forma sexual, por mais exausto que o seu semblante parecesse. Deveria me intimidar, mas um lado meu queria dar um passo além dos beijos trocados.

Estando de roupa, nada além do toque poderia acontecer.

— Como se sente? — perguntei ofegante, suas mãos não mais me conduziam no vai e vem, eu estava por conta.

— Com tesão. — Sorriu com malícia. — Mas eu preciso de você virgem. Então...

— Você mesmo falou que dá para fazer muita coisa. — Cheguei próxima ao seu membro e me esfreguei nele. Abri a boca ao sentir o arrepio me dominando, suas mãos se posicionaram na minha bunda e fizeram com que eu me esfregasse mais.

— Sim, podemos tentar. — Empurrou meu queixo para cima com o nariz e sugou meu pescoço. Não mais ia para trás e para a frente em toda a sua coxa, os movimentos se limitaram para esfregar sua ereção. — Continue.

— E sua perna?

— Meu pau precisa de mais atenção. Mais — exigiu, apertando minha bunda e me fazendo rebolar no seu colo. Abaixei a cabeça e tomei sua boca, eu o queria beijar como se estivesse me faltando o ar.

Inclinou a cabeça para o lado e aprofundou nossa conexão. Senti um dos panos que o cobria escorregar pelo meu braço, envolvi seu pescoço com carinho e me entreguei a sensação de luxúria que me dominava.

A fricção estava boa, seu membro com a minha calça me deixou insana. Confiante de que seria cuidada por Thorent, busquei alívio no sobe e desce medido. Encontrei meu clímax ainda conectada com os seus lábios, meu núcleo pulava no mesmo ritmo do meu coração.

Os gemidos foram abafados, seus lábios me dominaram e eu só queria prolongar um pouco mais a sensação de prazer que estava sentindo.

As mãos de Thor subiram pelo meu corpo e apertaram meus seios por cima da roupa, livrou minha boca e se mostrou vulnerável, pela primeira vez.

— Falta pouco para eu gozar. Continue, por favor — sussurrou com devoção e continuei, mesmo que a região estivesse sensível para mim.

Subi e desci esfregando a sua ereção, suas mãos desceram para invadir minha blusa, encontrarem o sutiã e tocar o bico dos meus seios sem barreiras.

— Oh! — arfei assombrada, eu conseguiria encontrar o clímax novamente se continuasse daquele jeito. Thorent apertou meus seios e mexeu as pernas em busca de mais, os panos deslizaram pelo seu corpo e não havia mais vergonha para lidar, eu queria aquele bruxo sob o meu comando.

Olhei para seu pescoço, a pele estava sem a vermelhidão da coceira. Suguei a região e mordi, o bruxo abraçou minha cintura e gemeu alto enquanto eu o montava, subindo e descendo contra o seu pênis ereto.

Senti minha barriga molhar, Thor gemeu alto e me apertou ainda mais. Beijei a região que estava sugando, ele gemeu e parecia querer me fundir ao seu corpo.

— Oh, porra, caralho! — Inspirou próximo ao meu pescoço e mordicou meu ombro, meus braços estavam refletindo a intensidade do seu agarre. — Imagine com meu pau na sua boceta? Nós vamos para o céu, *Prinki*.

Suspirei, mas não tinha alívio, era por saber que o ato tinha terminado. Passei as mãos nas costas dele, parecia que não havia mais coceira para ser tratada.

Esperei uma palavra mais suave ou carícias nas minhas costas, mas deveria saber que depois de saciado, Thorent só iria me tirar do seu colo sem empatia pelo meu momento. Tinha sido a minha primeira vez com alguém do sexo oposto. Mesmo que não fosse o ato em si, era um momento especial.

— Fiz uma lambança em você. Quando que os dois voltam do trabalho? — Entrou no box e ligou o chuveiro. Soltei o ar forte, conferi

minha roupa e agradeci que ainda tinha deixado algumas coisas no sótão.

— A qualquer momento — respondi decepcionada.

— Apresse o passo, Nay. Preciso ir para a empresa e me armar com o que tenho, só a lanterna não nos ajudará contra um *carniçal* com fome. — Desligou a água e apareceu recomposto na minha frente. — Está me escutando?

— Já vou, só sujou minha blusa. Depois eu tomo um banho decente.

Olhei para baixo escondendo minha chateação e fui para a cozinha pegar uma cadeira para abrir a porta do sótão. Puxei a escada e entrei no canto que tinha sido meu lar.

A sensação de proteção ainda existia.

Tirei minha blusa e coloquei outra. Fui até em cima do meu colchão e tentei tocar o forro de madeira, local que Thorent falou que tinha magia. Por que nunca senti? Para que servia?

— Deixou muita coisa aqui. Quer pegar algo? — Virei-me para encarar Thor subindo no sótão.

— Não, estou pronta. Vamos embora. — Coloquei as mãos para a frente, lembrando que poderia ter alguma força invisível para me pegar e o bruxo riu baixo.

— As fadas de Leanan Sidhe não voltarão, elas já deixaram a sua mensagem. Sei o que fazer, vamos embora. — Desapareceu pela porta e cogitei enrolar um pouco mais, só para desobedecê-lo.

Ele achava que eu era sua funcionária. O que deveria esperar de alguém que me atacou e, dias depois, estava gozando com roupa em seu colo? Algum parafuso importante tinha se soltado da minha mente, não havia outra explicação.

Peguei dois cadernos grandes de desenho, além da blusa suja e desci abraçado a eles. Antes que eu pudesse colocar a escada de volta e fechar, Thorent fez por mim e me empurrou para fora da casa.

— Vamos deixar essa bagunça? — Olhei para o pano no chão próximo do banheiro.

— Que se fodam os humanos, eles já sabem que estivemos aqui. Preciso montar um plano. — Parei de andar e Thor me puxou. — Vamos!

Eu o obedeci, apenas porque meu coração parecia em uma torrente de confusão.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 21

Deixei os cadernos e a blusa suja no assento do banco do carro de Thorent. Ele foi para a empresa e, enquanto eu mergulhava nos meus questionamentos e dúvidas, sobre meus sentimentos por aquele homem tão insensível, ele parecia inabalável.

Seu foco era encontrar o inimigo da TMT, nosso momento no banheiro foi um mero entretenimento. Descartável. Esquecível.

Ao invés de fazer da mesma forma que ele, fingir que nada importante aconteceu, eu sofria internamente e não conseguia esconder pelo meu semblante.

Do estacionamento, entramos no elevador e paramos no último andar. A secretária nos cumprimentou com preocupação e lembrei que aquela não era a verdadeira aparência de Thorent para a sociedade. Qual era a real, no coração dele?

— Quer água? — questionou indo em direção ao frigobar.

— Sim, por favor. — Acompanhei-o para pegar a garrafinha e fui até a impressora pegar algumas folhas de papel.

Tomei um gole de água, encontrei um livro de capa dura em uma prateleira e tirei uma caneta de um aparador próximo. Molhei a boca mais uma vez antes de me sentar no chão, dobrar as pernas e esboçar o que pretendia para desabafar meus sentimentos.

— O que está fazendo? — Thor perguntou da sua mesa, ergui o olhar e decidi ser sincera, em busca de despertar algum sentimento nele:

— O que fizemos naquele banheiro foi importante e você está lindando como se fosse nada. Nem um carinho ou palavras de preocupação, eu preciso... desabafar e faço isso com os desenhos, já que está preocupado demais em bolar um plano maligno para dominar o mundo.

— Estou protegendo a reputação da minha empresa. — Ele sorriu com satisfação. — Como é bom ter o coração fechado. Meu rei caiu por

causa dessa empatia que está sentindo. Eu estou imune, então... — deu de ombros — faça o que quiser, mas não me desenhe.

— Apenas com uma verruga enorme no nariz — murmurei com os olhos coçando por conta das lágrimas que se formavam. Thorent não sabia o que era amor e achava que estaria em desvantagem se o sentisse.

A porta se abriu e Zaz apareceu com outro rapaz com mesma estatura e porte dele. Seu olhar veio para o meu e, mais agradável, seguiu na minha direção com pulinhos animados.

— Temos assuntos importantes para tratar — o bruxo falou com irritação.

— Ele já te fez chorar? — Agachou na minha frente, o outro homem parou ao seu lado me encarando com curiosidade. — Esse é Lux.

— Você é a humana que vai oferecer o sangue virgem? Altruísta demais. — O outro duende estendeu a mão e o cumprimentei.

— Sou Nayara e não, eu ainda não concordei.

— Zaz! — Thorent exigiu a atenção do rapaz e ele revirou os olhos antes de sair de perto de mim. — Tenho que lembrar quem manda nessa porra? — Bateu a mão fechada na mesa e dei um pulo.

— Para quem deveria estar com o coração fechado, ele demonstra muitos ciúmes pela humana — Lux murmurou e parecia que eu não deveria ter escutado. Olhou de mim para o bruxo e foi na direção do chefe.

— Está todo nervosinho. Chora que eu te escuto, chefe. — Percebi que Zaz apontou o dedo para Thor, que se encolheu na cadeira e rosnou irritado. O duende riu, não se intimidava com CEO da TMT.

— Os ataques ainda estão acontecendo, Thorent. Não descobriu onde estão os servidores? — Lux se aproximou dos outros dois e dei voz para meus sentimentos enquanto desenhava. De caneta, não teria chance de apagar nenhum erro que cometesse, como na vida.

— Eles estão na casa, em uma sala abaixo do quintal dos fundos. Preciso de uma forma de arrombar e destruir, mas outra complicação surgiu.

— Qual? — Lux perguntou preocupado.

— Está ficando cada vez mais emocionante. Conte mais — Zaz estava animado.

— Leanan Sidhe. Suas fadas estavam vigiando o lugar.

— Oh, merda. Estamos falando de uma fada das trevas, cheia de servos malvados e que você não dava moral — o duende engraçadinho ironizou, meus dedos não paravam de se mexer em cima do papel que tinha em mãos. — Fiquei sabendo que ela gosta de raios.

— Não é hora de contar piadas. Se é Leanan ou alguém do mundo dela que quer me prejudicar, vou destruir todos eles.

— Com que poder? — Lux questionou e escutei outro baque na mesa. — Ela está com você, Thorent. Na sua casa, andando no seu carro. Precisa confiar naqueles que estão ao redor e não os ver como inimigos.

— Ah, tratar com amor e carinho, como faz conosco. Lux, você é iludido, meu amigo.

— Calem a boca. Um de vocês irá até o Barba de Duende saber mais sobre as ações daquela fada. Com ou sem poder, eu vou fazer com que ela coma daquele pó dos infernos.

— Eu bem que senti um cheiro estranho em vocês. — Zaz começou a rir. — Fadas malvadas, elas fizeram vocês se coçarem muito? Eu já vi gente sem a pele de tanto se coçar. Vocês parecem inteiros.

— Dá para focar aqui? — Thor estalou os dedos. — Lux, vá você até o bar, aproveite e tente se reaproximar de Valy. Consiga todas as informações sobre o ataque da TMT, sem que as pessoas saibam que está sob o meu comando. Você é centrado e não deixaria que ninguém desconfie, ao contrário de Zaz, que não perde a oportunidade de fazer alguma gracinha.

— Verdade, diga que quer se juntar com eles e ser um espião, já que ele é o empata foda oficial. — Ergui o olhar para ver Zaz apontando o dedo para o bruxo. — Sorrir não é sinônimo de traição. Você está ferindo meus sentimentos, chefe.

— Se for chorar, que faça longe de mim, porque não tenho saco para esse sentimentalismo. Eu não sinto! — falou enfático, seu olhar foi para o meu rapidamente e voltou para os duendes. — Preciso de uma picareta, vou destruir aquele quintal.

— Sei que quer parecer fortão e mostrar serviço tendo uma convidada por perto, mas você já ouviu falar da M18A1 Claymore. — Zaz fez um movimento com as mãos de explosão.

— Tenho vocês para pensar por mim. Em outros momentos, eu só explodiria com o meu poder. — Thor me encarou de relance e voltei a desenhar. — Dê andamento na missão, Lux. Faça papel de agente duplo se precisar, mas não ouse mudar de time, porque eu ainda sei torturar, com ou sem poder.

— Ele é tão romântico — Zaz desdenhou e bufei indignada, Thorent era uma pedra de gelo, que só funcionava na base das ameaças. — Até a Nay concorda.

— Fora! — o CEO ordenou e passos se aproximaram de mim.

Senti que alguém se sentou ao meu lado, movimentei a cabeça e vi Lux saindo pela porta e Zaz ao meu lado.

— O que está fazendo? — perguntou baixo para mim. O bruxo rosnou em protesto e o duende balançou a mão na direção dele, para ignorá-lo. — Você desenha bem.

— É apenas um rascunho. — Percebi que estava fazendo o desenho de uma silhueta feminina, com asas.

— Foram essas fadas que atacaram vocês?

— Acho que sim, eu vi muito rápido, porque coçava. — Fiz uma careta e ele riu, acertando o seu poder nas minhas costelas para acompanhá-lo. — Por favor, eu não aguento mais coceira ou risos.

— Está muito triste, isolada nesse canto. Tem certeza de que não quer vir morar comigo e Lux? — Colocou a mão na boca para abafar sua voz. — Estou fazendo isso para irritar o bruxo. Ele não sabe, mas gosta de você.

Encarei Thorent com o cenho franzido, ele estava digitando no teclado, como se as teclas precisassem de punição. Focado no monitor, ele ficava cada vez mais sério.

— Escutei vocês falarem sobre ele ter o coração fechado. Como assim? — sussurrei, aproveitando a disponibilidade do duende para conversar.

— Ele e os amigos fecharam o coração, para não se apaixonarem. Acreditam que o amor é uma franqueza, que o rei bruxo das trevas caiu por conta desse sentimento nobre, não por causa da maldade que havia no seu coração.

— Oh! — Tentei processar as informações, o universo deles ainda era um pouco obtuso para mim. — Então, há bruxos de luz e malvados.

— Exato. E, ao invés de brincar com unicórnios e fadas hippies, ele estava no pior dos lados. — Deu de ombros e conferiu meu desenho, mais uma vez. — Vingança e maldade destroem as pessoas, não o amor. Mas... cá estamos, seguindo um ser insensível que resgata excluídos ao invés de exterminá-los. Acredito que existe uma brecha no feitiço do coração que ele se submeteu.

— Você gosta dele, mesmo o tratando tão mal.

— Ele me salvou. — Pegou o meu desenho e sorriu ao me ver surpreendida. — Não conte para ninguém, mas o vejo como minha família.

— Ainda não foi embora, Zaz? Estou contendo os ataques que você deveria fazer. — Thorent esbravejou.

— Apenas desliguei seu computador e vá para casa, chefe. Está tudo sob controle, você precisa relaxar. — Chacoalhou a folha na minha direção. — Obrigado pelo presente, Nay.

— De... nada — soltei desconcertada e rindo, aquele duende era uma figura, mas querido também.

— Você deu um dos seus desenhos para ele? — o bruxo soltou com indignação quando ficamos sozinhos e percebi que Zaz fez de propósito para incitar ciúmes em Thor.

Dei de ombros e voltei a desenhar novamente, com o coração aquecido pela constatação e o pingente que confirmava que eu estava no caminho certo.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 22

Eu deveria ter desligado o som do rádio do carro quando Nayara o ligou, mas me incomodava o silêncio. A música mexeu com minha determinação de deixá-la de lado assim que chegasse em casa.

“Então, eu não pertenço, mas me diga que eu sou tão diferente de você

Por que isso é tão errado

Eu não tenho medo porque eu não sou o único que se sente assim

Eu estou melhor sozinho”

Let me Live – Sick Puppies

Pensei em jantarmos juntos e convidá-la para o meu quarto, fazer melhor do que no banheiro, com aquelas coceiras infernais, mas a minha convidada saiu do carro com suas coisas e nem me dignou uma despedida.

Precisava do sangue dela. Mesmo que Lux fosse no Barba de Duende investigar sobre Leanan, eu ainda precisava daquela sorte, mesclado ao comprimido da força, para enfrentar o meu inimigo. Com um pouco do arsenal mágico no meu bolso, saí do carro e entrei em casa, encontrando Danika me esperando.

— Está tudo bem, senhor?

— Sim. Preciso que prepare meu banho, mas antes, quero jantar.

— A mesa já está posta. — Apontou para a sala de jantar e neguei.

— Chame Nayara, não vou comer sozinho.

— Ela passou por mim, falando que comeria algo depois. Estava indisposta. — Minha governanta inclinou a cabeça para o lado. — Ela parecia magoada.

— Desde quando você achou que essa informação era relevante? — soei arrogante e vi repreensão no seu olhar. — Queria entender qual foi o momento em que vocês começaram a achar que eu teria empatia. Falou com Zaz, por acaso?

— Oh, senhor, ela é apenas uma garota. Adulta, aqui na Terra, mas uma menina cheirando a leite no nosso mundo. — Indicou-me para acompanhá-la e fui contrariado. — Vou tentar chamá-la, mas mulheres magoadas não são boa companhia.

— Eu estou lhe oferecendo um teto sobre sua cabeça, é mais do que o suficiente para fazer o que estou mandando.

— Como faz comigo e os duendes — comentou com tédio.

— Eu não preciso te lembrar do tanto quanto faço com Zaz. Salvei-os para me servirem. Não estou sendo cruel, é apenas a recompensa pelos meus atos.

— Tanto tempo sem sentir o amor, que esqueceu que algumas coisas, retribuímos com o *estar*, não o *fazer*. — Tocou meu ombro e me ajudou a sentar-me na cadeira. — Vou falar com Nay.

— Sentimentos são a nossa fraqueza. Eu não cometerei o mesmo erro daquele que deveria estar nos governando. — Olhei para as minhas mãos. — Meus poderes não deveriam ter sido retirados por aquela bastarda.

— Até na magia, colhemos apenas o que plantamos.

Virei meu rosto para encarar Danika e repreendê-la, mas a mulher tinha saído da sala de jantar e me deixado sozinho. Irritado e com vontade de explodir algumas cabeças, controlei meu temperamento com a respiração, até minha convidada chegar.

Sorri vitorioso, encarei-a encolhida e cheirando a sabonete de rosas. Ela não ergueu o olhar e se serviu sorrindo para a minha governanta. O que deveria ser uma conquista se tornou a pior das derrotas, tendo seu silêncio a nos acompanhar.

O amor... essa era a fraqueza que eu estava imune. Acima de qualquer humano ou ser sobrenatural, eu não poderia me apaixonar, mas

sabia como agir para que alguém fosse seduzida.

Fingi indiferença quando me servi do jantar e comi, trocando olhares com ela. Como não me manifestei, consegui o que queria, ela não estava mais superior a mim. Curiosa, seu cenho franzia quando eu sorria tranquilo, como se estivesse pensando em algo bom.

— Thor — chamou-me baixo quando terminou sua refeição.

— Sim — respondi polido, ainda faltava um último pedaço do assado no meu prato.

— O que vai fazer com a casa do meu padrasto?

— Talvez, ela se salve. Mas o quintal, eu irei explodir. Os servidores estão em uma sala protegida no subsolo.

Ela tomou um gole de suco e refletiu, observei-a atento, mas forçando o tédio no meu olhar.

— Será que o sótão também estava protegido? — Ela conseguiu uma reação de mim, não tinha pensado sobre o objetivo daquele encanto nas madeiras. — Pegando a cadeira e subindo até o sótão, percebi que tanto Marcus, como Marcílio, deveriam ter invadido meu espaço, mas nunca o fizeram. Eles deram a entender que não sabiam que eu ainda morava na casa. Só estou...

— Faz sentido, Nayara. Feitiços de proteção podem tirar a percepção de que há algo ou alguém em determinado espaço. A questão é, por quê? O que você tem de tão especial para ser protegida? Ou foi apenas uma coincidência, os servidores estavam no sótão e você se aproveitou.

Sua mão foi para o peito e se fechou, lembrei-me da textura da sua pele, dos bicos dos seios e senti meu pau acordar para a vida. Ela era uma humana qualquer, que sabia me tirar do sério e desenhava a minha pior versão.

Sua respiração ficou irregular, era o momento de seduzi-la. Quanto mais interesse ela tivesse por mim, mais fácil seria entregar o sangue para o chá da sorte do duende.

— Nay — falei sedutor, seus olhos piscaram várias vezes. — Eu quero você, mas não podemos. Não agora.

— Thor? — Sorri de lado, o apelido me enaltecia e amaciava o meu ego. — Eu não acho que...

— Você gostou do que fizemos no banheiro? — Levantei-me estendendo a mão na sua direção. — Quer repetir em um lugar muito melhor?

— Está brincando comigo? — Colocou sua mão na minha e se levantou.

— Por quê? Serei beneficiado tanto quanto você. — Puxei-a para sair da sala de jantar e ir para a escadaria. — Prazer, Nayara. O gozo é o melhor dos relaxantes musculares.

— Não deveria me sentir atraída, sua proposta tinha que ser recusada. — Percebi que ela estava fazendo o mesmo jogo que eu. Suas palavras, por mais sinceras, estavam em um tom diferente, algo estava sendo forçado. — Pensar em você como meu primeiro homem é perturbador.

— Sair da zona de conforto faz bem. — Subi os degraus olhando para ela e a puxando comigo. — Há desordens que são necessárias para termos mais confiança.

— Esse é o problema, Thorent. Por mais que meu cérebro diga que você é o errado, meu coração refuta. Estar com você é o certo, predestinado.

— Não há profecias que me envolvam, então, aceite que será apenas sexo. Um bom e maravilhoso orgasmo antes de dormir. — Abri a porta do meu quarto e senti o aroma calmante preparado por Danika. — Você vai gostar.

— Eu já amei — murmurou quando a coloquei de costas para a cama. Sorri ao ver sua inocência em sentir algo tão profundo por alguém que a destruiria, com ou sem poder. — Thor, eu...

— Não vou tirar sua virgindade. Então, relaxe e aprecie uma forma diferente de sentir prazer. — Tirei o celular do bolso e fui fechar a porta. —

Prinki, toque Bad Omens.

Tinha configurado a mesma inteligência artificial do meu escritório no celular, para trazer um pouco da magia tecnológica para a minha casa. *The Worst In Me* começou a tocar e fui tirar minha roupa ao som do rock.

“Eu tinha você comigo, mas você está se esvaindo

Evoque o pior em mim

E agora tudo está acabado

Acho que estou cedendo

Você liberta meus demônios”

Se a boceta precisava ficar intacta, eu me usaria de todos os outros meios para me afundar naquela humana. Por mais que não sentia a empatia que vinha da paixão, eu tinha muito tesão e desejo sexual.

Levantei sua blusa para sair do corpo e a vi mexer na corrente que tinha no pescoço, colocando-a para trás. Ela me escondia algo, eu me preocuparia com aquilo em outro momento.

Tirei seu sutiã e suguei um seio, apertando o outro com desejo. Ela arfou e gemeu, a sua entrega era ar para inflar meu ego. Tentou jogar comigo, mas eu tinha uma vantagem, mesmo que me permitisse, não poderia sentir a afeição que ela achava que conseguiria ter de mim.

“Você me aponta como o vilão

Mas você nunca menciona a raiz do problema

Pegou o que queria e o distorceu

Mas você não vai arrastar meu nome para o fundo do poço”

Limits, outra música da mesma banda, embalou nosso momento e meu pau não queria mais ficar dentro da calça. Coloquei minha mão perto do seu pescoço para a manter na cama, tirei sua calça e calcinha, junto com os chinelos que vestia.

Tentou se cobrir enquanto eu me despia por completo, olhei ao redor e encontrei um dos óleos relaxantes, serviria ao meu propósito. Com um sorriso malicioso, subi na cama e abri suas pernas para encarar sua boceta depilada. Ergui o recipiente e joguei o óleo na sua barriga, ela se contorceu de prazer e nem tinha começado.

— O que vai fazer? — questionou com excitação. Coloquei o frasco de lado e espalhei o líquido viscoso pelo seu corpo. — Thor?

— Não vou narrar tudo o que farei com você. A antecipação do desconhecido faz parte do prazer. — Massageei seus seios e minha atenção foi para a correntinha. — Está aqui por livre e espontânea vontade?

— Vai se casar comigo?

— Não, *Prinkí*, eu vou te foder de maneiras que você não imaginava que poderia fazer na sua primeira vez.

A música parou sem que eu pedisse e a inteligência artificial falou algo que não me importei. Caralho, eu precisava dos meus poderes de volta, a porra da tecnologia não sabia distinguir uma intenção de comando com a minha conversa.

Esparramei o óleo na sua boceta e cheguei no seu buraco enrugado, o meu local de interesse. Ela retesou, mas não protestou, o que me incentivou a continuar a estimular aquele lugar.

Massageei seu clitóris com o dedo, escorreguei na cama e desci minha boca até seu sexo. Gemeu e curvou o corpo para cima, ela estava sensível. Suguei e lambi com movimentos verticais, suas mãos seguraram meus cabelos e apertaram com descontrole.

— Thorent! — clamou o nome daquele que estava lhe proporcionando prazer irrefreável.

Reduzi os movimentos e degustei sua boceta, os grandes lábios e o buraco como se fosse a primeira vez que fazia sexo oral. Bem, de certa forma, estava sendo depois de tanto tempo, eu proporcionando um orgasmo para a mulher antes que eu estivesse satisfeito.

Gozou rebolando na minha boca. Controlei a vontade de colocar um dedo dentro para prolongar o seu clímax massageando o ponto G. Depois que ela me desse o sangue, poderíamos repetir a dose outras vezes.

Usando o óleo para deslizar minhas mãos no seu corpo, ergui meu tronco e me preparei para a segunda dose de prazer.

Ela seria minha por toda a noite.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 23

Respirando com dificuldade e olhando para o teto, eu via estrelas e me sentia a mulher mais poderosa do universo. Não sabia que um orgasmo proveniente do sexo oral poderia me transportar para um estado de espírito tão distante da minha realidade.

Mesmo com receio do que estava se passando na cabeça de Thorent, eu queria mais, tudo o que ele estava disposto a me dar, sem tirar a minha virgindade. Concluí que não haveria parte dolorida, apenas prazer.

Fechei os olhos e sorri, percebendo os movimentos em cima do meu corpo sem entender. Encarei o bruxo e vi seu membro próximo da minha boca. Abri-a em choque, sua mão fez com que a ereção tocasse meus lábios e suspirou com excitação.

— Isso, minha *Prinkí*. Use os lábios, me chupe gostoso como fiz com você. — Sua ordem murmurada me excitou, ainda mais que parecia fora de controle mesmo estando sobre mim.

Segurei na base do seu pênis e o afundei na minha boca, deixando que minha língua degustasse do seu sexo. Ele era despudorado, gemeu e movimentou seu quadril, para entrar e sair de mim.

Suguei para extrair seus líquidos, senti o salgado se misturar com minha saliva e fui de encontro às suas arremetidas. Ele quase chegou na minha garganta, inclinou o corpo para a frente e dançou em cima de mim, para a frente e para trás.

— Os lábios. Assim. Gostosa. — Ele abriu a boca e me encarou com perversão. Se ele tentava me seduzir, eu o fazia ainda mais.

Perdeu o controle ao sair de cima de mim e se jogar ao meu lado. Com a mão na base do seu pênis, ele parecia se controlar para não alcançar o clímax.

— Por que não gozou? — perguntei achando que havia algum problema comigo.

— Farei na sua bunda, dentro de você.

Contraí os músculos e tentei impedir, na minha mente, que continuasse. Ele se virou e acariciou meu rosto, admirando-me como o mais romântico dos amantes.

— Vem. — Puxou minha perna e nos encaixou de lado. — Vou te fazer gozar mais uma vez. Se esfrega no meu pau como fez lá no banheiro.

— Thor — chamei-o quando esfregou seu membro na minha entrada. — Estou tão... céus, eu quero você.

— E terá, mas aqui. — Apertou minha bunda e me ajudou a se esfregar nele. — Preciso do seu sangue primeiro, mas isso não nos impedirá de ter um bom momento.

Abafei o meu lado chateado por servir, apenas, para sua missão. Incapacitado de sentir, eu ainda acreditava que poderia fazer diferente em algum momento, por mim.

Sua boca encontrou a minha, meu sabor misturado com o seu, em nossos lábios, me deu forças para continuar. Eu ainda poderia testá-lo um pouco mais. Estava me dando de corpo e alma, como era possível ele não se sensibilizar?

Esfreguei-me nele enquanto nos beijávamos. Sua mão massageava um seio enquanto a outra descia até o meu buraco enrugado. Senti um dedo entrando em mim e gozei pela sensação do proibido. Soltei-me da boca dele e gemi rebolando cada vez mais na sua ereção.

Puxou minha perna para cima e me deixou exposta. Senti seu pênis deslizar por mim e cutucar a minha entrada entre as nádegas.

— Relaxe, Nay. Você está inchada e vai gostar. — Sugou um seio e foi entrando em mim. Era uma sensação avassaladora ser seu objeto de prazer. — Oh, apertada pra caralho. Mais um pouco.

— Thorent!

— Sim! — Entrou em mim e saiu, continuando com o movimento ritmado ao mesmo tempo que uma ardência me fazia sair do clima. — Nay, olhe para mim. — Pisquei os olhos para afastar a dor. — Relaxe, me aceite

dentro de você. — Virou-nos para ficar por cima. — Isso, *Prinkí*, é o nosso momento.

Ele pegou minhas mãos e as colocou nos meus seios. Apertei-os de forma voluntária, proporcionando mais prazer a cada investida que fazia. Sua mão foi para meu clitóris, eu já estava em outra dimensão, sentindo dor e prazer ao mesmo tempo.

Escutei-o arfar e intensificar os movimentos. Fechei os olhos e cedi um pouco mais, ele estava me fazendo dele e nem precisou tirar a minha virgindade para isso.

Senti-o sair de cima de mim, arregalei meus olhos com preocupação, mas ele voltou, me colocando de quatro e esparramando mais óleo na minha bunda.

Apoiei-me nas mãos e ele voltou a me penetrar, com mais facilidade e menos desconforto para mim. Com as mãos nos meus quadris, ele meteu ritmado, gemendo e me proporcionando tanto prazer quanto ele mesmo sentia.

Rosnou irritado com alguma coisa, curvou-se para esfregar meu clitóris e sussurrou no meu ouvido:

— Só vou gozar quando você for também.

Suas palavras me deram esperança. Parte do que significava amor, era a reciprocidade. Ele me queria ao seu lado, dar e sentir prazer.

Meus braços perderam forças quando me entreguei ao clímax e caímos na cama, com ele ainda entrando e saindo de mim. Ele gemeu mais grave, senti-o pulsar em mim e quando saiu, seu sêmen escorreu.

Jogou-se ao meu lado, com a respiração acelerada e um sorriso egocêntrico que me fez admirar ao invés de rechaçar.

Deveria imaginar que ele soltaria alguma frase para nos tirar dessa bolha romântica, que eu mesma criei, mas me iludi, a cada segundo de silêncio entre nós.

— Estou lambuzada — comentei divertida e passei a mão no seu tórax definido. — Você também.

— Foi muito bom. — Pegou minha mão e, ao invés de acariciar, colocou-a para o lado. — Gostou?

— Sim, Thor. Eu... estou impactada.

— Apaixonada? — Virou-se para mim com expectativa e senti meu rosto esquentar. Inclinei-me para a frente e lhe dei um selinho, ele perdeu um pouco do sorriso arrogante.

— Por mais irresponsável que seja, sim. Você conquistou meu coração um pouco mais ao me mostrar um mundo desconhecido de prazer carnal. Eu me sinto mais confiante.

— Que bom. Eu te salvei e você me deve, humana. Entregue, de boa vontade, um pouco do seu sangue para que Zaz faça o chá da sorte. Você terá muito mais prazer como o de hoje se o fizer.

Ele saiu da cama como se não tivesse jogado um balde de água fria no meu corpo. O calor que eu sentia, tanto pelo meu prazer, como o proporcionado pela correntinha que se emaranhou no meu cabelo, se dissipou.

Ligou a música novamente, entrou no banheiro cantarolando e me deixou sozinha para apreciar minha derrocada com a solidão.

“Quebre este feitiço agridoce em mim

Perdido nos braços do destino

Agridoce”

Bittersweet - Apocalyptica

Com vontade de chorar e sentindo meus músculos tensos por conta da atividade sexual, saí da sua cama, recolhi minhas roupas e tentei não desmoronar em lágrimas.

Sabia com o que estava lidando, um homem insensível e que não poderia amar. Vivenciar esse momento foi mais do que eu poderia lidar, por

isso, precisava me recompor e assumir a minha parcela de responsabilidade.

Entreguei meu coração em um ato de desespero, achando que ele poderia se apaixonar por mim, ou, quem sabe, ter um vislumbre do que era ter alguém tão entregue a ele.

Caí na minha própria armadilha e, mesmo irritada com ele, eu não conseguia deixar de pensar nas sensações que me fez sentir. Era apenas um jogo para que ele se apaixonasse, mas o tesão com sentimentos além dos carnavais me físgou primeiro.

Fui para o meu quarto, me joguei debaixo da água do chuveiro e chorei desolada, por não ter ninguém para conversar sobre o que estava acontecendo comigo.

Afinal de contas, o que eu faria com o amor que eu queria dar para aquele bruxo?

Vesti apenas uma blusa, calcinha e me joguei debaixo das cobertas. Por mais que desenhar me ajudaria, eu deixaria que o sono fosse o acalento necessário para encarar o próximo dia sem tanta desesperança.

Eu estava me perdendo ao invés de ir atrás de me encontrar.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 24

Desço a escada daquela enorme casa com o coração acelerado. Depois de uma noite turbulenta de sono, cheia de pesadelos e conflitos mentais, tudo o que eu menos queria era cruzar com o bruxo que contribuiu para meu estado de espírito.

Entrei na sala de jantar e fui para a cozinha, ainda não tinha explorado aquele lugar. Danika estava batendo uma massa e parou quando me viu.

— Oh, Nay. Sinto muito, eu acabei me perdendo enquanto fazia um bolo. — Deixou em cima do balcão e veio em minha direção. — O que quer para o café da manhã?

— Um abraço — resmunguei como uma criança carente e ela, sem hesitar, me puxou para o seu corpo. Apertei sua cintura e ela acariciou meu cabelo enquanto eu tomava um pouco de colo daquela mulher que só me tratou bem desde que tive uma segunda impressão boa dela.

— O que aconteceu? — perguntou ainda me segurando.

— Thorent aconteceu. — Saí do seu abraço e a empurrei para próximo do pote de mistura no balcão. — Posso ficar com você, aqui?

— A mesa está posta para que se alimente de forma mais confortável. — Fiz uma careta e ela sorriu preocupada. — O senhor já saiu para o trabalho, se é isso que te incomoda.

— Ainda assim, quero ficar com você por aqui. Já volto.

Fui para a sala de jantar, peguei um prato para me servir e enchi um copo com suco de laranja. Entrei na cozinha e arrastei um dos bancos para próximo de Danika, que me encarava atenta.

Comi o pedaço de bolo e soltei o ar com força. Depois de tanta reflexão, percebi que desabafar com alguém só me faria constatar ainda mais que a culpada de tudo era eu mesma.

— Sinto saudades da minha mãe — confessei indo para um lado do meu coração que também precisava de atenção. — Sem minha casa e ausente do trabalho freelance que eu fazia, parece que estou andando nas nuvens, sem rumo. Enfim, me sinto perdida.

— Poderá trabalhar estando aqui. Thorent pode demonstrar frieza, mas há atitudes que nem mesmo ele percebe que tem, para nos proteger. Eu, os duendes e, agora, você, estamos sob a proteção dele.

— Ele quer meu sangue, apenas isso. — Tomei um gole de suco, o doce tinha se transformado em amargo por conta das palavras. — Não sei como conseguem estar com ele em meio à sua arrogância e frieza. Ele pisa nos meus sentimentos sem nenhum arrependimento.

— O coração daquele bruxo está trancado.

— Pois é, ouvi dizer — falei contrariada.

— O amor e tudo que o acompanha não faz parte da vida dele há alguns anos. Isso não quer dizer que ele nunca o teve. Ele sabe como funciona e, mesmo que ele esteja impedido de sentir, não quer dizer que sua alma não o faça.

— Não entendi.

— E nem precisa, menina. Se existe alguém que pode mudar aquele bruxo, eu apoiarei. — Foi até mim e estendeu o pote. — Quer experimentar a massa?

— Como entrou nesse universo? Também teve uma família louca que te mantinha no sótão? — Coloquei o indicador na beirada do recipiente e levei para a boca, gemi em apreço. — Adoro bolo de laranja, minha mãe fazia.

— Sim. — Fez um barulho na garganta e continuou com seu trabalho manual. — Quero dizer, eu sou uma bruxa também, apenas abdiquei dos meus poderes. Como Thorent, eu vivia junto com outros bruxos das trevas e acabei sendo escravizada. — Deu de ombros ao me ver chocada. — Não se preocupe, foi há muito tempo. Minha escolha.

— Como assim? Você não parece ter mais de trinta anos.

— Alguns séculos. — Fez bico e segurei a respiração ao perceber que ela era muito velha. — Nós, seres mágicos, vivemos muito mais do que os humanos.

— Cem anos.

— Tenho quase trezentos. — Sorriu divertida.

— Oh, céus. Thorent tem quantos anos, então? Quinhentos?

— Mais ou menos. Se eu fosse você, não perguntava, é um assunto delicado. Para os humanos, ele tem trinta e dois. — Despejou a massa em uma forma redonda. — O senhor se preocupa muito com a aparência.

— Por isso que ele mudou de forma? Para se parecer mais bonito do que já é? — Fiz uma careta e ela riu baixo. — Tenho que admitir, o homem é lindo e tem umas mãos... — Tampei o rosto envergonhada. — Fale para mim que estou louca. O nosso primeiro encontro foi ele me atacando e, agora, estou suspirando por ele.

— Não julgo, Nay. Eu vi muitas mulheres passarem pela vida de Thorent e nenhuma ficar tanto quanto você. — Encarei-a surpresa e seu riso baixo me confundiu. — E eu, claro. Mas não o vejo como nada além de um filho mimado e cheio de querer.

— Nunca o viu como alguém para amar? — Ela negou com a cabeça. — Você é bonita.

— E velha, sem poderes. No meu mundo, sou inútil. Para Thorent, alguém que cuida do seu lar, sou de confiança. — Abriu a geladeira, tirou a jarra de suco de dentro e encheu meu copo. — Minha vida inteira eu fui usada para coisas perversas. Estou feliz no meu canto, com a cozinha e as ervas de banho do senhor.

— Ele é muito folgado.

— Nunca foi um bruxo de luz e nunca será. Sem os poderes, ele está um pouco mais intransigente que o de costume. Mas... eu o aceitei como é.

— Sei que coloca alguns pingos de poção do sono no suco dele, para não perturbar de madrugada. — Zaz apareceu e virei meu corpo para

vê-lo entrar na cozinha e arrastar outro banco para se sentar ao meu lado. — Bom dia, humana.

— Bom dia, duende — cumprimentei-o no automático, ele sorria com diversão. — Não está no trabalho por quê?

— Fugindo de certo primo do CEO, com nome de anjo. Raphael, conhece? Então, ele se acha o dono da TMT e fica ditando ordens, um chato. — Roubou um pedaço de fruta do meu prato e o repreendi com o olhar. — Tudo bem, ele chegou sem você e estava com saudades.

— Zaz — repreendeu Danika, o duende mostrou-lhe a língua. — Pare de provocar, Thorent irá descontar tudo quando recuperar os poderes.

— Isso, se ele se apaixonar pela nossa amiga. Só o amor poderá reaver seu lado bruxo. — Ele se esticou para colocar o braço ao redor dos meus ombros. — Mas, estou empenhado para que aconteça, não se preocupe. Ataque de ciúmes já está desequilibrando os chakras dele.

— Sinto lhe desapontar, mas aquele bruxo não ama nem ele mesmo. — Pulei do meu banco e tomei todo o meu suco. — Vamos considerar o extremo, que eu me sacrifique no processo, Thor não vai me olhar diferente. Ele só quer meu sangue.

— E, então, vai liberar seus glóbulos vermelhos? — Encarei-o com dúvida.

— Acho que sim. É o mínimo que posso fazer perante o acolhimento. É como se fosse uma doação de sangue para um doente, certo? — Fiz bico.

— Não adianta fazer essa cara. Tem que vir do coração, sua intenção precisa ser de ajudar Thorent, senão, ele terá sete anos de azar.

— Oh, merda. E agora?

— Pare de assustar a garota — Danika o repreendeu e ele soltou uma gargalhada. — Nada de mal acontecerá. E não dê nada seu se não aguentar as consequências, Nay. Tudo que vai, volta, seja no mundo mágico ou da Terra. O equilíbrio das ações, boas ou ruins, tem consequências. Não

faça, se não estiver preparada, Thorent dará um jeito com ou sem o seu sangue.

— Não, ele está perdido. Leanan é a rainha do submundo na Irlanda e o sonho dela sempre foi ter Thorent ao seu lado. Mas o bruxo nunca quis um romance e a fada das trevas esperou o momento oportuno para ter sua vingança.

— Você não disse que ela tinha se casado?

— Pois é, parece que fez outro bruxo refém, para substituir o loirão dos raios. — Ergueu as mãos em sinal de tanto faz. — Quando se envolve muito poder, o amor só fala mais alto quando se tem luz no coração. Estamos lidando com o mal e perverso, interesses tem mais voz que a alma de um ente querido.

— Você acha que a tal Leanan que está por trás de tudo isso? E, para dar trégua ao Thorent, exigirá que se case com ela?

— Não sei. — Colocou o indicador no queixo e pensou. — Mas é uma ideia bem sacana, já imagino o bruxo que odeia sentimentos vestido com o fraque.

— Pare de brincar com coisa séria. Mais fácil aquela fada acabar com todos nós por capricho do que conviver com sua derrota do passado. — Danika parou de trabalhar para encarar o duende. — O que veio fazer aqui, afinal?

— Adivinha? — Revirou os olhos e saiu da cadeira, a governanta bufou irritada. — Apesar de rebelde, eu cumprio ordens.

— Do que estão falando? — Entrei na conversa dos dois e o duende ergueu as sobrancelhas divertido.

Com certeza, tinha algo que me envolvia, só não sabia que eu poderia guardar aquele evento como uma das minhas cartas na manga para fazer com que Thorent tivesse o mínimo de empatia por mim.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 25

Sentado na minha cadeira presidencial, com os pés em cima da mesa, encontrei o contato do meu amigo bruxo. Precisava de suporte para dar continuidade à minha missão, que foi direcionada para Leanan.

As mulheres ao meu redor estavam tirando o meu pior.

— Olá, meu amigo, como vai? — cumprimentei Áthila com alegria forçada. Pelo telefone, não sabia como estava seu humor.

— *O que você quer?* — rebateu sem emoção.

— Não sou tão interesseiro assim. Queria saber se tem novidades para a solução do nosso caso.

— *Se tivesse, não estaria falando com você por um aparelho minúsculo pendurado na minha orelha. Diga de uma vez, o que quer?*

— Estou precisando de algumas pedras — rebati chateado.

Nós éramos os extremos opostos. Apesar de Bastiaan ser sério e arrogante, como todos os bruxos poderosos, Áthila era o que tinha mais humor sombrio enquanto eu prezava pelo bom relacionamento, para facilitar a manipulação.

— *Claro que precisa. Sem o feitiço de proteção e todos os outros que você adorava manter conectados, você está vulnerável. Demorou demais para me ligar.*

— Se sabia que eu estava com problemas, por que não me informou quando nos falamos pela primeira vez?

— *Sou seu amigo, não sua mãe. Onde estão Danika e os duendes?*

— Vai se foder — soltei irritado, estava perdendo o jeito de falar com as pessoas e, naquele momento, com meus amigos.

— *Prefiro essa versão à boazinha, Thorent.*

— Vai me enviar as pedras ou será cuzão egoísta e ficar com elas só para si, como Bast fez?

— *Pare de chorar, estamos os três fodidos. Eu, ainda por cima, estou com uma policial na minha cola. Então, só diga de uma vez, do que precisa?*

Olhei para a tela do meu monitor e fiz o meu pedido. Ele encontraria uma forma de fazer uma entrega mágica, já que ele estava na Rússia e eu na Irlanda.

Encerrei a ligação e olhei para o teto, aguardando Zaz voltar da minha casa com o chá da sorte ou Lux ter conseguido algo no Bar Barba de Duende.

— *Prinki*, aumenta — pedi para a inteligência artificial ampliar a música que tocava.

“Então me diga, como é a sensação de saber que ninguém está vindo?

Ninguém está correndo

Quando você bater no chão (você bater no chão)

Como é a sensação de saber que ninguém está ao seu redor?”

To Be Alone – Five Finger Death Punch

Lembrei que tinha vindo sozinho para a empresa e, sem uma explicação racional, senti falta de ter Nayara comigo. O momento de noite que compartilhamos e o quanto eu estava ansiando por preencher a sua boceta pela primeira vez me excitou. Que ela me entregasse, de uma vez por todas, um pouco do seu sangue para podermos apreciar o momento sem nenhuma reserva.

Cogitei encontrar outra pessoa para fazer o papel de virgem apaixonada, mas demandaria muito tempo resgatar alguém como aconteceu

com Nay. Zaz teria que a convencer, a minha parte eu tinha feito, que era lhe dar prazer.

A porta da minha sala foi aberta e me surpreendi por ter sido Lux a invadir o local. Aquele tipo de falta de educação era característico de Zaz, não dele. Deu passos firmes na minha direção e bateu a mão na minha mesa, sua seriedade não me intimidou.

Percebi que um cartão retangular ficou na superfície quando se afastou. Peguei o papel e ergui a sobancelha para o duende ao ver o nome de Valy, além de uma silhueta sensual de mulher.

— Leanan ofertará uma noite de prazer para os aliados. Minha mulher e suas garotas farão uma apresentação e, com esse cartão, você consegue acesso à área VIP do Barba de Duende.

— Ela não era garçonete? — perguntei intrigado.

— Você, sua obsessão pelo trabalho e por me fazer te seguir nessa loucura, a irritaram. Ela não quer mais nenhum duende na vida dela, está curtindo a vida.

— Isso quer dizer que ela pode aproveitar com você, sem amarras.
— Guardei o cartão no bolso interno do meu terno.

— Não sei se é a melhor ou pior parte, eu gosto dela, Thorent, de verdade. — Passou as mãos pelo cabelo e se sentou na cadeira à minha frente. — Sexo com ela é bom, mas eu queria mais. Me casar, ter filhos, formar um lar.

— Desde quando quer se afastar de mim?

— Não é isso! — Jogou os braços para o ar. — Vou continuar trabalhando com você, fazendo o meu papel no seu mundo, mas eu terei o meu próprio. Quero ter a minha família.

— Se não fosse eu ter te resgatado, nem vivo estaria. — Bufeí indignado quando ele rosnou. — Esse romance ainda vai te fazer perder uma das bolas, Lux. Ela te deu a oportunidade de trepar sem compromisso, aproveite.

— É isso que pretende com Nayara? Resgatou a garota para servir de consolo antes de dormir? — Abri a boca para concordar, ele se levantou da cadeira irritado. — Ela sabe disso?

— Dará o sangue para me ajudar no chá da sorte, em troca, terá um teto sob a cabeça. Eu a resgatei. O que mais quer de mim? — Bati com a mão na mesa irritado. — Que se foda, Lux, eu não preciso te dar satisfação!

— Está aí o que queria, um encontro com a Leanan. Boa sorte, vai precisar. — Virou as costas e caminhou em direção à porta.

— Não! Eu te pedi para investigar mais sobre os aliados dos meus inimigos a essa fada, com discrição.

— Foi o que fiz. Encontrei Valy, ela está sob o domínio do Barba Vermelha, que declarou apoio a Leanan Sidhe. Você está em baixa conta pelos arredores, estão todos irritados por causa da última empresa de tecnologia que você fechou, comprando o único contrato que eles tinham.

— Eu mando na tecnologia da Irlanda, doa a quem doer. — Levantei-me sentindo falta da energia que estaria ao meu redor, dos raios e vibrações elétricas para intimidar além das minhas palavras.

— Pois é. Mesmo que eles não saibam que está sem os seus poderes, querem te derrubar. E não será apenas você a cair, mas a TMoore, eu, Zaz, Danika e Nay, todos que estão sob o seu domínio.

— *Prinkí*, avise ao meu subalterno Leonard que a opinião dele não me importa e que precisa focar no monitoramento do firewall da empresa.

— *E-mail encaminhado com sucesso* — o aparelho atendeu ao meu comando e o duende procurou o alto-falante. Irritado, mostrou o dedo médio para mim, abriu a porta e a fechou com força, mostrando irritação.

Voltei a me sentar, tirei o cartão do bolso e analisei o escrito e a superfície. Cheirei, não havia nada mágico, aparentemente. Um encontro com a fada, mais a pílula encantada de força e o chá da sorte, eu voltaria a impor minha posição dominante e focaria em recuperar meus poderes.

Abrir meu coração não era uma opção, uma vez que a chave foi queimada na fogueira assim que o ritual terminou. Ao invés de brigar com a

rainha do submundo mágico da Irlanda, eu poderia descobrir se ela tinha poderes suficientes para reverter a maldição jogada pela bruxa da luz.

Eu não me importaria de dever um favor para aquela fada. Por mais que eu não simpatizasse com ela e menosprezasse seus convites, poderia me submeter daquela vez.

Já tinha uma humana sob o meu teto, não havia mais limites para as minhas ações.

— *Prinkí*, Zaqueu está na sua estação de trabalho?

— *Não foi encontrada nenhuma atividade nas últimas três horas no computador de Zaqueu* — o alto-falante me respondeu.

Ele deveria estar em casa, voltaria para almoçar e confrontá-lo, junto de Nayara. O que mais ela queria de mim? Sexo era tudo o que poderia oferecer, ela sairia ganhando se permitisse se entregar aos prazeres da carne.

Conferi o monitor dos sistemas da empresa, meu e-mail e saí da minha sala, ignorando a secretária, que cada dia mais parecia perdida por me ver frequentando o lugar que era meu, sob outra aparência.

Seria perfeito se eu conseguisse resolver meus dois problemas ao mesmo tempo.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 26

Escutei o barulho do carro dele chegando estando na biblioteca. Apesar de livros antigos e que não faziam sentido para mim, eu mergulhei naquele cômodo e fiquei nele depois que Zaz foi embora.

Meu coração estava despedaçado ao mesmo tempo que esperançoso, por isso, ao invés de receber o homem que estava mexendo com meus sentimentos e seduzi-lo um pouco mais, eu fui para o meu quarto, tranquei a porta e a entrada da sacada.

Como já tinha almoçado, poderia me trancafiar escutando alguma música e desenhando. Meu notebook superpotente patrocinado pelo bruxo estava intocado. Não tive forças nem inspiração para conversar com algum cliente que estivesse em busca de algum desenho em quadrinho. Meu momento estava sendo de desenhos livres de um ser sobrenatural arrogante, egocêntrico e lindo.

Como ele não conseguia enxergar a beleza das suas imperfeições? No âmbito visual, o que lhe dava o charme era a cicatriz aparente, a marca de expressão, a mancha na bochecha.

Batidas firmes soaram na minha porta e, ao invés de abrir e conversar com Thorent, peguei meu celular, coloquei na primeira música que apareceu na playlist e aumentei para ignorá-lo.

Estava chateada comigo mesma, por estar me submetendo aos seus caprichos e, de certa forma, gostando. Como uma pessoa normal, esperava que ele retribuísse o sentimento, mas era pedir demais que um bruxo com o coração trancado me fizesse ser a exceção. Por coincidência, o refrão da música externava o que eu sentia.

“Eu posso ser excepcional, sensacional para você

E eu poderia ser aceitável, dispensável para você”

Exceptional – Unisonic

Escutei mais batidas ao fundo, trouxe meu caderno de desenhos para o colo e foquei no que queria fazer para espairar a mente. Mergulhei no desenho e fiz vários esboços sem me preocupar com a hora.

A música me ajudou a distrair e só reparei que a noite tinha chegado, quando a luz diminuiu em demasia, quase me cegando.

Fui para a porta da sacada, empurrei a cortina e não vi ninguém naquele lugar. A lua estava linda, tão vermelha e cheia, parecia propícia para os lobos se entregarem à sua transformação.

Dei um riso baixo por conta da direção dos meus pensamentos, o único conhecimento do universo mágico era o que eu sabia dos filmes e o que vivenciei nesses últimos dias.

Abri a porta, conferi se estava sozinha e me dei um momento para apreciar a brisa da noite. Havia muita vegetação ao redor, os cheiros e sensações eram mágicos, mesmo que o dono do lugar estivesse sem seus poderes.

Escutei barulho no seu quarto, fui espiar e vi Danika andando de um lado para o outro com bandejas de coisas. A porta para a sacada estava aberta e a cortina afastada, eu poderia espiar apenas de um canto para não ser vista.

Todos os dias, aquele bruxo tinha o banho preparado, como se estivesse há mais de dois séculos parado no tempo. Pela conversa que tive mais cedo com a governanta, não me surpreendeu o gosto excêntrico.

Vi-o entrar no cômodo, tirar a roupa sem se preocupar que Danika ainda estava por lá e entrou no banheiro só de cueca. Meu coração acelerou e mais uma ideia surgiu na minha mente. Digna de fiasco, eu estava perdendo a noção do sensato e o quanto eu poderia me magoar. Mas... eu queria tentar. Precisava encontrar uma forma de pôr meus pés no chão e, no meu peito, eu sabia que ele era a chave.

Tirei a correntinha do seu esconderijo e encarei o pingente. Era uma medalha amassada, contorcida, mas se olhasse com mais atenção, perceberia o contorno de uma chave, como se várias coisas estivessem

prensadas nela. Apertei-a contra meus dedos, talvez, ela fosse a minha única salvação, não outra pessoa.

Voltei para o meu quarto e, antes que eu desistisse, tirei minha roupa, inclusive a correntinha. Peguei uma toalha, envolvi no meu corpo e andei na ponta dos pés até a porta do banheiro de Thorent.

De olhos fechados e corpo submerso, o bruxo parecia dormir em seu banho de beleza.

Peguei uma fruta na bandeja que estava próximo, coloquei na boca e fiquei nua, era a minha vez de seduzi-lo. Fui até a bancada do gigantesco banheiro, peguei o celular e encontrei uma música para me ajudar com o que pretendia fazer.

“Eu estive longe, por pouco tempo, às vezes eu não consigo evitar

Quando minha mente se enfurece, parece que eu perco o controle da realidade

E eu tento ignorar as coisas loucas que as vozes me dizem para fazer

Mas é inútil”

Alone In A Room – Asking Alexandria

A música que estava foi interrompida para começar a minha, ele se sentou alerta e fui para próximo dele.

— O que está fazendo, Nayara? — perguntou encarando meu corpo com desejo.

— Minha vez de foder você — respondi espirituosa, entrei na banheira e me sentei no seu colo de frente a ele, percebendo que parte da minha vergonha me impedia de ser confiante desapareceu.

Ele sorriu com malícia, me ajeitou contra o seu colo para me esfregar no seu membro ereto. Uma mão foi entre minhas nádegas, ele iria

por trás, mas a minha intenção era lhe dar minha virgindade, mais um ato de doação da minha parte.

Comecei a me esfregar nele, Thorent sugou meu lábio inferior sem desviar o olhar. A cada contato da sua pele na minha era uma explosão de luxúria. Empinava a bunda quando ia para a frente, ele introduziu um dedo e tirou.

— A água não é um bom lubrificante. Vou pegar o óleo.

— Espere. — Impedi que saísse, havia outro lugar que não precisava de recurso artificial para me preencher. Inclinei a cabeça para o lado e o beijei, abraçando seu pescoço com força e rebolando no seu colo cada vez mais próximo da minha vagina. — Thorent, eu quero você.

— Eu também, *Prinki*. — Tentou ajeitar o seu pau no meu buraco enrugado, mas impedi, fazendo com que ele entrasse com a glândula no meu sexo. — Não, ainda não podemos.

Fechei os olhos e me sentei no seu colo de forma abrupta, sentindo minha alma ser rasgada em duas pelo ato insano. Sabia que iria doer, mas não que fosse tão desesperador.

Thorent começou a reclamar e o calei com minha boca, não queria ouvir suas maldições, para estragar mais um dos momentos de realização pessoal da minha vida.

Mesmo com dor, eu subi e descí, para provocá-lo. Estava sendo bom para ele, porque o fiz perder o controle depois de algumas cavalgadas. Soltou minha boca e mordeu o meu pescoço enquanto eu continuava o movimento. Suas mãos foram para a minha cintura e sua boca para o meu seio, ele não teve piedade e me forçou para baixo a cada sucção que fazia.

Por mais que não conseguia explicar de forma racional, havia uma conexão entre nós que me fazia aceitar aquele bruxo do jeito que ele era. Amor? Impossível, não nos conhecíamos por tanto tempo e ele não era carinhoso para me atrair. Mas... estava lá, me forçando a agir sem receios.

Não soube identificar o momento em que a dor se transformou em prazer, apenas que eu tinha os braços soltos entregue a luxúria. Estava rebolando e gozando, esparramando água ao meu redor enquanto Thorent

me ajudava a não cair com uma das mãos nas minhas costas, a outra estava massageando um seio com delicadeza.

Ele saiu da banheira com sua ereção ainda dentro de mim, sentou-se na beirada e me mudou de posição para ficar de costas para ele. Segurei em um dos lados e ele rosnou, metendo fundo e buscando seu clímax. Deu um tapa ardido na minha bunda antes de urrar e se jorrar em mim, era raiva mesclada ao deleite de estar comigo. Escorregou para debaixo da água novamente e me levou com ele.

O abraço que tanto ansiei pós-sexo veio, mas não com o sabor que eu queria. Seu pau saiu de mim, os dedos tocaram a minha região sensível e bufou, com irritação.

— Porra! — Ergueu a mão e viu a consumação do nosso ato. — Sua irresponsável! Eu precisava do seu sangue virgem e você se jogou em mim. Não deu... não consegui...

— Foi um presente, Thor — murmurei segurando o choro. — Gosto de você, mais do que seria prudente.

— Está a meu serviço, não deve fazer nada além do que eu mandar — souo agressivo sem se importar com a confissão anterior. Livrei-me do seu abraço, brava com ele e comigo mesma. Eu poderia estar com meu coração em frangalhos, mas esse idiota não descontaria sua frustração em mim novamente.

— Por mais que não tenha para onde ir e escolhi ficar sob o seu teto, ainda sou dona das minhas vontades. Eu quis transar e ponto! Você não manda em mim, nem no meu coração! — Saí da banheira com as pernas bambas.

— Se está apaixonada por mim como confessou, deveria me obedecer.

— Você nunca saberá o que é o amor, não tente racionalizar o que precisa ser sentido. — Bati no meu peito com cuidado e fui para a porta do banheiro.

— Aonde pensa que vai?

— Nesse momento, eu te odeio e preciso me controlar, senão vou cometer um crime.

— Nós ainda não terminamos. — Ele se levantou com o membro ainda ereto, poderíamos continuar, se ele não fosse tão... bruxo infernal! — Já que não tem mais o sangue virgem, que façamos direito.

— Sim, acabou. — Puxei a minha toalha e me enrolei nela. Parei na porta do banheiro e encarei o ser odioso que eu queria ensinar a amar. — Parabéns, grande bruxo Thorent Moore, você conseguiu o que queria. Zaz já está com meu sangue, seu insensível egocêntrico! O chá da sorte está quase pronto e eu posso sumir da sua vida.

Corri para o meu quarto e as lágrimas escorreram pela minha face. Tranquei as portas e me escondi no banheiro, mais uma batalha que saí derrotada e meu coração espancado.

Eu estava ainda mais perdida.



Capítulo 27

Não deveria me incomodar por ser ignorado por Nayara, mas eu estava a ponto de invadir seu quarto e tirar satisfação sobre seu último ato insano. Que os humanos eram loucos, isso eu já sabia, mas que me desafiavam ao ponto de não prezar pela vida, estava me lembrando Zaz.

A diferença era que o duende conhecia as consequências e, arriscava dizer, era um pouco masoquista em meio às suas gracinhas. Éramos seres mágicos e tínhamos mais resistência.

Passei pela porta do quarto dela e me obriguei a ignorar. A demonstração de algum sentimento indicava que eu me importava. Eu era superior e, deixar que ela tivesse seu tempo, poderia ser benéfico para mim, no final. Com ela apaixonada, esquentaria minha cama todas as noites.

Lembrei-me de uma das palavras do meu mentor, sobre ninguém ser capaz de gostar de alguém tão feio e fraco como eu. Quando novo, eu tinha menos tamanho e músculo, além de não usar a minha aparência padrão. Ao conseguir me destacar no meu clã, nada mais importava, eu era poderoso o suficiente para ignorar certos aprendizados de merda.

Eu agradava, era venerado e ninguém iria mudar isso, estando com ou sem poderes.

Desci a escada ganhando força para a missão do dia. Iria para a TMT e, de noite, estaria no Barba de Duende para a festa particular de Leanan. Com a força necessária, o chá da sorte e a lanterna, eu conseguiria coagir quem fosse para interromper os ataques. Estávamos dando conta, mas a minha vida não girava em torno de acompanhar os monitores do firewall da empresa.

Entrei na sala de jantar e sorri para a mesa posta com o café da manhã. Sentei-me sabendo que Danika logo apareceria solícita. Ao invés de ver seu sorriso acolhedor de sempre, ela estava séria.

— Bom dia — cumprimentei erguendo o prato para que ela me servisse.

— Senhor — murmurou se aproximando e me servindo da forma que sempre gostei. — Preciso ser um pouco invasiva.

— O que disse?

— Está brincando com a humana, como se ela fosse um rato em uma gaiola. Nayara é uma boa moça. — A polidez do seu tom não combinou com as acusações.

— O que faço ou deixo de fazer, não é problema seu, Danika.

— Ela é especial — insistiu colocando o prato à minha frente. Pegou a jarra e serviu-me suco enquanto eu processava suas palavras. — Se a magoar de forma irreversível, nem você poderá ter conserto.

— Sabe como recuperar meus poderes? — Segurei no braço dela com força, o balançar da sua cabeça contradisse suas palavras. — Diga!

— O seu coração, Thorent. Se você se apaixonar, conseguirá reaver sua vida de volta. — Tocou meu rosto e afastei-me com brusquidão.

— Não fale besteiras. Não só tranquei meu coração, como joguei a chave fora. — Comecei a comer sentindo o órgão do qual falávamos acelerar. — Uma fraqueza que nunca fará parte da minha vida.

— Senhor...

— O que está acontecendo, Danika? Quer se tornar uma bruxa da luz? — Soltei o talher e a enfrentei. Se fosse para perder aquela que resgatei, preferia matar, como faria com os duendes e a humana.

— Sinto muito, senhor. Eu me afeiçoei à humana. — Abaixou o olhar e deu passos para trás. — Só estou preocupada com a ingenuidade da garota.

— Nayara não é tão inocente quanto você pensa. Ela veio no meu banho na noite anterior e perdeu a virgindade, só para que eu pensasse que não poderia usar seu sangue virgem. Manipuladora, isso que ela é. Só que os vinte anos que ela tem de vida não competem com o tanto de experiência que eu tenho nesse jogo.

— Oh! — Colocou a mão na boca e me encarou surpresa. Bufe sem me importar, eu ainda estava por cima.

— Não se preocupe. Enquanto ela me satisfazer, será divertido jogar com os sentimentos dela. Gosto de um desafio.

— Nay não sabe o que está fazendo.

— Não farei nada que ela não queira, sei manipular a situação para que seja a meu favor. Como está sob o meu teto, ela é minha para nos divertirmos.

— E quando se cansar?

— Pode levá-la para o seu quarto e brincar de família.

Sorri com petulância e a minha governanta se afastou perturbada. Antes de ter trancado o meu coração, era fácil me passar por um bruxo mais bonzinho, porque eu trazia a educação e paciência para serem minhas aliadas. Sem os sentimentos que me faziam conectar a outras pessoas, até o relacionamento com os meus amigos bruxos mudou. A crueldade fazia parte e, mesmo sendo recíproco, só não nos importávamos.

Terminei a minha refeição, passei no lavabo de casa e odiei o reflexo no espelho. Minha dificuldade de autoaceitação nunca me abandonou, tendo mais ou menos empatia pelas pessoas. Era uma força que ia além do que eu almejava, fazia parte da minha razão de viver, estar no topo.

Saí de casa e andei com o meu carro pelas ruas de Dublin sem me preocupar de chegar em um horário certo na TMT. Aumentei o som do carro e me obriguei a relaxar, ansiedade não combinava comigo, ainda mais quando iria confrontar alguém poderoso como eu.

Como eu era.

Porra! Se algo desse merda, as criaturas mágicas que viviam na Terra saberiam do meu fracasso e eu teria que enfrentar lutas diárias, não só com os ataques cibernéticos.

Cheguei à empresa ao som de Shinedown, *Black Soul*.

“Então, quem é o idiota agora?

Superior, você não é

Porque minha querida tem uma alma negra”

Todos já me conheciam no lugar como o primo de Thorent Moore. Cumprimentei um segurança e subi para o meu andar, a secretária me sorria como se fosse o dono. Estava fácil demais trocar o verdadeiro CEO por alguém que conseguiu acesso à sala dele, anotaria isso para providências futuras.

Entrei na minha sala, Zaz estava na minha cadeira, girando no próprio eixo. Percebi um grande pacote em cima da mesa e outros de lado, no chão. Quando o duende me viu, parou a gracinha e balançou a cabeça, deveria estar fazendo isso há muito tempo.

— Cadê a minha amiga? — Zaz olhou ao redor e fez uma careta. Antes que eu pudesse impedi-lo de me fazer rir, apontou o dedo na minha direção e me contorci. — O que fez com ela?

— Ela faz parte do meu arsenal em casa, não na empresa. Desenhos não contribuirão em nada para o sucesso da T Moore.

— Pare de ser um cuzão e diga de uma vez o motivo dela não estar ao seu lado suspirando. — Saiu da cadeira quando me aproximei da mesa e abri uma das caixas, tinha as pedras para proteção de Áthila. — Thorent?

— Sou seu chefe, não seu amigo. — Empurrei-o antes que avançasse em mim. Abri a outra caixa e levantei a mina Claymore. — Bom trabalho, Zaz. E o chá da sorte?

— Aqui. — Tirou um frasco do bolso e se afastou quando dei um passo para pegá-la. — Nay ofereceu o sangue de boa vontade, ela gosta de você.

— Sim, confessou que está apaixonada e eu não mando nos sentimentos dela. — Dei outro passo e o duende se afastou mais. — Vamos

parar de graça?

— O negócio é o seguinte, chefe. Você me salvou e eu te recompensei com meu trabalho. Está na hora de você pagar o favor.

— O quê? Estamos falando dos meus poderes. Como vou te pagar algo, sendo que nem me ajudar eu posso? — Com passadas largas, cheguei até ele e tirei o frasco da sua mão. — Quanto tempo dura?

— Não é essa questão. A sorte é subjetiva, ela irá te ajudar a conquistar o que você mais anseia.

— Ou seja, recuperar meus poderes. — Ergui contra a luz o pequeno recipiente com o líquido avermelhado. — Se isso funcionar comigo, farei um grande barulho com Bastiaan e Áthila, eles irão me pagar muito caro.

— Para fazer o que quero, independe de você ter ou não seus poderes. — O duende acertou o seu poder na minha barriga e me contorci. — Thor...

— Pare de chorar. Está ficando pior do que Lux. Arranjou uma namorada também? Frouxos.

— Eu a quero para mim, você vai me entregar. Amar uma pessoa me torna forte.

— Está falando de quem? Nayara? — Ri alto e Zaz perdeu seu humor costumeiro. — Como o estúpido do meu rei, você vai se destruir por causa da humana. Ela me quer e ficará na minha cama, aceite e peça outra coisa, quando eu recuperar minha força.

— Soberbo — resmungou indo na direção da porta. — Não sabe de nada sobre o verdadeiro poder.

— Aonde pensa que vai? — Virei a cabeça para repreendê-lo. — Coloque as pedras ao redor da empresa e o restante, leve para a minha casa. Danika as posicionará nos lugares certos e apenas isso. Não fale ou converse com Nayara, ela não é sua.

— Ou o quê? Vai me matar? — Cruzou os braços e me enfrentou. Fechei a mão com força e se estivesse com meus poderes, teria soltado um

raio na sua direção, fritando seu cérebro e sua pele. — Foi o que pensei.

Observei Zaz indo até a mesa, pegando a caixa com as pedras fornecidas por Áthila e saindo, sem resmungar sobre o seu desejo pelo meu brinquedo principal. Nayara era minha e só a deixaria quando eu terminasse com ela.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 28

Com a poltrona ao lado da grande janela da biblioteca, desenhei um quadrinho, comigo e Thorent conversando. Eram as mesmas falas, a conversa que tivemos antes da nossa primeira noite.

Relaxe e aprecie uma forma diferente de sentir prazer.

Minha primeira vez foi da forma mais proibida possível. Mas, como prometido, ele me apresentou o sexo por outra perspectiva. Era um jogo de interesses, manipulação e mágoas.

Estava sofrendo por ele não ter vindo me acordar de manhã. Queria ter mais contato, entrar na sua rotina ou, quem sabe, aprender a ser tão cruel quanto ele, para me blindar das suas palavras cruéis.

Para sobreviver no seu mundo, teria que me adaptar.

— Bom dia, flor do dia! — a voz de Zaz me fez esquecer dos lamentos, fechei meu caderno e me virei em direção da porta. — Esqueça aquele bruxo insensível, vamos aproveitar o dia matando serviço e curtindo a vida adoidado.

— O que é isso? — perguntei olhando o cordão que ele girava em um dos seus dedos.

— Comprei para você, minha princesa humana. — Ergueu na altura dos meus olhos e vi a pedra roxa translúcida brilhar por conta dos raios de sol. — Pedi para um amigo meu polir, sem perder o encanto. Coloque no seu pescoço, vai te proteger.

— Do quê? — Peguei o cordão de couro e analisei o pingente. — É lindo, Zaz. Obrigada.

— Bem, Thor que comprou, mas o presente é meu. — Piscou um olho e se apressou em passar pela minha cabeça. — Ele tem validade, Nay. Dependendo do ataque, você resistirá o suficiente para correr. Imagine como se fosse um escudo invisível.

Deu passos para trás, apontou para mim e não senti nada. Arregalei meus olhos em apreço, aquela pedra era como se eu tivesse uma parede que impedia os poderes mágicos de me atingir.

— Você tem outra corrente com você. O que é?

— É a única lembrança que tenho da minha mãe. — Coloquei a mão em cima do pingente e dei de ombros. — É bobeira, está amassado, mas sinto que preciso protegê-lo. — Ajeitei a pedra no meu pescoço e sorri. — As duas se gostam.

— Está ouvindo vozes? — soou divertido e me fez levantar com a mão no meu pulso. — Vamos às compras, estou com o cartão corporativo do chefe.

— O quê? Não, Zaz, melhor não irritar o Thorent.

— Esse amuleto não seria o suficiente para segurar a fúria do bruxo de raio, mas estamos com vantagem, ele não tem os poderes.

— Mesmo assim. E se eu cruzar com meu irmão ou padrasto? Estou com medo de sair.

— Eu não sou alto como um bruxo, mas posso te defender. — Continuou me arrastando. — Já andou de moto? Virá na minha garupa, bebê.

— Zaz, o que está aprontando, de verdade?

— Eu? — perguntou exagerado, passamos por Danika, que sorria me incentivando. — Sou um duende brincalhão. O combustível para o meu poder, é a felicidade daqueles que estão ao meu redor.

— Você estava trabalhando.

— Exato, muito longe. — Acenou para a governanta. — Não nos espere para o almoço, vamos fazer compras.

— Tomem cuidado — recomendou carinhosa.

— Ela está com a pedra, ninguém vai reconhecê-la.

— Não era pedra de proteção da casa? — Parei de andar e coloquei as mãos na cintura, para enfrentar Zaz.

— Sim, ela é multiuso. — Quase tropecei ao tê-lo me pegando pela mão e puxando para fora. — Venha! Você precisa estar impecável até a noite.

— Ou seja, está escondendo algo de mim. Pare de me enrolar, duende. — Por mais brava que eu soava, já estava aceitando a chance de sair daquela casa para um programa mais mundano.

Estive presa no sótão, estava caminhando para me manter enclausurada naquela casa. Com Zaz, eu poderia resgatar um pouco da minha juventude perdida desde o falecimento da minha mãe.

— Podemos passar em um lugar antes? — Peguei o capacete e vi o duende montar e me encarar.

— Qualquer lugar. Hoje é seu dia de sorte.

— O cemitério, queria ver minha mãe antes de ir às compras. — Coloquei a mão no seu ombro e subi na moto atrás dele. Abracei sua cintura, ele riu como se fosse a melhor coisa do mundo. Então, minha ficha caiu. — Você quer fazer ciúmes em Thorent.

— Sempre soube que era inteligente. Alguém com o dom para fazer desenhos tão lindos chegaria à conclusão perfeita.

— Ele não gosta de mim.

— Claro que não, nem dele mesmo. — Ligou a moto e acelerou para fazer graça. — Mas isso não nos impede de apertar os botões certos. Thor acha que vive em um mundo só dele, mas tem eu, Lux e Danika por perto há muito tempo para nos importar e fazê-lo de marido traído.

— Vão enganá-lo?

— Bobinha. Ele será o último a saber. — Acelerou e me agarrei a ele com mais força, por medo de cair.

Ele não tinha medo da velocidade, cruzou carros e avenidas com destreza. Escutava seu riso mesclado aos sons da cidade, apreciei o passeio

e fui ganhando confiança para estar ao lado daquele ser mágico.

Chegou no cemitério mais rápido do que eu imaginava, desmontei e senti o vento no meu rosto e na minha pele, era um bom cumprimento.

— Sabe onde fica? — questionou quando dei passos em direção à primeira rua com lápides no chão. A grande capela com estilo medieval, com telhado pontudo, ficou ao nosso lado.

— Não lembro.

— Qual o nome dela? Eu a encontrarei rapidinho.

— Mary Arden Blaine.

— Blaine? — Parou de andar e ficou na minha frente. — Mas...

— O que foi, Zaz?

— Danika sabe o seu nome completo?

— Sim, eu acho. — Dei de ombros e o encarei confusa. — O que tem meu sobrenome?

— Quando voltarmos, falaremos com a governanta. Esse é seu momento. — Pegou minha mão e deu um tapinha de leve no punho. — Já volto.

Abri a boca para questioná-lo um pouco mais sobre minhas origens, mas ele desapareceu, como se tivesse uma super-velocidade. Sabendo que seria fácil me achar, comecei a caminhar e encarar as lápides, os nomes e os anos de nascimento e morte. A vida era um sopro, alguns viviam quase cem anos, outros pouco menos de dez.

Ao invés de pensar que eu deveria escrever a minha história com sabedoria, já que só se vivia uma vez, encarei como sendo o meu último suspiro. Não havia tempo para se arrepender. Meu coração pedia Thorent, ele seria o meu objetivo. O sofrimento viria, a falta de reconhecimento do meu sacrifício também, mas quando o prazer estava na equação, ele se submetia a mim, eu o dominaria.

De virgem a manipuladora, não serviria nem para título de livro de romance. O ser humano precisava de um objetivo de vida para fluir e me

decidi por colocar o bruxo no meu foco. Ele invadiu minha casa e transformou a minha rotina, era a minha vez de retribuir o caos.

— Lá no fundo. — Zaz surgiu ao meu lado e me puxou para ir na direção que apontou. Corri com ele e cheguei até a lápide da minha mãe, coloquei as mãos nos joelhos e ofeguei. — Olá, senhora Mary. Sua filha é incrível.

— Obrigada — murmurei para o duende, olhei para o nome dela gravado na placa e suspirei. — Sinto sua falta, mãe.

Não conversei em voz alta depois que recuperei o fôlego. Falei sobre Marcus e Marcílio, a confusão com Thorent e minha mudança para a casa do bruxo. Voltei alguns anos e falei sobre o ataque do meu meio-irmão, que me mudei para o sótão e vivi como uma garota escondida por tempo demais.

Zaz ficou ao meu lado em silêncio e respeitando o meu momento. Quando dei um passo para trás, despedindo-me da minha progenitora, ele estendeu o braço como um cavalheiro e coloquei minha mão no seu cotovelo.

Sem pressa, chegamos até a moto, montamos e o abracei em agradecimento.

— Preparada para um dia de princesa, Nay?

— Faça o seu pior, Zaz — falei emocionada, porque eu sentia que minhas resoluções daquele dia eram o caminho certo a se seguir.

Eu era o brinquedo de Thorent e o bruxo se tornaria o meu experimento. Não havia magia que me impedisse de amar o pior dos seres mágicos.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 29

Terno cinza risca de giz, relógio de bolso e uma bengala para completar o traje. Claro, escondia uma espada naquele acessório, não conseguiria entrar com uma arma de fogo no bar.

Alisei o cabelo e ordenei os fios, minha aparência só não estava mais impecável, porque o reflexo no espelho não era o que eu tinha produzido de forma artificial. Forcei o sorriso e o deixei o mais natural possível, meu objetivo era manipular a rainha das fadas sombrias.

Leanan Sidhe era uma rival a minha altura e poderia ter me rendido aos seus desejos em outro momento, mas sem meus poderes, me tornaria uma marionete em suas mãos.

Eu quem tinha os súditos, não seria um deles.

A porta do meu quarto foi aberta e uma mulher em um vestido elegante passou por mim como uma locomotiva apressada. Entrou no meu banheiro, fez um barulho animado e senti o cheiro de uma das minhas colônias ser esborrifada no ar.

— Acabei não comprando perfume, vim roubar o seu. — Com a mão na parte de cima do batente da porta, Nayara se posicionou de forma sensual e me fez apreciar todas as suas curvas salientadas pelo vestido. — Thor?

Umedeci os lábios quando sua perna foi para a frente e expôs a fenda que chegava próxima da sua virilha. Era um longo preto, com rendas por cima da cintura até chegar aos seios. Com apenas uma alça formada pelos desenhos da renda, percebi que no pescoço, a correntinha foi transformada em um cordão de couro preto.

O cabelo estava solto e em cachos, a maquiagem carregada tirou o ar virginal que me atraía. Mas, como uma mulher sedutora e confiante, eu também gostei e estava ficando excitado.

Aproximei-me dela, coloquei minha mão espalmada entre seus seios e subi até chegar ao seu pescoço. Com meu olhar intenso no dela, que começou a respirar com dificuldade, deslizei os dedos até chegar na sua nuca e encontrar uma pedra.

— Era isso que me escondia? — perguntei tentando ver do que se tratava, ela se afastou me dispensando.

— Não. Foi presente de Zaz. — Saiu do quarto me deixando emputecido ao perceber que o duende desgraçado passou o dia fora da empresa com a minha humana.

— Aonde pensa que vai? — perguntei chegando no corredor.

— Sair com os duendes. — Continuou se afastando de mim e a segui pela escada.

— Você não pode ir.

— Essa é a sua opinião. Tudo bem, mas eu farei o que quiser. — Olhou-me por cima do ombro. — Você não manda em mim!

— Está linda, Nay! O vestido ficou perfeito. — Minha governanta admirou a mulher ao invés de repreendê-la.

— Que porra é essa de não mandar? Eu te dei proteção, um quarto e uma casa! — Olhei com fúria para Danika, que se encolheu e abaixou a cabeça em submissão. — Quando te resgatei, você me obedecia. Poderia ensinar um pouco de modos para a humana.

— Você não gostou da minha roupa? — Nay perguntou cruzando os braços e ficamos sozinhos na sala de casa. Conferindo-a dos pés à cabeça, senti meu pau pulsar e, sabendo que não precisaria me conter para comer a sua boceta, eu só queria arrancar sua roupa e a foder contra a parede.

Neguei com a cabeça, ela estava jogando comigo, seu olhar inocente denunciava que nada do que ela estava fazendo era racional.

— Você não vai sair — decretei sem paciência e avancei um passo na sua direção.

— Sairei depois de você, nem perceberá — rebateu com desdém e engoliu a saliva quando me aproximei um pouco mais. — Os duendes não são seus escudeiros? Por que não confia neles comigo?

— Zaz está brincando com fogo. Posso puni-lo de outras maneiras que não seja um raio na sua bunda. — Estiquei o braço e enchi minha mão com seu cabelo. Ela arfou, mas não se intimidou com minha atitude de posse. — O que você quer, Nayara?

— Chamar a sua atenção. — Aproximei-me para beijar sua boca e me afastei. — Quer brincar comigo? Eu também sei jogar.

— Vai levar um choque.

— Que eu morra eletrocutada.

Sua audácia alimentou minha fome dela. Beijeí sua boca e senti o sabor do seu batom a cada movimento dos seus lábios. Sua língua quis dominar a minha, seus braços ao redor do meu pescoço mostraram o quanto ela estava interessada.

A raiva me dominava e o tesão mesclado com a antecipação de ir até o Barba de Duende conversar com Leanan me fez agir imprudente.

Toquei seu corpo, senti a maciez do vestido e massageei seu seio por cima da roupa. Ela arfou e fui além, empurrando o tecido para baixo e expondo para serem manipulados.

— Thorent — gemeu quando soltei sua boca para sugar o seio exposto.

— Você é minha, humana. Eu não terminei com você. — Enchi a boca e deixei a saliva lambuzar a região, depois voltei para a sucção.

— Sim.

— Ainda se acha dona dos seus desejos? — inquiri arrogante, coloquei seu vestido de volta e iria me afastar, mas ela foi para a minha calça abrir o zíper. — Não posso ficar com cheiro de sexo para falar com a fada.

— Isso é problema seu. — Pegou meu pau, tirou de dentro da cueca e apertou a base. — Estou sem calcinha, Thor.

Qualquer autocontrole foi dizimado, peguei-a pelas pernas e a ergui para enlaçar a minha cintura. Pressionei-a contra a parede mais próxima, encaixei minha ereção na sua boceta e entrei com um impulso forte. Estava molhada, a humana me provocava e apreciava o jogo.

Encarando-a com desejo, meti com força e observei a sua entrega. Nay não conseguia se manter indiferente por muito tempo, ainda mais quando eu conhecia partes do corpo feminino que a deixariam sem controle.

Segurei-a com um braço forte, peguei a mão dela e suguei dois dedos. Coloquei entre nós, esfreguei seu clitóris e deixei que continuasse quando percebi que estava próxima de gozar.

Odiava as rapidinhas, mas aquela, estava me fazendo repensar meus gostos. Nay fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e gemeu alto, anunciando o seu clímax.

Rosnei encarando o cordão de couro preto no seu pescoço, pulsei dentro dela e me jorrei sentido que estava marcando meu território, ela era minha e de mais ninguém. Com ou sem amor, era por capricho que a mantinha comigo ao invés de ceder para o duende.

— Você vai ficar, precisa se limpar. — Dei um selinho na sua boca e a coloquei no chão, seus olhos ainda estavam fechados. Ajeitei minha calça e os amassados da minha roupa, a bengala tinha ficado no meio do caminho, no chão e a deixaria por lá. — Nayara, é uma ordem.

— Me leve com você — pediu com um sussurro e me encarou sonhadora. — Posso ser útil, te ajudar muito mais do que te dar prazer.

— Barba de Duende só tem seres mágicos, você... — parei de falar quando ela puxou a pedra escondida na sua gargantilha de couro. Eu não tinha percebido que Áthila mandou. Ou foi Zaz, com certeza.

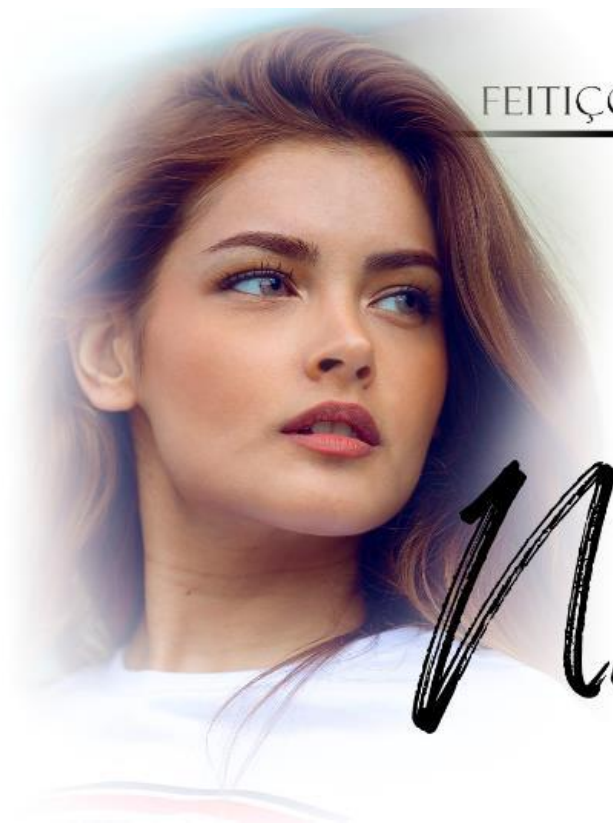
— Isso vai me proteger, o suficiente para correr. Enquanto você conversa com a Leanan, vou falar com as outras pessoas e conseguir mais informações. Eu sei manipular tanto quanto você e não acredito que queira me proteger, você não me ama tanto assim. — Sorriu de lado e me fez ceder

aos seus caprichos, apenas para provar um ponto que era importante para mim.

— Vá se limpar e passe mais perfume, porque está com o meu cheiro em você. — Ela sorriu vitoriosa. — Tem que me obedecer. Se alguém te capturar, eu não vou atrás para te resgatar.

— De acordo, coração gelado. — Beijou meu rosto e, andando engraçado, foi para o lavabo se limpar.

Eu previa que essa reunião terminaria em uma grande explosão.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 30

Respirei fundo e tentei não demonstrar meu nervosismo sentada ao lado de Thorent, em seu carro esportivo. Como estava falhando miseravelmente, liguei o som e deixei a música aplacar meu desespero por me cercar de pessoas mágicas e perigosas.

“Eu acordei em um lugar escuro

Eu tento ver direito, mas é tudo um borrão

Eu só quero ver seu rosto

Mas eu estou tremendo, procurando por uma cura a base de querosene”

Burn It Down - Silverstein

Estava indo para o Bar Barba de Duende por causa de Lux. Depois da visita ao cemitério para ver minha mãe, fomos almoçar no shopping e Zaz não parou de tagarelar sobre a sua vida e do amigo, desde que foram resgatados de um demônio.

Caramba, eu não duvidava de mais nada do que poderia existir no nosso universo. Apesar das cócegas que Zaz proporcionava, eu não tinha visto nenhuma magia acontecer de verdade e me apeguei a esse desconhecimento para entrar nessa aventura.

Valy era a duende que Lux estava apaixonado. Depois de tanto trocá-la pelo trabalho, ela dispensou o meu amigo caladão e eu estava de coração partido por ele. Buscava fazer com que Thor reconhecesse o mínimo de sentimento por mim, eu não ficaria em paz se não fizesse algo por ele. Por mais que fosse Zaz o que se mantinha mais por perto, os três resgatados de Thorent estavam se tornando a minha família.

Passeamos no shopping, compramos muitas coisas e mandamos entregar para Danika, já que estávamos de moto. Senti-me como uma princesa, empolgada por, finalmente, estar fazendo parte de algum círculo de amigos, depois de tanto tempo.

Como o plano envolvia seduzir Thor, para que pudesse ir com ele até o bar, não pestanejei em executar. Zaz ainda não sabia, muito menos Lux, mas eles me agradeceriam no final.

— Nem preciso ter meus poderes para sentir seu medo. Vou te levar de volta para casa. — Thorent ia fazer uma manobra, mas eu apertei sua coxa com força.

— Você disse que as pessoas sentirão seu cheiro em mim. Só estou... constrangida.

— Não é isso.

— E o que mais pode ser? — Cruzei meus braços emburrada. — Por mais que não deva nada a ninguém, estou com medo de ser julgada como a puta do bruxo da tecnologia.

— Acredite, é assim que te chamarão e você não irá rebater. Para todos os efeitos, trouxe meu animal de estimação para passear.

Entrou em uma rua movimentada e arregalei meus olhos surpresa, a falta de sensibilidade de Thorent não deixava de me surpreender. Fechei os olhos com força e tentei pensar em Lux, estava fazendo por ele, muito mais do que por mim mesma.

O bruxo só tinha esquecido que eu poderia ser tudo, menos adestrada. Enquanto ele estivesse resolvendo a questão com a poderosa fada, eu convenceria Valy de que o duende que a amava valia a pena o sacrifício.

Toquei o cordão de couro no meu pescoço e suspirei, era a minha única forma de proteção, pena que não blindava meus sentimentos de sofrer tanto quanto poderia judiar do meu corpo.

Com um gosto amargo na boca, por estar sendo humilhada até pelo meu acompanhante, continuei com minha postura fechada até ele parar na

frente do estacionamento do bar.

Parou o carro e soltou o ar, estava pouco me lixando para o que se passava na mente do Thorent. Colocou uma coisa na boca e tirou um frasco pequeno de vidro do bolso, ele tomou algum comprimido. Respirou fundo algumas vezes e parecia mudar sua vibração, havia uma energia ao redor.

Coloquei a mão na maçaneta para sair, ele emaranhou seus dedos no meu cabelo, puxou meu rosto e beijou minha boca.

Era a fome que achei que tinha ficado na casa dele, depois de ter me pressionado contra a parede. Sentia a umidade no meu sexo, mesmo depois de ter me limpado e colocado uma calcinha minúscula, para não marcar o vestido.

— Sou um bruxo sem coração, mas me incomoda ver que algo do que eu disse te magoa. Foi você quem escolheu vir. No mundo mágico, jogamos com outras cartas. — Uniu nossas testas, foi o máximo de fragilidade que ele demonstrou estando comigo e eu... cedi.

— Está pedindo desculpas por me chamar de puta ou por me colocar como um cãozinho? — perguntei escondendo meu entusiasmo, ele se afastou e sorriu com malícia.

— Mude esse olhar desolado, a raiva combina mais com você. — Ele mordeu meu lábio inferior e suspirei. — O que falei antes é a verdade sobre o mundo que encontrará no Bar Barba de Duende, não a minha opinião.

Ele saiu do carro e fez o mesmo, firmando as pernas para andar em cima dos saltos altos. Thorent me esperava na frente do carro, estendeu o braço e acomodei-o na parte de dentro do seu cotovelo.

Um homem vestido de manobrista entregou um cartão para o bruxo e ele me conduziu para dentro, como se fosse o rei da noite. Observei seu perfil imponente e me apaixonei um pouco mais por aquele insensível. Ele tinha razão, era melhor alimentar a raiva para fazê-lo mudar do que a tristeza. O sentimento de rejeição me faria parar ao invés de agir.

— Só fale quando eu mandar — Thorent murmurou antes de entrarmos na recepção do local. Com luzes neon, brancas e azuis, tudo

parecia muito sobrenatural, mesmo que eu não soubesse do universo mágico que nos cercava.

— Se eu não abrir a boca, como vou conversar com as outras pessoas? — rebati no mesmo tom, ele ampliou o sorriso na aproximação de um homem baixo, robusto e com barba vermelha.

— Senhor Barba Vermelha, há quanto tempo — ele cumprimentou abaixando a cabeça e me trazendo mais próximo dele.

— Grande Thorent Moore. Decidiu confraternizar com a ralé depois de tanto tempo? — Olhou para mim e a troca de farpas dos dois parecia natural. — Sua companhia é melhor do que os dois duendes que você escraviza. Está vendendo?

— Nem emprestando. No momento, estou usufruindo antes de passar para a frente — Thor soou arrogante e belisquei suas costas para mostrar meu descontentamento com sua fala.

— Sim, acho justo. Deixe meu nome no topo da lista quando esse dia chegar. — Indicou uma porta. — Venha, tem um espaço no camarote te esperando. Uma das minhas meninas irão te acompanhar.

Vi uma elegante mulher, com um maiô preto sensual, se aproximar de nós e devorar Thorent com o olhar. Estufei o peito e fechei a cara para a mulher, que parecia ter escamas aparentes em algumas partes do corpo.

— Por favor — falou com sedução, virou-se de costas e revelou sua bunda exposta por um fio dental. Subimos alguns degraus e uma nova energia nos rodeou, além da música alta.

— Por que me beliscou? — Thor rosnou no meu ouvido, fiquei feliz que ele desviou o olhar da mulher exibida a frente.

— Você disse que era para não falar. Achei que poderia me expressar de outra forma, então. — Forcei o sorriso sacana, ele bufou e começou a rir. Pelo menos eu o divertia enquanto a outra escamosa só faltava abrir as pernas para seduzi-lo.

Muitas pessoas e rostos desconhecidos, com aparência diferente da humana, estavam no camarote. Poltronas e sofás estavam espalhados ao

redor. Algumas mulheres, como a nossa anfitriã, dançavam em dois poles no centro daquele lugar.

Estávamos em um mezanino, olhei para onde tinha apenas uma grade e a pista de dança, além de mesas ao redor, estavam no andar de baixo. Paramos em frente a bancos altos e uma mesa redonda minúscula. Thorent me ajudou a subir e ficar sentada, depois ele se acomodou.

— Mais alguma coisa em que posso ser útil? — a voz melodiosa da mulher me enojou, por isso optei para olhar em qualquer lugar, menos para ela.

— Obrigado, senhorita. Você foi muito gentil. Traga-nos uísque, por favor.

— Como quiser, senhor. — Estendeu a mão, alisou o braço de Thor e se afastou olhando para nós.

Virei para o bruxo, sua reação demonstrava diversão para a minha fúria. Se ele não gostou do beliscão, faria pior com suas bolas.

— Por que está dando bola para outra mulher, quando a que está do seu lado, dá conta do recado? — Coloquei a mão na sua virilha e acariciei, ele relaxou. — Thorent?

— Só um louco cairia na lábia de uma sereia. — Inclinou-se para a frente e seus lábios encontraram minha orelha. — A única que verá meu pau, no fim dessa noite, será você, *Prinkípissa*. Então, abaixe essas garras e me deixe fazer o jogo até chegar em Leanan.

— Posso dar uma volta? — Pulei do banco e ele retesou, era minha vez de deixá-lo desconfortável. — Eu volto logo.

— Seja breve, minha humana. — Alisou meu cabelo e me dispensou ao desviar o olhar. Com sua roupa formal e nariz empinado, no mundo real, ele seria considerado o mais chato de todos.

Como ele mesmo disse, não estávamos no meu universo, mas no dele.

Passei por pessoas, encontrei a escada que dava para a parte de baixo e soltei o ar, era tempo de encontrar Valy e fazer com que ela desse

mais uma chance para Lux.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 31

— Meu querido Thorent Moore. — Senti a mão de Leanan Sidhe me tocar o ombro, por trás. Fingi indiferença, tomei um gole do uísque e a observei parar na minha frente como uma bela mulher encantada.

Por que mesmo eu não trepava com ela? Ah, sim, fadas eram muito problemáticas e rancorosas. O melhor que fazíamos era nos afastar das boas hippies e das maldosas caóticas.

— Leanan. — Ergui o copo em brinde e reparei no seu vestido cheio de tecido. Ela era mais confiante e ousada do que Nayara, mas não tinha o brilho de inocência que tanto me excitava. — Fiquei sabendo que se casou.

— Ficou, é? — perguntou com desdém, parou na minha frente e colocou uma mão na cintura. — Seu informante precisa melhorar um pouco, eu só tenho olhos para um ser mágico.

O cabelo esvoaçante e os olhos brilhantes me fizeram remoer a minha falta de poder. Ela franziu a testa e percebeu, não só o meu incômodo, mas também, que não reagi.

— O que aconteceu, bruxo? Está tão desolado, precisando de um consolo. — Sentou-se no lugar da minha humana, pegou o copo de uísque a mais que tinha e percebeu que eu estava acompanhando. — Oh! Trouxe algum animalzinho de estimação?

— Algo assim. — Ingeri toda a bebida e bati o copo na mesa. — Chega de enrolação, eu não vim bater papo na sua festinha.

— Devo me amedrontar? — Colocou a mão no coração fingindo chateação.

— O que suas fadinhas desordeiras estavam fazendo na casa de um dos meus inimigos? — Aproximei meu rosto do dela, que nem piscou impactada. — Eu não gostei de ser atingido por aquele pó.

— Não sei do que está falando, querido. — Tocou meu rosto e afastei-o com rispidez.

— Queimarei todos que estiverem no meu caminho ou ameaçando a TMT. Eu não dou segundas chances, Leanan.

— Nunca me deu nem uma, seu hipócrita. — Saiu do banco e fechou a cara. — Saia da minha festa, você não é bem-vindo.

— Ou o quê? — Mordi a língua, porque eu não estava em posição para ameaças. Deveria passar despercebido, no máximo uma discussão acalorada, não tentativa de luta.

Minha força bruta poderia não ser o suficiente para me salvar, muito menos encontrar Nayara. Pensando nela, bufei com raiva, porque mesmo tendo um coração fechado, quase caí na mesma armadilha que meu rei.

Eu não me sacrificaria por ninguém, nem a humana.

Duelamos com nosso olhar e a ausência de reação dos meus raios mais intimidou do que a fez avançar.

— Não sou eu quem está te atacando, Thorent Moore. Leve seus raios e sua vingança para longe de mim.

— Isso quer dizer que você sabe quem é. — Saí do banco e fiquei de frente para ela, os seres mágicos ao redor congelaram no lugar a favor de Leanan. — Mande-os parar, ou eu os farei.

— Uma noite, bruxo. É tudo o que mais desejei. — Segurei meu rosto e exalou seu cheiro afrodisíaco. Apesar de estar excitado por conta do seu poder, eu não me renderia a ela. Como o pó de mico, eu suportaria alguns minutos sob os efeitos. — Me deixe tê-lo na minha cama, compartilhando os nossos poderes, então eu mesma destruirei aquele que atrapalha a sua paz.

— Pare com os ataques, depois conversamos — brinquei com as palavras. Daria um visgo de esperança, ao mesmo tempo que nenhuma promessa. Ela sorriu, caindo na minha armadilha e me afastei, antes que ela

conseguisse me beijar e eu não teria forças para me impedir de sucumbir ao prazer oferecido pela fada.

Desci a escada, olhei ao redor e não encontrei Nayara. Com o pau duro e louco para foder, se não a encontrasse, teria que me aliviar no banheiro antes que eu o fizesse na frente de todos.

Não estava circulando entre as mesas, nem no bar. Ao conferir a pista de dança, encontrei-a se movimentando sensual junto com uma duende conhecida. Porra, era Valy, a namorada de Lux, tinha entendido tudo. Ela não estava para me ajudar, mas interceder pelos meus escudeiros.

Senti-me traído. Como o rei da manipulação, eu caí na minha própria armadilha. Não hesitei em dar passos largos, inclinar o corpo e carregá-la em cima do meu ombro. Senti que socos foram dados nas minhas costas, mas só parei de andar quando cheguei no estacionamento.

Parei ao lado do meu carro, nem me incomodei de chamar o manobrista, porque eu tinha ânsia de fazer algo imprudente, imoral e inadequado.

— Se queria chamar atenção, conseguiu! — Nay gritou.

Fiz com que deslizasse pelo meu corpo até que seus pés chegassem ao chão. O vestido subiu, rosnei quando encontrei a calcinha e a arranquei do seu corpo sem cuidado. Ela gritou assustada, beijei sua boca com fome e desabotoei minha calça para colocar meu membro dentro dela.

— Você é louco, Thor — gemeu abraçando meu pescoço enquanto eu continuava devorando seus lábios. Meti com força, induzido pelo poder sexual da fada e pela raiva.

— Ia me ajudar — rosnei segurando seu pescoço e queixo. Seus olhos me confirmaram suas verdadeiras intenções e acelerei ainda mais. — Veio se expor, não por mim, mas pela porra dos duendes!

— Thorent — ela implorou em meio aos gemidos de prazer.

— Paixão do caralho, você quer me foder.

— Agora você sabe o que eu sinto quando me coloca como um acessório descartável.

Uniu nossos lábios e não me deixou falar mais nada e nem precisava. A cada arremetida de prazer, a mescla de sentimentos e memórias de que um dia eu tive algo especial me empurraram para o precipício.

Gozei rugindo alto, de uma forma intensa e sobrenatural. Apertei a coxa de Nayara e a levantei, para completar o ato e prolongar o seu clímax, esse dia seria inesquecível para ela. Que se afundasse em lamentações e culpa.

— Thor... — murmurou com carinho e soltei-a antes que cedesse aos seus caprichos. Ela tinha ganhado aquela batalha, mas a guerra ainda era minha.

Entrei no carro e constatei a chave na ignição. Nayara se jogou no banco e nem esperei que colocasse o cinto, saí daquela garagem e acelerei pronto para quebrar todas as leis de trânsito.

Ainda bem que se manteve em silêncio, porque eu ainda estava de pau duro e pronto para mais uma foda. Segui em direção à antiga casa de Nayara, resolveria dois problemas em um só.

Além de acabar com os servidores, a humana não teria para onde voltar. Ela seria minha e se sujeitaria aos meus comandos. A paixão que ela dizia ter não seria fingida, eu me tornaria o ponto fraco de Nayara.

— O que vai fazer? — Parei o carro em frente à casa conhecida e ela se desesperou. — Thorent? Não precisa matar ninguém, por favor.

— Então torça para que estejam no bar, porque eu não vou bater na porta de ninguém.

Saí do carro e abri o porta-malas. Bufei ao vê-la ir até a porta de entrada enquanto eu descarregava as minas para explodir tudo. Peguei a lanterna, carreguei a grande mochila e fui para os fundos. Encontrei a localização dos servidores, instalei duas delas e, com um fio, me conectei até que estivesse na calçada.

— Thor, eles...

— Não me interessa — rebati com raiva e explodi as duas, criando uma nuvem alta de grama e madeira. Fui até o local que foi feito o buraco, encontrei os servidores e pulei para baixo, levando comigo a mochila. — Filhos da puta! — rosnei ao ver o tanto que foi investido naquele lugar.

Fiz o que precisava, usei uma cadeira para sair e dispensei a mão oferecida por Nayara. Estava puto e iria explodir tudo, até mesmo a casa.

Ela me observou instalar e colocar o fio, ficou ao meu lado quando uni todos e o coloquei presos no receptor. Percebi que chorava com os braços cruzados a sua frente, colocou a mão fechada no peito e falou baixinho, deveria estar orando.

Virei o interruptor, tudo foi para os ares e, por um reflexo, puxei-a de onde estava para os meus braços, porque um pedaço de destroço iria cair nela. Acertou meu carro, estava indo de mal a pior. Fogo e destruição aqueceram meu peito, era apenas uma parte do que eu poderia fazer mesmo sem meus poderes.

Abri a porta do carro e empurrei Nay para dentro. Dei a volta, me acomodei atrás do volante e acelerei, sorrindo para a conclusão de uma parte dos meus problemas. Eu ainda tinha minha fama e respeito e deveria continuar assim, mesmo que Annabelle tenha bagunçado a minha vida.

Eu não me submeteria a ninguém.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 32

Chegamos em casa e meu coração estava despedaçado. Thorent ignorou minha presença por completo, saiu do carro batendo a porta e não olhou para trás.

Demorei para sair, juntar forças e perceber que era definitivo, eu não tinha para aonde ir, caso não desse certo por aqui. Se meus pés não estavam mais no chão, naquele momento, pareciam ter uma barreira invisível para se firmarem em qualquer lugar.

Estava em queda livre.

Ao invés de odiar aquele bruxo insensível, que me usou para seu bel prazer, ainda sentia culpa por tê-lo enganado. No jogo da manipulação, eu perdi a batalha e tive grandes perdas.

Meu padrasto e meio-irmão não estavam na casa, mas vê-la indo pelos ares, junto com parte das minhas lembranças – boas e ruins –, me fizeram perder uma parte de mim naquela explosão.

O misto de raiva e culpa me deixou inerte naquele banco solitário. Só saí quando Danika apareceu abrindo a porta do carro e me conduzindo para dentro. Não me questionei como ela sabia que eu estava ali, apenas me apoiei na bruxa que abdicou dos seus poderes para servir um bruxo cruel.

Queria aprender a lidar com Thorent, penetrar a sua barreira invisível que o impedia de amar. Com o apoio de Zaz, achei que estava a altura para brigar com o bruxo, mas, como areia movediça, estava me afundando a cada movimento.

Chegamos ao banheiro do meu quarto, ela ligou a água da banheira retangular e me ajudou a tirar o vestido. De forma robótica, sentei-me no espaço estreito e deixei a água me rodear.

Abracei minhas pernas e apoiei meu queixo nos joelhos, meu olhar era distante. As lágrimas não queriam sair, nem as palavras para que eu pudesse desabafar.

— Estou preocupada, Nay. O que aconteceu para te deixar assim?
— Alisou meu cabelo e dei de ombros. — Há muito tempo que não via o senhor tão abalado.

— Thorent está preocupado apenas com sua empresa, não tem nada a ver comigo — murmurei engolindo a saliva como se fosse um tijolo.

— Vocês saíram juntos?

— Fomos ao bar que Valy trabalha. Eu queria ajudar Lux, parecia o plano ideal para manipular Thor.

— Não só com mais experiência, o senhor deixou de sentir a empatia que vem acompanhada do amor. Por que está fazendo isso consigo mesma?

— Acho que gosto dele. Muito. — Peguei um pouco da água e molhei meus joelhos.

— Cadê? — Danika passou a mão pela minha nuca e encontrou a pedra de proteção que ganhei de Zaz. — Não era essa a correntinha que você usava quando chegou na casa.

— Está em uma das prateleiras do closet. — Virei o rosto para observá-la sair do banheiro e voltar com o objeto que eu tanto protegia. — Danika?

— Nunca o tire — murmurou passando a corrente pela minha cabeça. — Você precisa dele, vai te fazer sentir melhor.

Suspirei com alívio, havia coerência no que a governanta falava, só não sabia justificar como eu poderia ter me livrado de parte dos sentimentos que me nublavam as ações.

— Você sabe o que é isso? — Mostrei o pingente amassado. — Tem magia nele? Achei que era impressão minha.

— Sim, ele é mágico.

Arregalei meus olhos, vendo aquela chave amassada com outras coisas de forma diferente. Lembrei-me da conversa com Zaz e o quanto meu sobrenome chamou atenção, vinculando aquela mulher.

— Nay, eu não posso te responder as suas perguntas, não agora. Nossas vidas dependem desse sigilo, por mais que os parâmetros mudaram e você chegou. — Acariciou meu rosto. — Acredite no seu coração, mas não meça forças com o senhor. Você pode se machucar muito mais do que consegue se regenerar.

— Eu estava predestinada a Thorent, é isso? — Ela negou com a cabeça e meus ombros cederam. — Estou me sentindo muito sozinha, Danika. Não tenho ninguém.

— Pelo contrário, Nayara. Você nos encontrou e nunca mais te faltará nada. Vivemos por mais tempo que possa imaginar, seremos nós a vê-la partir e sofrer com sua ausência.

— Oh! — Coloquei as mãos na boca, percebendo que, mesmo apaixonada pelo bruxo, eu morreria antes dele. — Sou apenas uma humana.

— *A* humana, Nayara. Não se esqueça disso, nem disso. — Tocou o meu pingente com o indicador. — Vai ficar tudo bem.

— Obrigada — murmurei me abraçando um pouco mais. Ela voltou a alisar meu cabelo com carinho, me fazendo acalmar cada vez mais. — Você viu Thorent?

— Sim, foi ele quem pediu para te tirar do carro, porque ele não sabia lidar com a humana em crise. — Soltou um riso baixo. — Ele pode estar blindado para o amor, mas os outros sentimentos que não são exclusivos desse poderoso, não há escapatória. Posse.

— Eu não sou dele — resmunguei.

— Tire a barreira do julgamento, criança. Não há defesa para o gênio manipulador que o senhor é. Incapaz de sentir o amor, qual outra forma de demonstrar que se afeiçoou a alguém?

— Ele só quer sexo comigo. Só assim eu o percebo sentir.

— Não é o ideal, mas está no caminho. Confia. — Beijou minha cabeça. — Você tem a mim e dois duendes torcendo por vocês.

— Pelo menos, será divertido relembrar. Humor sombrio.

Escutamos um barulho de vidro espatifando na parede, Danika se apressou em ir ver e eu continuei no mesmo lugar, estando quase coberta. Desliguei a água, relaxei o corpo e fechei os olhos, ter a minha correntinha aliviava a pressão que sentia no peito. A culpa e o desespero ainda existiam, mas estavam atenuados. Compreendia que tudo estava sendo necessário para que eu chegasse no fim.

Restava saber qual era o meu objetivo. Apaixonada por Thorent, eu já estava, a recíproca estava difícil de acontecer.

A governanta não voltou para o banheiro, nem quando meus dedos estavam enrugados por conta de ter passado muito tempo submersa. Enxuguei o corpo, fui até o closet e coloquei uma blusa confortável e calcinha short.

Estava caminhando em direção à minha cama, mas desviei para sair do quarto e ir até o de Thorent. A porta estava fechada, mas não trancada. Virei a maçaneta com cuidado e empurrei a madeira em silêncio. Coloquei minha cabeça para dentro primeiro e encontrei o bruxo estirado na cama, de bruços.

Não me surpreendi ao vê-lo nu, aguçou minha curiosidade e me fez continuar com os meus planos para aquela noite. Fechei a porta atrás de mim, fiquei na ponta dos pés e me aproximei. Gemi baixo ao sentir uma físgada no pé, sentei-me na cama e percebi que tinha um caco de vidro pequeno na minha sola.

Tirei-o com cuidado e digitalizei o chão, foi aqui que tinha sido quebrado algo.

O sangue começou a jorrar e xinguei em pensamentos enquanto pulava com um pé até o seu banheiro. Deixei um rastro de sangue, coloquei uma toalha amarrada para proteger a ferida e voltei até Thorent, que nem se moveu.

Subi na cama e me acomodei ao seu lado, admirando seu semblante sereno enquanto dormia. Coloquei minha correntinha para trás, junto com a pedra de proteção dada por Zaz e conferi meu pé, que estava protegido pela toalha. Não tinha sido nada grave, eu sobreviveria.

Beijei seu bíceps, fechei os olhos e me rendi ao sono sem grande esforço. Era naquele lugar que eu precisava estar e me sentia bem. Induzida pela magia daquela correntinha ou pelos meus próprios sentimentos, Thorent me fazia sentir segura. Estava disposta a tentar, um pouco mais, para nos aproximar.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 33

Abri os olhos percebendo que tinha mais alguém por perto. Por muitos anos, dormir sozinho era a minha regra, eu não confiava em ninguém. Ao perceber que era a humana quem tinha ultrapassado um limite, eu relaxei, mesmo que meus pensamentos cogitavam mil e uma formas de puni-la por estar sendo invasiva.

Coloquei seu cabelo atrás da orelha e admirei os lábios entreabertos, bons para beijar, macios para me chupar.

A madrugada tinha sido tensa, extravasei um pouco da minha frustração e ganhei um pau duro sem limite. Saí da cama e fui para o banheiro, a excitação que Leanan me jogou estava difícil de aplacar, ainda mais que não estava sendo com a dona do feitiço.

Olhei o rastro de sangue seco até o banheiro e voltei minha atenção para Nay. Tinha uma toalha aberta próxima ao seu pé, cheio de sangue nela. A preocupação de que ela tinha sido machucada me fez averiguar a situação de mais perto.

Um pequeno corte em fase de cicatrização me fez lembrar da irritação com o tal chá da sorte. Além de não ter acontecido nada de diferente, Leanan não me revelou quem estava por trás dos ataques a minha empresa. Raios e fúria me dominaram e, se tivesse o meu poder, estaria queimando lâmpadas e aparelhos eletrônicos.

— Thorent? — Olhei para Nay, ela tentou puxar seu pé, mas não deixei. — O que está fazendo?

— Você se machucou.

— Sim, foi um corte pequeno, mas saiu tanto sangue, que parecia ter furado uma artéria. — Fez uma careta. — Thor, está me apertando forte demais.

Soltei assustado, ela se encolheu na cabeceira da cama, esticando os braços para cima e bocejando. Nay estava apenas de calcinha, suas

pernas nuas me fizeram lembrar o quão maravilhoso foi tê-la contra a parede e o carro.

— Você dormiu comigo? — inquiri sedutor.

— Sim. — Erguei as sobrancelhas. — O que você fez ontem me deixou desolada. Não há mais nada meu fora dessa casa.

— E achou que eu poderia ser seu? — Engatinhei em sua direção, ela recuou o corpo.

— Não. Já que eu sou sua, me senti obrigada a estar mais perto do que a um cômodo de distância. — Minha mão afundou ao lado do seu quadril, depois a outra e nossos rostos se aproximaram. — Não queria te magoar ontem, Thor. Falar com Valy foi consequência.

— Está se desculpando? — inquiri pegando no seu tornozelo e a puxando para se deitar debaixo de mim. Ainda estava chateado, mas a minha ereção precisava de atenção antes de qualquer confronto.

— Para isso, eu precisaria me sentir culpada. — Sorriui vitoriosa por estar jogando as minhas palavras contra mim.

Encaixei-me entre suas pernas e me esfreguei, estava nu e facilitava tudo. Peguei a barra da sua blusa e subi sem pressa, observei seu corpo se arrepiar a cada toque das nossas peles. Seus braços se levantaram, ela estava disponível para o meu prazer e não iria refutar. Até que esse efeito do caralho desaparecesse, eu precisaria de uma boceta para me aplacar.

Ao invés de tirar sua roupa, ajeitei a gola em cima do seu nariz, tampando os olhos. Apertei o tecido entre sua cabeça e braços, imobilizando-a. Ela perdeu o sorriso, a antecipação do desconhecido a desconsertou.

— Thorent? — chamou umedecendo os lábios. Esfreguei minha pélvis contra seu sexo coberto pela calcinha, ela gemeu baixo. — O que vai fazer?

— Já que não vai me dar um pedido de desculpas, eu vou conquistá-lo. — Puxei sua calcinha para o lado e deixei que meu pau

ficasse entre o tecido e sua pele. — Eu te dei um teto sob a sua cabeça, te salvei, é assim que me recompensa?

— Você me chamou de animal de estimação.

— Melhor do que puta de bruxa, como você se titulou. — Lambi um seio e vi seu corpo se curvar para cima. Continuei o vai e vem, usando a costura da calcinha para me estimular. — Estamos no submundo mágico, o lado obscuro e maldoso. Qualquer sentimento contrário, por qualquer ser, é dizimado apenas pelo sádico. Como você queria que eu fizesse?

— Me desse um beijo e falasse que tudo ficaria bem, não importava a opinião dos outros, a sua que valia.

Tive que rir, era muito próximo de um ideal apaixonado do qual eu fugia a todo custo, mesmo antes de trancar o meu coração. Nunca acreditei que alguém pudesse me aceitar com a aparência que eu tinha e com a magia, tive a certeza de que ninguém me merecia. Vaidade e poder faziam parte do universo de como eu fui treinado para a bruxaria.

— Thorent! — chamou alto, se contorcendo debaixo de mim. Ela estava molhada, deveria estar próxima de gozar. — Por que está me torturando? Me deixe te tocar, te ver.

— Eu ainda não estou satisfeito, *Prinkl*. — Inclinei-me para a frente e chubei um dos seios. Afastei o quadril e aproximei, quase entrando na sua boceta. — Você deu prioridade para os duendes e não para mim.

— Não é verdade.

— Estava falando com Valy, você foi lá para ajudar Lux! — rosnei, me impedindo de penetrá-la quando a glândula do meu pênis se encaixou no seu buraco. Afastei-me e voltei, para a tortura da esfregação.

— Sim, mas eu... Oh! — Meti com força, para calar sua manipulação. Estava querendo acreditar que foi uma coincidência, mas não deixaria que sua fragilidade me influenciasse.

Com a calcinha empurrada para o lado, entrei e saí da sua boceta encharcada. Tomei sua boca e meu peso a firmou no lugar enquanto eu me

fartava dela. Era tão bom estar no comando da situação, tão alto que ninguém poderia me atingir.

Suas pernas circularam meu quadril e minha boca devorou a dela, o beijo desesperado combinava com o ritmo das minhas estocadas.

Tomei seus gemidos, busquei apenas o meu prazer e pulsei quando seus músculos vaginais me apertaram. Gozei estremecendo meu corpo, fui surpreendido quando ela refletiu minhas ações, Nay também tinha alcançado o clímax, por mais que não estivesse pensando nela. Ou seria apenas o buraco oco que eu tinha no peito enganando a razão.

Ainda ligado, soltei a blusa e deixei que tirasse a venda dos seus olhos. A luxúria estava no comando, ela se ergueu para poder me beijar um pouco mais, com os braços ao redor do meu pescoço. A mão apertou meu cabelo e tentou conduzir o ato, mas não era assim que funcionava comigo.

Saí de dentro dela, virei-a de bruços e dei um tapa na sua bunda, para acalmá-la para não sair da posição. Estiquei meu corpo e alcancei o mesmo óleo que usamos na primeira vez dela, passei nas suas costas e esfreguei por dentro da calcinha.

— Me deixa tirar — pediu com as mãos nas laterais.

— Não, eu vou te comer do jeito que está. — Segurei com uma das mãos a parte de trás e puxei para cima, deixando-a como se estivesse com um fio dental. Ela gemeu e sorri orgulhoso, até o final do ato, ela estaria se desculpando.

Esfreguei o óleo no seu buraco enrugado, testei a entrada e o substituí pela minha ereção. Puxei uma das suas pernas para cima e consegui entrar até o fim.

— Oh, meu Deus! — gemeu em êxtase.

— Apenas o bruxo do raio te fazendo pedir perdão. — Saí e entrei com força, repeti o movimento medido a cada gemido de rendição.

Ela deu um impulso com as mãos, ficou de quatro e me empurrou para me sentar. Montada no meu colo, subiu e desceu comandando o ritmo

enquanto minhas mãos acariciavam seus seios. Desci para sua barriga, toquei seu clítoris e voltei para cima, ela estava ensandecida.

— Você me deixa louco! — soltei estrangulado, estava a ponto de explodir novamente.

— Thorent!

— Você quer mais? — Fiz o movimento contrário do dela e nossos corpos se chocavam com força. — Eu vou te dar tudo!

— Espere. — Soltei-a quando saiu do meu colo, ficou de frente e encaixou meu pau na sua boceta. Olho no olho, ela começou lento e demonstrou toda a sua disposição para me fazer ultrapassar limites. — Assim.

— Vai me pedir desculpas?

— Sim. — Deu um selinho nos meus lábios e começou a se esfregar no meu colo. — Todas as outras lutas, eu perdi. Essa, estou abrindo mão da vitória, por nós. Eu sinto muito, Thorent. — Acelerou os movimentos e me deixou mudo, era complexo lutar quando alguém cedia daquela forma. — Vem comigo, meu trovão. Goza dentro de mim mais uma vez — murmurou no meu ouvido, seu comando não tinha como ser desobedecido.

Mais que o emocional, meu corpo reagiu e gozou dentro dela, pulsando e jorrando como se fosse a conexão ideal para nos acasalar. Abracei seu corpo com irritação, porque depois de tanto tempo, eu tinha me lembrado da porra do feitiço que me impedia de engravidar uma fêmea. Sem pais, tios ou avós, os últimos remanescentes do clã dos bruxos do raio tinham fertilidade suficiente para procriar e perpetuar a espécie.

Annabelle Hendrix deveria ter sido cruel o suficiente para me impedir de ampliar o clã com um filho. Não poder formar uma família fazia parte da sua maldição sem poderes. Bem, era o que eu faria sendo rei.

Com um suspiro de alívio, senti minha ereção diminuir e a euforia do sexo ir embora. Por mais sem sentido que parecia, empurrei-nos para deitar, abracei-a com força e fechei os olhos, tentando não surtar pelo o que eu não poderia controlar.

— Thor, eu preciso ir ao banheiro — ela resmungou, mas se ajeitou de costas para mim, nos meus braços.

— Durma — ordenei com rispidez, ela não se ofendeu.

Meu trovão... era uma merda ter um trauma tão idiota que me fazia balançar por conta de um apelido dos infernos. Eu continuaria manipulando tudo e todos, até encontrar o meu verdadeiro inimigo.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 34

Acordei sozinha na cama, cheirando a sexo e o óleo que foi jogado em mim. Busquei minha correntinha e a segurei firme na minha mão, eu estava bem, tinha funcionado.

Cedi aos seus caprichos de lhe pedir desculpas. Uma forma de manipular, era me deixando influenciar. Consciente dos meus atos, eu sabia que no meio do prazer, nos conectaríamos de alguma forma. Mesmo sem o amor, o tesão era suficiente para alcançar o que eu queria.

Ele viu a minha entrega e reagiu com surpresa ao ser chamado de meu trovão. Eu era a sua *Prinkí*, nada mais justo do que torná-lo parte de mim também.

Tirei a calcinha, saí da cama e fui tomar uma ducha no seu banheiro. Usei as suas coisas e me senti mais marcada do que já estava. Havia algo diferente no meu corpo, mas foi na minha alma que eu identifiquei a mudança, era a minha confiança.

Se estar apaixonada era um ponto fraco, eu me sentia forte em meio a essa vulnerabilidade.

Enrolei-me numa toalha, fui para o meu quarto e escutei música no andar de baixo. Coloquei uma roupa confortável para ficar em casa, fiquei descalça por conta do ferimento em cicatrização na sola e descii a escada sorrindo para a melodia.

“Se está destinado a acontecer, acontecerá, acontecerá

Amor, apenas deixe acontecer”

Meant To Be (feat. Florida Georgia Line) – Bebe Rexha

Passei pela sala de jantar com a mesa posta para o almoço, depois a cozinha e encontrei Danika entrando por uma porta dos fundos. Com roupas

de cama em mãos, ela me encarou com preocupação, mas passou, quando viu meu sorriso.

— Você também acordou bem. Bom dia, Nay.

— Bom dia, Danika. Eu me sinto bem, dormi com Thorent, na cama dele. — Suspirei apaixonada. — Em seus braços.

— Não ache que terá sempre essa mordomia. Eu só fiz tudo isso, porque você está com o pé machucado. — Virei dando um grito assustado ao ver o bruxo na porta da cozinha. Ao invés de me ajudar, a governanta passou por nós e me deixou sozinha com aquele lindo arrogante. — Te assustei? — Sorriu divertido.

— Sim. Não era para ter ouvido minha conversa com Danika. — Fui até a geladeira e peguei a jarra de suco para me servir. — Não foi trabalhar?

— É sábado.

— Vai me fazer companhia? — perguntei fingindo arrogância.

— Não, é você que está a meu serviço. Venha.

— Eu vou terminar o meu suco primeiro, se não se importa, senhor bruxo mandão.

— Na biblioteca — ordenou relutante e saiu da cozinha, me deixando suspirar um pouco mais por me sentir confortável ao seu lado.

Ao invés de me apressar em chegar até ele e seu bom humor — se é que poderia chamar assim —, fiz tudo com calma e ainda comi algumas frutas do bosque olhando para o teto e remexendo meu quadril ao ritmo da música.

Eu estava sozinha no mundo, a noite depois do bar foi intensa, mas tudo compensou por causa do meu trovão ter me colocado em seus braços e dormido.

— Viu o passarinho verde? — Zaz estava na porta e larguei tudo para abraçá-lo bem forte. Quase caímos no chão, ele riu e percebi que Lux

estava atrás dele, carregando duas mochilas. — Uou, se é para me pedir em casamento, aceito.

— Para com isso, o seu chefe está de bom humor. Não o provoque.
— Beije o rosto dele e fui para Lux, que se intimidou com minha aproximação mais calorosa.

— A noite deve ter sido boa e sua aparência está melhor ainda, se me permite o galanteio — Zaz brincou erguendo minha blusa e analisando o short jeans curto.

— Tirando o medo e o surto depois da explosão da casa a qual morei a minha vida inteira — bati na mão do duende, que fingiu ofendido —, está tudo caminhando bem.

— Como foi no bar? Você não deveria ter dado ouvido a Zaz. — Lux entrou na cozinha e o acompanhei ao lado do engraçadinho. Perdi minhas frutas e o suco, nossa intimidade estava em um nível elevado.

— Eu vi Valy — comentei apoiando os braços no balcão.

— Como ela está? — Lux questionou com interesse.

— Ela não quer te ver nem pintado de ouro. — Ergui o indicador quando ele abriu a boca para protestar. — Mas ela deixou a entender que se vestir com as roupas tradicionais da sua origem, ela te aceita.

— Como assim? — Zaz refutou e dei um chute na sua canela, para não me contestar. — Ai, sua bruta. Ninguém quer ver esse duende com gorro pontudo verde e roupas apertadas.

— Farei. Se for isso que preciso fazer para tê-la de volta, não me importo com o ridículo. — Sorri para o homem apaixonado. Valy tinha me dito que uma grande punição precisava ser feita para ela dar uma última chance a Lux. Vergonha e dignidade sacrificadas, no meio do Bar Barba de Duende seria mais do que justo.

— Ela se apresenta no bar todas as sextas-feiras. Eu vou com você na próxima semana. O que acha?

— Que você correu riscos demais. — Estendeu a mão e tocou a minha. — Obrigado, Nay.

— Tire as mãos da minha humana — Thorent apareceu esbravejando, Lux se afastou com medo, diferente de Zaz, que me abraçou como se fosse um ursinho de pelúcia.

— Ela é minha, chefe. Uow! — gritou entre os risos quando foi arremessado para longe de mim. — Estava brincando. Não precisa apelar.

Thor me pegou pela cintura e ergueu, fiz uma careta para ofuscar o meu sorriso vitorioso. Eu não estava manipulando, mas era beneficiada por esse ataque de ciúmes sem sentido.

Ele me soltou quando chegamos à biblioteca, as janelas estavam abertas e a música alta quase me ensurdeceu. Coloquei as mãos nas orelhas, mas não deixei de reparar a letra da música que tocava.

“Como eu posso quebrar o feitiço que você me deu?

Estou tão viciado na dor

Tenho seu veneno correndo nas minhas veias”

Break The Spell – Daughtry

— Se acomode em uma das cadeiras da mesa central, você vai nos ajudar — Thorent ordenou assim que desligou a música que saía de uma caixa de som acoplado a seu notebook. Zaz e Lux apareceram e sorriram para mim antes de se sentarem à minha frente.

— Eu ainda não te contei o que descobri no bar. — Puxei a cadeira e encarei o bruxo.

— Não tenho interesse sobre a vida pessoal de Lux com Valy. Esse assunto já está encerrado, Nayara.

— Sim, já repassei as informações dos apaixonados. Mas é que teve outra coisa. — Apoiei meus antebraços na mesa e encarei os três. — Acho que aquele feitiço com a assinatura de um bruxo de raio não tinha nada a ver comigo, mas com Marcus e Marcílio. Valy me contou que Leanan está envolvida com alguém com os mesmos poderes que o seu.

— Ela não pode ter o original, foi atrás de uma cópia? Será que foi algum dos seus primos criados para manter o equilíbrio? — Zaz soou divertido.

— Se eles não são súditos de Annabelle, eu deveria ter conhecimento dos seus paradeiros, sou o ancião dos bruxos de raio. — Thorent começo a andar de um lado para o outro, Zaz chutou minha canela para chamar atenção e ergueu a sobrancelha. — Laurence ou Kirian conseguiu se esconder entre as fadas das trevas? — Fechou a mão e socou o ar. — Sim, claro, Kirian. Ele nunca aceitou ser o mais novo da linhagem.

— Ainda sob o efeito do chá da sorte? De nada — o duende brincalhão interveio.

— Nunca funcionou. Cheguei naquele bar e resolvi tudo por minha conta. — Thorent colocou a mão no ombro dele e apertou. Zaz apontou o dedo e o fez se contorcer. — Pare com essa porra!

— Está fortinho demais para o meu gosto. — Massageou a região que teve contato. — E funcionou, você está vivo e Nay também.

— Você disse que ele me daria a resposta que eu queria.

— *Precisava*. A que sua alma necessita. Não presta atenção no que eu falo? — Desviou de um tapa na cabeça e riu baixo. — Vamos começar com o trabalho ou não? Vou cobrar hora extra.

— Pare de provocá-lo — Lux murmurou e empurrou um tablet na minha direção. — Você será nossa analista de qualidade. Entre no sistema e encontre algum erro nele.

— O que é isso? — Cliquei no ícone da área de trabalho e vi dois quadrados para colocar usuário e senha.

— Antes de começarmos, o que mais que Valy falou? — Thorent deu a volta na mesa e se inclinou em mim, usando o encosto da minha cadeira de apoio. — Não brinque com isso, nossa vida depende dessas informações. Me conte tudo.

— Foi só isso, há outro bruxo como você rondando Leanan.

— Posso te obrigar, como fiz para me pedir desculpas — falou com sedução, aproximando seus lábios dos meus. Seu olhar hipnótico fez meu coração dar um salto feliz.

— Quer um minuto ou talvez, trinta? — Zaz nos interrompeu e piscou os olhos charmosos. — Desse jeito, vou acreditar que você conseguiu a chave para abrir o seu coração, chefe.

— Ela foi muito bem queimada. Esse sou eu mostrando a vocês que a humana é minha para brincar, não de vocês. — Abri a boca em choque, Thor segurou no meu queixo, beijou minha boca e se afastou. Estava nítido que ele só queria mostrar a sua soberania sobre mim, mas eu reagi daquela forma por outro motivo.

Espalmei a mão entre meus seios, Zaz sorriu para mim despreocupado, como se fizesse questão que eu chegasse naquela conclusão. A conversa com Danika e a sensação de dormir nos braços de Thorent me mostraram que tudo estava muito bem interligado.

Minha vida cruzaria com a daquele bruxo em algum momento, por causa do pingente que eu carregava comigo para ser protegido. Restava saber se minha mãe me deu a correntinha de propósito ou foi uma incrível coincidência.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 35

Induzido por uma das minhas pílulas mágicas para ficar acordado, enquanto os duendes dormiram e acordaram de sábado para domingo, eu permaneci ativo. Nos dois banhos que Nay tomou, eu a acompanhei e nos saciamos com o sexo rápido, mas não menos intenso.

Almoçamos e jantamos, os duendes foram embora próximo da madrugada de domingo e minha humana dormiu no sofá da biblioteca com o tablet no colo.

Focado em fazer os últimos ajustes para que o firewall mais potente e não mágico funcionasse, esqueci tudo à minha volta para me dedicar à perfeição da tecnologia.

Coloquei uma música baixa e analisei o último log de erros e alertas da compilação do sistema. Não percebi a aproximação de Nayara antes dela tocar minha virilha e abrir o zíper do meu short.

“Você realmente, realmente me ama

Você me conhece e me ama

E é o tipo de coisa que eu sempre esperei encontrar, sim”

Easy – Camila Cabello

Não precisávamos de palavras, seu olhar demonstrava com o quanto de tesão ela estava. Precisou de apenas alguns movimentos da sua mão no meu membro para que minha ereção estivesse pronta para ser usada. Apesar dela estar no comando, todas as suas ações eram para mim.

Ajoelhou-se na minha frente, sugou meu membro e abusou da saliva para me deixar ainda mais excitado. Quando estava prestes a explodir, ela ficou de pé, tirou a blusa e o short junto da calcinha e ficou

nua para mim. Se soubesse que ela estava sem sutiã, eu a tinha provocado um pouco mais antes dela ter ido dormir.

Afastei a cadeira e a deixei me montar de frente. Com as mãos no encosto, ela se ajeitou e foi permitindo que minha ereção a preenchesse.

Com a mão segurando firme na sua nuca, trouxe sua boca para a minha e a deixei se movimentar. Tomei do seu sabor, senti a sua saliva e me fartei dos seus gemidos, nós estávamos cada vez mais em uma sintonia perfeita.

Ela era esperta para se trabalhar, fogosa na cama e bem aceita por aquele que me serviam. Para se tornar mais um efetivo na minha equipe, ela preencheu todos os requisitos.

Suguei um dos seus seios enquanto me cavalgava. Percebi que era sua posição preferida, fosse com meu pau na sua vagina ou no ânus. Ela gemeu alto, apoiou suas mãos nos meus ombros e rebolou encontrando o seu clímax. Meu tesão aumentava ainda mais quando ela se esfregava em mim.

Estando na biblioteca, os barulhos ecoavam pelo lugar, transformando um momento de luxúria em prazer sensorial. A luz do sol começava a preencher o ambiente, eu tinha me mantido bem acordado para concluir as últimas análises do fim de semana.

— Thor, olha para mim — pediu diminuindo o movimento, mas sem parar. — Eu ainda quero mais.

— Não terminamos.

Percebi que minha mente estava longe, a rotina de trabalho com ela e os duendes me fez esquecer dos jogos de manipulação que me mantinham vivo. Eu a queria para fazer parte da minha equipe, como aquela que estaria pronta para ser fodida quando eu bem entendesse. O único problema era que isso a colocaria como uma submissa escrava sexual, posição que ela destoava, já que era aquela que decidia os momentos de intimidade.

Levantei-me da cadeira com ela conectada a mim, encontrei um espaço livre na mesa e a deposei com cuidado. De pé, foi mais fácil meter e proporcionar-lhe um pouco mais de prazer. Coloquei dois dedos em sua

boca, ela os sugou e fui um pouco mais ousado, ao penetrá-la junto com meu pau.

— Oh! — Seus seios subiam e desciam a cada investida, encontrei seu ponto G inchado. Esfreguei ao mesmo tempo que estocava, ela se entregou ao meu toque e gozou, mais uma vez. Seu corpo estremeceu e foi irresistível não a acompanhar.

Tirei a mão de dentro dela, apoiei-me massageando seus seios e a preenchi com minha porra. Deveria falar com um dos meus amigos, eu precisava saber se estava deixando passar alguma coisa.

Fui me afastar para respirar, Nay me prendeu com suas pernas e me puxou para cobrir seu corpo e beijar seus lábios. Fez barulhos de apreço que me fizeram rir com arrogância. Tinha algo de poderoso em ser aquele que proporcionava um bom momento para outra pessoa. Por muito tempo achei que não conseguiria fazer a mesma coisa estando sem minha aparência fabricada pela magia.

— Guarde esse fogo para mais tarde. Preciso ir para a TMT colocar o sistema para rodar. Será menos uma preocupação para a minha mente.

— Vamos tomar banho juntos?

— Vá você, eu tenho que fazer uma ligação.

Ela fez bico, peguei-a no colo e a carreguei pela casa, Nay estava morrendo de vergonha por estar nua. Subi a escada e a deixei no meio do quarto que dormia. Segurei meu pulso, mas soltei sem nenhum cuidado. Seu olhar chateado poderia me incomodar, se não fosse o assunto que dominava a minha mente.

Fechei o short, tirei o celular do bolso e disquei para Áthila.

— *De nada* — seu cumprimento irritado me fez rir.

— Está precisando transar. — Desci a escada e voltei para a biblioteca. — Obrigado pelas pedras, já estão em suas posições devidas.

— *Para quem está sem os poderes, o mundo está cor-de-rosa demais.*

— Encontrou uma forma de reverter a situação? — Cocei a cabeça e me sentei na cadeira em frente ao notebook. — Eu vou tentar um acordo com o submundo mágico.

— *Eles sabem que você é apenas um humano?*

— Claro que não! Preciso reaver a confiança de um deles para poder me expor além do necessário. Sou estrategista, meu amigo.

— *Me irrita sua paciência, Thorent. Ligou para quê?*

— Não sei se conseguirá me ajudar, já que pelo humor, não deve estar tendo muita ação do seu lado. O que está usando para evitar gravidez?

— *Nada! Nós não precisamos de...* — ele silenciou por um segundo e bufou, deveria ter percebido que o feitiço que usávamos para não reproduzir estava ausente. — *Que se foda! Não é tão fácil engravidar assim. Com quem você está fodendo?*

— Uma humana. — Esfreguei a mão no rosto.

— *Não me venha com mais problemas, eu já tenho os meus. Se tiver novidades sobre o seu acordo com o submundo mágico, avise.* — Olhei para a tela do celular e me indignei, o filho da mãe desligou sem me dar a resposta que eu queria.

Busquei o contato de Bastiaan e não me surpreendi pela demora em atender. Eu era um ser educado e paciente, até o momento que o outro lado do dispositivo eletrônico não soubesse usar a tecnologia.

— *Que merda, esse aparelho não para de tocar?* — Bastiaan resmungou longe. — *Quem fala?*

— Como vai, Bast? Tendo um mau dia?

— *Poderia estar melhor, se eu não precisasse colocar essa telha romana na minha orelha para falar com você. O que quer?*

— Acho que você também precisa transar um pouco.

— *Já estou muito bem adaptado com a fêmea no meu quarto. Se foi por isso que ligou...*

— Ah, então me diga, o que está usando como método contraceptivo?

— *Contra-o-quê? Está cheirando aquelas ervas que seus amigos duendes compram aqui na cidade?*

— Foi só um dia, esqueça aquele episódio.

— *Sei* — soou desconfiado. — *O que quer dizer então?*

— *Engravidar, Bast. Como está fazendo para impedir que a sua fêmea não apareça com um filho seu? Se tiver uma poção, não me negue, pare de ser tão egoísta.*

A linha ficou muda, mas não desligou. Voltei o aparelho para a orelha e escutei tosse do outro lado.

— *Caralho!* — xingou mais irritado do que me cumprimentou. — *Aquela bastarda deve ter tirado o nosso poder de procriar. Ela nos tirou tudo!*

— Foi o que pensei, mas...

— *Ligou para me dar mais problema ou entregar uma solução?*

— Se eu tivesse algo resolvido, não estaria discutindo com você.

— *Ótimo, então, adeus.*

Larguei o celular em cima da mesa e bufei para controlar minha vontade de virar a mesa de raiva. Custava ser um pouco mais... educado? Eles já não tinham empatia, sem o amor, estavam insuportáveis.

Desliguei meu notebook e decidi comprar camisinhas, era a única coisa que me vinha a mente para resolver esse empecilho.

Tomei um banho, coloquei minha roupa formal de trabalho e encontrei Nayara sorridente me esperando para tomar café da manhã. Por mais que meus poderes tenham sido tirados contra a minha vontade, percebi que estava aprendendo a me adaptar como os humanos.

Eu não poderia me tornar tão insignificante como eles.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 36

Entrei na minha sala com Nayara no meu encalço. Preocupado com outras coisas, não percebi a presença de um ser mágico no lugar até que minha humana gritou.

— Me solta! — Ela foi puxada por uma força invisível até chegar em Leanan. Com uma roupa semelhante a que estava no bar, ela bufou irritada e fez com que Nay se ajoelhasse no chão e parasse de falar.

— Que merda é essa? — Dei um passo em direção as duas, a fada fez o sinal de negativo com o dedo, colocou a mão atrás do pescoço da humana e arrancou a pedra.

— Está querendo enganar quem com essa magia barata? — Jogou na minha direção e me defendi com a mão no meu rosto, para não ser acertado. — Inútil! Por que não está usando os seus poderes?

— Como você entrou aqui? — Vi o desespero no olhar de Nay e fiquei sem reação, porque estava em busca de me salvar, antes de qualquer coisa. — *Prinkí*, chame Zaz e Lux na minha sala. Agora!

— O quê? — Leanan olhou ao redor confusa e caminhou na minha direção. — Vai precisar de dois seres insignificantes para te ajudar? É mais grave do que eu pensava.

— Liberte a humana.

— Não. Ela será meu espólio de guerra já que não cumpriu com o que prometeu.

— Não preciso mais dos seus serviços, sei que Kirian está por trás de tudo. — Olhei para a porta da sala esperando que um dos dois aparecesse. Sem resposta adequada, fui até minha mesa e me sentei na cadeira, precisava da pílula da força. Quando observei a fada, ela demonstrava superioridade.

Vi um portal se formar ao lado dela e o traidor aparecer. O único que conseguiria entrar com magia no meu império, era alguém com os

mesmos poderes de raios que os meus. Seus olhos faiscantes brancos não deveriam me fazer sentir sozinho.

— Um perdedor, isso que você se tornou, Thorent — Kirian falou e a porta se abriu, revelando meus dois escudeiros. Antes que eu pudesse alertá-los, o bruxo jogou seu poder de raio e os dois foram empurrados para o outro canto da sala, desacordados por conta da descarga elétrica.

Um grito abafado soou, minha atenção foi para Nayara, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Naquela posição, eu finalmente a vi submissa e sem vontades. Não gostei de apreciar sua incapacidade de retrucar minhas falas, ou mesmo iniciar uma aproximação mais íntima.

Abri a gaveta da minha mesa e retesei ao ver que um raio seguiu na minha direção, para me impedir de agir.

— Não faça nada que irá se arrepender. — Kirian chamou com o indicador. — Venha na minha direção, com calma.

— Ele está sem os poderes. — A fada jogou um pó em minha direção e não consegui desviar. Minhas pernas perderam as forças e caí de joelhos no chão, estava me sentindo dormente. — Viu?

— O grande e poderoso Thorent Moore está vencido? — Kirian falou alto e riu com soberba. Antes que eu perdesse a fala, soltei:

— *Prinkí*, avise à rainha que ainda falta um bruxo do raio para ela castigar.

— *Não consegui completar o comando.*

— Onde está? — Os dois seres mágicos rebateram quando a inteligência artificial me respondeu. O comando estava direcionado para os duendes fingindo de desacordados. — Então foi isso? Annabelle tirou seus poderes e quer fazer isso comigo?

Senti a descarga elétrica no meu corpo como uma vingança poética. Aquilo que deveria me dar força, a fonte da minha vitalidade, estava me dizimando. Perdi os sentidos e um escuro sem pensamentos me dominou.

Não sabia quanto tempo tinha se passado, acordei em uma cama confortável, com uma puta dor de cabeça e os braços abertos. Senti a físgada das amarras antes de olhar para cima e vê-las, eu estava preso.

Pisquei várias vezes até me situar. Muito verde, folhas e madeira me indicaram que eu estava na casa de Leanan. Sendo fada, seus poderes vinham da natureza e eu odiava o mato. Eu era um bruxo urbano, da tecnologia.

— Acordou, querido? — A fada se aproximou, vestia uma roupa mais confortável e transparente.

— Me solta — ordenei erguendo a minha cabeça, ela achou que era para admirá-la, então, não me fiz de rogado e entrei no seu jogo. — Quer que eu te foda? Eu preciso das minhas mãos.

— Nem pense nisso! — Kirian apareceu no quarto. — Foi o que você queria, certo? Sem toques.

— Quero os dois. — Leanan cruzou os braços e fez bico. O bruxo se aproximou, beijou-lhe os lábios e disparou um raio para me eletrocutar.

— Filho da puta — rosnei irritado.

— Apenas tire as calças dele e o monte. Não vou deixar que te toque — Kirian murmurou para a fada, que negou com a cabeça. — Não vamos arriscar.

— Ele é inofensivo sem os poderes. Eu o deixarei tão excitado, que não fará outra coisa que não seja me ter. — Ela tocou o rosto dele com carinho, percebi que os dois eram um casal bem entrosado. — Por favor, meu amor. É o meu presente de casamento, você prometeu.

O bruxo, que deveria estar do meu lado, me encarou com desdém e se afastou da sua mulher. Ela pisou firme no chão emburrada, ele se divertiu com sua birra.

— Deixe que espere um pouco mais, Lea. Temos uma humana para brincar antes de celebrarmos com um ménage. Será melhor para todos.

— Você me convence sempre.

— Eu sei do que você gosta.

— Não saia daí, querido. Nós já voltamos.

Eles saíram do quarto e me deixaram sem uma explicação melhor do que era óbvio, eu serviria de presente de núpcias.

Percebi, tarde demais, que Nayara não estava por perto. Tentei me soltar das amarras, rosnei enquanto os via sair do quarto e senti um desespero que não combinava comigo. Aquela humana era minha, ninguém tinha o direito de fazer nada que não fosse eu.

Sádicos, imaginava o tipo de tortura que estavam preparando e forcei meu corpo a dar uma cambalhota para trás. Agachado próximo à cabeceira e com os braços torcidos, usei uma explosão de força para me soltar.

Meus pulsos foram cortados e nem me dei ao trabalho de verificar a extensão dos ferimentos, eu precisava ir atrás de Nayara. Trombei com a porta trancada e escutei barulho do outro lado, algo grande estava acontecendo.

— Não! — a voz feminina gritou e não sabia se ficava aliviado ou preocupado por não se parecer com a de Nay. Ou era ela? Estava desesperado.

Bati na porta com raiva, sangue respingou dos meus pulsos, eu não saberia arrombá-la. Para minha sorte, a porta se abriu e uma fada irritada tentou me atropelar, eu a empurrei para o lado e saí daquele quarto infernal.

— É culpa sua! — Leanan gritou atrás de mim e corri pelo corredor, até chegar a uma grande sala espaçosa.

Congelei no lugar quando vi um bruxo ruivo do olho azul. Com sua pose superior, ele tinha Kirian subjugado ajoelhado ao seu lado. Minha memória resgatou o nome daquele general, Loren.

— O que está fazendo? — perguntei ofegante e temendo ser levado para Annabelle novamente.

— Espero que não se esqueça de que tudo poderia ser pior, mas eu intercedi. — Deu um tapinha leve em cima da cabeça do bruxo de raio ao

seu lado. — Seja um bom bruxo.

Percebi Kirian tentando se livrar das amarras invisíveis que o impediam de falar ou se mexer. Os dois desapareceram ao atravessar o portal e meu foco voltou ao meu objetivo principal.

Nay estava em um canto assustada, encolhida e sem roupas. Quando ela me viu, se levantou e foi ao meu encontro. Ao invés de verificar se ela estava bem ou se a machucaram, a correntinha que Nayara usava me chamou atenção. Tanto tempo sem me preocupar com o que ela carregava, me surpreendi ao ver a mesma chave que um dia eu joguei no fogo ao fazer o feitiço do coração com Bastiaan e Áthila.

Meu peito apertou e senti uma fígada forte, como se a mesma fechadura fosse convocada, como no feitiço anterior. Por isso eu me sentia confortável com ela, Nayara estava em posse da chave que poderia abrir o meu coração por todo esse tempo.

— Estou com tanto medo. — Ela me abraçou e se aninhou em mim. — Thor, está ferido.

— A chave. — Peguei na lateral do seu pescoço e deslizei os dedos até o pingente. Apertei com força e o metal mesclado ao pingente se dissolveu. — Por que você tem isso?

— Minha mãe me deu. — Ela arregalou os olhos e encarou meu peito. — É uma fechadura!

— Aqueles soldados vieram buscar Kirian por sua culpa. Eu vou matar vocês! — Leanan apareceu na sala e com um vento forte, nos afastou. Caí no chão sentindo meu peito aberto, buscando aquela conexão. — Ele era do seu clã.

— Ele me traiu, não merecia nenhuma consideração. — Rebatí me levantando, Nayara se encolheu assustada, o rosto estava virado na minha direção. Senti a dormência nas minhas pernas novamente e minha atenção ficou com a fada, que parecia possuída com seu cabelo revoltado e roupa chamuscada. — Me deixe ir!

— Vai me pagar por tanta humilhação, bruxo. Você e aquela humana insignificante.

Era o momento de decisão, tinha que fazer uma escolha ou acabar com a minha existência. Foi questão de segundos decidir o que fazer. Para escapar de Leanan, eu precisava dos meus poderes. Eu recuperaria minha força, se eu pudesse me apaixonar.

A chave para abrir o meu coração estava tão perto.

Forcei meu braço a esticar e joguei sangue dos meus pulsos nos olhos dela. A fada gritou, tive dificuldade em me levantar e ir até Nayara. Antes que ela pudesse dizer algo, peguei a chave e coloquei no meu peito, encaixando-a na fechadura e virando para que fosse aberta.

Deixei para processar as implicações daquela ação depois que eu terminasse com Leanan. Estiquei o braço e invoquei meu poder de raio, um clarão nos cegou, eu não imaginava que minha força retornaria com tanta diferença.

Mãos me tocaram, vozes soaram e me vi em um escritório escuro, desconhecido. Senti um corpo quente junto ao meu, olhei para a mulher em meus braços e quando seus olhos encontraram os meus, parecia que a estava olhando como se fosse a primeira vez.

Ela era linda, estava assustada e as lágrimas dos seus olhos me faziam sentir tanta culpa, que a abracei mais forte, escondi minha cabeça no seu pescoço e murmurei desolado:

— Me desculpa, Nay.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 37

— Essa fada precisava de uma lição — escutei a voz irritada de Valy, mas eu não conseguia tirar os olhos de Nay.

A minha humana estava cada vez mais emocionada, nos reconhecia como algo além do que vivemos. Era indescritível o aperto que sentia no peito, as mãos suando e a cabeça dando voltas, sem uma explicação racional para o que estava despertando tanta ansiedade em mim.

Uma coberta gasta e com cheiro estranho foi posta nos ombros da mulher em meus braços. Pisquei várias vezes como ela, percebemos, tarde demais, que estávamos em uma sala de escritório com pouca luz e muitos duendes.

Zaz nos observava com um sorriso radiante enquanto Lux e Valy conversavam baixo. Pela decoração do lugar, estávamos no Bar Barba de Duende e não nas dependências da casa de Leanan Sidhe.

— Thor — Nayara murmurou se cobrindo, ela estava nua e não precisava se expor.

— Eu vou cuidar disso. — Levantei-me com o braço ao redor dela. Estiquei a mão e forcei o meu poder a se manifestar para criar um portal, nada. — Porra! Não era isso que a bastarda queria? Onde estão meus poderes?

— Você está sofrendo de estresse pós-traumático. Precisa de um pouco de terapia, chefe — Zaz zombou e levou um tapa no braço de Valy.

— Tenha um pouco de empatia, os dois estavam sofrendo na mão daquela fada arrogante. — A duende colocou as mãos na cintura e se aproximou de Nay. — Venha comigo, vamos arranjar uma roupa que te caiba.

— Ela não vai sair de perto de mim. — Mantive-a no meu agarre. — O que aconteceu, afinal?

— Sua jogada foi boa, Thorent. Eu ainda estava sem forças depois do choque que levei. — Fez uma careta e olhou para Lux. — Percebi que você pega leve conosco, nunca achei que a força de um bruxo de raio poderia nos nocautear daquela forma.

— Sou mais poderoso e vocês, mortos, não são úteis para mim. — Tinha algo de estranho na minha fala, mas deixaria para pensar depois. — Vamos, o que mais?

— Assim que ficamos sozinho, eu e Lux encontramos um amigo, que é amigo de um primo, de um...

— Resume! — rosnei impaciente. A mão de Nay foi para a minha barriga, numa tentativa de acalmar e a trouxe para frente, abracei-a como se fosse o certo e natural a se fazer.

— Avisamos que tinha um bruxo de raio atrapalhando a vida de humanos. Kirian estava fugindo da rainha há alguns dias, mas perdeu a vantagem quando se manteve no lugar por tempo suficiente para ser rastreado.

— Vai me incluir nessa história quando, Zaz? — Valy exigiu e pela aproximação de Lux ao lado dela, eles estavam mais íntimos do que separados. Não queria perder o meu escudeiro, eu o salvei e sua lealdade era minha, não daquela duende.

— Vou ter que pular algumas partes heroicas, depois te conto, Nay. — Piscou o olho para ela e fechei a cara para Zaz. — Enquanto os seres de luz e magia do bem se preparavam para abordar Kirian, nós viemos para o bar esperando que o Barba Vermelha fosse nos ajudar. Encontramos Valy, Lux se arrastou como um cachorro perdido. Foi divertido de ver.

— Não precisa entrar em detalhes. — Lux deu um passo para a frente. — Valy nos ajudou e não precisamos dever nenhum favor ao dono do bar. Mesmo ainda não tendo me perdoado, ela fez por você, Nay. Indicou um caminho secreto, que vai da casa dela até aqui. Ficamos esperando o momento certo para pegar vocês e trazer de volta.

— Não criamos portal, mas podemos percorrer uma curta distância de forma instantânea. — Zaz esclareceu encarando minha humana, imaginei

que ela estivesse demonstrando a confusão.

— Isso me lembra que precisamos ir embora, antes que o Barba ou a Leanan apareça. — Valy tentou tirar a mulher dos meus braços e não deixei.

— Mas que porra, não a toque! Estou sem meus poderes, mas sou maior do que você.

— Pare de dificultar a nossa vida, bruxo. Ela precisa de roupas e...

— Vamos para a minha casa. Se Annabelle conseguiu tirar os poderes de Kirian, então, ele não conseguirá invadir o meu território novamente. — Inclinei para colocar meu braço atrás dos joelhos de Nay, ela assustou quando apoiei suas costas no meu antebraço e a ergui. — Esconda seu rosto, eu vou te proteger.

— Oh, Thor... — murmurou antes de soltar um longo suspiro e se encolher virada para mim.

Valy abriu a porta e liderou o caminho até a saída do bar por um beco escuro. Estava de noite, a lanterna na mão de Zaz iluminou um carro camuflado enfeitado. Abriu a porta de trás, entrei com Nay nos meus braços e os dois duendes foram na frente.

Lux demorou para se sentar no banco do motorista, trocou algumas palavras com Valy e seguiu pelas ruas de Dublin, sem que pudessem nos ver. O perigo de ter um carro invisível era bater ou baterem sem nenhum cuidado, aqueles duendes estavam loucos.

— Se não morremos nas mãos de Leanan, faremos no trânsito — murmurei alisando o cabelo de Nayara, ela estava silenciosa demais para o meu gosto. Por que não entrava na conversa, ou mesmo, me desculpava?

— Está tenso, chefe. Vi que algo aconteceu antes da gente pegar os dois e vir para o bar. — Zaz olhou por cima do ombro com expectativa. — É o que eu estou pensando?

— Começou a ser vidente desde quando? — Lux intercedeu por mim.

— Me deixe fazer um pouco de gracinhas, quero ouvir o riso de Nay — Zaz respondeu e eu soltei um barulho insatisfeito. — Ou o rosnado do chefe. Ele anda possessivo demais com a humana.

— Opa! — Lux virou o carro com brusquidão para desviar de outro que tinha na direção contrária.

Aumentei a pressão dos meus braços na mulher que estava no meu colo e ela se manteve encolhida. Passei meu nariz para tirar o cabelo que estava no seu rosto, seu olhar era apavorado quando encontrou o meu.

— O que está acontecendo? — perguntei com um sussurro.

— Medo.

— Ninguém te fará mal, não mais. — Engoli em seco por conta da mentira. Sem meus poderes, nem mesmo eu estava livre de ser destruído.

— Chegamos! — Zaz falou alto e o carro reduziu a velocidade.

Não conseguiríamos entrar pelo estacionamento da minha casa, parou na calçada e saímos, para surpresa do segurança que ficava no portão. Deixei que Danika resolvesse as explicações com os humanos que estavam comigo, eu precisava levar Nayara para o conforto do seu quarto.

Não, meu quarto.

Porra, aonde ela iria querer ficar?

Desacostumado em ter tantas dúvidas, dei passos largos até chegar à porta, abrir com brusquidão e ignorar minha governanta, que soltou exclamações horrorizadas.

— Me deixem! — ordenei como um estrondo de trovão. Quase acreditei que meu poder tinha retornado, mas a energia elétrica que me rodeava estava ausente.

Subi os degraus, entrei no meu quarto no automático e fui para o banheiro. Se ela estava nervosa, precisava de um banho relaxante com as ervas e frutas que Danika preparava para mim.

Coloquei-a no chão, tirei o cabelo do seu rosto e procurei a resposta da pergunta que não conseguia externar. Seus olhos estavam

marejados, ela não parecia a Nayara impetuosa e corajosa que confrontei na sua casa.

Parecia ter se passado anos, mas foram dias.

— Me perdoa, Nay. — Segurei seu rosto com as mãos, ela suspirou trêmula. Tocou meus pulsos machucados e não me importei com a dor, porque a preocupação com ela era maior. — Nem sei o motivo de estar falando isso, só que eu preciso te escutar me perdoadando. Não deveria ter invadido sua casa, nem a destruído daquela forma.

— Estou... sem palavras, essa é a melhor definição. — Desviou o olhar, massacrando meu coração sem piedade. Porra, era assim que nos sentíamos quando estávamos com o coração aberto? Por mais que eu quisesse fugir, havia uma força maior que exigia que ela estivesse bem acima de mim.

Sentimento do caralho, estava me frustrando com seu silêncio.

Quando não encontramos uma solução para o problema que está na nossa cara, seguimos o fluxo e deixamos para outro momento o confronto da realidade.

Soltei-a com os ombros baixos em derrota, liguei a água da banheira e saí do meu quarto em busca dos itens usados por Danika. Assustei-me ao vê-la no corredor, com o olhar arregalado e mão fechada no peito.

— Ela precisa de um banho, como o meu — falei monótono e continuei andando até a escada.

— Pode deixar que eu preparo, senhor. — Apressou o passo para me acompanhar. — Como ela está?

— Sem palavras — soltei irritado e fui para a cozinha.

— Thorent. — Tentou se pôr na minha frente, desviei e continuei indo na direção da dispensa. — Me deixe ajudar!

— Não! — A voz de trovão saiu novamente, olhei para as minhas mãos e forcei a energia, nada surgiu. — Aquela chave do inferno não queimou no fogo depois do feitiço do coração. Nayara a carregava no

pescoço esse tempo todo, me fez criar um tesão sem igual por ela e, com o coração aberto, uma enxurrada de sentimentos conflitantes caiu no meu colo. Ao invés dela reforçar o quanto me amava, ela solta que está sem palavras. — Virei-me para Danika e a enfrentei como se fosse minha inimiga. — SEM PALAVRAS? — soei assustador, a governanta deu um passo para trás. — Então, eu roubei todas que ela queria falar, porque estou muito tagarela. Não tem nem meio século de vida e aquela humana conseguiu me manipular mais do que eu.

— Calma, Thorent. Respira.

— Mande o lado zen para o caldeirão da bruxa Annabelle que bagunçou a minha vida perfeitamente organizada. Estou pronto para destruir essa casa, porque Nayara decidiu FICAR SEM PALAVRAS!

Ao invés de rebater, a bruxa que abdicou dos seus poderes ergueu uma sobancelha, abriu a porta da dispensa e me deixou respirando como um animal arisco irritado. Voltou com uma bandeja cheia de ervas, colocou nas minhas mãos e sorriu de forma materna, tinha sido a primeira vez que a via dessa forma.

— Tente sentir mais, Thorent. — Colocou a mão em cima do meu coração e sorriu. — Sei que ama os números, as respostas lógicas, mas para o que te aguarda, não há esse tipo de explicação.

— Danika...

— Tem pomada para o seu pulso e ataduras. Cuide dela e de você também. — Virou-me e empurrou minhas costas com leveza, dei um passo para frente e não contestei.

Estava perdendo o controle de mim mesmo.

E, ao invés de impor a minha presença, voltei para o meu quarto e entrei no banheiro, Nayara estava com o corpo submerso e abraçada às suas pernas.

Sentir mais... eu só me lembrava de uma forma para fazer isso, só faltava saber se Nayara estava no clima para se envolver com o caos dos meus pensamentos.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 38

Abraçada às minhas pernas, dentro da banheira, aproveitei o momento sozinha para organizar meus pensamentos e afastar o medo que queria me deixar inerte.

Quanto mais eu pensava na agonia do desespero que Thorent demonstrava, mais eu parecia estar em uma dimensão paralela. Apesar de nos conhecermos por dias, a convivência e tudo o que passamos transformou esse tempo em anos. Eu conhecia o bruxo, ele não deveria estar sentindo tanta culpa, muito menos me pedindo desculpas.

O pingente que eu carregava no meu peito era a chave de um coração. Como eu poderia imaginar que aquele homem agressivo que invadiu minha casa era o dono? Sentia que precisava protegê-la, nunca cogitei que abriria as portas para fazer um bruxo mudar a sua essência.

Thorent aprendeu a sentir, mas seus poderes pareciam inexistentes, me levando a acreditar que poderia fazer parte do seu lado manipulador. Tirando os resquícios de trovão da sua voz, ele continuava tão humano quanto eu.

Virei a cabeça quando escutei passos, o bruxo apareceu no banheiro com uma bandeja cheia de potes e ervas. Ele me encarou magoado e esperou alguns segundos para que eu me manifestasse. O que poderia dizer além da experiência de quase morte nas mãos daquele bruxo de raio? Se Thor tinha os mesmos poderes que ele... eu estava com medo daquele a quem entreguei meu coração.

Encolhi-me um pouco mais quando ele começou a jogar sais e folhas ao meu redor. Desligou a água que enchia a banheira e ligou a hidromassagem tão suave, que quase não formava onda ao redor.

Soltei um longo suspiro, o que estivesse sendo jogado em mim, fez minha tensão se dissipar um pouco. Apertei os lábios ao ver os ferimentos nos pulsos de Thorent, ele deveria estar com dor tanto quanto apreensivo com a minha reação.

— Ainda não vai falar nada? — reclamou tocando os dedos na água e a mexendo. — Está o suficiente, você vai relaxar e dizer o que está entalado na sua garganta.

— Não funciona assim — murmurei olhando para longe dele. — Preciso de um tempo. Diferente do seu confronto comigo, o que vivi horas atrás me aterrorizou.

— Está na minha casa, protegida — soou arrogante e escutei um estalo. Virei o rosto e me assustei ao ver uma fagulha de raio circular a sua mão apontada para a água.

— Oh, meu Deus, Thorent! — Levantei-me assustada, com medo dele me eletrocutar na banheira, tão cruel quanto aquele bruxo. — Por favor, eu estou apavorada — choraminguei saindo da água sem me preocupar com a nudez.

Percebeu o que tinha feito, deu um passo para trás assustado e saiu do lugar como um foguete. Deveria fechar a porta para me sentir segura, mas voltei para dentro da banheira, mas de olho na entrada.

Enquanto Thorent era apenas um homem, mesmo que insensível, era fácil de lidar. Mas saber o que ele poderia fazer por conta do seu temperamento, as ameaças veladas a Lux e Zaz me fizeram temê-lo. Gostar do bruxo não parecia o suficiente para confiar que eu continuaria viva ao seu lado.

Respirei fundo várias vezes, meus músculos relaxaram e consegui me esticar dentro da banheira tendo um pouco mais de confiança para fazer o movimento. Olhei para o teto e senti a temperatura da água, o cheiro das ervas e dos outros compostos colocados no banho.

Duvidava ser possível unir mundos tão distintos. Mas, meu bom convívio com os duendes, que sempre tiveram poderes mágicos, não me intimidava. Por que com Thorent estava diferente? Ah, claro! Eu o amava tanto, que não ser correspondida me fazia temê-lo.

Bocejei e decidi ir até Danika, me sentiria mais segura tendo a mulher por perto. Pulei da banheira quando escutei um raio e um grito, que mais parecia um trovão. Cobri-me com a toalha e saí do banheiro cautelosa,

Thor não estava por perto. Chovia do lado de fora, um clima tão similar ao que eu sentia dentro de mim.

Passaria no meu quarto e colocaria uma roupa, mas parei no corredor ao ver a governanta chorando vindo em minha direção. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu, me abraçou com força, voltando o meu estado anterior de medo e incerteza.

— Ele está desolado, Nay. Por favor, não o puna por algo que estava fora do controle dele. Seu histórico não é tão simples como ele tenta demonstrar, aquele bruxo merece ser amado.

— O que está acontecendo? — perguntei me afastando e enrolando ainda mais a toalha no meu corpo.

— Vá por uma roupa e vamos intervir, antes que ele se machuque.

— Como assim? — Entrei apressada no meu quarto e vesti a primeira roupa que vi para acompanhar Danika. Coloquei uma calcinha e vestido, roupa que eu raramente usava, mesmo estando em casa. — Chega de esconder informação, eu quero saber tudo.

— Você irá — a bruxa que abdicou do seu poder respondeu chorosa me esperando terminar. Sem vestir nada nos pés, fui até ela, que segurou na minha mão e desceu os degraus apressada. — Ele precisa aprender a respeitar o seu tempo, mas acho que ele não tem controle sobre suas próprias vontades.

Fomos para a sala de jantar, passamos pela cozinha e atravessamos a porta que dava acesso ao grande quintal. Com piscina e uma imensidão de jardins e árvores, a chuva torrencial deveria nos assustar, mas com a mão de Danika na minha, eu só me deixei ser guiada. Passamos por uma área coberta ao lado da área de lazer, eu não sentia que a governanta iria parar.

Vi a silhueta de um homem mais ao fundo, entre árvores e debaixo da chuva, era Thorent. Observei um raio descer do céu e o acertar, soltou um grito estrondoso e percebi que também se tratava de um trovão. Parei de andar assustada e com as mãos na boca, eu só pude observar a cena.

Estendia as mãos para o alto, rosnava frustrado e caía de joelhos em derrota. Retomava a sequência de movimentos até que outro raio o

atingisse dos céus, mas nada vinha dele. Seus poderes não tinham sido retomados, ele não aprendeu a ser bom, a amar.

As lágrimas escorreram dos meus olhos ao ver o sofrimento do bruxo e o quanto meu amor não seria retribuído. Eu tinha medo, mas era menos do que meus sentimentos.

— A chave que você carregava consigo foi dada por mim, para sua mãe. — Danika ficou na minha frente e segurou meus ombros, ela continuava emocionada.

— Você a conheceu?

— Sim. Logo que Thorent veio para Irlanda e me trouxe, junto com Zaz e Lux, eu conheci Mary em uma loja de chás. Estava grávida de você. — Acariciou o meu rosto e sorriu, mas a minha atenção foi desviada por outro raio, seguido de um grito de desespero do bruxo. — Precisa tirá-lo dessa espiral de tortura. Por mais que os fenômenos da natureza não o machuquem, ele está repetindo o que foi feito quando era muito novo, um aprendiz.

— Não! Você vai me contar tudo. Como sabia que era a minha mãe que tinha que ficar com aquele pingente?

— Não era, sempre foi você. — Soltou o ar com força e desceu suas mãos para apertar as minhas. — Aquela chave apareceu no meio dos nossos pedidos. Quando a toquei, sabia que era mágica e tinha a ver com o meu senhor. Poderia tê-la tomado para mim, descobriria dias depois que Thorent tinha feito o feitiço para trancar o coração. Mas... era você. Obriguei a mulher a ficar com a chave, que seria um amuleto da sorte para o seu parto.

— Você sabe quem é meu pai? — Ela negou com a cabeça. — Por que não me disse isso antes?

— Precisava se apaixonar, porque era isso que seu coração queria, não por conveniência. Carregou essa chave no seu pescoço, porque compartilhava o sentimento ao invés de se obrigar a estar com o bruxo de raio. — Outro raio iluminou o céu e caiu em Thor. — Vá, ajude!

— Eu vi o que Kirian pode fazer. Thorent tem os mesmos poderes, eu vou morrer nas mãos dele. Quase...

— Quem sente culpa, não faz maldade por prazer. — Ficou do meu lado para que visse o sofrimento do bruxo. — Ele era um bruxo das trevas, mas convivendo com seres não mágicos, aprendeu a ser mais... humano.

A maior qualidade e pior defeito, agir em nome do que sentimos no coração. Não era algo intrínseco de uma espécie, mas de todos que poderiam pensar e sentir.

Dei um passo, depois outro e não me controlei ao vê-lo cair de joelhos no chão. Estava sem camisa, vestia apenas calças e o suspensório, um acessório que lhe dava um charme especial.

Seu rosto estava diferente, as características físicas oscilavam entre a que eu conhecia na internet e a verdadeira. Os poderes de Thorent estavam fora de controle.

— Vá embora! — esbravejou, mais parecia um trovão. Hesitei colocando minhas mãos fechadas no coração. A chuva parecia ser a menor das minhas preocupações. — Esse lugar não é para você, eu não sirvo para estar ao lado de ninguém. Não preciso das suas palavras, me deixe em paz!

Então, a realidade me bateu com mais força do que o raio que atingiu o bruxo. O passado dele não foi um mar de rosas, ele mudava de aparência, fechou o coração, teve os poderes removidos... foi rejeitado por mim, por mais que ele tivesse pisado nos meus sentimentos desde o primeiro momento juntos.

Mas ele nunca me excluiu e, em toda a sua vida, ele acolheu Lux, Zaz e Danika para não se sentir sozinho. Era a minha vez de fazê-lo se sentir incluído.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 39

Sentia um grande vácuo, nada parecia funcionar com meu corpo e mente. Nenhum poder retornou, mesmo eu tendo um grande apelo emocional por conta de Nayara. Não saberia dizer se era amor ou paixão, mas eu me sentia incapaz de dar o que ela precisava, proteção.

Sem meus poderes, ela continuaria vulnerável. Que ela fosse embora atrás do melhor lugar para se manter e me deixasse recuperar o equilíbrio perdido.

Senti a água escorrer pelo meu corpo, invoquei um raio e me preparei para que fosse atingido por ele. Ter o domínio da chuva e nuvens não era o tipo de coisa que me faria um bom bruxo. Eu deveria ter autonomia e não depender de tanta chuva na minha cabeça.

— Thorent! — Neguei com a cabeça ao escutar sua voz mais perto.

Fiquei de costas para ela e me deixei cair no chão ao perceber que eu continuava sem forças, nem uma faísca na minha mão. Os pulsos cortados mais pareciam um show de aberração, eu era um fracassado completo, como meu mentor salientava, todos os dias.

— Tenho medo, Thor — Nay falou chorosa e meus ombros baixaram tristes. — Enquanto estávamos em pé de igualdade, sua raiva e cinismo não me assustavam. Mas, vendo Kirian e o quanto ele me subjugou com apenas um movimento de mãos. — Arregalei meus olhos e virei-me na sua direção, ela estava sem palavras, por conta do grande trauma que passou nas mãos de Leanan e seu comparsa.

Eu a fiz sofrer por causa dos meus inimigos e isso me fazia sentir ainda mais culpa. Desculpas não seriam o suficiente, eu teria que fazer muito mais do que dizer as palavras.

— Eu nunca te faria mal, Nay. Você é a única que tenho um desejo descomunal de proteger, minha *Prinkípissa*. Por isso, vá embora. Me deixe recuperar os poderes para cumprir com meu papel!

Gritei em desespero invocando mais um raio e senti braços rodeando minha cintura. Meus olhos acompanharam o raio descer até me encontrar e, sabendo o quanto ela poderia sofrer com a descarga elétrica, eu a abracei e abaixei-me para a protegê-la, mesmo sem saber se daria conta.

Deixei de dominar o raio e qualquer um dos meus poderes quando Annabelle me castigou sem piedade.

Soltou um grito abafado e encerrei minha sessão de tortura ao afastar a chuva para longe. Mesmo que eu sentisse seu coração batendo e as unhas cravadas no meu antebraço, tive receio de que eu cometesse mais um deslize.

Fechei os olhos e me mantive naquela posição até que senti o alívio dos seus dedos de mim. Sua mão foi para meu rosto e abri os olhos assustado para ver o que me aguardava.

— Prefiro o outro rosto — murmurou rouca.

— O quê? — Deixei que seus pés se apoiassem no chão e passei as mãos pelo seu corpo molhado. — Machucou? A descarga foi muito forte?

— Estou bem, Thor. Mas esse não é você. — Ela conferia minha aparência e deslizei a mão no meu cabelo, meu visual mágico estava de volta. O mistério sobre o controle do meu poder não tinha sido desvendado, mas ele estava retornando aos poucos. — Prefiro o bruxo arrogante e sem poder, ao descontrolado.

— Eu não sou nada sem meus poderes.

Nay se levantou e estendeu a mão na minha direção, para me ajudar a ficar de pé. Ficou na ponta dos pés e sorriu, segurou meu rosto e uniu nossos lábios com tanta delicadeza, que eu sentia muito mais do que das outras vezes em que nos tocamos com tanta intimidade.

— Você é apenas meu, quando está despido das suas armaduras.

Foi a minha vez de ficar sem palavras. Concordar, me faria aceitar o castigo da bruxa rainha, refutar, seria me separar daquela que se encontrava em autostima. Nem mesmo os meus amigos bruxos, o que eu

tinha de mais próximo de confiança, não era tão intenso como estar com Nay.

— Minha vez de cuidar de você. — Deu um passo para trás, segurou na minha mão e me puxou.

— Está com medo.

— Sim, mas eu descobri que não era de você, mas do poder que te rodeia. Faz parte da sua natureza, nunca saberei se darei conta, se não tentar. — Puxou-me mais para próximo da casa.

— Pode se machucar.

— Já aconteceu. Racionalizei demais, quando deveria sentir. O medo dos paralisa, o amor nos faz agir.

— Ainda sente algo por mim?

— Sei que nada mudou, ainda mais quando me protegeu do poder que veio dos céus. Posso confiar em você com meu coração. — Forçou o sorriso. — Mantenha essa aparência, a outra é desconhecida para mim.

— Você conheceu um Thorent que apenas meus amigos bruxos conhecem. Imperfeito e vulnerável. Fraco.

— Essas são as mesmas características de como sou vista perante as pessoas da sua origem. Isso faz menos de mim?

Não, sua fragilidade me fazia querer protegê-la ainda mais.

Ao invés de trocarmos mais palavras, optamos pelo silêncio e o quanto a ausência de resposta poderia ser reconfortante. Nayara era inferior a mim em força, mas nada a diminuía no quesito sabedoria e estratégia.

Entramos na casa, subimos a escada e ela me fez tirar a roupa para entrar debaixo de uma ducha quente. Observou-me preocupada e tirou da bandeja a pomada e ataduras. Tentei fechar meus machucados enquanto os limpava, mas meus poderes pareciam mais teimosos que eu, Áthila e Bastiaan juntos.

Enrolei uma toalha na cintura e ela se abraçou a outra, o melhor seria que trocasse de roupa ou ficasse sem. Deixei que me guiasse, colocou-

me sentado na beirada da cama e se acomodou ao meu lado, tratando do meu ferimento.

Suspirava e me observava por segundos, precisávamos de outra forma de nos comunicarmos. Olhei ao redor e encontrei a caixa de som da inteligência artificial que funcionava no meu escritório na TMT.

— *Prinkí*, toque...

— *Secrets*, por OneRepublic — Nay intercedeu mordendo o lábio inferior.

“Diga-me o que quer ouvir

Algo que agrada os seus ouvidos

Cansado de toda esta insinceridade

Então abrirei mão de todos os meus segredos”

— Você sempre esteve com a minha chave que queimei na fogueira, no fim do ritual. Como foi possível? Como aconteceu? — perguntei o que mais atormentava minha mente e coração. Porra, eu tinha recuperado o meu.

“Dessa vez

Não preciso de outra mentira perfeita

Não me preocupo se as críticas nunca aparecem de uma só vez

Eu estou me desfazendo de todos os meus segredos”

— Danika falou que conheceu minha mãe em uma loja, grávida de mim. A chave apareceu entre suas compras e, desde que me lembro, minha mãe me obrigou a proteger esse pingente como se fosse um órgão vital. Ele era, em parte.

Uma enxurrada de recordações me fez fechar os olhos e relembrar o que vivi depois do feitiço do coração. Os três seres mágicos me serviam enquanto eu os massacrava com minha arrogância. Até confessar que tranquei meu coração e estava imune à fraqueza de Ryan, o rei bruxo deposto, eles não entendiam de onde vinha tanta insensibilidade – além da que já existia.

Analizando as ações do passado, percebi que os três se juntaram para me proteger, além de apoiarem Nayara a estar por perto. Lux não tinha forjado o endereço dos ataques cibernéticos, mas reconheci que o padrasto e meio-irmão estavam envolvidos com Kirian.

Aquele bruxo sabia o que eu tinha feito e armou para mim.

Encarei Nay e não consegui aceitar que tudo o que vivemos foi falso. Ela enfaixou meus pulsos e, antes que pudesse sair de perto de mim, puxei-a para se deitar na cama.

— Thor, estou molhada — murmurou e bocejou.

— Tire a roupa, também estou nu.

— Não quero fazer nada — reclamou baixo e acenei afirmativo com a cabeça. — Estou exausta.

— Sim, eu só quero dormir com você. Me deixe te proteger, até enquanto dorme.

Ela me respondeu tirando a roupa e ficando com a calcinha molhada. Afastei o edredom da cama, ela se amontoou ao meu lado e eu a abracei, sentindo falta do poder que fazia a coberta levitar até nos cobrir.

Dei um repuxão no rosto, deveria ser parte da magia que mudava a minha aparência. Forcei meu corpo e mente a relaxarem, ainda mais por ter a humana em meus braços. Protegida e minha, não havia mais nada para ansiar.

A chave a escolheu. Quem seria eu para refutar?



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 40

Abri os olhos sentindo meu coração acelerar. Percebi que estava quente, Nayara estava dormindo em meus braços e parecia tão tranquila, que não tive coragem de acordá-la.

Forcei a magia a se manifestar, eu ainda não tinha controle ou eram apenas consequências da reversão do feitiço do coração. O sol estava entrando pela janela, pela intensidade, deveria ter passado do horário do almoço.

Deixei-a dormindo na minha cama, vesti uma roupa casual sem fazer muito barulho e fui até o andar de baixo. As vozes conhecidas não me surpreenderam, a irritação deveria ter transbordado de mim, mas eu estava contemplativo.

Parei na porta da cozinha, Danika mexia com alguma comida enquanto Lux e Zaz tagarelavam alegres. Havia um prato com comida nas suas frentes, em cima do balcão.

— Esqueça minha vida pessoal, Zaz. O que eu e Valy temos não é da sua conta.

— Mas é da minha. Sou, praticamente, mãe de vocês — Danika brincou, eles riram.

— Você diz isso, penso em Thorent sendo meu pai. Não, deleta. Nem mande para a lixeira, só mude esse parâmetro, porque meu cérebro deu tela azul ao receber essa informação — Zaz zombou e os outros riram.

— Cuidado, você pode voltar a ser torturado pelos raios do senhor.

— Pare de se preocupar, Danika. Apesar de tudo ter voltado ao normal na TMT, não acho que o chefe tenha se mantido nessa mesma vibe. Pela Nay, Thorent mudou — o duende divertido falou.

— Ou só está fingindo para, quando menos esperar, te dar o bote — Lux soou conspirador, entrei na cozinha com um pulo e assustei os três.

— O que falam pelas minhas costas?

— Ah! — Danika quase derrubou o pote que tinha em mãos, Zaz caiu do banco e Lux arregalou os olhos.

— Porra, chefe, doeu — Zaz reclamou se levantando com o banco.

— Menos que meus raios, ou os de Kirian, tenho certeza. — Passei por eles e abri a geladeira. — Vocês não deveriam estar trabalhando?

— Por um milagre, além do melhor firewall desenvolvido pelos humanos, o poder da magia retornou para os servidores. TMoore está protegida e merecemos férias — Lux exigiu.

— Como está Nay? — minha governanta questionou.

— Você me deve muitas explicações — soei ameaçador, ela abaixou a cabeça culpada. — Sirva em uma bandeja café da manhã para duas pessoas, por favor.

— Que romântico, por isso os poderes estão retornando — Zaz bateu palmas e rosnei irritado. Ergui minha mão e, se fosse como antigamente, um raio sairia do meu dedo para atingir o duende, mas nada aconteceu. — Ou não. Pelo amor de Deus, Thorent, o que mais você precisa que a gente faça? É só olhar para ela, é perfeita!

— Ninguém pediu sua opinião. — Enchi os copos de suco e senti meu coração acelerar ao ter três pares de olhos atentos ao que eu fazia. Queria agradar minha humana, só não precisava ser julgado ainda mais do que eu mesmo fazia comigo.

— Talvez não, mas vai querer saber o que descobrimos enquanto você dormia como a bela adormecida. — Encarei Lux, esse não seria um comentário padrão dele. — Eu sei ser engraçado também.

— Você tem muito o que aprender, jovem aprendiz — Zaz bateu no ombro dele, que fez uma careta.

— Valy exigiu que eu fosse menos sério. Estou tentando.

— Ela precisa aceitar você como é e não te transformar — Danika falou branda, enchendo a bandeja como eu pedi. — Se quiser mudar, que

seja por você, não pela companheira.

— Nayara preferia que eu estivesse sem meus poderes — murmurei para a bruxa, esquecendo que estava com plateia.

— Não, senhor. Ela prefere que não use as armaduras mágicas para impedir que veja sua alma. Esse é o amor, sem jogos ou manipulação, sem feitiços envolvidos.

— Posso gravar? Para passar na nossa próxima confraternização da TMT — Zaz ergueu o celular e consegui soltar uma faísca, para impedi-lo de me expor. — Aí, droga. — Riu largando o celular no balcão. — Esse aparelho custou caro.

— Foda-se. Essa conversa não te interessa. — Senti a mão de Danika no meu antebraço e ela acenou sorridente. — Está pronto?

— Sim, vá servi-la.

— Antes que me esqueça, chefe — Lux falou enquanto eu saía da cozinha. — Os parentes da Nayara estão sob o domínio de Leanan. O tal Marcus e Marcílio são escravos leais da fada, não há nada a ser feito. Eles estão por vontade própria, desde os primeiros ataques a TMT.

— Mas podemos fazer algo sobre o pai dela. — Zaz apontou para a minha governanta, que arregalou os olhos e deu um passo para trás. — Ela sabe a história.

— Depois — decretei, saindo da cozinha com o olhar aliviado de Danika. Percebi que eu abdicaria da minha curiosidade para agradar a minha humana, por mais que ela fosse interessada no assunto.

Subi a escada, andei apressado pelo corredor e abri a porta, ela ainda dormia na minha cama. Orgulhoso por ser o causador de tanto relaxamento, fui até ela, sentei-me ao seu lado e coloquei a bandeja no meu colo enquanto fazia carinho na sua cabeça. Meus dedos deslizaram pelos fios do seu cabelo e senti a estática formigar minha mão. Era aquela a mesma sensação de quando a conheci, toquei-a com intenção pela primeira vez.

Abriu os olhos, se espreguiçou e sorriu, meu coração deu um salto ao perceber que fui o provocador daquela reação.

— Bom dia, Thor — ronronou se esfregando em mim, minha fome mudou de comida para o desejo carnal. — O cheiro está bom.

— Trouxe para nós. Tem frutas e cereal, além de suco. — Coloquei um pedaço de morango na sua boca e controlei meu tesão, ela tinha deixado claro que não queria nada além de dormir comigo.

Pegou o edredom para cobrir a nudez e se sentou de frente para a minha lateral. Comeu algumas frutas e me encarou, aquele silêncio irritante entre nós estava retornando.

— Obrigada — murmurou acanhada, parecíamos dois desconhecidos e não alguém que conhecia todos os pontos erógenos do seu corpo. — Como está seu pulso?

— Melhor. — Tomei um gole do suco e ofereci o copo a ela. — E você?

— Menos confusa, mas ainda aérea. Posso escolher uma música?

— Ainda sem palavras, Nay? — Coloquei a bandeja no chão.

— Não sei lidar com você tendo empatia. Preciso de um tempo para assimilar tudo. E seus poderes?

— Alguns continuam do mesmo jeito. — Abaixei o que estava tampando seu corpo e admirei seus seios. — Posso te garantir que com ou sem poder, sexo comigo será o melhor que já experimentou.

— Eu só fiz com você — murmurou envergonhada, peguei o copo da sua mão e tomei o resto do suco. Coloquei-o em cima da cômoda de cabeceira e voltei para ela, deitando-a de costas. — Thorent.

— Sim. Não. A música. Um movimento de cabeça, qualquer sinal.

— *Prinkí*, toque Panic! At The Disco, *King of the Clouds*.

A batida forte encheu o quarto, sua mão foi para minha nuca e me puxou para um beijo. Abri a boca e não perdi tempo com poucas sensações,

ou receio de me aproximar, eu queria tudo dela, a conexão mais intensa entre duas almas, independentemente dos nossos mundos.

“Eu sou o rei das nuvens, das nuvens
Eu me elevo, eu me elevo”

Ela era a única que me fazia alcançar o ponto mais alto, mesmo estando tão abaixo das nuvens.

Encaixei-me entre suas pernas, Nay se esfregou em mim e sua língua estava ávida para tocar a minha. Ela estava apenas de calcinha, foi fácil segurar nas laterais e puxar, minha paciência se transformou em desejo desesperado.

Abri o zíper do meu short, posicionei meu membro na sua entrada enquanto ela tirava o pedaço de pano rasgado. Soltou meus lábios para que seus olhos encontrassem os meus, pela surpresa, minha aparência tinha mudado em momento inoportuno.

— Uau — admirou enquanto eu não a preenchia. — Seus olhos, Thorent. São... lindos. Por que os esconde?

— Eu assustaria os humanos com minha aparência de bruxo.

— Menos a mim. — Formou um o com a boca, eu entrei a metade e saí. — Eu te amo, Thor. Você não precisa dessas armaduras comigo.

— Foi por causa desse sentimento que meu rei caiu. Não posso... não deveria... mas quero. — Entrei com tudo, seus braços apertaram meu pescoço. — Como é possível transformar o que eu mais temia em meu objeto de desejo? Você será meu ponto fraco, vai me destruir.

— Posso ser alicerce, o seu triunfo. — Beijou minha boca e não me deixou rebater. Se a intenção era me calar para que pudesse foder, estava de acordo, porque eu não tinha mais forças para ir suave.

Segurei nos seus pulsos, elevei seus braços e movimentei meu quadril com força. O vai e vem a fez chacoalhar, mordi seu lábio inferior e

desci sugando sua pele, até chegar no seu pescoço. Gemeu alto, se entregou sem reservas e o formigamento que senti nas minhas costas me fez compreender a intensidade da sua declaração.

Meu ponto fraco nada mais era que a minha base, eu sempre teria, cabia-me escolher quem ou o que seria. Deixei de ser solitário no momento que escolhi Áthila e Bastiaan como amigos, eu sempre tive uma vulnerabilidade, só era arrogante demais para assumir.

Suas pernas enroscaram na minha cintura e aprofundei as investidas. O barulho da nossa pele entrando em choque era mais do que uma conquista, mas a recuperação dos meus poderes.

Todos os sintomas deveriam fazer parte do prenúncio de Thorent Moore voltar à ativa, mas não passaram de tesão. Coloquei Nayara de lado, ergui sua perna e meti com força enquanto eu esfregava o seu clitóris com a minha virilha.

Deslizei a mão na sua coxa, fui para seu corpo e apertei um seio. Massageei-o até que vi seus gemidos ficarem mais agudos e o corpo estremecer, ela tinha gozado e eu era o causador daquele efeito.

Senti-me convidado a acompanhá-la, encarei seus olhos iluminados refletindo os raios que deveriam estar brilhando em minha íris. Minha porra a preencheu, me fazendo aceitar que eu não só tinha fortes sentimentos por aquela humana, ela me tinha por completo.

Como era possível amar sem nunca alguém ter sentido isso por mim?

Saí dela e me joguei ao seu lado, ainda estava de roupa e deveria ficar nu para me misturar com seu cheiro e calor. Invoquei meu poder e não tive resposta. Deveria ficar frustrado, mas ela buscou se aninhar ao meu lado em busca de conforto.

Estava tudo bem não ter poderes, ela conseguia aplacar a falta deles.

— Thorent?

— Sim, Nay? — Alisei suas costas com carinho e soltei o ar, eu me sentia fora de mim por estar dessa forma, ao mesmo tempo que percebia que era o certo a se fazer.

— Vou poder continuar morando com você?

— Pretendia ir para outro lugar? — Tensionei e ela deu tapinhas leves na minha barriga para me acalmar.

— Quero estar aqui, porque não me sinto mais sozinha.

Era tão palpável e igual a como me sentia, que só respirei e aproveitei a sua companhia, no silêncio do meu quarto.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Capítulo 41

Passamos o resto do dia na cama, entre conversas aleatórias e pedidos de música para a inteligência artificial com o mesmo apelido que o meu. Era bom e me fazia sentir mais conectada com Thorent do que imaginei.

Não tinha mais insegurança, muito menos medo. Poderia ser diferente com seus poderes retomados por completo, mas eu preferia que ele ficasse daquela forma. Sua fragilidade era enxergada por mim como seu ponto forte.

Seu rosto não mudou de forma, mas seus olhos, em momentos de grande explosão de sentimentos, ficavam brilhantes como raios em um clarão no céu. Era lindo e me contentava tendo apenas esse poder mágico nos rodeando.

Depois de algumas horas de sexo e longas horas de sono, dormi e acordei na sua cama. Ele não veio com o café da manhã, como no outro dia, então, levantei-me para ir atrás do bruxo que tinha ganhado o meu coração tanto quanto o dele era meu.

Passei no meu quarto para vestir uma roupa além da camisa social branca que roubei de Thorent, calcei chinelos e desci os degraus escutando conversa vinda do escritório. Fui para a cozinha e não achei Danika, apesar de ter painéis em cima do fogão. O almoço estava com um cheiro bom.

Abri a geladeira, encontrei uma salada de fruta e me servi, mesmo que isso fosse estragar o meu apetite para a refeição que me aguardava.

— Nayara! — Encarei a governanta com receio, ela parecia assustada na porta da cozinha.

— Bom dia. Está tudo bem?

— O quê? — Ela chacoalhou a cabeça, forçou o sorriso e veio na minha direção. — Claro, está tudo bem. Vai ficar bem. — Soltou o ar com força. — Eu sinto muito, Nay.

— Por quê? — Comecei a comer a salada de fruta e ela foi para as panelas. Aquela conversa estava muito estranha.

— Não fuja, Danika! — Thorent soou como um trovão e apareceu na cozinha. Seu semblante suavizou quando me viu, o sorriso que me deu aqueceu todo o meu corpo. — Bom dia, *Prinkí*. Dormiu bem?

— Sim. Mas, por que brigar com ela? O que fez? Não precisa ser mais o chefe poderoso, arrogante e irritado. — Mastiguei as frutas e franzi a testa, sua sobrancelha se ergueu surpreso.

— Quer mudar a forma como lido com ela?

— Não. — Dei de ombros e revirei os olhos, por mais que parecíamos um casal, ele ainda estava na defensiva por conta da minha opinião. — Só estou expondo que fico incomodada.

Ele veio até mim, tirou o pote da minha mão e segurou minha nuca para controlar a direção que eu olharia. Sorriu com arrogância e me dominou por completo ao abraçar minha cintura. Sua boca encontrou a minha e beijou com lentidão, transmitindo não só seus sentimentos, mas pequenas descargas elétricas que estimulavam todo o meu corpo.

Como era possível ficar excitada mesmo depois de tanta ação? Aquele bruxo era irresistível, parecia se encaixar com perfeição nos meus anseios.

— Agora sim é um bom dia — murmurou quando interrompeu o beijo. Admirei seus olhos brilhantes, estendi a mão e toquei nos pontos imperfeitos que mais admirava.

— Sabia que eu amo essa cicatriz? — Esqueci que estávamos com plateia e fui me declarar. — A assimetria do seu rosto, a altura das suas bochechas. Não! — resmunguei, seu rosto tinha tomado a forma perfeita que a sociedade conhecia. — Eu não estou apaixonada por você.

— Como disse?

— Não quero o CEO Thorent Moore, mas o bruxo que não poderia se esconder. — Sorri quando seu rosto voltou ao normal. — Acho que estou perdendo o medo dos seus poderes.

— Eles ainda não retornaram. Parecem... emperrados.

— Você já disse a Nay que a ama? — Danika se intrometeu e encaramos a governanta. De cabeça baixa, ela mais parecia culpada que conciliadora.

— O que quer dizer? — Thorent inquiriu incomodado e me soltou.

— Seus poderes irão retornar quando você retribuir o amor, muito mais do que sentir. — Demonstrou vergonha. — Sei que não tenho o direito de dizer qualquer palavra sobre o assunto, mas...

— Nayara precisa saber sobre a sua origem e você irá contar — o bruxo ordenou, puxou o banco alto e me fez sentar.

Olhei de um para o outro e Danika estava fungando, controlando o choro. Já sabia a história sobre a chave, não tinha mais nada para se conversar.

— Zaz e Lux estavam próximos demais da verdade. Eles sabiam sobre a origem da família Blaine, mais cedo ou mais tarde, chegariam a mim.

— Danika, você falou que conheceu minha mãe...

— Escute — Thor soou brando, mas não menos efusivo. Colocou a mão no meu ombro e apertou reconfortante.

— Sim, eu conheci sua mãe em uma loja e entreguei a chave para ser cuidada com carinho. Naquela época, eu não tinha a mesma aparência de hoje. — Olhou para Thorent. — Nem mesmo aquele que me salvou sabia da minha condição. Eu tinha vergonha, ainda tenho.

— Pare de enrolação, Danika. Sua permanência nessa casa depende de como Nayara irá reagir. Diga de uma vez.

— Ela não vai embora, Thor. Por que está sendo tão cruel? — Toquei na sua barriga e o enfrentei chateada. Ele ia rebater, mas continuei: — Não vou te mudar, essa sou eu querendo manter a minha família por perto.

A governanta soltou um soluço e fui até ela, abracei-a com força e recebi o seu carinho. Fui contagiada pela sua emoção, comecei a chorar mesmo sem entender o que sentia.

— Danika — Thor rosnou e ela me soltou, empurrando meu corpo até que chegasse ao bruxo. — Ela não sabe!

— Mas sente, é um elo inquebrável. — Ela apoiou as mãos na pia e me encarou de lado. — Abdiquei dos meus poderes de bruxo, como pagamento de uma magia rara e complicada. Eu nem sempre fui assim, Nay. Conheci sua mãe no mercado como Dimitri, passamos a noite juntos e você surgiu.

— Como? — Recuei para ficar mais próxima de Thorent, ele me abraçou com carinho e havia algo ao nosso redor, me tranquilizando. Era resquício da sua magia, estava viva, só faltava a ação final para ele voltar ao normal.

— Thorent me resgatou do demônio que estava me ajudando a mudar de identidade. Nunca me senti Dimitri e estava disposto a abrir mão dos meus poderes para me ver como eu sempre quis. Mulher.

— Oh, meu Deus, você é meu pai? — Coloquei a mão na boca em choque, vendo a afirmação no olhar de Danika. Estava muito confusa, era uma situação surreal.

— Sim. A única pessoa que eu tive na minha vida foi Mary. Ela engravidou e nos casamos pela lei dos humanos, mesmo que eu só a visse de vez em quando. Naquela época, eu conseguia transitar entre a aparência masculina e feminina. Nunca mais nos envolvemos, sua mãe estava feliz por carregar uma menina.

— Eu sou bruxa? — murmurei sem entender, Danika negou com a cabeça.

— Você é um ser único, Nayara. Eu deveria estar estéril, mas você surgiu. Com ou sem poderes, imortal ou humana, só você descobrirá. — Engoliu em seco. — Quando o feitiço se firmou no meu corpo, eu desapareci da vida de Mary, até aquele dia, que a chave apareceu. Sua

barriga estava enorme, foi o único dia que me arrependi de seguir o meu coração.

— Homem ou mulher, eu sou metade você e metade a minha mãe — falei de forma robótica, como se essa afirmação, por mais racional que fosse, ainda não tivesse chegado ao meu coração.

— Você não merece estar aqui — Thorent falou com raiva e virei para encará-la. — Só dizer, Nay.

— Posso ir à empresa ou no apartamento do Zaz?

— O quê? Mas...

— Preciso de um tempo, longe de tudo. — Virei para Danika e senti vontade de chorar. — Por favor, não vá embora.

— Você não vai sair dessa casa — Thorent decretou, peguei na sua mão e o puxei para fora da cozinha.

— Me leve para qualquer lugar, então. Estou surtando.

— A culpa é da Danika! Como ela escondeu isso de mim? — Trovejou quando saímos da casa, mesmo que o céu não estivesse propício para chuva.

Soltei sua mão e entrei no carro, precisava de um pouco de distração para a minha mente ao invés de pensar que meu pai escolheu ficar escondido ao invés de me tirar daquele sótão.

Quem me salvou foi Thorent e eu não mudaria nada do que aconteceu. Meus pés estavam chegando no chão e eu só precisava de um pouco mais de tempo para continuar voando em meio às minhas dores do passado.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 42

Dirigi pelas ruas de Dublin sem me preocupar com o destino. Enquanto Nay ficava olhando pela janela e me deixando nervoso por não falar o que sentia ou o que deveria fazer com Denika, escolhi uma música para me acalmar.

Depois de passar várias, não deixando que nenhuma tocasse por completo, a mão de Nay tocou a minha e senti a energia passar por nós e acertar o painel do carro.

“Eu não quero dominar o mundo

Eu nos coloquei em um redemoinho de vento

Se nada der certo

Que venha à luz

Que ganhe vida”

King Of Misery – Saul

— Danika é um mestiço bruxo do raio. Bruxa. Porra — soltei irritado e entrelacei nossos dedos para que ela não se afastasse.

— É meu pai, mas também, é Danika. — Ela soltou o ar. — O que isso quer dizer, que somos parentes?

— De certa forma. — Dei de ombros, porque o nosso parentesco era mágico, não como o dos humanos. — Há duas formas de um bruxo nascer, pela herança genética ou por conta do equilíbrio natural, nenhum clã fica sem legado. Há uma força na Dimensão Mágica que faz isso acontecer.

— Thorent. — Ela tirou a mão de mim e a busquei de volta, não tinha gostado do seu tom.

— Não é como se fôssemos primos ou irmãos, temos a mesma origem de poder e pelo visto, em você, não existe. Danika não estava estéril, mas deixou de ter poder no início desse encantamento. A transição levou muitos meses, ela conseguiu se esconder de mim.

— Você se esconde de todos, pare de implicar com ela. Mas não é essa a questão. — Passou as mãos no rosto e decidi parar o carro em frente a um restaurante para poder focar nela.

Meu celular tocou, o nome do duende engraçadinho apareceu na tela central e antes que eu pudesse rejeitar a ligação, Nay atendeu apertando o botão do som.

— Zaz! — ela cumprimentou eufórica.

— *Opa, atendendo o celular do chefe?*

— Mais ou menos. Estou fugindo de ter que conversar sobre assuntos sérios.

— *Muito bom, liguei na hora certa. Thorent está com você?*

— Estamos na rua, paramos em frente a um restaurante — ela olhou pela janela — que serve comida síria e tem caraoquê.

— *É um encontro?*

— Sim e você está interrompendo, Zaz. Adeus — falei irritado.

— Venha também, eu preciso comer e tomar todas.

— *Chamando Lux e Valy.*

— Por que chamou eles? — perguntei indignado vendo a ligação sendo encerrada. Ela tirou o cinto de segurança, ficou de joelhos no banco e beijou minha boca, segurando meu rosto com as mãos.

Suspirei aliviado, puxei-a para abraçar seu corpo e trazê-la para se sentar no meu colo. Quanto mais momentos íntimos tínhamos, mais eu sentia a minha energia fluir, o poder retomar, mas apenas durante a nossa interação.

O que faltava para voltar ao normal?

— Thorent, nós transamos sem camisinha, todas as vezes. Meu pai sempre esteve por perto, na sua casa, mas é uma mulher. Eu estou apaixonada por um bruxo que pode matar alguém apenas com um raio.

— Bastiaan não me ajudou em nada, nem Áthila. Com meus poderes voltando, isso estará resolvido. Não é tão fácil fazer um bebê, não é mesmo? Começamos pelo anal, vai dar tudo certo. — Ela arregalou os olhos e beijei sua testa. — Só precisamos lidar com sua imortalidade. Eu te protejo.

— Sim, eu realmente preciso de uma bebia — falou com assombro, se arrastou para o seu banco e saiu do carro.

Depois que Danika me revelou as informações sobre o seu passado, tudo o que eu conseguia pensar era que Nayara não poderia me abandonar, eu faria de tudo para mantê-la por perto. Para tanto, por ela ser humana, eu teria que encontrar outras formas para que ela ficasse imortal como eu.

Não era uma opção nos separar. Quanto mais eu cogitava que ela poderia fugir de mim, por causa de qualquer pessoa ou situação, mais eu me desesperava para que a dona da chave do meu coração não me abandonasse.

Percebi que divaguei demais, saí do carro, liguei o alarme e entrei no restaurante, encontrando-a mais ao fundo. Em uma cabine, ela deu espaço para que se sentasse ao seu lado.

Sorria e olhava para o nada, escolheu a comida e murmurava uma música qualquer.

— Você está estranha — comentei. Sua mão foi para a minha coxa e apertou, me assustando.

— Impressão sua.

— Está pensando em ir embora?

— Você me ama, Thorent? — inquirei como se fosse simples assumir o que eu sentia. Abri a boca para responder, Lux, Valy e Zaz apareceram na nossa frente.

— Aí estão vocês, pombinhos. Qual a comemoração? — o duende animado falou.

— Estão namorando? — perguntei olhando para Lux, ele fez uma careta e não consegui evitar a empatia por querer me odiar.

— Se você não empatar a nossa foda, talvez — Valy foi quem se pronunciou e me desdenhou com a feição que estava.

— Ele não vai, porque é um bruxo apaixonado. — Zaz ergueu a mão e chamou o garçom. Olhei para Nay, que parecia mais relaxada ao meu lado e estendi o braço para que a rodeasse no encosto do banco. — Muito possessivo, chefe?

— Cauteloso — respondi forçando a serenidade, mas saiu falso e todos riram. O garçom anotou o pedido deles e o esperei sair para continuar: — Estejam todos avisados, Nayara está comigo e ninguém irá perturbá-la. — Tentei enfatizar com o poder emanando do meu punho, mas nada saiu.

— Leanan sumiu. Alguns dizem que quer revanche — Valy comentou, dando outro rumo à conversa. — Outro, que está com vergonha demais para assumir a derrota. O outro bruxo ficou sem os poderes também?

— Não tem assunto fácil, né? — Nay se aproximou de mim e suavizou o aperto na minha coxa. — Será que eu corro perigo?

— Você é uma das protegidas de Thorent Moore. — Zaz piscou um olho e rosnei para sua paquera, mesmo que inocente. — Ninguém nos viu fazer o resgate, nem se fala dos soldados de Annabelle levando Kirian. Ou seja, acreditam que o bruxo todo poderoso está com sangue nos olhos e irá retaliar. O CEO da TMT recuperou sua reputação.

— Nunca precisei me preocupar com isso. — Engoli em seco, porque nem mesmo eu acreditava nessa afirmação.

— Encontrei meu pai — Nay falou com tom de derrota, os três duendes prestaram atenção nela. — Tenho descendência de bruxo, mas acho que não tenho nenhum poder mágico. E, para completar, Thorent quer me transformar em imortal.

— Quem é seu pai? Danika contou a verdade? — Lux questionou e senti a mão de Nay me apertar, ela não iria revelar.

— Sim e estou digerindo. Por favor, encerrem esse assunto, tudo bem? — Pediu com desespero.

— Faremos tudo o que você pedir, é nossa princesa. — Zaz estendeu a mão para tocar a dela que estava em cima da mesa e um raio o atingiu, fazendo-o recuar.

Seus olhos se arregalaram e eu sorri com malícia, eu teria a minha vingança. Lux ergueu a sobancelha segurando o riso e o garçom trouxe parte das comidas pedidas.

— Já foram no restaurante chinês perto da TMT? A comida é tão boa quanto aqui. — O duende mais centrado iniciou uma discussão sobre sabores e refeições, Nayara participou da conversa e parecia relaxar cada vez mais a cada minuto que se passava.

Percebi que aqueles seres mágicos não eram apenas meus escudeiros e associados, mas uma família, como Nay tinha dito para Danika, antes mesmo de saber sua origem.

Era possível estarmos ligados a outros, sentia-me bem e não sabia como explicar isso para meus amigos bruxos. Deveria ligar ou mesmo comentar que estava recuperando meus poderes aos poucos, depois que encontrei a chave do meu coração? Se eu a tinha encontrado, eles também conseguiriam, certo?

Sorri sem precisar forçar ou usar como manipulação. Terminamos de almoçar e começamos a beber, celebrando uma amizade que nunca pensei que existisse entre nós. Nayara era a cola que nos unia, ela fez isso acontecer e eu estava cada vez mais apaixonado por ela.

Encerramos a noite no caraoquê, os duendes cantaram, Nayara ficou bêbada e eu carreguei para casa apenas a minha mulher. Apesar de amigos e eu sentir um pouco mais de empatia pela companhia deles, eram seres mágicos, adultos, dariam conta de voltar para casa, mesmo estando alcoolizados.

Recebi várias declarações de amor no caminho para casa e até no momento de dormirmos. Nayara me contagiava nas ebulições de afeto e nos sentimentos conflitantes, ela sofria, mas demonstrava estar feliz ao meu lado.

— Você vai continuar aqui quando eu acordar? — perguntei sonolento, tendo ela em meus braços, na cama.

Ela se aninhou melhor em mim e suspirou.

— Não há outro lugar que eu queira estar, Thorent. Te amo. — Achei que não responderia, mas o fez e me aliviou a alma.

Precisava confessar meus sentimentos, ainda não sabia como fazer. Tinha que ser digno da sua conexão.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Capítulo 43

Dias depois...

Deveria ter trazido Nayara comigo, mas ela quis ficar em casa e passar um tempo com Danika. O clima estava tenso entre as duas, mesmo eu, não sabia como tratar minha governanta, até que ela me calou com o óbvio: deveria continuar como eu sempre fiz.

Para mim estava claro, mas Nay ainda tinha receio de se aproximar e estaria grudada em mim, se não fosse uma necessidade visceral atender seus pedidos.

Por vezes, me peguei tentando ligar para Bast ou Áthila, querer saber mais sobre o que estavam passando, ou apenas desabafar, que eu não era mais o mesmo bruxo de antes do feitiço do coração. Mudei e estava mais fácil lidar com essa nova versão.

Era foda ter que assumir meu lado bom. As trevas sempre foram boas companheiras, mas Nayara era muito melhor. Ela não queria me mudar, mas o fazia para vê-la sorrir e escolher uma música na *Prinkí*.

Olhei para o alto-falante na minha sala e me assustei, dando um passo para trás e tropeçando na minha cadeira, era Annabelle.

— Droga, você de novo — resmunguei, invocando meus poderes e não tendo resultado. — O que quer?

— Acalme-se, Thorent Moore. Eu nunca fui a inimiga. — Os olhos de cores distintas acenderam os meus e ela sorriu.

— O que fez com Kirian?

— Preocupado com o clã de raio? Não se preocupe, ninguém morreu. Ele está colhendo apenas o que plantou, nada diferente do que aconteceu com você.

— Não só eu, você caçou meus amigos também.

— Eu sou sua rainha. Todos os que não seguirem minhas leis, estarei por perto, para lembrá-los quem manda.

— Precisa que assine algum documento? Uma reverência é demais para mim. — Dei a volta na mesa e tentei relaxar, por mais assustador que poderia se cogitar que Annabelle poderia chegar até Nayara. A bruxa não se intimidou, precisava continuar blefando.

— É o suficiente, por enquanto. Não saia da linha.

— São negócios.

— Acho que não preciso te ensinar outra lição.

— Certo. — Bufei irritado e fui para a porta. — Tenho compromisso, então, se me der licença...

— O amor é o sentimento mais forte de todos, Thorent. Acredite no poder DELE. — Fez um movimento com a mão, recitou algumas palavras e sumiu por um portal.

Enigmas, eu não precisava de nenhum deles.

Passei pela secretária, que me via como o CEO – uma das poucas coisas que consegui controlar – e fui para o estacionamento, estava com saudades da minha mulher. Sem contar na preocupação dela e Danika juntas em um clima estranho. Não que eu acreditasse que alguém iria se ferir, só esperava que não tivesse mais sofrimento.

Saí do estacionamento e me senti compelido a parar em uma joalheria. Era fim de tarde e estavam quase fechando, mas eu os impedi por conta de um pedido especial.

Com o presente perfeito, fui para casa e rosnei com irritação ao ver as motos de Zaz e Lux no meu estacionamento. Esperava ter um momento para nós e não compartilhado, como foi no restaurante sírio.

Eu ainda tinha pesadelos com a cantoria desafinada no caraoquê dos duendes.

Entrei em casa e os vi na sala de visitas. Nayara estava de pé e Zaz ao seu lado. Eles davam golpes no ar e faziam caretas como se estivessem

brigando de verdade. Era o videogame que não precisava de controle para jogar, mais uma parte da tecnologia que tentava imitar a bruxaria, mas não chegava aos meus pés.

Danika apareceu com uma bandeja de comida e todos perceberam minha presença.

— Que bom que chegou! — Pulou no meu colo, envolveu suas pernas na minha cintura e aproveitei para levá-la comigo para o andar de cima.

— Nós não terminamos — Zaz reclamou.

— Vão embora — soei como trovão e me inflei orgulhoso quando raios acertaram os dois, que retesaram assustados. Valia tanto quando um xingamento, a intenção era apenas para mantê-los na linha, já que eram invasivos demais.

Danika sorriu para nós e subi os degraus aproveitando o corpo da mulher tão bem encaixado com o meu. Nay começou a beijar meu rosto e ri, com tanta leveza, que flutuei – literalmente.

— Estamos bem — ela murmurou quando entramos no meu quarto e fechei a porta sem precisar tocá-la. Meu poder!

— Tinha algo ruim entre nós? — questionei sério, ela negou com a cabeça animada.

— Não. Sobre Denika, meu pai. Acho que chegamos em um denominador comum e pesquisamos sobre o que eu sou.

— Minha! — Coloquei-a deitada na cama com o poder da levitação.

— Thorent!

— O que foi? — Fingi-me de inocente.

Fiz um movimento com a mão, a música começou a soar e o presente que comprei saiu do meu bolso. Ela pousou na cama e encarou o objeto que entregava em suas mãos.

Ergui minha mão direita e vi os raios o circundarem, brilhantes e tão vivos. O poder, o mais forte de todos, transbordava de mim.

— É uma chave — Nayara falou emocionada, voltei a minha atenção para ela e apontei o dedo na sua direção, meu raio atingiu o objeto e ela se assustou. — Uau.

— Machucou? — Tirei a jaqueta do meu terno e os sapatos, tinha enfeitiçado para que ela pudesse sentir a mesma coisa que eu.

— Não. É a mesma coisa que te beijar, eletrizante.

Coloquei um joelho na cama, depois o outro e fui até ela. Ficou de costas e colocou o cabelo de lado, para que eu pudesse colocar a correntinha no seu pescoço.

— Percebi que você sentia falta. Continua sendo parte do meu coração. — Ela se virou e fechou os olhos, tocando o pingente e sorrindo. — Sou eu, minha *Prinkípissa*. Eu amo você, como nunca fui capaz de fazer por mim mesmo.

— Também te amo, Thorent Moore, desde o primeiro desenho que fiz. — Tocou meu rosto e beijou meus lábios, com cainho.

Tirei sua blusa e suas mãos foram para os botões da minha camisa. Seu sorriso se ampliava a cada descarga elétrica que ela sentia ao tocar minha pele. Estava me excitando pelo seu cheiro, a aproximação e o ritmo do seu coração.

“Não espere a poeira baixar

Não espere até você não aguentar mais

Não espere que o mundo te abandone ou desista de você”

Careful What You Wish For – Bad Omens

— Está diferente — comentou tocando meu tórax e tirando a camisa. Estalei os dedos e seu sutiã desapareceu. — Oh!

— Esse sou eu. Já conheceu o lado feio, agora saberá um pouco mais de como é ter um poderoso bruxo de raio dentro de você.

— Já sei como é. — Desabotoou minha calça e se deitou de costas na cama. Outro estalar de dedos, nossas roupas foram embora e eu estava por cima dela. — Eu amo suas imperfeições. Com ou sem poderes, estarei com você. Me aceita ao seu lado?

— Como nunca pensei que um dia iria querer, Nayara Blaine. — Deixei que os raios circulassem no meu corpo para uma exibição e me acomodei entre suas pernas, meu pau encontrou facilmente sua entrada encharcada. — Você é minha!

— Sim. — Curvou o corpo para cima quando arremeti de uma vez e a preenchi. A descarga elétrica a fez se arrepiar e incitar que eu fizesse mais movimento. — Oh, isso é muito bom, faça novamente.

— Assim? — Entrei e saí, deixei meu poder nos contagiar e ela gemeu alto.

— Continue — murmurou envolvendo seus braços no meu pescoço.

— Para sempre.

Envolvi-nos em um clima nebuloso, excitante e que aumentava a experiência sexual. Ela gozou, revirou os olhos e me deu o prazer de ser o responsável por se sentir tão especial.

Acompanhei-a no clímax, sentindo que não tinha como interromper o que estava consumado, o nosso amor prevaleceu.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Nayara

Epílogo

Dois meses depois...

— Você acha que ele vai brigar, Danika?

— Não.

— Ele pode estragar todos os aparelhos da clínica?

— Sim.

— Será que vai demorar para chegar?

— Calma, Nay. É apenas um ultrassom, não o fim do mundo. — Ela alisou meu rosto enquanto eu estava deitada na maca da clínica médica. — Eu amei saber que você existia, não há nada mais gratificante do que saber que podemos gerar uma vida.

— No meu mundo, isso não é uma regra — resmunguei ainda preocupada.

— Mas é a única reação esperada do seu amado Thorent.

Bateram à porta, a médica apareceu junto com um bruxo preocupado. Ele franziu a testa e me encarou resabiado.

Danika o acalmou com o olhar enquanto eu segurava as lágrimas. Por mais que não tenha sido planejado, era esperado. Do jeito que estávamos seguindo, sem proteção e nos amando tão incondicional, era possível que tivéssemos que colher um fruto.

— O convidado de honra chegou. Podemos começar? — A doutora soou animada. Sentou-se em um banco, colocou gel na minha barriga e puxou o aparelho.

Vi a feição de Thor migrar do CEO da TMT para o meu bruxo estimado, os olhos ganharem cor e as correntes elétricas tremeluzirem a tela do painel. Era o bebê que eu carregava, estava com dez semanas e alguns

dias. Foi meu pai quem me deu apoio e me ajudou a esconder essa informação, até que eu conseguisse marcar um exame que nos mostrasse a realidade.

— Nossa, o que está acontecendo? — a doutora se assustou e estendi a mão para Thorent, que deu um passo e a segurou. Aos poucos, seu temperamento foi controlado junto com o seu poder.

Descobrimos, com a convivência, que eu tinha o poder de ampliar ou reduzir a intensidade dos seus poderes. Em uma análise minuciosa nos livros sobre o mundo mágico, fui considerada uma druida, não tão forte quanto um bruxo, nem imortal como ele. Tinha afinidade com a magia, mas a usava para retratar nos meus desenhos e, com Thorent, para estabilizá-lo.

— Deve ter sido uma oscilação na energia. — A médica retomou o atendimento. — Pois bem, esse é o útero, aqui é o bebê de vocês. Dez semanas e três dias, estimados, já que você não tem data da última menstruação.

— Grávida? — Thor murmurou emocionado. Além do toque da sua mão, a chave no meu pescoço pulsava como o seu coração.

— Sim. Você falou algo sobre conversar com seu amigo, mas...

— Meus poderes retornaram.

— Foi antes disso.

— Parabéns, senhor — Danika falou animada. — Cuidarei dele ou dela com muito carinho.

— Claro que vai, você é o avô! — Thorent resmungou, a médica soltou uma exclamação e eu comecei a rir.

— Alguém disse que tinha algo importante hoje. O que é? — Olhei para a porta, Zaz e Lux surgiram com a maior cara lavada.

— Quem te chamou aqui? — o bruxo reclamou.

— A *Prinkí* te dedurou. — O duende divertido se aproximou e sorriu para a doutora, que não estava entendendo mais nada. — Eu serei o padrinho.

— O quê? Você não serve para isso, eu sou o mais responsável — Lux rebateu.

— O chato, você quer dizer.

— Terminou? — Thorent me puxou para sair da cama sem esperar a resposta da médica. — Eu não sou obrigado a lidar com essa bagunça e tendo minha mulher grávida como atração turística.

— Egoísta! — Zaz zombou e Danika começou a rir.

— Para de provocá-lo.

Olhei para trás, os três ficaram na sala enquanto o bruxo me arrastava com a barriga toda lambuzada. Antes que eu pudesse reclamar, ele fez um movimento com as mãos e me deixou limpa.

— Caramba, um filho — murmurou saindo da clínica e indo para a calçada. — Eu estou fodido.

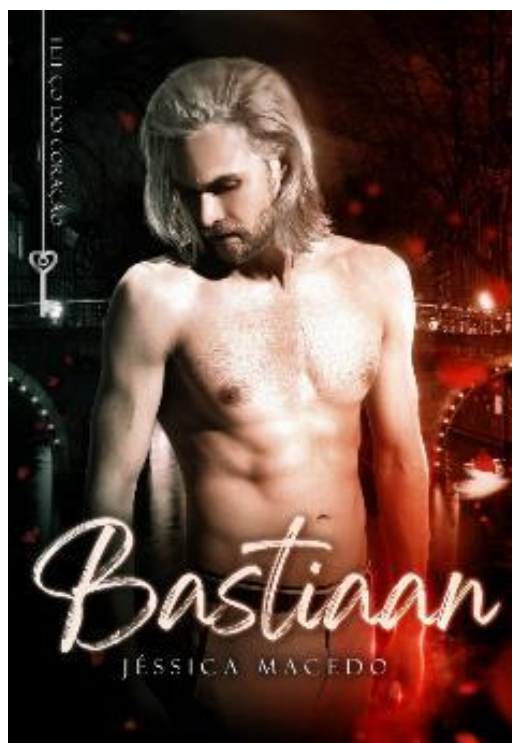
— Você será um bom pai. Nós seremos. — Ele parou de andar, virou para mim e segurou meu rosto. Os olhos tempestivos eram de paixão, não havia dúvidas em seu gesto de amor. — Estou feliz.

— Eu também, mas continuo fodido. — Beijou meus lábios e voltou a me puxar pela calçada. — Vamos para casa.

Achei que iria me levar para o carro, mas com agilidade, criou um portal e nos passou por ele, chegando de forma instantânea ao seu quarto. Foi fácil me acostumar com tanta agilidade, ainda mais quando ele não escondia o seu amor por mim com beijos, palavras e ações.

No fim, o feitiço o levou a estar mais próximo do amor. Tudo o que envolvia o coração não tinha outra direção que não fosse o mais forte dos sentimentos.

Agora Leia



Bastiaan: <https://amzn.to/3ksjE5L>

Sinopse: Grosseiro, solitário, insensível e cruel Bastiaan Wass escolheu as trevas e servia bem esse lado da magia. O bruxo do clã do sangue é dono de uma boate em Amsterdam, que atrai pessoas do mundo todo pelos drinques que serve, verdadeiras poções, sua vertente mágica favorita.

Bastiaan nunca se envolveu com nada nem com ninguém, diz coisas estúpidas e cruéis, sem se importar com quem machuca. Ele jamais se aliaria à rainha da luz cuja autoridade não reconhece, por isso terá seus poderes retirados até que aprenda a ser bom, a amar. Contudo, ele já havia trancado seu coração e destruído a chave. Blindara-se contra tais sentimentos e prometera, junto com seus amigos Áthila e Thorent, jamais se apaixonar.

A magia era tudo o que o definia, e sem ela Bastiaan se vê perdido. Mas estaria ele disposto a pagar o preço para tê-la de volta?

Agatha tinha uma vida pacata, com pais super-protetores e um irmão mais novo. Porém, uma viagem a Amsterdam mudará tudo. Perseguidores, que desconhece, irão separá-la de sua família e ela encontrará abrigo em uma boate cujo dono é temido por todos. Lá, irá descobrir que o mundo é muito mais do que ela imaginava e sua vida mudará para sempre.



FEITIÇO DO CORAÇÃO



Thorent

Bônus

Anos depois...

Arregalei meus olhos ao chegar na dimensão mágica e encontrar com Bastiaan. Ele parecia tão surpreso quanto eu. Além de termos nos afastado, nunca achei que o reencontraria naquele lugar, na mesma hora.

— Thor — cumprimentou seco.

— Bast. — Olhei para o meu lado e lá estava Áthila, atravessando seu portal. Se eu não fizesse parte do mundo mágico, não acreditaria em coincidências.

Bem, há muito deixei de acreditar, eu era outra pessoa desde a última vez que estivemos naquele lugar.

— Que maravilha, achei que estaria sozinho — o último bruxo nos cumprimentou e ergui a sobrancelha com escárnio. — Resolveram aparecer?

— Todos recuperaram seus poderes, afinal — Bastiaan olhou para a frente, a vista que tínhamos estava mudada, não era mais destruição e cinzas. Existia verde e algumas construções, era a paz que a rainha bruxa tanto pregava.

— Faz algum tempinho que recuperei. Foi complexo. — Fiz uma careta, lembrando não só do sequestro de Leanan e Kirian, mas também, do meu filho Lucius. Ter um bebê em casa me fez mudar, mais uma vez, além de quando eu tive o feitiço do coração revertido.

— Qual a história de vocês? — Áthila cruzou os braços e soltou o ar. — Quebrei muitos celulares.

— Não me lembre dessa merda, eu ainda não gosto de usar. Então, não me liguem. — Bast coçou a testa irritado e soltei uma risada baixa. Os

dois me encararam com o cenho franzido e dei de ombros. A alegria fazia parte da minha vida, eles iriam se acostumar.

— A tecnologia pode ser tão eficiente quanto a magia. Vocês deveriam ter aprendido algo quando estavam sem os poderes. Economizo minhas forças para gastar com quem realmente importa.

— Se apaixonou — o bruxo de sangue não conteve o sorriso sarcástico e não nos encarou. — O feitiço do coração foi revertido.

— Aquele fogo não queimou as chaves, mas entregou-as para as pessoas certas. — Áthila olhou com repreensão pra Bast. — Não me chame para fazer esse tipo de coisa novamente.

— Nem o farei. Estou bem no bar, com minha família.

— O meu filho se chama Lucius. — Olhei para os dois com animação, eles ainda estavam em choque por conta da minha reação animada. — Parem de me olhar assim, eu sempre fui o mais razoável. Ao invés de me conter, não me sinto mais na obrigação de ser o insensível e temido Thorent.

— Imagino que continue manipulador — Bast resmungou, mas parecia mais relaxado. — Também tenho um filho, com uma loba.

— Estou com uma fada e também sou pai.

Não teve como nos frear de dar um passo para trás assombrados. Se existia algo a ser temido em nosso mundo, era o filho de bruxo com uma fada. O bruxo de pedra estufou o peito orgulhoso, ele também tinha se rendido à paixão.

— Apesar de parecer o mesmo por fora, vejo que está diferente em outros sentidos. Foi ruim estar sem os poderes, mas nos mostrou uma nova perspectiva.

— Pelo visto, você se tornou mais chato do que era. — Bast bateu nas minhas costas e riu quando eu fiz uma careta desgostosa. — Vim aqui, porque sentia falta de algo e não estava disposto a assumir que estou melhor com o feitiço do coração desfeito. Agora que tiramos isso do nosso caminho, que tal vir tomar um drinque no meu bar?

— Eu ainda tenho alguns minutos — Áthila murmurou.

— Nayara iria adorar conhecer sua mulher. Loba, certo?

— Alfa — soou orgulhoso o bruxo de sangue.

— Minha mulher não é imortal e estamos há algum tempo em busca de uma solução. Eu a quero comigo para sempre, como nosso filho.

— Por que vocês querem conhecer minha mulher? Sempre fomos nós, apenas os três — Áthila soou nervoso.

— Com ciúmes, meu amigo? — Sorri como um predador, ele mostrou os dentes como ameaça. — Estamos os três envolvidos com nossa própria vida, não sobrar tempo para cobiçar a mulher alheia. Eu tenho a minha.

— Que não é imortal.

— Será — Bastiaan interveio. — Tenho vampiros e a minha alfa, sua mulher poderá escolher.

— Depois sou eu que gosto de uma complicação — Áthila murmurou, fazendo referência a uma incompatibilidade cultural entre lobos e vampiros.

— Pode acreditar, é bem menos complexo que ter um filho meio bruxo e meio fada. — Bast abriu o portal. — Estou esperando vocês.

— Não se preocupe, eu guardo o meu humor e paciência para não encantar a sua companheira — ironizei, Bastiaan sumiu e Áthila abriu o portal.

— Ela não gosta da vibe zen do seu povo, então, continue do jeito que está, você não a atrairá.

Ele desapareceu e foi a minha vez de voltar para casa. Apareci no corredor do andar de cima e fui surpreendido por um corpo minúsculo se chocando com minhas pernas.

— Papai! — Lucius vibrou e olhei para a escada, Nayara estava subindo os degraus com lentidão. — Eu sabia que iria aparecer aqui.

— Danika está livre para cuidar dele hoje? — Peguei-o no colo e me senti orgulhoso de ver seus olhos iguais aos meus, com raios brilhando em sua íris.

— Sim. Eu iria dar banho e descansar um pouco, tenho um trabalho para entregar.

— Sabe que não precisa.

Aproximei-me dela e beijei seus lábios, Nay voltou a fazer freelance de desenhos há alguns meses, mesmo que não precisasse. Ela não se adaptou em trabalhar comigo na TMT e preferiu estar com casa com nosso filho, mas ainda faltava algo. Não a impedi, fazia parte do que a deixava feliz. Se ela estava bem, eu também ficaria.

— Eca, que nojo — Lucius resmungou e se jogou nos braços da mãe.

— Vamos para o quarto?

— Não. Tenho um lugar e pessoas para te apresentar. Coloque sua roupa mais sexy, hoje, a noite é nossa.

— Eu quero ir — Lucius olhou feroz para mim, ele tinha ciúmes da mãe e não me incomodava.

— Outro dia. Terá um amiguinho para você brincar. Mas dessa vez, serão apenas adultos.

— Mamãe, eu quero ir.

— Obedeça a seu pai. — Beijou o rosto dele e piscou um olho para mim. — Já volto.

— Vou preparar um banho — anunciei alto enquanto ela entrava no quarto do menino.

Desci a escada, avisei Danika sobre a nossa saída e peguei os ingredientes que complementaríamos o nosso banho antes de nos encontrarmos com aqueles que fizeram parte do início.

O mundo deu uma volta e nos fez retomar amizades que nunca deveriam ter sido interrompidas. Mas aconteceu. Permitiu-nos viver,

aprender a amar e a ser – mesmo que um pouco – bons.

Era o meio termo. A nossa nova ordem. O poder do amor.

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018, criou o DesafioMariSales para incentivar escritores em 2019 e publicou mais de 100 títulos na Amazon entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMariSales.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMariSales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Outras Obras



Visite o meu site na Amazon e tenha acesso a todos os meus eBooks disponíveis: <https://amzn.to/3vZtDqe>

[1]. Um tríscele ou triskelion é um símbolo formado por três espirais entrelaçadas, por três pernas humanas flexionadas ou por qualquer desenho similar contendo a ideia de simetria rotacional.

[2]. Πριγκίπισσα - Princesa em grego

[SC1] Sugestão.

[SC2] Sugestão.